

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
SASHA COTTMAN



O CORAÇÃO TRAÍDO DE UMA DAMA

O DUQUE DE STRATHMORE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
SASHA COTTMAN

A woman with dark hair styled in an updo with a pink flower accessory stands in a grand, ornate hall. She is wearing a long, flowing red gown with a lace bodice and a full skirt. Her right hand is near her chin, and her left hand rests on her hip. The background features classical columns, chandeliers, and a red carpet.

**O CORAÇÃO TRAÍDO
DE UMA DAMA**

O DUQUE DE STRATHMORE

O CORAÇÃO TRAÍDO DE UMA DAMA

Romance Histórico

O DUQUE DE STRATHMORE



SASHA COTTMAN

Translated by
EVELYN TORRE



Contents

1. Capítulo Um
2. Capítulo Dois
3. Capítulo Três
4. Capítulo Quatro
5. Capítulo Cinco
6. Capítulo Seis
7. Capítulo Sete
8. Capítulo Oito
9. Capítulo Nove
10. Capítulo Dez
11. Capítulo Onze
12. Capítulo Doze
13. Capítulo Treze
14. Capítulo Quatorze
15. Capítulo Quinze
16. Capítulo Dezesesseis
17. Capítulo Dezesesete
18. Capítulo Dezoito
19. Capítulo Dezenove
20. Capítulo Vinte
21. Capítulo Vinte e Um
22. Capítulo Vinte e Dois
23. Capítulo Vinte e Três
24. Capítulo Vinte e Quatro
25. Capítulo Vinte e Cinco
26. Capítulo Vinte e Seis
27. Capítulo Vinte e Sete
28. Capítulo Vinte e Oito
29. Capítulo Vinte e Nove
30. Capítulo Trinta
31. Capítulo Trinta e Um
32. Capítulo Trinta e Dois
33. Capítulo Trinta e Três
34. Capítulo Trinta e Quatro
35. Capítulo Trinta e Cinco
36. Capítulo Trinta e Seis
37. Capítulo Trinta e Sete
38. Capítulo Trinta e Oito
39. Capítulo Trinta e Nove
40. Capítulo Quarenta
41. Capítulo Quarenta e Um
42. Capítulo Quarenta e Dois
43. Capítulo Quarenta e Três
44. Capítulo Quarenta e Quatro
45. Capítulo Quarenta e Cinco

- 46. Capítulo Quarenta e Seis
- 47. Capítulo Quarenta e Sete
- 48. Capítulo Quarenta e Oito
- 49. Capítulo Quarenta e Nove
- 50. Capítulo Cinquenta

[Epilogue](#)

[Nota da Autora](#)

[Romances em português](#)

[Sobre o autor](#)

[Also by Sasha Cottman](#)

[Writing as Jessica Gregory](#)

Capítulo Um



Gabinete de Registros Militares
Guarda Montada
Cidade de Westminster
15 de setembro de 1817

Caro senhor,

Refiro-me às minhas cartas de março e julho deste ano, que o indagavam acerca do falecido Capitão Robert Eustace Taylor, que serviu ao Primeiro Regimento de Infantaria e foi ferido mortalmente na Batalha de Waterloo.

Conforme mencionado em minha correspondência anterior, estou tentando fazer com que uma estátua do capitão seja erguida em sua cidade natal, Coventry. Para tanto, devo fornecer à cidade a cópia de uma carta com os detalhes de seu histórico militar, além de quaisquer anotações acerca de seus esforços heroicos durante a batalha. Como minhas cartas anteriores permanecem sem resposta, sinto-me no dever de insistir na urgência desse assunto.

Solicito o envio imediato da informação requisitada.

Atenciosamente,
Senhorita Margaret Radley
Palácio Fulham
Londres

Quando o Capitão Piers Denford pegou a carta da Senhorita Radley, já em avançada hora de uma gelada tarde de quinta-feira, ele não se encontrava em um humor muito agradável. A resposta, infelizmente, refletiu seu estado mental nada generoso.

Senhorita Margaret Radley
Palácio Fulham
Londres
2 de novembro de 1817

Cara Senhorita Radley,

Recebi sua correspondência datada do dia 15 de setembro, e recuperei suas cartas anteriores do fundo de uma das grandes pilhas que ocupam a parte superior da minha mesa. Peço desculpas pela ausência de respostas até agora, no entanto, há várias centenas de cartas requerendo minha atenção. Analisei sua solicitação e posso informar o seguinte: não há registro de que o dito Capitão Robert Eustace Taylor lutou no Exército Britânico de Sua Majestade. Tal afirmação é deveras verdadeira em relação ao regimento mencionado, o Primeiro Regimento de Infantaria, pois sou um oficial desse regimento em específico. Por favor, interrompa seus esforços em relação a esse assunto, pois queimarei quaisquer cartas futuras.

*Capitão P. Denford
Oficial Granadeiro de Sua Majestade*

Ele não se incomodou em terminar a carta com “atenciosamente” ou “meus cumprimentos”. Semana após semana, Piers precisava lidar com pedidos das famílias de soldados reais, homens que lutaram em uma batalha sangrenta que custou milhares de vidas de ambos os lados. Sua paciência com mulheres querendo saber de heróis de guerra imaginários era, na melhor das hipóteses, limitada. Quem quer que fosse este Robert Taylor, havia grandes chances de ele ser produto da mente da Senhorita Radley, ou algum canalha que mentiu para ela. De qualquer forma, o homem não existia em nenhum dos registros militares em que Piers gastou várias horas procurando.

Foi só após ter selado e enviado a carta, e bem avançado em sua volta para a Residência Denford que um pensamento terrível atingiu Piers. O nome da jovem era Margaret Radley. O nome da Família Radley soou alto na cabeça de Piers.

— Ó, não. — ele murmurou.

Em sua pressa mal-humorada, ele acabara de enviar uma carta concisa para a filha de Lorde Hugh Radley. O endereço, o Palácio Fulham, era a casa do Bispo de Londres. Como o terceiro homem mais poderoso da Igreja da Inglaterra reagiria a uma missiva tão contundente entregue à filha, Piers não queria nem considerar.

Ele tirou o chapéu da cabeça e o bateu com força na coxa. Pela sorte dele nestes dias, Piers estava certo de que não havia nem mesmo a mais ínfima chance de essa carta voltar para assombrá-lo.

— Permite que sua raiva e frustração tragam seu pior à tona.

Piers recolocou o chapéu e continuou marchando pelo Parque St. James. Ao menos, a extensão verde era uma bênção. Permitia-lhe esticar as pernas. Passar o dia sentado em uma escrivaninha não era o que ele imaginava que faria quando se alistou no exército.

Você costumava ser um rapaz equilibrado, Piers Denford. Quando se tornou um canalha mal-humorado e insensível?

Ele não precisaria ponderar para saber a resposta à essa pergunta incômoda. O momento exato estaria para sempre gravado em sua psiquê.

Um oficial nunca se esquecia de quando a palavra *incompetente* era escrita ao lado de seu nome em despachos oficiais da frente de batalha.

Capítulo Dois



Maggie tomou o último gole do chá morno e baixou a xícara no pires com um baque. Ela estava de mau humor desde que abriu os olhos. A carta do Capitão Denford chegou no dia anterior e a irritou ao ponto de ebulição. A audácia do homem.

Vou mostrar o “pare e desista” para ele. Demônio atrevido.

Com um bufo indignado, ela levantou-se da mesa de café da manhã, empurrou a cadeira para trás e parou.

Diante dela, Claire sentava-se com uma expressão interrogativa no rosto.

— Não vai esperar que mamãe e papai desçam para o café da manhã? Não é educado sair antes de eles chegarem.

O olhar de Maggie saltou para o outro lado da mesa. Os pais costumavam já estar na sala de café da manhã a essa hora, exceto nos dias em que...

Ela estremeceu só de pensar. Os pais eram casados há muitos anos. Era indecoroso que ainda se entregassem a atividades conjugais. Ou que o fizessem à luz do dia. No entanto, se Hugh e Mary estavam atrasados, era bem possível que ainda estivessem na cama.

— Preciso sair esta manhã. Não posso esperá-los. Papai deve estar finalizando o sermão de domingo, e mamãe deve estar ajudando-o a revisar. — ela respondeu.

Claire pegou uma torrada e, com ar de desinteresse, colocou-a no prato. Alcançou a manteiga. O acordo silencioso de que ninguém mencionaria o que ambas suspeitavam que os pais estavam fazendo pairou tácito entre elas.

Ao contrário da união de muitos de seus pares, o casamento de Mary e Hugh Radley era um de amor. Não era incomum na Residência Radley que Lorde e Lady Radley desaparecessem por tardes inteiras em seus aposentos, para enfim darem o ar da graça a tempo de uma ceia tardia. Em segredo, Maggie invejava os pais, o romance de décadas ainda estava fresco e muito vivo.

Eu me pergunto se Robert e eu teríamos uma conexão tão forte se tivéssemos nos casado, abençoados a envelhecer juntos.

Ela sacudiu a cabeça para afastar o pensamento doloroso. Robert estava morto. Enterrado, junto de milhares de outros soldados, em um campo coberto de vegetação na Bélgica. Aos poucos, todas as

esperanças dela de uma vida feliz foram se transformando, como ele, em pó.

— Vai para a cidade? Quer que eu a acompanhe? — Claire se ofereceu.

A irmã sempre se mostrou disposta a uma visita improvisada às lojas do centro de Londres. Claire Radley era uma seguidora dedicada da moda, e divertida também. Em qualquer outro dia, ela seria mais do que bem-vinda para se juntar a Maggie na carruagem da Família Radley. Contudo, não hoje.

Maggie balançou a cabeça devagar. A última coisa de que precisava esta manhã era que a irmã testemunhasse a chicotada ferina de língua que ela daria a um oficial do Exército Britânico. A intenção dela era falar alguns desaforos ao Capitão Denford.

Uns muito severos.

Quando ela terminasse com ele, o oficial não apenas se arrependeria da decisão de enviar aquela carta, mas juraria nunca mais fazê-lo com ninguém. Nenhuma outra viúva enlutada deveria ser submetida a tal ridículo.

Ela baixou o olhar para o simples anel de noivado, sem adornos, em seu dedo. Poderia não ser uma aliança de casamento, mas em seu coração, a relação dela e de Robert era tão forte como se fossem casados. Ninguém detinha o direito de desdenhar da memória dele. Ou de seus esforços no campo de batalha. Não havia dúvida para ela de que, não importa o que tivesse acontecido a Robert, ele teve uma morte digna. A de um herói.

— Obrigada, irmã querida, mas não pretendo ficar tanto tempo na cidade. Tenho um compromisso na Guarda Montada, de onde voltarei direto para casa. — Maggie a informou.

Claire soltou um suspiro muito familiar e voltou ao café da manhã. O resto da Família Radley assumira a notória prática de não dizer nada quando se tratava de Robert. De vez em quando, ofereciam condolências, mas há algum tempo preferiam deixar tudo quieto.

Nos dois anos e quase cinco meses desde que o fatídico dia em Waterloo roubou Maggie de sua felicidade futura, o resto do mundo continuou a girar. No entanto, ela contentou-se em gastar seu tempo, valorizando a preciosa memória de Robert.

Sua gentil família foi solidária. A ponto de não a pressionaram a seguir com a vida. Se ela se recusava a frequentar uma função social, eles aceitavam a recusa com boa graça. Nem mesmo a relutância dela em renunciar aos vestidos lilases do semi-luto foi contestada.

Ela sairia do luto quando estivesse pronta para fazê-lo.

Maggie estava a caminho da porta da frente quando Hugh e Mary enfim conseguiram descer as escadas principais. O pai, com suas vestes de bispo, a saudou:

— Não dará nem um bom-dia aos seus pais antes de sair?

Ela cumprimentou os pais com um sorriso fraco.

— Bom dia, Papai. Bom dia, Mamãe.

— Para onde vai com tanta pressa? — Mary perguntou.

— À cidade. Algumas tarefas. E preciso falar com alguém acerca da estátua de Robert. — ela respondeu.

Quando Hugh e Mary trocaram um olhar muito familiar, Maggie ignorou. O pai era o único membro da família que parecia considerar estranho que ela quisesse providenciar uma estátua para o falecido noivo.

— Entendo. Sua irmã vai com você? — Hugh perguntou.

— Não. Estarei mais do que bem por conta própria. Dois lacaios e o condutor estarão comigo. Além disso, só vou à Guarda Montada.

Apenas um tolo imprudente atacaria uma jovem que andava pela cidade na carruagem da Família Radley. Um veículo estampado não só com o Brasão Strathmore, mas com as insígnias pessoais do Bispo de Londres.

Após dar um rápido abraço em Mary e Hugh, ela saiu correndo pela porta da frente e atravessou o pátio do Palácio Fulham até a carruagem à espera. Ela não queria discutir nem sua vida e nem seus planos para o futuro. Havia um assunto importante a tratar, um homem para ver.

E se o capitão P. Denford fosse tolo o bastante de chegar demasiado perto, Maggie poderia garantir que ele ficaria com hematomas onde o dedo dela o cutucaria, diversas e diversas vezes, no peito.

— Pare e desista. Como ele ousa?

Capítulo Três



A jornada de quase dez quilômetros até Londres tomou boa parte de uma hora. Viajar de Fulham via Chelsea para Westminster era sempre uma lentidão pela manhã. Carruagens e carroças pesadas enfileiravam-se pelo caminho. Maggie olhou pela janela, perdida em pensamentos. No assento ao lado havia uma bolsa de couro recheada de papéis.

Nos oito meses desde que decidiu dar prosseguimento ao memorial de Robert, Maggie escreveu um número significativo de cartas. Não deixando nada ao acaso, ela foi meticulosa e manteve cópias de todas. Nada e ninguém a dissuadiria dessa missão.

Milhares de soldados britânicos e de aliados morreram em Waterloo, mas apenas um capturara o coração dela. Apenas ele merecia ter uma estátua erguida na cidade natal dele, para que o mundo soubesse de seu sacrifício a serviço do rei e do país.

A carruagem Radley deslizou a uma parada à frente da Guarda Montada na Parada da Guarda. Um dos lacaios da Família Radley foi célere e pulou da carruagem para abrir a porta para ela. Maggie recolheu seus pertences e saiu. Hoje seria um dia para realizar tarefas.

Ela mal terminou de verificar as saias e enfiou a maleta debaixo do braço quando ouviu um grito alto:

— Não pode estacionar seu veículo aí. — uma voz ergueu-se de trás dela.

Ela se virou.

Um soldado bem-vestido marchava com grande propósito pelo terreno do desfile em direção à carruagem. Os braços e pernas se moviam com ritmo e sincronia. Para cima, para baixo, para cima, para baixo. Ele apontou para a carruagem com fúria, quando se aproximou.

— Mova-a! Mexa-se! — ele desabafou.

O lacaio assustado olhou para Maggie em busca de orientação.

— Peça ao condutor para levar a carruagem até o outro lado do Parque St. James. Assim que eu terminar de resolver as coisas com a Guarda Montada, posso caminhar até lá e encontrá-los. Estarei bastante segura. — ela o instruiu. Não eram mais do que cem metros de distância. As chances de ela se ferir em tão pouca distância eram bem remotas.

— Muito bem, Senhorita Radley. — o lacaio respondeu.

O soldado parou em frente à Maggie e se posicionou com rigidez e atenção.

— Este é um edifício de assuntos militares, senhorita. Se deseja fazer um passeio, o parque é um lugar mais adequado. Sugiro que siga seu laçao e volte para sua carruagem.

Maggie endireitou a coluna. Ela saiu de casa preparada para confrontos e estava mais do que pronta para começar com o homem bloqueando seu caminho:

— Não estou aqui por diversão. Tenho negócios a tratar com o Exército Britânico. E quanto ao seu decreto de eu não ter permissão para parar minha carruagem, devo confessar um certo grau de ignorância. Eu não sabia que o exército possuía regras que proibiam que jovens mulheres descessem em segurança de seu transporte de escolha. Meu comportamento é deveras escandaloso. Ajudaria se eu promettesse que, da próxima vez, vou me esforçar para saltar da minha carruagem com ela ainda em movimento? — ela arqueou as sobrancelhas, fria e composta. Se ele quisesse uma discussão, ela estava mais do que disposta a engajar-se.

— Agora, se não se importa, darei continuidade à minha manhã.

A não ser que seja a violação de mais uma de suas regras.

Ela meneou a cabeça na direção da entrada principal do grande prédio de tijolos cor de creme.

— É aqui que devo entrar se eu quiser falar com alguém do Gabinete do Secretário de Guerra?

O soldado franziu a testa. Ele abriu a boca como se quisesse dizer algo, mas parou e fechou-a.

Nem tente me dar sermão ou me dispensar esta manhã. Não estou de bom humor.

— Tenho assuntos importantes a tratar aqui — ela complementou.

— Sim, esta é a porta do Gabinete de Guerra, mas civis não podem usá-la, em nenhuma circunstância. — o soldado respondeu.

Segurando a maleta rente ao corpo, Maggie o circului:

— Conte-me, como falarei com alguém do Gabinete de Registros se não posso entrar? Ou devo entrar por uma janela? Se este é o caso, então eu agradeceria se puder me apontar na direção da janela com acesso mais fácil. Como deve imaginar, saias longas dificultam a escalada.

— Apenas siga ordens, senhorita. — ele respondeu, um pouco na defensiva.

Maggie se esforçava para manter o gênio sob controle.

— Informarei a toda e qualquer pessoa que você se esforçou ao máximo para impedir o ataque à Guarda Montada de Sua Majestade. Eles decerto entenderão a terrível ameaça que uma jovem representa às centenas de soldados bem treinados abrigados neste prédio.

Certa de que já perdeu demasiado tempo nesta manhã, Maggie foi em direção à porta da frente. Com medo de que o soldado sacasse a arma, ela acelerou os passos. O coração dela martelava quando chegou à entrada principal.

Porta essa que era guardada por duas sentinelas rígidas prostadas uma de cada lado. Maggie rangeu os dentes e fez menção de entrar. Duas espadas afiadas e brilhantes cruzaram-se à frente de seu rosto. O soldado que a seguia, a puxou com cuidado para fora do caminho.

— Civis não podem entrar sem ordens expressas. — os guardas disseram.

O soldado com a paciência no limite, soltou um bufo resignado.

— Eu já expliquei, mas ela não quer me ouvir.

Maggie tomou alguns instantes para se recompor, grata por nenhuma das lâminas afiadas a terem tocado. Ela estava determinada a continuar com sua missão, mas estava ficando muito claro que nem ativez e nem súplica a ajudariam. Uma troca de abordagem era necessária.

Chegara a hora de evocar o nome da Família.

O olhar dela foi da esquerda para a direita, em seguida, ela se concentrou no caminho à frente. Maggie limpou alto a garganta.

— Sou Margaret Charlotte Radley. Vocês permitirão que eu passe.

Um longo silêncio se seguiu.

Ela respirou fundo.

— Meu tio é Lorde Ewan Radley, o Duque de Strathmore. Meu pai é Lorde Hugh Radley, o Bispo de Londres. Se não me deixarem entrar neste edifício, deixarei que os três decidam qual dos dois senhores será o primeiro a chegar aqui esta manhã para uma visita ao seu comandante.

Os guardas deram um olhar de esguelha um para o outro e, em seguida, baixaram as espadas devagar. O terceiro soldado ergueu as mãos em rendição.

Graças a Deus. Talvez, agora eu consiga chegar a algum lugar.

A última coisa que Maggie queria era que seu pai ou seu tio se envolvessem nessa disputa. Entretanto, só um tolo acreditaria ser sensato desconsiderar alguém ligado a dois dos homens mais poderosos da Inglaterra.

— Falando de oficiais, quem está de serviço esta manhã? — ela perguntou. O coração continuava a bater forte no peito. Ela sentiu estar forçando a própria sorte.

— O responsável hoje é o Capitão Denford. Embora eu deva avisá-la, ele não é um homem a ser confrontado, mesmo em seu melhor momento. — um dos guardas respondeu.

E eu já não o sei?

— Excelente. Eu ficaria muito grata se um dos senhores, exímios

guardas, me mostrasse o caminho até o Capitão Denford. Ele é exatamente o homem com quem desejo falar.

O soldado e os guardas conferiam entre si decidindo quem a escoltaria. Maggie não ficou surpresa, mas confessou ter ficado mais do que um pouco aliviada ao descobrir que a mera menção ao pai e tio lhe permitiu entrada imediata em um Gabinete Militar. Ela conseguiu o que queria. Só poderia esperar que tal atitude não chegasse aos ouvidos da família.

Ela seguiu o primeiro soldado, e as sentinelas continuaram com a proteção da porta. Proteger de quem, ela não fazia a mínima ideia. A Europa estava em paz, mas sempre haveria a chance de a Grã-Bretanha entrar em guerra com alguém.

Na metade de um corredor, o soldado parou diante de uma porta fechada. Ele gesticulou para que Maggie ficasse a alguns passos de distância.

— Deixe-me entrar e falar com o Capitão Denford, senhorita. Ele talvez não tenha tempo para falar com a senhorita.

Maggie estreitou os olhos para ele:

— O Capitão Denford me atenderá, ou verá meu pai.

Ela estava determinada a obter as respostas de que precisava. Para enfim poder colocar em prática a construção do memorial de Robert. Nenhum oficial de mesa do Exército iria detê-la. Ela estava plena de propósito.

Maggie deu um passo educado para trás e esperou. Ela poderia ser graciosa se o momento exigisse. Ainda mais, se ao fazê-lo conseguisse o que ela queria.

O soldado deu uma batida brusca na porta e um “entre” abafado veio de dentro. Ele desapareceu no escritório, fechando a porta atrás dele.

Ela sorriu. Era um feito e tanto ter chegado ao ambiente sagrado da Guarda Montada. De certa forma, era uma pena que Claire não estivesse aqui para testemunhar isso. A irmã, sem dúvida, ficaria empolgada ao saber das façanhas de Maggie. Ela fez uma anotação mental para relatar cada detalhe para Claire, assim que chegasse em casa.

A porta logo reabriu, e o soldado reapareceu. Ele se curvou para Maggie e fez um gesto para que ela entrasse:

— Senhorita Radley, o Capitão Denford a receberá.

Segurando a maleta com força, Maggie respirou fundo para reunir coragem.

— Obrigada. Agradeço a sua ajuda.

Ela se dirigiu para a porta, pronta para encontrar o homem que, assim ela esperava, enfim conseguisse resolver o mistério do desaparecimento do noivo dela.

Capítulo Quatro



Piers esperava certa repercussão após sua carta para a Senhorita Margaret Radley. O que ele não antecipou era que a própria aparecesse à porta dele, exigindo uma reunião. Contudo, considerando o tom dele na correspondência, e os títulos elevados dos parentes dela, ele não estava em posição de recusar-lhe uma audiência.

Ele assentiu para o soldado que bateu à porta e anunciou a chegada da Senhorita Radley.

— Por favor, deixe a Senhorita Radley entrar.

Levantando-se, ele deu a volta na mesa e se preparou para receber a visitante inesperada.

A imagem mental prévia, de que veria uma moça ativa e cortante da Alta Sociedade se despedaçou no segundo em que ela passou pela porta com um manto preto se projetando atrás dela.

Embora o traje pudesse ser descrito como nada fascinante, o vestido em um lilás desbotado pouco atraente, ela mais do que compensava com seus deslumbrantes cabelos cor de penas de corvo e com aqueles olhos azuis penetrantes. Piers oscilou nos calcanhares ao assimilar a visão de amabilidade que parecia deslizar ao entrar na sala. Uma visão de beleza elegante que o deixou sem fôlego.

Ele passou as mãos na jaqueta militar com pressa, espanando-a, antes de assumir posição de sentido. Ele a saudou.

— Senhorita Radley. Capitão Piers Denford, ao seu dispor.

Ela parou em meio a um passo, quando os olhares dos dois se encontraram. Aqueles lábios se moveram em silêncio por um ou dois segundos. Era quase como se ela também estivesse presa no momento. Tão surpresa quanto ele.

Diabos. Você é uma bela mulher.

Piers piscou para se arrancar desse estupor. Virou-se para a mesa e começou a reunir papéis, abrindo espaço.

Este lugar está uma bagunça. Eu gostaria de não precisar trabalhar nesse departamento maldito. Toda essa papelada que nunca para de se acumular.

Era em momentos como este que ele desejava que o exército se apressasse e apresentasse as acusações contra ele. Até conseguir limpar o próprio nome, Piers estaria acorrentado à essa mesa coberta de papelada.

Ele deixou uma pilha da correspondência em uma cadeira próxima, antes que percebesse que deveria, na verdade, tê-la oferecido para a Senhorita Radley.

— Perdão. Não vai levar nem mais um minuto. — ele disse, afobado. Pegando a pilha de cartas mais uma vez, ele olhou de um lado ao outro, em busca de algum lugar para deixá-las.

A Senhorita Radley deixou a maleta no chão ao lado da mesa dele e estendeu os braços.

— Talvez eu possa segurá-los para o senhor.

Antes que ele soubesse o que a mente confusa fazia, Piers os entregou. Ela levou os papéis até uma pequena mesa, escondida em um canto da sala e os deixou ali.

Piers ainda tentava reorganizar seus pensamentos, quando ela voltou, o olhar dele permaneceu em sua pessoa, enquanto ela se inclinava e pegava a maleta.

— Eu... sinto muito pela minha carta imperdoável e rude. — Piers gaguejou.

A Senhorita Radley endireitou-se e abriu um sorriso tímido.

— Sou eu que lhe devo um pedido de desculpas. Quando o senhor disse ter pilhas de cartas em sua mesa, presumi que exagerava a situação. Entretanto, é claro que estava falando a verdade. De fato, é um homem ocupado.

Apoiando a mão no topo de uma das pilhas mais altas, ela suspirou.

— Imagino que haja centenas de famílias desejando saber o que aconteceu com um ente querido. Com seu bravo herói.

— Três mil e quinhentos mortos. Quase o mesmo número de desaparecidos. E falo apenas das forças britânicas e aliadas. Pelo que ouvi, os franceses perderam pelo menos vinte mil. Um custo sangrento, seja de que lado for. Se adicionarmos a batalha de *Quatre Bras* dois dias antes, teremos mais oito mil mortos.

O rosto dela empalideceu.

Ai, Senhor, o que acabou de dizer a ela?

Ele estava tão acostumado a citar os números para outros oficiais aqui e pelo quartel que Piers não pensou duas vezes em fazer menção ao terrível custo das batalhas.

— Eu... É... Eu.

As palavras sumiram.

— Está tudo bem, Capitão Denford. Estou bem ciente do terrível custo da campanha. Tenho vários familiares que lutaram em ambos os encontros, e que foram gentis em me dar um relato sucinto e abrangente do que aconteceu. — ela respondeu.

Piers franziu a testa. Que tolo contaria os detalhes sangrentos da batalha a uma jovem? Ainda mais de uma batalha em que seu amado

pode ter morrido.

Ele ainda lutava para orientar a mente quando a Senhorita Radley puxou uma cadeira e se sentou. Ela abriu a maleta e retirou uma pilha de papéis.

— Como eu disse, consigo entender que seja um homem ocupado, então deixe-me ir direto à razão da minha visita.

Piers cruzou a mesa e sentou-se em sua cadeira. Ele aceitou os papeis dela. Havia algumas anotações à margem da folha no topo.

Capitão Robert Eustace Taylor. Nascido: cidade de Coventry. Data: 1790?

— Por que há um ponto de interrogação ao lado da data, Senhorita Radley? — ele perguntou.

Ela suspirou baixo.

— Eu suponho que este foi o ano em que Robert nasceu, mas não há certeza. É um pouco constrangedor admitir que eu não sei alguns dos detalhes pessoais mais importantes do homem com quem eu iria me casar.

Sim, é estranho. Era de se imaginar que uma moça de sua posição social descobriria o máximo que pudesse acerca de um rapaz antes de aceitar uma proposta de casamento.

Ela se deslocou em seu assento, e seu olhar caiu para a mesa.

— O cortejo foi breve. Robert preocupava-se que seria convocado para a guerra sem que nos casássemos, então me pediu em casamento no final de abril. No dia seguinte ao noivado, ele se ofereceu para me levar a Coventry para conhecer a família dele. O regimento dele estava alocado em Coventry. Ele foi para casa fazer as malas e, em seguida, recebi uma carta urgente dizendo que ele recebeu ordens de embarcar para a Europa naquela mesma noite. HMS *Ville de Paris* zarpou de Portsmouth, e eu jamais voltei a vê-lo.

Um pavor frio deslizou pelas costas de Piers. Ele zarpou de Portsmouth a bordo desse mesmo navio, mas só em meados de maio. Antes disso, os aliados ainda discutiam a estratégia para lidar com um Napoleão ressurgente. Um Exército Britânico ainda sem muito pessoal não estava em condições de enviar tropas em abril.

Havia algo de errado com esse Capitão Robert Taylor e seu suposto serviço militar.

— E o Capitão Taylor contou à senhorita que fazia parte do Primeiro Regimento de Infantaria?

A Senhorita Radley levantou a cabeça.

— Sim.

Foi uma única palavra, mas veio plena de peso. Uma pergunta não dita. Talvez até uma acusação. Ele ousaria chamá-la de mentirosa?

Seja firme. Foco no que pode provar.

— Li suas cartas, Senhorita Radley. Também passei uma tarde

inteira mergulhado em registros militares tentando encontrar o Capitão Taylor. Sinto muito, mas não consegui localizá-lo.

Uma contração nervosa apareceu no olho direito dela. Ela piscou depressa, mas ainda estava ali. Piers não conseguia imaginar o que poderia estar passando naquela mente. Dois anos de luto por alguém, mas o Exército dizia que não conseguiu encontrar nenhum registro dele.

Ou se tratava de um caso de má-gestão de registros por parte do exército, algo um tanto improvável, mas não impossível, ou era outra coisa. Algo mais sinistro. Pelas evidências diante dele, Piers apostaria ser a segunda opção.

Ele queria ajudá-la. Preencher as lacunas e dar algumas respostas muito necessárias a essa jovem. Todavia, se as crescentes suspeitas dele estivessem de fato corretas, ele precisava ter cuidado.

— Peço sua licença por um instante, Senhorita Radley, preciso verificar algo.

Piers logo deixou a sala e dirigiu-se para a porta aberta de outro escritório próximo. O cabo sentado na pequena mesa pulou de pé e o saudou. Piers devolveu a continência, com todo respeito.

— Cabo Bates, é de Coventry, não é?

— Sim, Capitão. Nascido e criado.

— Excelente. Então saberia que regimentos se reúnem no quartel da cidade, e se o Primeiro Regimento de Infantaria esteve lá, não?

O soldado franziu a testa.

— Não há nenhum regimento fixo em Coventry no presente momento. É o caso há vários anos. É usado para pernoite por vários regimentos em trânsito pelo país. Descansam no quartel de Coventry durante a jornada. Quanto à antiga primeira infantaria, não. Por que pergunta, senhor?

O desconforto de Piers com o Capitão Robert Eustace Taylor crescia a cada minuto.

— Estou com um inquérito de um oficial de Coventry que deveria estar em nosso regimento. Não consigo encontrá-lo em nenhum dos registros. Todavia, a noiva enlutada é categórica em dizer que foi lá que ele esteve estacionado.

— Entendo. Não parece certo, senhor.

— Não. Obrigado, Cabo.

De volta ao escritório, Piers fechou a porta ao entrar. Ele respirou fundo e devagar. Não haveria um jeito fácil de lidar com este assunto, mas ele precisava tentar.

— Senhorita Radley, creio termos um problema. Como expliquei em minha carta, verifiquei os registros. Se o seu noivo fosse um oficial, teríamos os detalhes dele. Os registros de alistamento sempre contam com os locais de nascimento, datas de morte, regimentos e

outras anotações se necessário. Nenhum Capitão Robert Eustace Taylor aparece, em lugar algum.

Ao fim da batalha de Waterloo, um grande esforço foi feito para coletar os nomes dos homens que pereceram. Embora Piers não tenha tido um envolvimento direto, ele sabe que levou muitas semanas. Os funcionários de gabinete do exército britânico e aliados, e seus correspondentes franceses percorreram todos os corpos inchados no campo de batalha, um a um, tomando notas copiosas e produzindo longas listas de nomes.

Claro, um homem poderia ser perdido em meio a toda a carnificina, mas se esse homem jamais existiu, encontrá-lo seria impossível.

— Por favor, não leve a minha pergunta como um insulto, Senhorita Radley, mas o que mais sabe desse homem?

Ele estava com a sensação horrível de que não seria muito.

E que ela se sentiria muito insultada com as palavras dele.

Capítulo Cinco



Talvez ele não tivesse a intenção de insultá-la, mas Maggie não conseguia ver a acusação como algo além disso. Ela não gostou do que o Capitão Denford insinuava, que ela inventara tudo. O noivo não era fruto da imaginação dela. Robert foi adorável.

Ele também foi bem real.

Ela perdeu a paciência bem depressa.

— O que está dizendo? Que ele só existe na minha cabeça? Não sou uma simplória. Pode perguntar à minha família, todos o conheceram. Ele jantou conosco no Palácio Fulham.

O Capitão Denford balançou a cabeça devagar.

— Não estou sugerindo nada disso, Senhorita Radley. Entretanto, não consigo encontrá-lo nos autos. Ele não está registrado em nenhum dos livros. E não há nenhum regimento estacionado em Coventry.

Ela fez menção de protestar, mas ele ergueu a mão.

— Adicione minha própria experiência a tudo, e creio termos um problema bem real em mãos. O HMS *Ville de Paris* não zarpou da Inglaterra, para a batalha final, antes de maio. Como sei disso? Porque eu estava a bordo da embarcação quando deixou o porto.

Maggie balançou-se na cadeira, atordoada. Ela colocou a mão no peito, mas de nada adiantou para acalmar o coração acelerado.

Não pode ser verdade. Robert não mentiria. Precisa haver alguma explicação.

— Outros navios devem ter zarpado naquela época. Robert não pode ter sido convocado, mas navegado em outra embarcação?

A testa do Capitão Denford franziu. Maggie se consolou com essa reação.

Está claro que não considerou essa possibilidade.

— Sim, alguns navios partiram para a Europa em abril. Contudo, a maioria foi em maio. Todos com soldados a bordo. É muito improvável que um oficial seja enviado sem o restante do regimento.

— ele respondeu, os olhos castanhos-profundos solenes.

— Improvável, mas não impossível?

O Capitão Denford assentiu devagar, em derrota.

— Impossível não, mas...

— Foi o que eu pensei. — Maggie retrucou. Ela pegou os papéis que trouxe e, após guardá-los na maleta, levantou-se da cadeira.

Estava claro que o Capitão Denford duvidava tanto dela quanto de Robert, então parecia fazer pouco sentido permanecer ali por mais tempo. — Peço desculpas por atrapalhar sua manhã. Não ocuparei mais o seu valioso tempo. Tenha um bom dia, Capitão Denford.

Uma mão firme, mas gentil, segurou o braço de Maggie.

— Lamento se minhas palavras ou conduta a ofenderam, Senhorita Radley. Continuarei procurando por alguma informação de seu falecido noivo. O exército pode ser lento, mas sempre encontra um homem.

— Obrigada, é muito gentil da sua parte. No entanto, não sei onde mais poderia procurar — Maggie respondeu e apontou a mão trêmula para as pilhas de correspondência que quase obscureciam a mesa do capitão. — Além disso, há muito mais pessoas precisando de sua atenção. Já gastei mais recursos do Exército do que o meu caso demanda.

Recolhendo o que restava do próprio orgulho decadente, ela segurou a maleta com força contra o peito.

— Devo ir.

O Capitão Denford soltou-a. Ele mal havia aberto a porta, e ela saiu correndo para o corredor. Apressando-se à porta da frente. Ao avistar os guardas parados na entrada, Maggie diminuiu os passos.

— Senhorita Radley. Eu escreverei se encontrar algo mais. — ele gritou na direção dela.

A força de Maggie expirava muito depressa para que ela reconhecesse as palavras do Capitão. O foco dela era apenas sair da Guarda Montada sem explodir em lágrimas. Sem desmaiar na frente dos guardas que ela repreendeu há pouco tempo. Assim que estava longe de território militar, ela correu como se não houvesse amanhã. Ao virar a esquina para o Parque St. James, seus olhos começaram a buscar, frenéticos, pela carruagem da Família Radley. Por refúgio.

Esta amanhã havia começado, ao menos, com um pequeno sentimento de esperança de encontrar Robert. Agora, ela se deparava com a noção dilacerante de que o homem por quem sofreu, o homem cuja aparência ela queria eternizar em bronze, era alguém a quem ela não conhecia.

O Exército não possuía registro dele. O Capitão Denford foi inflexível quanto a Robert não estar a bordo do HMS *Ville de Paris* quando o navio partiu para a Europa. Nada fazia sentido.

Robert não foi um produto da sua imaginação, e ele não desapareceu em um estalar de dedos.

Seu noivo saiu para a luta e nunca mais voltou. Robert morreu em Waterloo. Ele foi um herói. Entretanto, sem um histórico militar, ela não conseguiria encomendar a estátua.

O que ela diria às pessoas se o homem por quem nutriu

sentimentos tão profundos, talvez até tenha amado, não passasse de uma mentira?

Como vou enfrentar minha família?

Capítulo Seis



Hugh estava no pátio do período Tudor do Palácio Fulham quando a carruagem da Família Radley se aproximou. Ele abriu a porta, olhou para ela e murmurou:

— Ó, minha querida. É tão ruim assim?

Lágrimas já rolavam pelas bochechas dela, antes mesmo de ela pisar no piso de pedra. Ele logo a pegou pela mão e a guiou em direção à privacidade do jardim de muros altos da família. Estavam bem longe de qualquer um, quando ele enfim parou e virou-se de frente para ela.

— O que houve?

Maggie conseguiu manter a compostura durante a longa viagem para casa, mas a fachada desmoronava depressa. Ela esperava evitar falar com o pai por mais algumas horas, mas a sorte não estava com ela hoje.

— Falei com o capitão, o mesmo que me mandou aquela carta concisa. Capitão Piers Denford. Acontece que ele é um sujeito decente, e ele se desculpou por ter sido tão brusco comigo. Ele me assegurou que analisou a questão do serviço de guerra de Robert. Mas...

— Mas o quê? — Hugh respondeu.

Maggie respirou fundo.

— Ele é categórico em dizer que o Exército não tem registro de Robert. É como se ele nunca tivesse existido.

— Isso é ultrajante. É óbvio que ele existia. Não é culpa sua que o Exército não consiga fazer o próprio trabalho e manter os registros atualizados. — Hugh bufou. — Não me diga que o Capitão Denford fechou seu caso porque, se ele o fez, eu não permitirei. Após tudo o que sofreu, você merece algumas respostas.

Maggie enxugou as lágrimas. Ela estava sem ideias de onde mais procurar pistas acerca da vida de Robert.

— O capitão disse que continuará com as investigações e me informará do andamento. Todavia, não sei se ele conseguirá encontrar algo mais. Ou se de fato faz sentido procurar. O senhor se lembra de quando eu lhe disse que a carta de Robert dizia que ele embarcaria no HMS *Ville de Paris*?

Hugh assentiu.

— Sim, lembro-me de ele ter mencionado isso na carta. O navio

sairia ao final da noite seguinte, por isso, ele não pôde encontrá-la antes de zarpar.

Ela ficou desesperada na época, com medo de nunca mais ver o noivo. Tais temores mostraram ter fundamento.

— Bem, o Capitão Denford explicou que quando o navio seguiu para Ostend, ele estava a bordo. E que não partiu para a Europa em abril, mas em maio. Contudo, o capitão concordou ser possível que Robert tenha deixado a Inglaterra em outro navio.

Quanto mais pensava nas palavras dele, mais sentido essa explicação em particular fazia. Com centenas de soldados deixando a Inglaterra ao mesmo tempo, seria fácil que homens se misturassem e embarcassem no navio errado. E se esse era o caso, os registros também poderiam estar equivocados.

Era tudo tão confuso, e só havia uma certeza: sem o histórico militar de Robert, ela não poderia encomendar a estátua. Ela sentia-se honrada em reconhecer o sacrifício dele. Em prestar o devido respeito.

Hugh a puxou para um abraço paternal, segurando-a com força. Ele deu um beijo em sua testa quando ela apoiou a testa no peito dele.

— Sei que isso pode parecer difícil, mas deve continuar na luta para descobrir o que aconteceu com Robert. A Bíblia nos ensina que a verdade nos libertará. E embora possa lhe trazer dor, você encontrará uma saída através dela e, no fim, chegará à paz.

O pai sempre pressionou os filhos tanto pelo lado prático quanto pela fé e pelos ensinamentos da igreja. Como Bispo de Londres, Hugh era um homem poderoso na Igreja da Inglaterra. Também era muito pé no chão. Seus sermões dominicais na Catedral de São Paulo eram bem acolhidos. Palavras calmas de conselho eram o forte dele. Maggie precisaria recorrer aos sermões do pai se quisesse vencer essa tribulação.

— Se nada mais, preciso encontrar um jeito de provar que ele era real e honrar sua memória. — ela disse.

Maggie levantou a cabeça e encontrou o olhar do pai. Havia um sorriso reconfortante no rosto dele.

— O Exército Britânico não é o único lugar onde registros pessoais são mantidos. Sugiro que vejamos os registros da igreja. Se Robert de fato nasceu na cidade de Coventry, então o batismo foi registrado na igreja local. E os dados da família dele também.

Maggie suspirou. Toda essa situação poderia muito bem acabar sendo uma caçada selvagem, mas poderia trazer algumas respostas.

E, por misericórdia, um final a tantas incertezas.

Ninguém esperava que ela passasse o resto da vida em luto por Robert. No último ano, esse pensamento foi, aos poucos, se fortalecendo em sua cabeça. Encomendar uma estátua dele foi uma parte importante dos esforços de Maggie para encontrar um novo

caminho. Ela sempre lamentaria a perda de Robert, porém, mesmo ele não gostaria de vê-la desperdiçar o resto da vida chorando por algo que não poderia ter.

Não é mesmo?

— Tem razão, papai. Se eu não conseguir encontrar o histórico militar de Robert, então devo tentar encontrar a certidão de nascimento e batismo. Se eu tiver sorte, posso até conseguir localizar o endereço da família dele. Seria bom poder enviar minhas condolências. É algo já há muito atrasado.

O compromisso de Robert e Maggie foi tão repentino que os dois não tiveram a oportunidade de viajar para o norte, para encontrar a Família Taylor e informá-los do noivado. No entanto, ela presumira que Robert escreveu para a família para contar de Maggie, antes de partir para o continente.

Todavia, a perspectiva de passar mais horas intermináveis escrevendo e recebendo cartas das várias autoridades eclesiásticas em Coventry não mostrou muito apelo. Maggie estava cansada da longa, interminável saga.

— O que o senhor diria se eu decidisse viajar até Coventry? Eu obteria respostas com mais rapidez indo até lá do que me correspondendo com diversas pessoas. — ela disse.

O olhar do pai se desviou quando um barulho repentino veio de trás dela. Maggie virou-se para ver o cão da família, King, entrando no jardim. Ele ziguezagueou até ela, o rabo abanando.

Ela caiu de joelhos e o acariciou, coçando atrás das orelhas fofas.

— Olá, garoto. Eu não o vi antes de sair esta manhã.

O rabo de King quicava no chão, um sinal óbvio de estar gostando da atenção. Ele era um cachorro grande, e Maggie o amava.

— Sobrou um grande osso na ceia da noite passada com o coral da igreja. A cozinheira deu para ele. Creio que ele não se mexeu até que cada resquício de carne fosse retirado. — Hugh disse.

Maggie deu um último tapinha em King antes de se levantar. O cachorro alegre fugiu em direção aos canteiros do jardim, para um arbusto de lilases próximo, seu favorito.

— Então, o que diz, papai? — ela perguntou, voltando ao assunto em questão.

— Acredito que está colocando a carroça na frente dos bois. Se o Capitão Denford disse que continuaria procurando, então sugiro que o deixe terminar o próprio trabalho. Dê uma semana mais ou menos, para depois ver em que pé ele está. Está esperando notícias do exército há meses, mais alguns dias não farão nenhuma diferença.

Ela odiava quando o pai falava com tamanho bom senso. Maggie estava pronta para jogar um par de vestidos em uma valise e se atirar na primeira diligência postal com destino à Coventry.

Hugh estava, claro, certo. Ela não deveria ter tanta pressa. O Capitão Denford ainda poderia descobrir as informações que ela queria, e então uma longa viagem para Coventry seria inútil. A paciência teria que ser uma virtude dela por mais tempo.

— Esperarei por notícias do Capitão. Entretanto, se ele não tiver sucesso, peço que considere me deixar ir.

O pai assentiu.

— Temos um acordo. Se o trabalho do Capitão Denford não der frutos, refletirei com seriedade quanto a quem a acompanhará até Coventry. Quem sabe? O exército pode estar interessado em encerrar o assunto e estar disposto a emprestar os serviços pessoais do capitão.

Era uma ideia, mas era bem possível que o Capitão Denford estivesse demasiado ocupado para deixar Londres. Toda aquela papelada amontoando-se no escritório dele sem dúvida exigiria toda a atenção dele.

— Obrigada, papai. Sou muito grata pelo seu apoio.

Maggie seguiu para a porta da frente da residência de tijolos vermelhos principal, um ligeiro saltitar nos passos.

Naquela noite, ela teve sua melhor noite de sono em muito tempo. Em vez dos habituais sonhos com Robert, ela sonhou com uma figura mais alta, difusa em névoa cinzenta. E embora a aparição não fosse muito clara, ainda lhe trouxe conforto. Ela rolou na cama, dormindo profundamente e sussurrou:

— Piers.

Capítulo Sete



Uma semana mais tarde

Piers limpou a poeira das mãos e se levantou. Ele olhou para as calças pretas e xingou baixinho. Havia marcas de sujeira por toda a frente delas.

Ele esperava dar prosseguimento ao caso da Senhorita Margaret Radley mais cedo, mas seu comandante iniciou uma campanha de reorganização dos escritórios. Pessoas foram transferidas, na opinião de Piers, sem necessidade, para novos alojamentos e salas apenas para apaziguar o humor do Major Hall. A semana passada trocando pilhas de papéis, cadeiras e outros móveis de lugar, além do tempo gasto com limpeza deixou Piers sem tempo para investigar o misterioso Capitão Robert Taylor.

Hoje era o primeiro dia em quase uma semana em que ele conseguiu a oportunidade de entrar na antiga sala de registros e vasculhá-la. Passaram-se três horas, e ele não estava mais perto de encontrar o capitão esquivo.

Carregando um dos livros de registro para o andar de cima e para seu novo, e menor, escritório, Piers deixou o tomo pesado cair na mesa, e suspirou. Apenas mais algumas horas e ele poderia voltar para a Residência Denford. O lar londrino da família era seu lugar de paz e santuário.

Ele estava prestes a se servir de uma xícara de chá quente, quando um colega bateu no batente da porta.

— Preston, como está? — Piers perguntou.

— Bem, Denford. Vejo que o Major Hall o colocou para lidar com mais papelada. O homem não desiste nunca?

Piers não respondeu. Ele sabia que não deveria dizer nada do comandante. Poderia muito bem detestar o homem, mas não era tolo a ponto de dar voz a opiniões pessoais. Observações maldosas tendiam a chegar aos ouvidos dos envolvidos.

Piers meneou a cabeça para os registros recém-buscados.

— Apenas tentando chegar ao fundo de um mistério. Um capitão cuja noiva diz que ele esteve em Waterloo, mas que eu não consigo localizar. Pensei ser sensato dar uma última verificada no livro de registro antes de escrever para ela. Pobre mulher. Creio que ela caiu

no conto do vigário de um canalha.

O Capitão Preston arqueou uma sobrancelha.

— Chegou a verificar o livro de registro do Regimento Colonial?

O quê?

— O que é isso?

Um sorriso astuto curvou os lábios de Preston.

— É o livro que mantém um registro dos camaradas que não quiseram voltar para casa da guerra ou do serviço militar e que preferem ir para outro lugar e começar uma nova vida. O regimento permite que você finja que morreu no campo de batalha, em seguida o enviam para as colônias para recomeçar com um nome diferente.

Piers o encarou, estupefato. Jamais soube de algo assim.

— É um ótimo jeito de se livrar de uma esposa problemática ou evitar um julgamento criminal por alguma contravenção. É possível escapar do passado e, em troca, o exército recebe um homem preparado para ir para o outro lado do mundo.

— Preciso verificar esse registro. Onde é mantido? — Piers perguntou.

O Capitão Preston assumiu posição de sentido. Pelo canto do olho, Piers vislumbrou o Major Hall. Ele foi célere e seguiu o exemplo.

O esguio oficial sênior, resplandecente em seu uniforme militar cerimonial completo – uma casaca vermelha com revestimento dourado – entrou na sala. Outros oficiais costumavam priorizar vestes mais sóbrias no trabalho, um uniforme mais simples de uso diário, mas não o Major Hall.

Debaixo do braço, a bengala de latão. Piers estremeceu ao ver. O Major Hall era notório por descê-la nos ombros de oficiais e soldados sempre que sentia a necessidade de estabelecer autoridade. O Capitão Piers Denford conhecia muito bem a arma.

O major limpou a garganta.

— O livro de registro colonial é guardado a sete chaves no Gabinete do Comandante-em-Chefe. E você, Capitão Denford, nunca terá acesso a ele. O Exército não precisa que pessoas se intrometam nesses assuntos. Houve várias centenas de nomes adicionados ao regimento após Waterloo, mas não me lembro de nenhum oficial entre eles. Homens que receberam uma oferta de recomeço em Nova Gales do Sul. Novo nome, nenhuma história. Tudo o que precisavam fazer era empreender a longa viagem marítima para Nova Holanda, e assim, nunca mais precisariam se preocupar com a Velha Inglaterra.

— Soube que o Governador Macquarie recomendará ao Gabinete Colonial Britânico que o nome do continente seja trocado para Austrália. — Piers comentou.

No instante em que falou, arrependeu-se. O Major Hall fixou-o com um olhar muito familiar de total desdém.

— Sim, bem, caso se empenhasse tanto em seu trabalho quanto o faz para ouvir rumores, poderia ser um oficial mediano... na verdade, não. Nunca será digno de sua posição.

Nunca desperdiça uma oportunidade de tentar me derrubar, não é mesmo?

O olhar do major desviou-se de Piers para o livro de registro, e ele suspirou.

— Em que está perdendo tempo agora?

— Um capitão desaparecido. A noiva escreveu para o escritório de guerra há algum tempo e, no início da semana passada, ela me fez uma visita. Venho tentando descobrir o que pode ter acontecido com ele.

O Major Hall deu outro suspiro, longo e cansado.

— Deixou um civil entrar na Guarda? Ordeno-o que escreva um relatório detalhado. Assim, poderei providenciar manilhas para você.

Por mais de dois anos, Piers era um subordinado desse desgraçado. Um homem inclinado à vingança mesquinha. Nesta manhã, ele o levou ao limite. Não ficaria quieto, permitindo o abuso.

— Margaret Radley é filha do Bispo de Londres. O tio é o Duque de Strathmore. Considerando tais conexões familiares, decidi ser prudente dar atenção ao caso dela.

Ele lançou um olhar direto ao major, recusando-se a piscar.

Foi o comandante varapau que vacilou primeiro.

— Um duque e um bispo. Parece a primeira linha de uma piada de taberna. Ora, tudo bem, sim, deve atender ao requerimento dela. Se o livro de registro do suposto regimento não deu em nada, qual é o seu próximo plano? Por favor, diga que tem um.

Esta era uma oportunidade de ouro, uma que Piers não deixaria passar.

— Bem, como o registro de transferências para as colônias está além do meu alcance, eu estava pensando, caso me dê permissão, senhor, que eu poderia fazer uma viagem para o norte. O Capitão Robert Taylor afirmava ter vindo de Coventry. Tenho uma possível data de nascimento e um nome completo. Talvez os registros do quartel da Smithford tenham alguma coisa. Se não, verificarei os registros religiosos.

Ele prendeu a respiração, rezando para que o major não estivesse tão familiarizado com Coventry, ou com os regimentos de fora da cidade. O Major Hall nasceu e criou-se em Londres, e os regimentos anteriores a que serviu ficavam estacionados, em suma, no exterior.

Vamos, por favor. É a chance perfeita de se livrar de mim por alguns dias.

O major deu um grunhido decisivo e bateu forte no braço de Piers. Balançou a cabeça enquanto sua vítima ofegava de dor.

— Tudo bem, Denford. Não gostaríamos de provocar a ira de um duque ou da Igreja da Inglaterra. Arrume suas coisas e siga para Coventry. Descubra o que puder acerca desse oficial desaparecido. Em seguida, volte. Essas pilhas de papéis continuarão intocadas até que volte. Prossiga.

Piers e o Capitão Preston prestaram continência. Permaneceram em posição por um longo tempo, mesmo após todo o toc-toc das pesadas botas do major terem cessado.

Desgraçado.

Um dia, ele arrancaria aquela bengala das mãos do major e o golpearia com ela.

O Capitão Preston colocou a mão amiga em seu ombro.

— Apenas reflita. Se for para Coventry e resolver o mistério do homem desaparecido, pode ganhar alguns novos amigos. Se a Senhorita Radley é parente de dois dos homens mais poderosos do país, ao oferecer-se para ajudá-la, você ajudará sua própria causa.

Piers assentiu. Ele não deveria precisar desse tipo de amigos. Era o filho mais velho de um visconde. Um futuro par do reino por direito próprio. Contudo, o Major Hall nunca se preocupou em reconhecer ou respeitar o nome da Família Denford.

— Ouviu o major; ele ordenou-me ir para Coventry. E como o homem já me considera incompetente, não vou me dar ao trabalho de chafurdar ainda mais nos registros regimentais. — Se ele tivesse ignorado o Capitão Taylor em uma das listas, e depois o descobrisse, a viagem de Piers ao norte seria imediatamente cancelada. Ele não arriscaria.

Com a decisão tomada, Piers marchou até a mesa e fechou o livro de registros. Enfiou-o debaixo do braço e foi para a porta.

— Vou devolvê-lo aos autos. Não quero ser acusado de extraviar propriedade do Exército.

Meia hora mais tarde, ele trancou a porta do escritório. Em uma das mãos, levava uma carta endereçada à Senhorita Margaret Radley informando-a da iminente viagem para Coventry, para rastrear o Capitão Taylor.

Havia um ritmo tranquilo no passo de Piers enquanto atravessava a entrada da Guarda. Ele estava determinado a fazer a viagem para o norte durar o máximo que pudesse.

Por favor, que haja uma centena de igrejas no distrito, e que seja necessário visitar todas.

De verdade, ele seria um homem feliz se Robert Taylor se revelasse um mistério complicado que demandaria semanas para ser resolvido. Pela primeira vez em muito tempo, o Honorável Capitão Piers Denford nutria expectativas, inclusive de uma longa viagem para fora de Londres, uma oportunidade de clarear a cabeça, sem mencionar uma

bela donzela para servir.

Dentre os três itens, um deles ocupava um espaço maior em sua cabeça. A moça de cabelos negros como penas de corvo, a filha do Bispo de Londres.

Capítulo Oito



Maggie colocou a carta bem dobrada do Capitão Denford na mesa do café da manhã à frente dela e respirou fundo. Ela estava convencida, mas isso não facilitava nada. Convencer o Bispo de Londres a permitir que a filha solteira viajasse até Coventry com um homem que não era da família seria algo difícil.

O pai pode muito bem ter feito tal sugestão quando discutiram o Capitão Denford no jardim murado, mas ela não acreditava que ele estava falando sério. Hugh Radley costumava prometer coisas, apesar de saber que não se concretizariam.

Após ter recebido a nota do capitão, Maggie respondeu de imediato, desejando-lhe uma boa viagem, já programada para a manhã de quinta-feira. Hoje é quarta-feira, e ela precisaria agir rápido se quisesse prosseguir com seus planos secretos.

— Papai. Lembra-se de quando mencionei que eu estava pensando em fazer uma viagem para Coventry? Que se o Capitão Denford não tivesse sucesso aqui em Londres, que eu iria ao norte para procurar a família de Robert?

Hugh baixou o jornal e considerou a filha mais velha por cima dos óculos.

— Se bem me lembro, minhas palavras sugeriram que verificássemos os registros da igreja. Além de que eu decidiria quem a acompanharia em tal busca, caso eu concordasse com sua ida.

Por que o senhor precisa ter uma memória tão boa?

Ela bateu os dedos na carta.

— Embora o Capitão Denford tenha sido muito solícito em sua assistência, ele não teve sorte aqui em Londres. A boa notícia é que o comandante dele, o Major Hall, concorda que meu caso merece toda a atenção do capitão. Ele permitiu que o capitão faça a viagem para o norte, para Coventry.

As palavras soaram um pouco ensaiadas demais, e eram, mas Maggie sustentou o olhar do pai. Ela odiava mentir para a família, mas era muito provável que o Capitão Denford negasse o pedido dela de o acompanhar. E se os pais soubessem a verdade, também se recusariam a deixá-la ir.

Preciso fazer isso.

— Denford? Fala de Piers Denford? — Mary perguntou.

O comentário da mãe pegou Maggie desprevenida, mas ela foi célere em se recompor.

— Sim. Como conhece o capitão?

Por favor, não me diga que ele é um libertino renomado e infame. Ele parecia tão adorável.

A mãe era uma especialista nisso. Ela conhecia todas as fofocas mais recheadas sendo espalhadas pela alta sociedade, e as que envolviam seus membros. Mary Radley possuía um conhecimento quase enciclopédico de todos os escândalos, públicos e secretos, ocorridos nas últimas três décadas.

— Piers Denford. Ou melhor, o Honorável Piers Denford, é o filho mais velho do Visconde Denford. É uma família adorável de Northamptonshire. A mãe dele é uma companhia muito agradável. — Mary disse.

Claire bateu palmas com alegria incontida.

— Que notícia maravilhosa. Maggie e o arrojado capitão seguindo o pôr do sol. Maggie um dia se tornando Viscondessa Denford. Querida mamãe, o que devo vestir para o casamento? Aquele novo gorro bordô iria combinar bastante com meu vestido creme. Talvez um xale combinando?

Maggie estava pronta para estrangular a irmã.

Fabuloso. É tudo o que preciso. Mamãe tentando ser a casamenteira. Papai não aceitará que eu viaje com o Capitão Denford se ele julgar que minha honra pode estar em risco, e minha irmã corre sério risco de sentir minha bota acertando-a no traseiro.

Mary balançou a cabeça.

— Infelizmente, não haverá um casamento entre Maggie e o futuro Visconde Denford. Ele já está noivo de Lady... — ela disse com o cenho franzido, como se em profunda reflexão, as mãos balançando no ar. — Não me lembro do nome da garota. Filha de algum amigo da família, creio eu. Foi no início do ano passado que ouvi sussurros de uma futura união, mas pensando bem, não me lembro de ouvir nada de um casamento. — ela franziu os lábios. — Muito peculiar.

Claire, que estava dando pedaços de bacon para King sob a mesa, ficou ereta de repente. O coração de Maggie afundou ante a expressão no rosto da irmã. Claire Radley amava um escândalo suculento. Seus olhos verdes dançaram com travessuras.

— Nossa, parece intrigante.

Hugh lançou um olhar afiado na direção dela e limpou a garganta.

— Eu não deveria precisar lembrar aos membros da Família Radley sentados nesta mesa o custo de um comportamento escandaloso.

— Sim, mas nem tudo acaba mal. — Claire resmungou.

James Radley, o mais velho da prole de Radley, fugiu com a noiva do melhor amigo no dia do casamento deles. Mais tarde, descobriu-se

que Claire teve envolvimento no assunto. E, embora tudo tenha terminado bem, e o jovem casal estivesse casado e feliz agora, Hugh e Mary ainda estavam tentando se reconciliar com os fatos.

Maggie soube que as fofocas ainda borbulhavam sempre que os nomes de James e Leah Radley eram mencionados em conversas da Sociedade Educada.

Claire inclinou-se e encontrou o olhar de Maggie.

— Talvez o Capitão Denford tenha terminado o noivado em segredo. Rejeitado a moça acreditando que conseguiria algo melhor. Diga-me, ele é muito bonito? Ele é, não é?

Sim, com toda a certeza, ele é um oficial de aparência arrojada.

Ela ignorou o pensamento errante. A aparência dele não era assunto dela.

Mary balançou o dedo para a filha mais nova.

— A dama é sempre aquela que termina esses compromissos. E ninguém disse que o noivado acabou. Mais uma palavra sua, mocinha, e passará o resto do dia remendando panos de prato.

Maggie conseguia ver seus planos sendo obliterados aos poucos. Era hora de jogar a última carta, a do desespero.

— Se o Capitão Denford está noivo ou não, não importa. Quero ir a Coventry e encontrar Robert. Bem, quero dizer, buscar os registros dele e, talvez, encontrar a família dele. A última coisa em minha mente é acabar me apaixonando por um estranho.

— Eu poderia ir com você. — Claire ofereceu.

— Fora de questão. — Mary e Hugh responderam em uníssono.

Claire voltou a alimentar o cachorro.

— Tenho vinte e seis anos. Muitas pessoas na Sociedade me veem como viúva, então não vejo problema em viajar com o capitão. Ficaríamos hospedados em quartos separados em qualquer hospedaria no caminho. E se, como diz, o Capitão Denford já está noivo de outra mulher, é improvável que ele se coloque em uma posição em que seria obrigado a se casar comigo. — Maggie disse.

Claire titubeou, mas nenhum dos pais riu. Ambos se sentavam com expressões reservadas. A reputação de uma jovem solteira era algo precioso aos olhos da Sociedade. Algo a ser resguardado com ferocidade.

Uma Maggie frustrada suspirou.

— Usaremos transporte público. Duvido que ele tenha a oportunidade de me arruinar enquanto batemos os ombros com outros dez passageiros.

— Se ele conseguir tal feito, você com toda a certeza deve se casar com ele. — Claire disse.

Ela caiu na gargalhada, tombando tanto para um lado que caiu da cadeira. King latiu alto quando ela caiu ao lado dele. Claro, o cachorro

pensou se tratar de uma brincadeira e pulou para cima de Claire. A comoção beirava a loucura.

Hugh balançou a cabeça. Mary abriu a boca para falar enquanto uma Claire bufando se esforçava para se levantar, antes de sair da sala, levando King.

— Sim, mamãe. Vou para o meu quarto. Prometo não descer até a ceia.

Assim que a porta se fechou, Maggie virou-se para os pais. Era hora de oferecer algumas concessões bem ponderadas.

— Se concordarem em me deixar ir, prometo reentrar na sociedade quando voltar, e isso inclui festas, bailes e jantares privados.

As sobranceiras de Mary se levantaram.

— E essas vestes monótonas e monocromáticas? Estou preparada para oferecer apoio a esta viagem se deixar de lado o lilás sem graça. Quero ver minha filha com cores lindas. Quero voltar a ver sua luz.

Um dos pais estava à beira da redenção, ela só precisava dar um empurrãozinho para o outro cruzar a linha. Maggie prendeu a respiração, esperando a resposta dele.

— A Família Denford é composta por pessoas sólidas e confiáveis. Está claro que o Capitão Denford recebeu ordens de ir a Coventry buscar todas as informações que puder acerca de Robert. Embora eu não esteja de todo satisfeito em ver minha filha solteira viajar através do país, se ao fazê-lo você se diz preparada para seguir com sua vida, eu concordarei. — Hugh disse.

Maggie assentiu.

— Sei que não querem que eu passe o resto da vida de luto. Acredito que essa expedição pode ser exatamente o que preciso. Se eu enfim conseguir algumas respostas, serei capaz de deixar a dor no passado. Sempre guardarei a memória de Robert, mas é hora de olhar para o futuro.

Hugh e Mary trocaram um breve olhar.

— Maggie, nossa doce menina, nos deixa muito feliz com essa decisão. Tenho certeza de que Robert não gostaria que você passasse o resto da vida de luto por ele. Fez tudo para respeitar a memória dele. Agora, o melhor que pode fazer para honrá-lo é dar um fechamento gentil a esse capítulo. — Hugh disse.

Mary levantou-se e foi sentar-se ao lado da filha.

— Lembre-se de que tem todo o direito de encontrar nova felicidade. Ninguém pensaria mal de você se o fizesse.

Maggie apertou as mãos, segurando as lágrimas. Os pais estavam com a razão. A decisão de seguir com vida não era fácil, mas, pela primeira vez em muito tempo, havia um sentimento de esperança no coração dela. Ela só precisava fechar essa última porta, chegar ao fundo do mistério em torno da morte de Robert. Em seguida, estaria

pronta para um novo capítulo.

— Obrigada. Agradeço pela confiança em me deixar fazer essa viagem. Podem confiar que não farei nada precipitado como James e correr para a Cornualha para me casar.

Mary deu um beijo carinhoso no rosto da filha.

— É claro que não faria algo assim. Maggie Radley, você é uma jovem sensata. Tenho certeza de que o Capitão Denford percebeu isso se pediu para acompanhá-lo.

Maggie conjurou o sorriso mais inocente que pôde ao olhar para a mãe.

— Espero que sim. — ela disse e se levantou da cadeira. — É melhor eu ir ver que roupas e acessórios vou precisar para a viagem. Coventry será fria, e imagino que lã seja um tecido indispensável. Ah, e acredito que ficar na residência Strathmore esta noite seria recomendável. Dessa forma, já estarei na cidade, para chegar no horário certo da diligência.

— Sabe que sempre será bem-vinda à casa da sua tia e do seu tio. — Hugh respondeu.

O duque e a duquesa de Strathmore sempre eram solícitos aos membros da Família Radley. Quem chegasse à porta da Residência Strathmore pedindo uma cama sempre seria recebido de braços abertos.

Deixando os pais para terminarem o café da manhã, Maggie subiu. Sentia-se de ânimo moderado. Venceu apenas a primeira parte da batalha.

No caminho, ela parou e pediu a um laçao que buscasse uma das malas de viagem do pai. Seria perfeita. Quando chegou ao andar de cima, e se virou para o quarto, Claire colocou a cabeça para fora da própria porta:

— Como foi?

— Eles concordaram em me deixar ir para Coventry com o Capitão Denford. Meu lado da barganha é que precisarei renunciar às roupas de luto e reentrar na sociedade quando eu voltar.

Claire assentiu para Maggie.

— É uma notícia maravilhosa, mas por que a caretá? Pensei que ficaria encantada.

Maggie verificou o corredor para ver se algum criado passava e se inclinou.

— Porque eu ainda não avisei o Capitão Denford que vou com ele.

O que o oficial arrojado diria quando ela chegasse à porta dele nas primeiras horas da manhã de quinta-feira e anunciasse que o acompanharia na viagem era uma incógnita.

Claire sorriu.

— Parece que nesta família a maçã não cai mesmo longe da árvore.

James fugiu com Leah. Para todos os efeitos, papai sequestrou a mamãe e a levou para a Escócia. E agora você vai fugir para os confins de Northamptonshire com um homem noivo. Preciso pensar em qual escândalo terei no meu próprio casamento.

— Claire, acredito que essa família ficaria melhor com uma trégua dos sussurros. E o custo exorbitante da licença especial de um bispo. O melhor que podemos fazer por nossos pais é ter casamentos tranquilos e agradáveis após a publicação de todos os proclamas. Além de não ter um mísero indício de escândalo. — Maggie disse, apesar da mente alvoroçada.

O que a noiva de longa data do Capitão Denford diria quando descobrisse que ele viajaria na companhia de outra mulher?

E por que o noivado estava sendo tão longo?

As pessoas não costumavam adiar tanto a ida até o altar após terem divulgado a intenção de se casar. Quem estava remediando a marcação de uma data e por quê?

Ela balançou a cabeça ao caminhar até o próprio quarto. Ao empreender essa jornada, ela teria uma tarefa muito séria a cumprir. Seu foco era chegar ao fundo do mistério em torno de Robert. Não haveria tempo para brincadeiras bobas ou para se apaixonar.

A noiva do Capitão Denford decerto não precisaria se preocupar com nada.

Capítulo Nove



— Maggie Radley, minha sobrinha favorita.

Ela suportou o abraço caloroso e de urso do tio Ewan, o Duque de Strathmore. Toda vez que ela visitava a Residência Strathmore, ele a cumprimentava com um abraço desses. Ela suspeitava que falava a mesma coisa para todas as primas dela, mas era divertido deixá-lo feliz.

— É bom vê-lo. Obrigada por me deixarem ficar aqui tão de repente. Faz muito tempo que não os visito. — ela respondeu.

Ewan a soltou do abraço.

— De acordo com seu pai, faz muito tempo que não faz muitas coisas. Espero que esteja planejando reentrar na Sociedade em breve.

Ela captou o tom familiar das palavras.

Você é muito jovem para passar a vida sofrendo por um homem com quem conviveu tão pouco.

Como a carruagem para Coventry sairia logo de manhã cedo, fazia sentido passar a noite na cidade. Maggie chegou à elegante mansão em Park Lane, bem a tempo do jantar.

A tia, Lady Caroline Radley, apareceu na porta da sala de jantar, um sorriso iluminando o rosto ao avistar Maggie.

— Maggie, que maravilha. O mordomo acabou de me informar que estava aqui. Ficaré muito tempo?

— Apenas esta noite. Saio de Londres amanhã de manhã. — ela respondeu.

Seguindo Lady Caroline até a sala, elas encontraram o primo de Maggie, Alex, e a esposa dele, Millie. O Marquês de Brooke segurava a esposa pelo braço, guiando-a enquanto ela se arrastava até uma cadeira próxima e sentava-se com cuidado.

— Ó, obrigada, meu amor. — Millie disse.

Uma ponta de ciúme perfurou o coração de Maggie. O casal se uniu em matrimônio no início do ano, e o amor que sentiam um pelo outro era claro. Seu primo, o mais recente libertino reformado, se agitava em torno da esposa grávida.

Eram um par tão adorável. Tão feliz.

Lady Caroline deu um abraço em Maggie, sendo mais gentil do que o marido ao envolver a sobrinha.

— Para onde vai amanhã?

— Viajarei para o norte com um capitão da Guarda Montada, o Capitão Denford. Ele tem me ajudado a buscar o histórico militar de Robert. Iremos para Coventry para ver se podemos encontrar algo mais acerca da Família Taylor, e os registros de nascimento de Robert.

Mais mentiras para a minha família. Espero que tudo isso valha a pena.

Maggie poderia ter chorado com a expressão triste no rosto da tia. Era a mesma que todos os membros do clã Radley ostentavam sempre que ela falava do falecido noivo. Ela estava começando a se ressentir da pena.

E o que farão se descobrir que Robert foi uma fraude? Não aguentarei.

Pouco antes de sair de casa, ela conversou com os pais e sugeriu que, se a empreitada em Coventry não desse certo, ela cogitaria viajar para a Escócia. Se pudesse buscar refúgio no lar ancestral da família, o Castelo Strathmore, e encontrar algum consolo, antes que o resto da família chegasse para o Natal, ajudaria a deixá-la tranquila. Assim, estaria bem descansada e pronta para enfrentar as festividades selvagens de Hogmanay do clã Radley.

— Espero que encontre o que procura nessa viagem. Você merece boas notícias. — Caroline comentou.

Eles se juntaram a Alex e Millie na mesa de jantar. Para alívio de Maggie, a conversa logo migrou dela para outros membros da família.

— Soube que David e Avery estão pensando em comprar mais animais reprodutores para a propriedade de David em Sharnbrook e a propriedade de Lorde Langham em Norfolk? — Alex perguntou.

Ewan colocou a taça de vinho na mesa.

— Sim, estou com grande expectativa de ver como tudo correrá. Para alguém que foi soldado pela maior parte da vida, Avery adquiriu grande conhecimento acerca da criação de animais em um tempo bem curto. Lorde Langham diz ter uma verdadeira afinidade com o campo.

David Radley casou-se com Lady Clarice Langham pouco após Alex e Millie terem se casado. E a irmã dele, Lucy Radley, encontrou um marido em Avery Fox, o novo herdeiro de Lorde Langham.

Millie virou-se para Maggie.

— Falando em campo, o que James e Leah estão achando da Cornualha? Teve notícias deles desde a grande mudança para longe de Londres?

— Recebemos uma carta de Leah há algumas semanas. James, é claro, é um desastre quando se trata de correspondência. Sempre está muito ocupado pensando na próxima obra de arte. Leah diz que James passa a maior parte do tempo pintando na nova casa. Parecem estar se estabelecendo bem e, claro, o avô de Leah está feliz por tê-los morando na Mansão Mopus. — Maggie respondeu.

A Cornualha ficava a muitos quilômetros da cidade. Maggie nutria

uma secreta esperança de que o irmão e a nova esposa empreendessem a longa viagem para o norte da Escócia para o Natal deste ano. Contudo, após o ano de sofrimento que tiveram e o escândalo que ainda rondava os recém-casados, ela entenderia se optassem por permanecer em casa.

À medida que sua geração da família crescia e começava a criar as próprias famílias, as oportunidades para que todos se reunissem no castelo, sem dúvidas, diminuiriam. Aos poucos, a Família Radley se espalhava por todo o sul da Inglaterra.

Mesmo este ano, nem todos iriam à Escócia. A gravidez de Clarice estava mais adiantada do que a de Millie, e ela e David anunciaram que passariam as festas em Sharnbrook.

— Tio Ewan?

— Sim, minha sobrinha favorita?

— Sei que David e Clarice não virão à Escócia neste Natal. E alguns outros membros da família também não, então o senhor consideraria a possibilidade de ser o anfitrião de uma reunião do clã Radley aqui na Residência Strathmore no ano novo? Assim, após o senhor e tia Caroline voltarem para a cidade. Seria bom rever todos.

Ewan e Caroline trocaram um olhar, e Caroline piscou para o marido.

— Poderíamos fazer um grande jantar e uma festa no salão de inverno. E se esperarmos até o bebê de Clarice e David chegar, podemos transformar a reunião em uma celebração de batizado.

O duque bateu palmas, a decisão tomada.

— Que excelente ideia. Consideraremos fazer algo todos os anos. Com a família crescendo, seria bom realizar uma reunião aqui em Londres, ainda mais para aqueles que não podem fazer a viagem para a Escócia. — Ewan acrescentou.

Feliz por ver que sua sugestão foi aceita com tanta alegria, Maggie pegou a taça de vinho e tomou um gole. Pela primeira vez em meses, ela sentia-se de fato relaxada. Passar um tempo com os parentes tirava a mente da preocupação da viagem iminente. Também ajudava a colocar as coisas em perspectiva.

Se decepção a esperasse em Coventry, ela teria a reunião da Família para aguardar, assim como os nascimentos de vários bebês Radley.

Essas pessoas estarão aqui para mim.

Às vezes, ela esquecia-se da família notável a que pertencia. Ela mantivera distância deles, escondida em seu próprio mundo de dor. O que foi um erro. A ternura e o conforto que Maggie sentia apenas de sentar-se perto deles eram maravilhosos.

— Você voltará das suas viagens antes de todos irmos para a Escócia, não é mesmo? — Caroline perguntou.

— Para onde disse estar indo? — Millie perguntou.

Maggie respirou fundo e segurou o nervosismo. Estava claro que a esposa do primo estava tão concentrada em se acomodar na cadeira que perdeu essa parte da conversa mais cedo.

— Vou para Coventry amanhã de manhã com o Capitão Denford, da Guarda de Granadeiros. Ele está me ajudando na busca por mais informações acerca do meu falecido noivo, Robert.

Alex parou de se preocupar com a esposa.

— Disse Capitão Denford? Piers Denford. Creio que o conheço da escola. Bom rapaz. Tranquilo, mas estudioso. Mais do que eu.

Millie deu uma risada.

— Você é um bom rapaz, mas sim, nunca há um momento maçante com você, Lorde Brooke. — ela passou a mão na barriga. — Essa criança terá uma vida interessante com você como pai. E uma abençoada.

Alex abriu um sorriso amoroso para a esposa.

— E com você como mãe, ela terá o melhor modelo possível.

Tem como esses dois serem ainda mais doces um com o outro?

Ele se virou para Maggie.

— E sua viagem também será um sucesso se tiver Piers Denford no comando.

Todos pareciam conhecer seu capitão. Uma sensação quente a atravessou ao pensar. Ele não era o capitão *dela*, ainda assim, era bom saber algo dele de outros membros da família. Ajudava a tranquilizá-la quanto a viajar com um homem que ela mal conhecia.

— O que pode me contar dele? — Maggie perguntou.

Alex pressionou os lábios.

— Ele era um jogador de críquete muito bom. Um excelente batedor, em especial com batidas curvas e diretas. Eu costumava ficar na beira do gramado, contemplando o que poderia estar no cardápio para a ceia enquanto meu time estava em campo. Eu não me interessava muito pelo que estava acontecendo nas partidas, a não ser que fosse a vez de Denford rebater. Ele me obrigava a correr para todo lado atrás da bola.

Era bom ouvir palavras gentis acerca do Capitão Denford. A ligação entre os dois começou com um passo em falso, mas Maggie esperava que a viagem à Coventry os ajudasse a encontrar um jeito de serem mais do que apenas conhecidos cordiais. Talvez pudessem até ser amigos. Havia algo intrigante nele, uma atração inexplicável.

— Ah, e ele é o único homem que já conheci que pode rivalizar com David na tarefa de terminar um assado inteiro sem titubear. Fale de um poço sem fundo. Se vai viajar com Denford, apenas certifique-se de não entrar entre ele e um prato de comida. Pode perder uma das mãos. — Alex adicionou.

Todos na mesa riram. Ewan e Caroline balançaram a cabeça. A capacidade de David de ingerir o próprio peso em comida era lendária na família estendida. Sempre que estava no Castelo Strathmore, os criados se certificavam de providenciar um grande javali assado no espeto para o jantar.

A porta da sala de jantar se abriu, e todas as cabeças se viraram. Francis Saunders entrou na sala esbaforido.

— Desculpem-me pelo atraso. Alguns capitães do mar parecem incapazes de entender o conceito simples de que, para comer, os agentes marítimos precisam de lucro real.

Maggie sorriu para Francis, seu primo alto e de cabelos quase brancos. Ele era seu primo favorito e a imagem cuspida de um viking. Era propício à travessuras, mas alguém em quem se pode confiar também. Muitas vezes, os dois sentaram-se à noite com um uísque na mão, à frente da enorme lareira no grande salão do Castelo Strathmore para ficarem aquecidos, conversando até altas horas acerca dos problemas do mundo.

Francis curvou-se ao duque e à duquesa e, em seguida, a Alex e Millie. A mãe dele, Adelaide, era uma das irmãs de Hugh e Ewan Radley. Podiam ser família, mas Francis ainda cumpria com todas as graças sociais que a posição de nobreza demandava ao cumprimentá-los.

Quando o olhar dele chegou em Maggie, ele se apressou.

— Maggie! Minha nossa! Eu não a vejo há tanto tempo. Como vai, prima?

Ela levantou-se da cadeira e aceitou mais um abraço da família. Francis elevava-se a quase dois metros, sendo assim, a cabeça de Maggie foi enterrada no peito dele.

Juro que ele fica mais alto toda vez que o vejo.

— Estou bem, obrigada. — ela disse, sorrindo para ele.

Francis olhou ao redor da sala e fez cara feia.

— Está aqui sozinha? Onde está o restante da população do Palácio Fulham?

Havia um claro indício de expectativa no tom. Antes de Robert, Maggie hospedava-se com regularidade na Residência Strathmore, irmãos e primos indo juntos para o teatro e festas. Ela entendia por que Francis perguntaria. Ele devia sentir saudades dessa época também.

Como eu.

— Maggie viajará para o norte amanhã com um tal de capitão Denford. Tentarão encontrar mais informações acerca de Robert Taylor. — Ewan disse.

— Ah, faz sentido. Então, ainda está decidida a mandar fazer a estátua dele? — Francis perguntou.

Ela refletiu por um instante antes de responder, escolhendo as palavras com cuidado. Se Francis tivesse feito essa pergunta há apenas um mês, a resposta teria sido um sim firme. Agora, ela não estava mais tão certa.

— A viagem é para descobrir mais algumas informações sobre Robert, então uma decisão será tomada.

Francis, abençoado, limitou-se a assentir e continuou a inspeção. O olhar dele vagou pela mesa e pelas várias travessas de comida.

— O que temos no cardápio da ceia? Por favor, diga-me que há carne assada. Estou faminto. Um navio chegou às docas esta manhã carregado de linho. A maior parte foi danificada na viagem. Meu estômago revirou o dia todo e não consegui encarar a comida. Um pouco de ar fresco e estou pronto para bater um prato.

— As opções desta noite são carne de porco e arenque salgado. Havia um pouco de carne, mas Alex e eu terminamos com ela esta tarde com um belo Shiraz de acompanhamento. — Ewan disse.

O olhar de total decepção no rosto de Francis era impagável. Maggie mordeu o lábio inferior para não rir. Um bufo escapou.

— Coitadinho. — ela disse.

Francis balançou a cabeça. Não parecia com vontade de trocar piadinhas.

Alex levantou-se da cadeira e foi até Francis, bagunçando os cabelos brancos do primo.

— Não parece um sujeito feliz.

Francis revirou os olhos.

— Porque não sou. O capitão do navio ainda espera que eu pague pela carga avariada. Não posso vender por um preço decente, e ele se recusa a mover o navio até que o paguemos. Ele e eu passamos uma hora inteira desta tarde discutindo o que deve ser feito com todo o linho apodrecido. E se ele acredita que darei um *farthing* sequer para ele por aquilo, ele precisa mudar de ideia.

Agora Maggie entendia o humor dele. Francis não era de fazer concessões quando se tratava dos outros, em especial nos negócios. Ele e o pai, Charles Saunders, comandavam uma empresa de importação e exportação bem-sucedida nas docas de Londres. Embora Charles trabalhasse com rédeas curtas, Francis sempre procura um jeito de obter vantagens em cima da concorrência.

Quem quer que fosse o capitão deste navio, travariam uma briga dos diabos. Conhecendo Francis, ele não se daria por vencido. A teimosia dele era sua pior inimiga.

— Já pensou em indagá-lo que preço ele estaria disposto a aceitar para resolver a questão? Não pode tentar encontrar um meio-termo? — Alex perguntou.

Maggie sorriu para ele. O casamento e a paternidade iminente

havia transformado o futuro duque de cabeça quente. Millie era uma influência calmante na vida dele. Antes dela, Alex estaria mais do que pronto para sair pela porta com o primo e ir até o capitão do navio.

Francis deu um olhar que falava muito. Ele torceu o nariz.

— O único meio-termo que ele e eu teremos será meu punho chegando naquele rosto gordo.

Ewan resmungou uma desaprovação. Um cavalheiro não falava de violência diante do sexo frágil.

— Mil perdões, senhoras. Deixei minha raiva levar a melhor. — Francis ofereceu.

Maggie acariciou o braço dele com gentileza, e Francis olhou para ela.

— Que tal vir comer? Espero que parte do seu rancor seja por falta de comida. — ela disse com leveza.

Ela conhecia o primo muito bem. Francis era como o irmão dela, James. Ambos ficavam carrancudos se estivessem de barriga vazia. Voltavam a ficar felizes quando saciados.

— Deve ter razão, Maggie, mas chega dos meus problemas, não vim aqui esta noite como portador de notícias miseráveis. Vim ver meus amados parentes.

— E para um banquete. — Ewan brincou, pedindo que um criado arrumasse a mesa para Francis ao lado de Maggie.

Alex se juntou à esposa mais uma vez. Francis sentou-se e serviu-se de uma taça generosa de vinho, logo, ergueu-a para um brinde:

— À saúde de todos vocês, Família Radley.

Quando a tensão na sala diminuiu, Maggie sorriu. Ela precisava muito de uma noite com a família, de conversa e compartilhamento de memórias felizes. Essas eram as coisas que lhe davam força e paz de espírito.

— Bem, Millie, está ansiosa para sua primeira visita ao Castelo Strathmore? — ela perguntou.

A Marquesa de Brooke se contorceu na cadeira e acariciou a barriga com o bebê. Ela estava brilhando.

— Mal posso esperar para ver a Escócia. Este será meu primeiro inverno real na Inglaterra, e Alex me prometeu neve no dia de Natal. Como será uma jornada longa para empreender em minha condição atual, decidimos tirar uma semana para viajar para o norte. Ficaremos na casa de amigos ao longo do caminho. Essa viagem que fará, Maggie, é muito longe daqui? Quer dizer, não faço ideia das distâncias aqui da Inglaterra.

Millie nascera em Calcutá, na Índia, e só chegara a Londres no início do ano. Maggie considerava intrigante conversar com alguém recém-chegado à Inglaterra. Descobrir o que ela considerava corriqueiro e o que era maçante, Millie sempre parecia que via tudo

com fascinação.

— Coventry fica cerca de cento e sessenta quilômetros ao norte daqui. Seguindo pela Grande Norte, não passará por ela a caminho da Escócia. Na verdade, eu mesma jamais estive lá. — ela explicou.

A jornada não era exatamente a mesma que navegar por milhares de quilômetros desde a Índia como Millie fez, mas trazia seu próprio senso de aventura. Ela abriria novos caminhos para si ao viajar para uma cidade distante sem a família, e na companhia do Capitão Denford.

Debaixo da mesa, Maggie enxugou as palmas suadas no guardanapo. Ela estava animada e apreensiva com o amanhã. Ela estava esperançosa de que, quando batesse à porta da Residência Denford, sorridente e cedo, anunciando que iria acompanhá-lo, o Capitão Denford receberia a notícia com surpresa encantada. E se não o fizesse, uma discussão se seguiria.

Capítulo Dez



Maggie acordou bem antes do sol na manhã seguinte. Os criados da Residência Strathmore deixaram um prato de ovos quentes e sobras da ceia da noite passada à espera dela na sala de café da manhã. Ninguém mais estava acordado àquela hora profana, mas ela não se importava.

Ela precisava de tempo para organizar as ideias. Em sua mente, o motivo para viajar com o Capitão Denford era sólido, os argumentos também. Contudo, até que ambos estivessem a bordo da diligência e deixando Londres em velocidade, sempre haveria a chance de algo dar errado.

Eu não preciso da permissão dele. Ele não é parente meu e nem meu protetor.

Se ele dissesse não, ela iria sozinha. E embora essa ideia fosse preocupante, Maggie não se intimidaria.

O café da manhã foi regado com duas xícaras de chá, cada uma com um pouco de leite, dois torrões de açúcar e finalizados com um gentil “muito obrigada”, e ela estava pronta para sair.

Maggie verificou seu caderno de anotações. A diligência para Coventry deveria partir do pátio do *Cisne de Dois Pescoços* pouco antes das oito horas. Se ela chegasse à Residência Denford às sete, para ter uma breve conversa com o capitão, ainda haveria tempo de fazerem a viagem até a Rua Lad e garantirem a passagem.

Com a mala arrumada e bem agasalhada para a viagem, ela saiu da Residência Strathmore e entrou em uma das carruagens do Duque de Strathmore. Era uma curta caminhada até a Park Place de onde estava na Park Lane, mas a bagagem era pesada.

Com o sol ainda surgindo no horizonte, as ruas ainda estavam escuras. A esta hora do dia, não era seguro para uma mulher andar sozinha em qualquer lugar, mesmo nas ruas da Paróquia de St. James. Trombadinhas não se importavam com quem agrediam, e uma senhora bem-vestida e de posição seria o alvo perfeito para ladrões oportunistas.

Quando a carruagem se aproximou do número 9 na Park Place, pouco tempo depois, Maggie se arrastou para a ponta do banco da carruagem e espreitou pela janela.

A Residência Denford era uma construção discreta, de tijolos

vermelhos, erguendo-se ao longo de quatro andares. As duas janelas de sacada com tijolos creme e três vidros em cada, quase não se projetavam para a rua. Havia decoração mínima acima delas: dois pequenos ramos e o que ela supunha ser o brasão de armas da Família Denford. Até a porta da frente era simples, sem adornos. Um transeunte poderia até passar pela casa e mal notar sua existência.

Se o arquiteto da Residência Denford pretendia projetar uma casa com ares de “nada a se ver aqui”, decerto foi bem-sucedido. A casa não era simplória, mas com certeza, não chamava a atenção.

Descendo à calçada, ela olhou para cima. O sol acabava de chegar ao horizonte, e a primeira luz fraca do dia beijava as janelas.

— Devemos esperar por você, Senhorita Radley? — o laçao perguntou.

Maggie balançou a cabeça.

— Não, obrigada. Sou esperada, eu assumo daqui.

Ela estava determinada a eliminar quaisquer saídas, antes de bater na porta da frente. Se o capitão visse uma carruagem parada na rua, ele poderia muito bem colocá-la de volta nela e enviá-la para casa.

Vou para Coventry hoje, quer ele goste ou não.

Enquanto esperava que a carruagem virasse à esquerda da Rua St. James e desaparecesse de vista, Maggie repassou as partes mais importantes de seu discurso.

Sei algumas coisas sobre Robert que podem ajudar. Seria indelicado da minha parte não o acompanhar, já que eu era a noiva do falecido. A família dele gostaria de me conhecer. Devo fazê-lo.

— E preciso de algumas respostas, antes de enfim aceitar que ele se foi. — ela murmurou.

Essa última parte ela não pretendia vocalizar, mas nas últimas semanas, a ideia se tornou mais forte em sua cabeça.

Pegando a bolsa, Maggie subiu os poucos degraus até a porta da frente e bateu o batente de ferro com força na porta.



Piers ainda esfregava o sono dos olhos quando entrou na sala de estar formal da mãe. Ele desfrutava de um lindo sonho em que se deitava sob o céu noturno em Denford Park, observando as estrelas, quando uma batida na porta do quarto o despertou sem dó.

— Há uma Senhorita Margaret Radley aqui para vê-lo, senhor.

Que raios?

Ele apertou os olhos para enxergar o relógio do mantel, verificando duas vezes para se certificar de que, de fato, passava-se apenas um ou dois minutos das sete horas. Ninguém fazia visitas domiciliares a esta hora do dia, muito menos uma jovem de berço. Só poderia ser algo

sério.

Não me diga que ela mudou de ideia e informou ao escritório de guerra que minha viagem não é mais necessária. O Major Hall terá um ataque.

Piers estava desesperado para sair de Londres. Se quisesse manter a sanidade, ele precisava muito de um descanso dos dias quase intermináveis lidando com cartas e com o abuso de seu odioso comandante.

Foi uma atrapalhão apressada a tarefa de se vestir ainda sob a névoa do sono, e uns bons dez minutos antes que ele estivesse em um estado de mínima adequação para sair do quarto e ir receber a visita.

Na porta da sala, ele abotoou a jaqueta e ajeitou os ombros.

— Senhorita Radley, faz ideia da hora? — ele perguntou.

Sem o café da manhã, ou mesmo uma mísera xícara de chá na barriga, Piers não teria a capacidade de demonstrar bons modos. Ele deveria se envergonhar. A mãe dele decerto ficaria mortificada se visse o jeito como ele cumprimentou uma visita em seu cômodo favorito na casa da Família Denford.

Margaret Radley estava de pé à janela. Ao se virar, ela baixou o capuz do longo manto escuro, revelando as madeixas escuras e longas e o sorriso suave. O olhar de Piers logo se fixou naqueles lábios vermelho-rubi. O corpo dele despertou, fazendo-o verificar às pressas se havia abotoado mesmo a jaqueta e se ela cobria a parte superior das calças.

— Bom dia, Capitão Denford. E sim, estou ciente da hora. Acordei há várias horas para me preparar para a viagem. Espero dormir bem esta noite.

Viagem?

— Desculpe-me, Senhorita Radley; não a compreendo. Meu cérebro não funciona muito bem até que eu tome o café da manhã. Perdoe-me por perguntar, mas a que viagem a senhorita se refere?

Ao cruzar o cômodo, Piers não conseguiu ter certeza se ela caminhava ou flutuava. A Senhorita Margaret Radley o afetava de um jeito um tanto particular.

— Oras, da viagem para Coventry, claro. — ela apontou para uma grande bolsa masculina de viagem no chão. — Estou de malas prontas para partirmos. A diligência sai pouco antes das oito horas, então talvez queira se apressar e terminar de se vestir. Infelizmente, creio que não terá tempo para o café da manhã, mas sei que as estalagens ao longo do caminho servem comida quente. Pode comprar algo para comer quando pararmos para trocar os cavalos.

Piers esfregou o rosto com a mão, sentindo uma vontade desesperadora de ainda estar dormindo, que tudo isso não passasse de um sonho horrível.

A Senhorita Radley bufou e continuou:

— A diligência postal com destino à Coventry sai do *Cisne de Dois Pescoços* às oito horas. Lad Lane fica a pouco mais de três quilômetros daqui, então precisamos sair nos próximos minutos se quisermos pegá-la.

Piers mordeu o lábio inferior e ficou desapontado ao descobrir que doeu. Ele não estava dormindo. Isso não era um sonho. A Senhorita Radley estava mesmo parada na sala de estar da mãe dele, vestida e de malas prontas para viajar para o norte.

Os planos dele nunca a incluíram.

Ele olhou para Maggie incrédulo. A boca formava uma linha rígida, os olhos claros mostravam determinação. Era uma mulher decidida e inabalável.

Inferno. Ela está falando sério. Pense, homem. O que fará?

— Eu não esperava que a senhorita viesse comigo. Enviei a carta informando-a de que iria para Coventry apenas como cortesia. Quando me enviou votos de boa viagem, eu não pensei que queria... bem, para ser honesto, eu... Fui pego de surpresa.

Ela não falou nada sobre querer vir comigo, ou falou?

O cérebro e a boca dele estavam em completa falta de sincronia, nenhum dos dois pareciam prontos para funcionar com competência. Quando ela lambeu o lábio inferior em evidente contemplação, ele sentiu a masculinidade assumindo a liderança. Sabia o que queria.

Ela.

Acalme-se, garoto. Esta mulher não é para o seu bico.

A súbita crise de luxúria selou a decisão. Nem no inferno ele passaria algum tempo com ela. Não sem ao menos uma dúzia de acompanhantes.

— Tratei a viagem para Coventry com meus pais. Eles entendem que viajaremos em transporte público e nos hospedaremos em estalagens e pousadas respeitáveis. O senhor também está noivo e, permita-me dizer, teve uma grande influência na decisão deles. Então, não há nada com que se preocupar.

Ela se curvou e pegou a mala de viagem.

— Devo esperá-lo lá embaixo? Eu posso chamar um coche de aluguel. — uma risada suave escapou daqueles lábios. — Não que eu já tenha feito isso alguma vez. Presumo que envolva ficar no meio da rua e agitar os braços com desespero até que uma carruagem pare. É assim que meu irmão, James, diz que consegue um.

Piers balançou a cabeça, forçando-se a acordar de vez. Ele esticou o braço para pegar a mala, mas Maggie a puxou para longe. Um sorriso fraco no rosto.

Inferno maldito, mulher teimosa.

Ele fez uma segunda tentativa, fracassada, de pegar a mala e soltou um suspiro cansado.

— Lamento, mas está fora de questão que partamos para esta missão juntos, Senhorita Radley. Surpreende-me que seus pais permitam.

Como vou sair dessa?

A menção a transporte público voltou à mente dele.

— Se nunca usou um coche de aluguel, presumo que também não teve o prazer de usar uma diligência postal apertada e malcheirosa. Devo dizer que só se deve viajar em uma se não houver outra opção. A última vez que entrei em uma, na ida para a propriedade da nossa família em Northamptonshire, eu me sentei ao lado de um senhor com cotovelos tão pontiagudos que seria possível se barbear com eles.

O sorriso desapareceu do rosto dela, e ela o fixou com um olhar azedo.

— Então sua resposta é não?

— Sim. Quer dizer: “Sim, minha resposta é não.”

Ela marchou propositalmente em direção à porta, e ele se afastou.

— Obrigada, Capitão Denford. Não vou mais desperdiçar o seu valioso tempo. Tenha um bom dia, senhor.

A porta da sala logo se fechou com firmeza atrás dela.

— Graças a Deus. — ele sussurrou.

Ele esperava uma briga mais longa em torno do assunto. Ficou claro que a perspectiva de se sentar em uma carruagem pública e fedorenta bastou. Com a criação privilegiada, Margaret Radley não deve ter tido a necessidade, nunca, de passar pelo desconforto que a classe trabalhadora sofria ao viajar. A família deve possuir uma carruagem de viagem com decoração elegante e o conforto de tijolos quentes para manter os pés aquecidos, cobertores de lã de alta qualidade e muito espaço.

Ela também não sabia que ele jamais pretendeu sentar-se em uma diligência pública. Seus planos para o dia incluíam um café da manhã saudável e uma última olhada nos documentos, e só depois Piers partiria de Londres na carruagem Denford.

Quando Radley voltasse ao Palácio Fulham, ele já estaria quase em sua primeira parada, a cidade de Luton, Bedfordshire, de onde iria para o destino desta noite. O *Cock Inn*, uma hospedaria de duzentos anos famosa por sua carne assada.

A boca de Piers salivou ao pensar no delicioso molho de cebola que sempre vinha com a ceia. O estômago rosnou sua concordância. Esta noite, a barriga dele seria forrada de carne assada, molho e pão amanteigado recém-saído do forno. E, se ele tivesse sorte, uma generosa fatia de pudim de Yorkshire. Tudo regado a um canecão de ale.

A exuberante filha do Bispo de Londres, infelizmente, não se juntaria a ele.

— Que pena.

Capítulo Onze



Maggie secou a boca com o guardanapo e recostou-se na cadeira. Esse deve ser o melhor assado que ela teve a chance de experimentar em todo o ano. E o molho de cebola era divino.

A única cozinheira que ela conhecia, cujos esforços poderiam conjurar uma refeição tão deliciosa, trabalhava nas cozinhas do Castelo Strathmore. E como ela só conseguia visitar a casa ancestral da Família Radley no Natal, esta ceia excelente era um bônus inesperado.

Também era uma dádiva de Deus após a desconfortável viagem em uma diligência postal desde Londres. Cinquenta e cinco quilômetros não pareciam tanto em números, mas quando um corpo era esmagado entre dois ferreiros grandes e muito musculosos, cada quilômetro pareceu durar uma eternidade. Ela ficou mais do que feliz ao saber que os dois senhores não seguiriam para Coventry.

Com a refeição quente já na barriga, Maggie sentou-se e ponderou acerca do dia. Após deixar a Residência Denford ao término da audiência frustrante com o Capitão Denford, ela de fato foi para o meio da rua para chamar um coche de aluguel. Um sorriso retorcia seus lábios agora, enquanto ela se lembrava de como ficou orgulhosa de si quando o veículo desacelerou e parou diante dela.

Felizmente, Maggie encontrou um cocheiro que conhecia bem as ruas da cidade, e ela chegou com sobra para embarcar na diligência para Coventry. E, embora ela tivesse ficado um pouco decepcionada quando o Capitão Denford não apareceu, ela comprou uma passagem e subiu a bordo. O veículo saiu da estalagem sem ele.

De repente, encontrando-se sozinha para a viagem, Maggie decidiu seguir e ficar na diligência postal enquanto o veículo trovejava durante a noite em direção à cidade mais no meio do país, contudo, quando pararam no pátio do *Cock Inn*, ela sentiu ter chegado ao limite de sua resistência. Ela desceu, sem saber o que faria a seguir.

Quando seus pés tocaram o chão duro, Maggie oscilou um pouco. Uma das outras passageiras, uma senhora mais velha, segurou-a pelo braço e a ajudou a recuperar o equilíbrio.

— Parece exausta. Talvez deva ficar na pousada esta noite. O estalajadeiro administra um estabelecimento limpo e respeitável. E servem um delicioso assado aqui com um belo molho de

acompanhamento. Amanhã chega outra diligência que poderá levá-la pelo resto do caminho.

Maggie assentiu. A ideia era bem atraente.

— Obrigada, talvez eu fique aqui esta noite. Uma boa noite de sono me fará bem. — ela respondeu.

Ter madrugado cobrava seu preço. Tudo o que ela queria era uma cama quente e confortável. Ao amanhecer, ela subiria a bordo da próxima diligência que passasse pela cidade, e avançaria mais ao norte a cada dia.

Ela olhou para o prato da janta, sem saber se teria espaço no estômago para terminar a refeição. A outra passageira estava com razão, a comida era excelente.

Maggie estava aquecida e confortável, sentada em um canto mais distante do centro da sala de jantar principal da pousada. O lugar estava permeado por risos e conversas, moradores e viajantes se misturando e compartilhando histórias. Na mesa, ao lado da refeição semiacabada estava o livro que ela planejava ler enquanto estivesse fora de Londres. Seus dedos passearam devagar pelas páginas. Talvez mais tarde ela tentasse retomar a leitura. No entanto, o sono a saudava, e ela duvidava que conseguiria ler mais que um ou dois parágrafos.

— Que diabos está fazendo aqui?

Maggie se retirou de seus devaneios em torno de lençóis macios e cobertores quentes. Ela ergueu a cabeça, e seu olhar fixou-se em um Capitão Denford alto e de aparência muito infeliz. Ele olhou do prato quase vazio para o rosto dela.

— É melhor que não seja a última porção do rosbife. — ele desabafou.

Um piscar de olhos lento e uma lambida vagarosa de lábios foi a resposta dela.

Com um bufo de cansaço, ele caiu no assento à frente do dela. Ele parecia tão exausto quanto ela se sentia.

Como ele chegou até aqui? Ele perdeu a carruagem. Não poderia ter percorrido todo esse caminho a cavalo, poderia?

Maggie empurrou o prato de estanho oval na direção dele.

— Creio que era a última porção do molho de carne e cebola, mas fique à vontade para cear. Nós, companheiros de viagem, devemos ser generosos uns com os outros.

Ele fez cara feia, mas pegou a faca e a espetou na fatia de rosbife intocada. Maggie apontou para a pequena mancha do que restou do molho.

— O molho estava, particularmente, delicioso. Se estava esperando um pedaço de pudim de Yorkshire, está sem sorte. Eu não esperava companhia, então comi tudo. Estou feliz por ter escolhido ficar aqui

esta noite. Uma das passageiras da diligência recomendou muito a comida. Disse que valia a pena adiar minha chegada a Coventry apenas para provar o menu. E ela estava certa.

Ela considerou o fulminar silencioso daqueles olhos castanhos profundos um tanto satisfatório.

Maggie se inclinou e sorriu para ele.

— Então, Capitão Denford, o que o traz ao Cock Inn esta noite?

Ele estreitou os olhos. Maggie não oscilou. Se Piers Denford pensou poder intimidá-la com um bufo e uma encarada, estava enganado. Ela era uma Radley, e um Radley nunca recua de um confronto.



Ele torceria o pescoço dela, mas não antes de terminar o restante do prato dela. Piers e Maggie ficaram em silêncio pelos dez minutos seguintes. Enquanto ele se esbaldava, a Senhorita Margaret Radley sentava-se com o nariz em um livro. Toda vez que ele tentava obter a atenção dela, ela fazia um grande floreio para virar a página e o ignorava.

Mulher teimosa. Ainda bem que ela me deixou comida.

Ela baixou o livro e, por um instante, ele pensou que elaalaria com ele, mas ela apenas ergueu a mão e acenou para a garçonete vir à mesa deles. Quando a moça chegou, Maggie abriu um sorriso alegre.

— Rose, poderia me fazer um favor e, trazer uma dose de sua melhor bebida? Anote na minha comanda. Ah, e certifique-se de levar uma para o velho pastor sentado na cabine ao lado da porta da frente. Ele parece estar sem moedas. Obrigada.

— Claro, Senhorita Radley. — Rose respondeu.

Piers esperou até que a garçonete se afastasse, ajeitou a faca e disse:

— Você se considera muito esperta, não é? Eu me pergunto o que seu pai diria se a visse agora.

Ela deu um meio encolher de ombros.

— Considerando que foi você que perdeu a saída da carruagem e me deixou sozinha, papai decerto diria que eu estou tirando o melhor de uma situação ruim. Tomei uma iniciativa e encontrei a solução para o meu problema.

Piers balançou a cabeça.

— E que problema seria esse?

Um par de olhos azuis cintilantes o encarou.

— Oras, o problema de estar diante de um homem que acredita que as mulheres são incapazes de cuidar de si. Alguém que acreditou que a noção de um pouco de desconforto me dissuadiria da tarefa à frente. O senhor, Capitão Denford, nunca empreendeu uma marcha

noturna na Montanha Strathmore. Não é nada como um passeio no Hyde Park, posso garantir. Cedo ou tarde, descobrirá que eu não sou uma mulher fraca.

Ele se atrapalhou para encontrar as palavras certas para responder. Ela era uma mulher que sabia conduzir uma argumentação racional.

Odeio mulheres lógicas.

Na verdade, Piers preferia quando as senhoras tentavam usar suas artimanhas femininas nele. Ele conseguia lidar com lágrimas de crocodilo, vendo-as pelo que eram: manipulação emocional. No entanto, a Senhorita Margaret Radley era dotada de muito respeito próprio para fazer esse jogo. Ela era fria e equilibrada. O que lhe dava poder.

Se ele não ficasse atento, ela teria uma vantagem.

— Eu nunca a chamei de fraca, Senhorita Radley. O meu comentário resultou mais de uma preocupação genuína com sua segurança. Pode ter chegado a Luton, mas já pensou no que fará ao chegar em Coventry?

A garçonne de colo amplo apareceu em seu ombro e colocou o canecão de cerveja à frente dele. Após o dia que teve, Piers precisaria de mais que uma caneca.

— Obrigada, Rose. — ele disse.

Ele mexeu no bolso do casaco, procurando uma moeda, mas a garota apenas balançou a cabeça e se afastou. Ele olhou para a cerveja e, em seguida, para Maggie.

— Sabe que não é educado para uma mulher de sua posição social pagar a bebida para um homem?

Ela assentiu.

— Considere apenas como mais uma primeira vez em um dia com muitas. Tenho certeza de que não será a última vez que o surpreenderei nessa viagem, Capitão Denford. E, em resposta à sua pergunta, tenho uma bela noção do que preciso fazer quando chegar a Coventry. Outro passageiro da diligência postal foi gentil em me dar o endereço de um hotel adequado. Também tenho dinheiro suficiente para ficar o tempo que for necessário para chegar ao fundo dessa história. Na verdade, há uma boa chance de o senhor ser supérfluo para as minhas necessidades.

Não permitirei nada disso.

— Não se atreva. — ele rosnou.

Ele não poderia, em sua consciência, deixá-la à própria sorte. Além do próprio código moral, ele sabia que o Bispo de Londres e o Duque de Strathmore se revezariam com o chicote se ele a deixasse sozinha.

Ele estava preso com ela. Os dois sabiam disso. Entretanto, por algum motivo inexplicável, Piers não conseguia ter mais energia para ficar irritado com isso. A ideia de viajar com essa mulher trazia um

certo apelo, isso ele não podia negar. A Senhorita Margaret Radley era linda. Ela era geniosa, determinada e uma lufada de ar fresco. Piers também não fazia a menor ideia do que faria com ela.

Tudo o que sabia com certeza era que a próxima semana e pouco seria interessante.

Capítulo Doze



Maggie não conseguia ler bem a expressão no rosto dele. O humor do Capitão Denford parecia estar em constante mudança. Ele chegara há pouco tempo, cheio de bufos e fúria. Sentou-se e logo terminou a ceia dela. Agora, ele tentava tratá-la como se ela fosse uma criança rebelde.

Ela cruzou as mãos com leveza à frente do corpo, acomodando-se para o que esperava ser uma longa batalha de vontades. Se o capitão tivesse algum senso de autopreservação, ele deporiar as armas e admitiria derrota.

Ele balançou a cabeça.

— Posso não ter escalado a Montanha Strathmore, mas já lidei com pessoas teimosas e cabeças-duras ao longo dos anos. Não pode apenas ir de encontro ao desconhecido e esperar que eu a deixe fazer tudo sozinha.

Sob a mesa, Maggie encolheu os dedos dos pés, desesperada para não revelar a diversão que sentia com essas palavras.

Não faz ideia de como isso soa ridículo. Ou o quanto é divertido.

Conviver a vida toda com um irmão mais velho e numerosos primos homens significava que ela estava acostumada e preparada para lidar com o temperamento de um jovem com senso de superioridade como o capitão. Para Maggie, provocá-lo estava sendo o auge da diversão em tempos. Ela não sentia pressa alguma de deixá-lo em paz.

— Bem, então, Capitão Denford, deve estar bem ciente de que seu ser obstinado também não o levará muito longe. Talvez devesse reconsiderar a abordagem.

Pronto. Próximo round.

Piers sentou-se em silêncio, olhando para Maggie enquanto a garçonete vinha à mesa para recolher o prato vazio. Quando a moça se foi, ele recostou-se ao assento.

Maggie admirou, em segredo, a capacidade dele de sustentar o olhar dela.

— Sei que se considera muito inteligente, mas acredito estar na hora de estabelecer algumas regras. Querendo ou não, você, Senhorita Radley, me ouvirá.

Maggie pegou a caneca de cerveja e, após erguê-la para saudá-lo,

tomou um belo gole.

— Prossiga, Capitão Denford. Conte-me todos os seus maravilhosos planos.



— Em primeiro lugar, viajaremos juntos a partir de agora, em minha carruagem particular, a que usei para vir até aqui de Londres. Em segundo lugar, não ficaremos em hospedarias ou estalagens quando chegarmos a Coventry. Meu irmão, Jonathan, e a esposa dele, Elizabeth, moram na cidade, não muito longe do centro da cidade. Ficaremos com eles.

Piers lançou um olhar na direção de Maggie que ele esperava ser interpretado como significando “você não tem escolha neste assunto”. Para ele, ela renunciara aos direitos de reivindicação de privilégio no instante em que pisou na Diligência Postal, deixando Londres por conta própria.

— Mas... — ela começou.

— Sem mas. Se está preparada para viajar com um grupo de estranhos e dormir em uma estalagem no meio da estrada, com a intenção de viajar cem quilômetros longe de casa e desacompanhada, abdicou de todos os direitos à reclamação.

Ela pegou a cerveja dele mais uma vez e tomou outro longo gole. Estava no meio do caminho para devolver a caneca à mesa, quando parou o movimento e a ergueu aos lábios mais uma vez.

Piers levantou-se depressa da cadeira e puxou a caneca, colocando-a de volta na mesa.

— Creio que já bebeu o bastante, Senhorita Radley.

Ela se levantou e, por um instante, Piers temeu que ela tivesse se ofendido com o comentário. Para seu crédito, ela estendeu a mão, oferecendo-a a ele.

— Já que seremos parceiros nessa empreitada, posso sugerir que dispensemos as formalidades? Eu preferiria se me chamasse de Maggie em vez de Senhorita Radley.

Após um pouco de hesitação, ele aceitou a mão estendida, dando-lhe um aperto suave, mas tranquilizador.

— Tudo bem, parceiros então. E meu nome é Piers. Fique à vontade para nunca mais me chamar de Capitão Denford.

Ele odiava ficar preso ao exército. Ser referido como “Capitão” era uma lembrança constante e desconfortável do tempo gasto em serviço. Longe de Londres, e com esta mulher extraordinária como companheira de viagem, Piers sentia um quê de esperança. A vida poderia ser boa, mesmo que por pouco tempo.

Maggie assentiu.

— Piers será. Fico feliz por estarmos juntos nisso. Esse acordo exige mais uma rodada de bebida. E não se preocupe com a minha capacidade de tolerar álcool. Se eu posso lidar com o uísque escocês do meu tio Ewan, posso lidar com ale inglês.

Capítulo Treze



O *Cock Inn* contava com apenas um punhado de quartos, que Maggie ficou aliviada ao descobrir serem acessados por uma entrada separada e segura, longe da taverna pública abaixo. Uma hora e várias canecas depois, ela e Piers subiram as escadas que levavam aos quartos.

— Para uma moça de berço, lida bem com bebidas alcoólicas. — ele comentou.

Ela ergueu uma das mãos à boca, cobrindo um arroto.

— Eu avisei, isso não foi nada se comparado ao uísque que bebemos na Escócia. Se alguém cruza o olhar com meu tio Ewan, ele obriga a pessoa a tomar duas ou três doses. Confesso não ter muitas memórias do último Hogmanay, além de minha mãe me ajudando a subir na cama.

Ele deu uma risada.

— Parece minha casa quando meu irmão começa a apreciar a sidra. No entanto, ele não precisa que mais ninguém beba com ele. E, embora eu não tenha sido forçado a uma caminhada pela Montanha Strathmore, sou obrigado a carregar um telescópio mesmo em noites geladas quando meu irmão já baqueado pela sidra decide que todos devem seguir para um local de observação de estrelas. Northamptonshire pode não ser a Escócia, mas pode ser bastante fria, especialmente em uma noite clara.

Maggie parou à porta do quarto dela. A ale e a companhia eram revigorantes e bastante adoráveis. A noite foi ainda melhor com a chegada surpresa do belo capitão do exército. E não era apenas cerveja que o deixava bastante arrojado.

Não me lembro da última vez que tive uma noite tão agradável com outra pessoa.

A percepção de que ele a fizera sorrir fez Maggie sorrir mais uma vez.

— Piers, tenho uma pequena confissão a fazer. Quando o vi pela primeira vez esta noite, sei que não ficou feliz em me ver, mas fiquei mais do que aliviada em vê-lo. Não estou acostumada a ficar sozinha. E, embora eu saiba que poderia ter chegado em segurança a Coventry mesmo por conta própria, estou feliz por estarmos juntos nisso.

Ele fez uma reverência curta, mas descontraída.

— Foi um pequeno choque quando a vi sentada no canto com um

prato de ceia à sua frente. Você parecer bastante confortável decerto ajudou a azedar um pouco meu gênio. Errei ao falar com você como falei mais cedo. Percebo que não é uma donzela em perigo e me sinto satisfeito por estarmos viajando na companhia um do outro também.

Quando os olhares dos dois se encontraram, ela poderia jurar que o próprio coração pulou uma batida.

— Boa noite, Maggie.

— Boa noite, Piers.

Já no quarto, Maggie fechou e trancou a porta. Ela apoiou uma cadeira com encosto reto sob a maçaneta. Era um bom truque ensinado pela mãe, aprendido por ela à época em que Mary morava sozinha na Universidade de Cambridge após a morte do pai. Maggie Radley pode estar em sua primeira viagem e hospedagem pública, mas não era ingênua.

Ela se virou e olhou para a cama de visual apresentável. Era pequena, mas ao testá-la, provou ser bastante confortável. Com as costas cansadas e rígidas após as longas horas na diligência, ela estava ansiosa por uma boa noite de sono.

Após se despir, ela vestiu uma camisola de algodão simples. Da mala de viagem do pai, Maggie tirou seu diário e um pequeno lápis. Ela fazia anotações no pequeno caderno desde o dia em que a carta chegou, notificando-a da morte de Robert. Também continha todos os trechos de informações que ela conseguiu reunir desde que decidiu encomendar a estátua no início do ano.

Subindo na cama, ela puxou as cobertas e se aconchegou no calor. Folheando as páginas, com os olhos captando uma palavra solta aqui e ali, uma súbita percepção a atingiu. Em verdade, ela não sabia muito acerca do homem com quem se comprometeu a se casar.

Piers foi inflexível quanto a não conseguir encontrar Robert nos registros do exército. E as próprias indagações também não tiveram resultado.

Da contracapa do caderno, ela puxou duas folhas de papel bem dobradas. A primeira era a carta de alguém da unidade de Robert, informando-a de que ele caiu em batalha. Até hoje, ela nunca questionara o conteúdo da mensagem. O luto a envolveu em um abraço sombrio na manhã em que a missiva chegara ao Palácio Fulham e, por mais de um ano, ela não conseguia pensar nisso sem desmoronar. O ano seguinte foi uma mísera fração melhor. Na verdade, os últimos oito meses é que trouxeram um pouco mais de controle às emoções de Maggie. Só então, ela conseguiu fazer qualquer tipo de plano.

28 de junho de 1815

Senhorita Margaret Radley,

Minha cara Senhorita Radley,

Com grande pesar, preciso informá-la de que o Capitão Robert Eustace Taylor caiu heroicamente na batalha de Waterloo, no dia dezoito de junho do ano de mil oitocentos e quinze de nosso Senhor Jesus Cristo.

*Às suas ordens,
Comandante-em-Chefe
Primeira Guarda de Infantaria.*

Ela nunca havia questionado o conteúdo da carta. Para ela, Robert estava morto, e era tudo o que importava. Entretanto, os acontecimentos das últimas semanas semearam dúvidas. Algo não estava certo.

Deixando a carta de lado, ela desdobrou a segunda folha de papel, brigando com as lágrimas ao ver o esboço semiacabado de Robert. Ela avançara bem de memória e, à época, pediu a Robert que se sentasse com ela para que ela pudesse completar a peça. Ele prometeu fazê-lo, mas com o súbito chamado ao dever, não houve tempo.

Agora, ela nunca teria a oportunidade de finalizá-lo. Maggie encarou o esboço.

Encontrarei a verdade. Eu prometo.

Ela ajeitou as folhas e o diário, e os soltou no chão ao lado da cama. Pela manhã, ela mostraria os dois a Piers para saber a opinião dele.

E se tudo foi uma mentira? Perdi anos da minha vida.

Soprando a vela na mesa de cabeceira, Maggie deitou-se no escuro. Havia o barulho da taberna no andar de baixo, moradores da região terminando uma última caneca de bebida, compartilhando gargalhadas estridentes, sem dúvidas, provocadas por alguma brincadeira maldosa.

Seus próprios pensamentos flutuaram enquanto chegava à beira do sono. Havia conforto em saber que Piers dormia no quarto ao lado. Pela primeira vez, no que parecia ser desde sempre, ela não se sentiu sozinha.

Capítulo Quatorze



Eles saíram tarde na manhã seguinte, seu destino, Towcester, a cerca de quarenta e cinco quilômetros de distância. A intenção de Piers era pernoitar no *Saracen's Head*, uma estalagem bem conhecida, que ele utilizava com frequência em suas viagens indo e voltando de Londres.

Ele não estava com pressa alguma de chegar a Coventry. Quanto mais cedo chegasse à cidade, mais depressa precisaria regressar à Londres. Ao modo de ver dele, quanto mais devagar viajassem, melhor. Ele estava mais do que feliz por estar fora da capital, longe do Major Hall.

Se nada, ele teria tempo para pensar. Para ponderar a própria situação. E considerar o que o futuro poderia reservar para ele e para o nome da Família Denford.

Maggie não reclamou do progresso lento, o que ele considerou um tanto estranho. Se estivesse na posição dela, ele estaria ansioso para completar a viagem. Em vez disso, ela se sentou em silêncio na carruagem Denford, lendo um livro e erguia a cabeça, aqui e ali, para olhar pela janela e ver a paisagem.

Piers tentou, em vão, manter o próprio nariz em um livro, mas teve dificuldades para se concentrar. Mais de uma vez, ele se pegou olhando para ela. As lindas madeixas zibelinas, que ele ficou satisfeito em ver que Maggie arrumara em um simples rabo de cavalo, finalizado com uma fita lilás. Fios de cabelo beijavam cada lado de suas bochechas. Sem uma criada pessoal à disposição, estava claro que ela penteava os cabelos todos os dias e se contentava com a simplicidade. Ele gostou de ver que ela sabia “se virar”. O penteado emoldurava o rosto dela com perfeição.

A única coisa que ele não apreciava era as escolhas de vestimenta. Aqueles tons escuros de cinza e o roxo pálido não faziam nada pela tez dela.

Eu adoraria vê-la usando cores brilhantes. Ficaria deslumbrante em vermelho.

Tudo menos o traje que o lembrava a todo o instante de que ela quase uma vez pertencera a outra pessoa. *Quase.*

— Piers?

Ele piscou para voltar ao agora, e os olhares dos dois se encontraram. Ela o pegara olhando para ela.

Inferno.

Uma onda de calor correu até as bochechas.

— Ah. Sim?

— Há algo que queira dizer? Estava olhando para mim, e seus lábios se moviam, mas nada saía da sua boca.

Ele quase negou, contudo, um pensamento repentino o atingiu. Aqui estava uma oportunidade perfeita de envolver Maggie em uma conversa. Saber mais a respeito dela. Só um tolo deixaria essa chance ser desperdiçada.

— Eu ia perguntar de Robert. Como se conheceram?

Ela se mexeu no lugar, e ele se xingou em pensamento por ter levantado o assunto. Agora passariam o resto da viagem para Towcester em um silêncio constrangedor.

Entretanto, Maggie apenas assentiu. A falta de emoção naqueles olhos dilacerou Piers. A alegria havia sido arrancada da vida daquela jovem.

— Ele estava no teatro. Bem, na verdade, estava parado na rua, do lado de fora do teatro. Nossos olhos se encontraram, e ele foi corajoso em se aproximar e se apresentou. Meus pais estavam conversando com alguns amigos, por isso não perceberam. Como sabe, não é o comportamento esperado de um cavalheiro apresentar-se assim a uma dama, mas ele parecia tão elegante de uniforme que deixei o descuido passar.

Ela baixou a cabeça e começou a revirar a grande mala de viagem e, em seguida, puxou um pequeno caderno.

— Isso me lembra algo. Gostaria que lesse a carta que recebi quando Robert morreu. Como é do exército e deve ter experiência nesses assuntos, talvez nos ajude se a ler.

Maggie abriu o caderno e entregou uma folha de papel dobrada para Piers. Ele a abriu e leu a missiva rapidamente.

Uma sensação horrível afundou o estômago dele. Não se tratava de uma carta oficial do comandante do regimento. O papel não ser timbrado era um sinal revelador. Assim como o fato de ter sido assinada pelo Comandante-em-Chefe da Primeira Infantaria. O regimento recebeu um novo título, sob decreto real, assim que a batalha terminou. A carta deveria ter sido do Comandante-em-Chefe da Guarda de Granadeiros.

Até onde ele poderia supor, quem escreveu essa nota fazia alguma ideia das informações que costumavam ser inseridas em tal correspondência, mas omitiram muitos dos detalhes óbvios, como o número do registro militar de Robert Taylor e o regimento correto. Detalhes importantes que um oficial do exército encarregado de escrever uma carta tão significativa se esforçaria para incluir.

Maggie soltou um soluço ansioso.

— Não é real, é? Essa carta não veio do Exército Britânico. Eu fui uma tola, ridícula.

Piers dobrou a carta e a devolveu. Ele não conseguia imaginar por que alguém escreveria tal carta, a menos que não conseguisse colocar as mãos na verdadeira.

— Pois é, acredito que não veio do gabinete de guerra, mas isso não implica que o conteúdo seja falso. Pode ter sido enviado por um amigo dele procurando lhe fazer uma gentileza. A família de Robert teria recebido a carta oficial como parentes mais próximos. Você era apenas a noiva.

Idiota, por que fraseou desse jeito?

— Quer dizer, você e ele não eram...

— Entendo o que quer dizer, Piers. Nunca fui a esposa dele, portanto, não devo esperar o mesmo reconhecimento e cuidado que uma receberia, mas ainda sinto que, de alguma forma, em algum lugar, tudo está errado. É uma suspeita que vem crescendo há algum tempo.

Ele não esperava ouvir tal declaração dela. A própria teoria dele era que Robert Taylor, ou qualquer que fosse o nome verdadeiro desse homem, havia enganado Maggie, fazendo-a se apaixonar por ele. Havia uma forte dúvida nele de que o homem sequer foi um capitão. Todavia, essa pobre moça sofreu por ele, pausou a vida e felicidade enquanto fazia o que acreditava ser honrar a memória dele.

Se o vagabundo mentiu para ela, não merece nem um minuto do tempo dela, muito menos a promessa de continuar com ele para sempre.

Piers chegou um pouco para frente no assento, oferecendo a mão. Maggie a pegou, abrindo um leve sorriso quando ele colocou a outra mão acima da dela.

— Vamos supor, por ora, que o que sabe de Robert é a verdade. No entanto, devemos manter a mente aberta. No mínimo, caso descobramos que Robert era uma fraude, um número de questões será resolvido. Seja como for, o poder voltará para as suas mãos. A escolha de seguir com sua vida não pode ser tirada de você. Veremos o que conseguimos encontrar, só então deve decidir. Não estou tentando dizer o que deve fazer, apenas peço que não tire conclusões precipitadas. Já vi outros seguirem esse caminho, e o preço pago foi muito alto.

Maggie assentiu.

— É estranho pensar que sair do luto pode, de um jeito ou de outro, ser mais doloroso do que estar nele. Passei tanto tempo em uma névoa de miséria. Contudo, a visão está ficando mais clara a cada dia, e estou descobrindo que quanto mais de perto analiso o que sei da vida de Robert, menos tudo faz sentido.

Piers captou o inconfundível quê de tristeza na voz de Maggie. A percepção o dilacerou. Se ele pudesse, ao menos, envolver os braços em torno dela e oferecer conforto a Maggie. Abraçá-la e assegurá-la de que as coisas se resolveriam.

Pode até fazer isso, mas como você mesmo não acredita em finais felizes, seria o cúmulo da hipocrisia prometer a Maggie que ela terá um.

— Obrigada, Piers. Não nos conhecemos há muito tempo, mas valorizo seus conselhos. Fala com tanta clareza. Não preciso de alguém tentando me aplacar com palavras bonitas.

Ele soltou a mão dela e voltou a recostar-se no assento. Ela já confiava nele, e isso era um erro. Vergonha pesava em seus ombros, as intenções dele não eram honrosas quando se tratava de Maggie Radley. Quanto mais tempo ele passava na companhia dela, mais convencido disso ele ficava.

Maggie era brilhante. Sedutora. Piers nunca imaginou ser possível estar tão envolvido por uma mulher, mas não havia dúvida de que isso estava acontecendo. A cada minuto que passavam juntos, ela ia, aos poucos, roubando o coração dele.

Lembrar-se de Robert Taylor fazia ciúmes brotar nele. Ele não queria nada mais do que revelar que o homem era uma fraude, um mentiroso. Somente quando Maggie parasse de pensar nele como uma espécie de herói de guerra é que ela decidiria estar na hora de reencontrar o amor.

E quando ela o fizesse, Piers a estaria esperando.

Capítulo Quinze



A estada deles no *Saracen's Head* foi breve e sem intercorrências. A comida estava boa, a companhia na taverna principal animada e envolvente. No entanto, Maggie sentia-se cansada e retirou-se para o quarto mais cedo. Piers conseguia imaginar que a mente dela girava em preocupação constante em torno do que se poderia descobrir em Coventry. Ou o que não se descobriria. Não havia garantias na vida.

Ele não ficou até tarde na taverna. Em vez disso, ele fez uma rápida visita social a alguns primos que moravam nas proximidades, e voltou para a pousada, indo direto para a cama. Passar o dia todo sentado em uma carruagem era uma atividade surpreendente de cansativa. O cansaço era agravado pela preocupação constante com Maggie, com o que ela poderia estar pensando, e com como ela reagiria ao que eles poderiam descobrir na cidade natal de Robert.

Eles avançaram para um estágio um pouco mais além de serem estranhos, mas ele se via pensando nela muito mais do que deveria. Ele ficava se lembrando de que aquilo não era um passeio ao campo, havia um trabalho a fazer e, quando terminado, ele precisaria voltar para Londres.

Entretanto, mesmo quando se sentaram um em frente ao outro na carruagem, na manhã seguinte, Piers não conseguia parar de dar olhares breves para ela. Repreendeu-se em silêncio. Ele estava agindo como um tolo apaixonado.

Por que estou agindo desse jeito tolo em torno dela? Não faz sentido.

Um suspiro lento e longo saiu dele, seguido de mais um esforço concentrado para ler o livro e, mesmo assim, ele não conseguiu impedir a própria mente de vaguear. Com um bufo exasperado, ele jogou o livro no banco.

Maggie levantou a cabeça, e seus olhares se encontraram.

— Volume chato?

— Algo assim. — ele mentiu.

Ela pegou o próprio livro, fechou-o e o colocou no colo.

— Talvez devêssemos conversar. Temos um longo dia pela frente. Haverá tempo para mais leituras mais tarde.

Piers assentiu.

Havia muitas cartas que ele poderia escrever, mas as estradas nesta parte do condado não eram muito bem conservadas. Qualquer

tentativa de colocar uma caneta em papel estaria fadada ao fracasso. A caligrafia dele era ruim o suficiente sem que ele tentasse fazer parecer que um pombo bêbado atravessara a página. A carruagem quicava bastante na maior parte do tempo e houve várias ocasiões em que ele e Maggie precisaram se agarrar aos apoios de braço para manterem-se no lugar.

— Do que gostaria de falar? — ele disse.

Por favor, que não seja sobre Robert.



— Há quanto tempo está no Exército?

Maggie rezou para que fosse uma pergunta simples e inócua o suficiente para se começar essa conversa. Ela queria perguntar outras coisas a Piers, mas seus instintos lhe diziam para ter cuidado. Ele sabia mais dela do que ela dele, e ela suspeitava que isso era proposital.

— Eu entrei no exército em 1814, mas para ser honesto, ninguém esperava que eu visse uma luta real. Tornar-me oficial era algo que eu me sentia na obrigação de fazer. Se eu soubesse o que me custaria, não teria ido. No entanto, há alguns homens na sociedade britânica a quem nunca se recusa um pedido ou ordem.

Piers ficou em silêncio após essa última observação. Ele foi pressionado a se juntar ao exército e se arrependeu.

Tanta informação em uma pergunta inocente. Um lento abanar de cabeça bastou para que Maggie soubesse que deveria mudar de assunto. Buscar refúgio nas águas mais calmas de um papo banal.

— Passa muito tempo na cidade? Quer dizer, em funções sociais. Pergunto porque nossos caminhos nunca se cruzaram, é um pouco estranho. — ela desabafou.

Isso é tão constrangedor.

— Como é estranho? Quer dizer, você não circula há algum tempo. Como não se surpreender por não termos nos encontrado antes?

Maggie mordeu o lábio inferior de nervoso. Tentar conduzir uma conversa com Piers era mais difícil do que deveria ser, e aqueles olhos castanho-escuros dele não facilitavam nada.

Contudo, ela se recompôs. Os Radley não eram conhecidos por recuar.

— Tenho vinte e seis anos, então, cheguei a “circular” por um tempo, antes de...

Ela deixou o restante da frase pairar no ar, não querendo fazer menção a Robert nesta conversa. Até pouco tempo, ele era o único assunto a que ela tratava. Agora acontecia uma mudança, uma que ela não conseguia reunir energia para lutar.

— Conheço seu primo, Alex, o Marquês de Brooke. Também

conheço seu irmão, James. Fomos todos para Eton na mesma época. Embora James seja alguns anos mais novo do que eu, a diferença de idade não o impediu de me presentear com um nariz ensanguentado.

Maggie soltou um suspiro de surpresa. Piers conhecia James? E eles brigaram. Essa era uma revelação inesperada.

Ela sentiu o interesse despertar, animada. Maggie inclinou-se. Ela estava ansiosa para ouvir o que mais Piers poderia dizer do irmão.

— Não me deixe em suspense, conte-me tudo. James sempre afirmou ser um santo na escola. Deve saber de algo que eu posso usar contra ele. — ela respondeu com alegria.

Um Piers gargalhando balançou o dedo para ela.

— Ah, não. Estou com uma sensação horrível de que eu não deveria ter dito nada. Espero não ter acabado de violar algum código antigo da escola e ser atingido por um raio a qualquer momento.

— Seu provocador! Como pode me tentar com fofocas tão escandalosas, mas se recusar a elaborar mais? Exijo que revele cada detalhe sórdido que souber do meu irmão. James implicou bastante comigo e com Claire ao longo dos anos, quando se tratava de nossas travessuras. A vingança já foi demasiado adiada.

— E como pagará por essa informação, Senhorita Radley? Fofoca é uma moeda da Sociedade, portanto, é justo que uma troca seja feita.

O brilho de travessura no olhar dela provocou um calor que o percorreu na espinha. Maggie parou de rir, arrancando o olhar do dele. Quando o flerte com Piers se tornou parte da conexão? Isso era perigoso.

Ao jogar esses jogos, eles ultrapassavam bastante os limites do decoro social. Iam muito além do que se pode fazer na companhia de um homem comprometido.

Se você fosse meu, eu nunca permitiria que viajasse para Coventry com outra mulher.

Se Piers fosse dela, no minuto em que ele propusesse, Maggie teria feito planos para que se casassem com toda a pressa. Agarraria o homem o mais rápido que pudesse, e nunca o soltaria.

No entanto, ele não é casado.

Se a mãe estivesse correta em sua visão da situação, Piers estava noivo há mais de um ano, algo quase inédito para os parâmetros da alta sociedade londrina. Maggie não conhecia nenhum casal que tivesse esperado tanto tempo para se casar.

Ela adoraria perguntar da noiva. Saber mais da mulher que ele ainda transformaria em esposa.

Conversa fiada. Assuntos cotidianos. Algo seguro para recolocar a conversa no eixo.

— É engraçado quando se considera quem conhece quem em nosso círculo social, mesmo que você e eu tenhamos acabado de nos

conhecer. Conhece James da escola. E minha mãe conhece Lady Denford da corte da rainha. Todavia, minha mãe trata quase todos em Sociedade pelo primeiro nome. Duvido que haja muitas pessoas que ela não conheça.

— Imagino que seja uma consequência de ser esposa do Bispo de Londres. As reuniões sociais devem ser um evento cotidiano para ela. E como com minha mãe, essas coisas estão arraigadas desde o nascimento. — ele respondeu.

Maggie balançou a cabeça.

— Na verdade, minha mãe não veio da alta sociedade. O pai dela era professor da Universidade de Cambridge. Foi assim que meus pais se conheceram. Papai foi aluno de teologia dele, mas meus pais só se apaixonaram de verdade depois que meu pai se formou.

A história de como Hugh Radley salvou Mary Gray de uma existência quase sem dinheiro, após a morte do Professor Gray, era uma dessas que ela ouvia diversas vezes. O romance que enfim floresceu no Castelo Strathmore era um que ela sonhava em viver algo parecido. Ela queria compartilhar algo para sempre com alguém especial.

Será que o amor pode acontecer duas vezes em uma vida? Ou será que já tive minha única chance e foi tirada de mim?

Piers arqueou uma sobrancelha.

— Imagino que teria sido difícil para seus pais se eles tivessem se apaixonado enquanto Lorde Hugh ainda estava na universidade. As universidades têm regras firmes em relação a alunos casados.

Ela não queria perguntar, mas ele havia acabado de dar a brecha perfeita. Maggie mordeu a isca.

— E você, Piers? Soube que tem uma noiva. Já marcaram uma data para o casamento?

Ela estava jogando verde, e se a expressão estranha que passou de depressa pelo rosto dele era alguma indicação, Piers estava bem ciente do que ela estava fazendo.

Ele limpou a garganta.

— É complicado. E como a dama em questão requer um certo grau de discrição, não posso discuti-la. Sinto muito, Maggie. Não queria ser evasivo em minha resposta. Só preciso me certificar que os sentimentos dos outros e suas situações sejam protegidos.

As palavras foram educadas, mas claras. Ela deveria se preocupar com a própria vida em vez de se meter em assuntos dele. Se alguém conseguia entender como tudo poderia ser difícil para alguém que já deveria ser casado, mas não era, era ela.

— Sou eu quem devo pedir desculpas, Piers. Não tenho o direito de fazer perguntas tão pessoais. Não foi minha intenção ofendê-lo. — ela respondeu.

— Não o fez. Eu gostaria de poder contar mais, contudo, Lady Dinah e eu fizemos um pacto no verão passado. Nenhum de nós discutiremos o status de nosso noivado com ninguém.

Ele media as palavras, mas havia uma clara corrente de alívio no tom usado. Maggie supôs que o noivado terminara, e embora Piers ainda esperasse que Lady Dinah tornasse o fato público, ele não se sentia desapontado. O comportamento era compreensível, um cavalheiro nunca seria grosseiro a ponto de falar do fim de um noivado, ainda mais antes que a dama envolvida anunciasse o término para aqueles em seu círculo privado.

Ela buscou outro tema mais seguro para discussão.

— Seu irmão, Jonathan. Ele é seu único irmão?

Piers sorriu, e o ar ficou mais leve.

— Não. Ele é meu irmão mais novo. Há três meninas na família também. Eu fui o bebê número quatro e, para total alívio dos meus pais, um menino. Minhas irmãs mais velhas são todas casadas, assim como Jonathan.

Disposta a se distanciar do tema casamentos, Maggie focou no destino deles.

— Ficaremos onde em Coventry? Não conheço a cidade, não é um lugar que já visitamos. Minha família tende a se movimentar em torno de Londres, só vamos para a Escócia no Natal.

Ela percorreu a Grande Norte tantas vezes, que Maggie estava certa de que poderia chegar ao Castelo Strathmore sem um mapa.

— Jonathan e Elizabeth moram na Rua St. Mary, bem no centro de Coventry, não muito longe das igrejas de São Miguel e da Santíssima Trindade. É conveniente para nossos propósitos, pois conseguiremos visitá-las, e outras igrejas próximas, para procurar os registros de batismo de Robert. Também precisarei notificar o quartel, já que estarei na cidade a trabalho. Vou poder perguntar lá e ver se alguém se lembra de Robert.

Uma sensação estranha atingiu Maggie. Ela não queria ouvir Piers mencionar o nome do ex-noivo. Tratando-se de Robert, algo mudara em seu coração.

O silêncio era ensurdecedor.

Capítulo Dezesseis



— Não consigo acreditar que chegou, sem aviso, à minha porta com a filha do Bispo de Londres a tiracolo. Meu querido irmão, tem explicações a dar. — Jonathan disse, fechando a porta do escritório. A esposa dele, Elizabeth, estava ocupada levando Maggie ao andar de cima, onde ficava o quarto que ela ocuparia.

Piers esfregou a têmpora, cansado. Por onde começaria?

— Desculpe-me. Eu deveria ter escrito, mas tudo aconteceu muito rápido. Recebi a ordem de vir para o norte há apenas alguns dias.

Muito grato, ele aceitou o generoso copo de conhaque que o irmão lhe entregou, depois sentou-se em uma velha cadeira de couro. Jonathan sentou-se em frente a Piers, do outro lado da mesa.

O padraсто de Elizabeth era um dos principais acionistas da Companhia Canal de Coventry, e Jonathan trabalhava para a empresa como gerente, lidando com a comunicação deles com as várias empresas de mineração que transportavam carvão pelo canal para as terras médias inglesas e além.

Jonathan Denford era bom com os números e ajudou a recuperar a fortuna da empresa após os custos de construção do canal ameaçarem levá-la à falência.

Silêncio pairava na sala, só quebrado quando Piers riu baixinho.

— Você não vai me dar folga, não é?

O irmão balançou a cabeça.

— Não. Considere como punição por não nos visitar há onze meses. Não o vemos desde o Natal e, de repente, você bate à porta da frente pedindo hospedagem. Só posso agradecer por Elizabeth ser uma mulher pragmática. Agora fale.

Piers bebericou o conhaque. Era um alívio enfim estar em Coventry e ver um rosto familiar. Jonathan até poderia dar uns puxões de orelha, mas não era nada comparado ao que Piers suportava quase todos os dias em Londres.

Por onde começar?

— O noivo de Maggie Radley morreu em Waterloo. Embora isso seja trágico o suficiente por si só, ela descobriu há pouco que ele pode não ter sido tudo o que dizia ser. — ele respondeu.

Os olhos de Jonathan se arregalaram.

— Quer dizer que ele era uma fraude?

— Estou começando a suspeitar dessa possibilidade. Não consigo encontrar nenhum registro dele nos arquivos do exército em Londres. Ele não está nos livros. Viemos para Coventry porque é aqui que ele dizia ter nascido. Só quero que Maggie consiga algumas respostas. E quem sabe, possa fechar esse capítulo da vida dela.

Era um alívio enfim dar voz a esse pensamento horrível. Falar mal dos mortos não lhe caía bem, mas pelo que descobrira, ou melhor, não descobrira acerca de Robert Taylor, Piers acreditava que o capitão mentiu para Maggie.

Jonathan baixou o copo na mesa e cruzou as mãos.

— Falando em respostas, alguma novidade acerca de sua própria situação? Soube que o Exército Britânico não prosseguiu com nenhuma acusação formal contra você. Todavia, isso não significa que não o farão em algum momento. Precisa daquela carta de apoio do Príncipe de Orange. Ele pode muito bem ser o herdeiro do trono dos Países Baixos e, como tal, membro muito importante de uma família real estrangeira, porém, mesmo ele não pode deixá-lo no limbo desse jeito. Você ajudou a salvar a vida dele.

Piers suspirou. Ele esperava tais perguntas, mas torceu para o irmão deixá-lo ao menos terminar a bebida.

— Sim, sei que o príncipe me deu a honra de me apoiar, mas não tive notícias dele. Escrevi à família real holandesa várias vezes ao longo do último ano. Sem respostas.

— Ocupado demais reformando aquele luxuoso palácio de brinquedo que o pai deu à ele por sua estupidez heroica em Waterloo. — Jonathan alfinetou.

O Rei Guilherme I dos Países Baixos presenteou o filho com o Palácio Soestdijk em reconhecimento aos esforços do rapaz durante a batalha em Waterloo. Havia rumores de que o príncipe estava gastando uma fortuna na expansão e atualização da construção principal, adicionando mais duas alas à já impressionante estrutura.

Piers não queria entrar em uma discussão acerca do papel que o Príncipe de Orange desempenhara tanto na escaramuça em *Quatre Bras* quanto na sangrenta batalha de Waterloo. Muitas pessoas na Grã-Bretanha o rotularam de idiota precipitado e o consideravam muito jovem para estar no comando por ter apenas vinte e dois anos. Entretanto, o jovem príncipe que Piers conheceu durante a campanha era tudo menos cabeça quente. Era um jovem corajoso e destemido. Idiota não.

Nada disso ajudava a pessoa Piers. O Príncipe de Orange estava de volta à Europa, e Piers estava obrigado a servir sob o comando de um homem que adoraria levá-lo diante de uma corte militar para ser destruído. Jonathan pode estar frustrado, mas não fazia ideia de como Piers sentia-se ao precisar suportar as provocações de um inimigo

todos os dias.

— Estou preocupado com você, querido irmão. O que fará se decidirem apresentar acusações contra você? — Jonathan perguntou.

Sou tomado de pavor só de pensar.

— Eles não fizeram nada até agora. Às vezes, me pergunto se têm alguma evidência. Será a minha palavra contra a do Major Hall. Ele é um desgraçado astuto e, talvez, seja por isso que ele está mais do que contente em me ver trabalhando em uma montanha de papelada.

Ele não queria nem mencionar os demais maus-tratos que sofria quase que diariamente. A família dele não deveria ter que arcar com o fardo de seus problemas.

— E o Príncipe Regente? Já tentou se aproximar dele? — Jonathan sugeriu.

— Sim, mas sem muito sucesso. Não consegui uma audiência. E agora, com a morte da princesa Charlotte, é improvável que ele responda quaisquer correspondências ou receba alguém em um futuro próximo. Pobre Prinny. Ninguém merece enterrar um filho.

— Não, é terrível. Ele deve se sentir tão desesperado.

Piers tomou outro longo gole de conhaque. Ele entendia muito bem como era sentir essa falta de esperança. Parte da razão para ele querer vir para Coventry e ajudar Maggie era o senso de propósito que tal tarefa trazia. Talvez, ele não consiga dar rumo à própria vida, mas se pudesse ajudá-la, seria algo.

Onde há vida, há esperança.

— Para quem mais poderia escrever? Deve haver alguém. Você é filho de um visconde, não de um soldado das favelas de St. Giles. Eu me recuso a deixá-lo desistir de obter justiça. — Jonathan pressionou.

O irmão dele falava com razão. Era bom ouvir alguém falar em sua defesa. No entanto, nada dessa bagunça era tão simples quanto os outros pareciam pensar. Havia camadas delicadas. Se uma delas fosse desestruturada, poderia destruir não apenas as chances de Piers de deixar o exército, mas o nome da família também sofreria no processo. Esse purgatório interminável matava-o lentamente.

— Entendo sua frustração. Escrevi várias cartas nos últimos tempos, buscando apoio de outros setores, mas optaram por não me responder ou a resposta foi um cauteloso “não”. — Piers respondeu.

A Família Denford não era desprovida de amigos ou influência. No entanto, Piers estava com a nítida impressão de que, entre a Sociedade, as pessoas não só não queriam se envolver, mas faziam o máximo para garantir que seus nomes não fossem ligados, de jeito nenhum, à situação atual dele. O mero cheiro de um escândalo fazia com que as pessoas fugissem.

— E, claro, você não deixará papai se envolver. — Jonathan disse.

Piers não respondeu. Se comesçassem a falar deste tópico em

particular, ele e Maggie corriam grande risco de serem enxotados para o hotel mais próximo. Era melhor segurar a língua. Essa luta era dele, não do pai ou de Jonathan.

O irmão levantou-se e deu a volta na mesa. Piers levantou-se também. Jonathan pegou o copo da mão dele e o colocou na mesa. Em seguida, os dois se abraçaram, um abraço tranquilizador e fraterno. Quando enfim se separaram, ambos enxugavam as lágrimas.

— Senti saudades. — Piers disse.

Jonathan assentiu.

— Sinto o mesmo, Piers. Não faz ideia. Eu só queria que toda essa história de exército acabasse.

Piers deu um suspiro resignado.

— Parte disso é culpa minha. Fui tolo em presumir que receberia justiça rápida quanto às acusações daquele relatório da batalha. Fui ingênuo. Continuei escrevendo para o Príncipe de Orange e, quando ele não respondeu, deixei o Exército Britânico me enterrar sob uma montanha de papelada. Sei que preciso tentar resolver este assunto de outro jeito. É parte da razão para eu querer vir para o norte. Preciso de tempo para colocar a cabeça em ordem. Montar uma nova estratégia. Quando eu voltar para a cidade, pedirei para ver tanto o Secretário de Guerra quanto o Duque de Wellington.

Jonathan levantou as mãos.

— Já era hora. Levou apenas dois anos para desistir dessa resistência teimosa e buscar a ajuda real de uma autoridade superior.

Isso não era exatamente verdade. Piers tentara vários caminhos, nenhum mostrou-se bem-sucedido. Para sua consternação, ele descobriu que o Major Hall também contava com amigos em postos altos. Amigos que compartilhavam das suspeitas acerca de qualquer um que tenha servido com o Príncipe de Orange.

— Sabe que não gosto de pedir ajuda. Não é da minha natureza.

— Sim, mas está mais do que disposto a se colocar em perigo, ou pelo menos em um inconveniente significativo, para ir ao auxílio dos outros. Tenho certeza de que essa viagem a Coventry não teria acontecido se você não estivesse tentando resgatar uma donzela em perigo. — Jonathan respondeu.

Ele deixou a observação passar. Jonathan detinha todo o direito de desabafar sua frustração.

— Por falar em donzelas, alguma notícia de Lady Dinah? — Jonathan perguntou.

Era uma mudança sutil, mas não menos dolorosa, de assunto. Jonathan sempre preferiu lidar com os problemas de maneira direta. O sucesso nos negócios refletia essa disposição pragmática.

Piers balançou a cabeça devagar, o olhar caindo no chão.

— Não, concordamos em deixar as coisas como estão por

enquanto. Embora eu imagine que ela queira oficializar a situação após o Natal. Não posso culpá-la.

Jonathan limpou a garganta, e Piers vacilou. Ele não gostava da expressão no rosto do irmão. Falava de profunda preocupação. E más notícias.

— Elizabeth encontrou o irmão de Lady Dinah, Lorde Gibney, semana passada no centro da cidade. Ele veio para as vendas de lã. Ao que parece, e não diga que soube por mim, ela está bem afeiçoada ao filho de um magistrado local. O camarada em questão tem um bom histórico, e a família possui uma propriedade magnífica não muito longe de Londres.

Piers não recebeu nenhuma informação direta da ex-noiva, mas conseguia entender por que o irmão fizera menção a Elizabeth. Era um empurrão sutil, mas certo, para que ele fizesse algo acerca da própria situação e, assim, liberasse Lady Dinah do noivado com dignidade.

Essa, ao menos, era uma bagunça que Piers poderia consertar. Enquanto estivesse aqui em Coventry, ele escreveria uma carta para Lady Dinah, pedindo um mês de graça e, ao final deste, ela poderia terminar tudo. Ao fazê-lo, ele limitaria o tempo de suas próprias ações e libertaria a filha do sempre paciente conde do compromisso deles.

Ela tem sido mais do que generosa com essa espera.

— Juro que até o Natal resolverei esse assunto. Estou cansado de ter a espada de Dâmocles pendendo acima da minha cabeça. O exército não pode provar que sou culpado de nada porque... bem, não fiz nada de errado. Se eu tivesse ficado onde o Major Hall queria, o Príncipe de Orange estaria morto. Quanto ao resto dos rumores vis, bem, não têm substância.

Ele cumpriu seu trabalho da melhor forma possível. Levou o príncipe ferido para um local seguro e ajudou a salvar a vida do jovem. No entanto, tudo o que recebeu em troca foi um relatório contundente de batalha caluniando-o e a contínua recusa do exército em deixá-lo renunciar ao cargo.

Piers olhou para o copo vazio, pegou-o e o estendeu para o irmão.

— Mais um copo me faria bem e, dessa vez, não segure a mão.

Capítulo Dezessete



Ele poderia muito bem estar em Coventry e a cento e sessenta quilômetros de distância do Major Hall, mas o exército ainda estava com as garras cravadas na pele de Piers. A primeira coisa na longa lista de afazeres da manhã seguinte à chegada dele e de Maggie à cidade foi se apresentar ao quartel na Rua Smithford e avisar o comandante de sua presença.

Antes de se juntar ao exército, Piers desfrutou de uma vida de liberdade com poucas amarras. Precisar prestar contas ao exército o tempo todo quando tudo o que ele queria fazer era renunciar à comissão era humilhante. Entretanto, ele não daria nenhuma desculpa para ser ainda mais punido. Ele não conseguia pensar em nada pior do que passar os dias preenchendo papéis e respondendo cartas, mas estava certo de que, dada meia chance, o Major Hall inventaria algo.

O quartel em si estava praticamente vazio, apenas alguns guardas marchavam para cima e para baixo da praça. Ele se fez conhecido no portão e logo foi escoltado até o prédio administrativo principal, onde um oficial perplexo, o Capitão Ward, o cumprimentou.

— Capitão Denford. É um prazer conhecê-lo. Eu não sabia que tropas estavam sendo deslocadas de Londres. Seus subordinados estão com o senhor? — ele perguntou.

Piers balançou a cabeça.

— Nenhum soldado, só eu. Estou sob ordens diretas do Major Hall da Guarda Montada. Ele me enviou para resolver um assunto pendente.

O capitão arqueou uma única sobrancelha em resposta às palavras enigmáticas de Piers, mas era inteligente e não disse nada. Pelas rajadas brancas e grisalhas dos cabelos, e os profundos pés de galinha no canto dos olhos, ele parecia ser um homem que viu mais do que a cota justa durante seu serviço ao exército. Homens como ele entendiam muito bem a premissa de saber apenas o mínimo.

— Entendo. Há algo com que eu possa ajudá-lo, Capitão Denford?

A conversa de Piers com Jonathan voltou à mente dele. Ele disse ao irmão que começaria a pedir mais ajuda. Que pararia de ser tão teimoso e metido à autossuficiente, para retomar o controle da própria vida. Isso incluía buscar ajuda em todos os níveis da sociedade. Não apenas a dos ricos e poderosos.

— Qualquer ajuda que puder me dar será recebida com gratidão. Estou à procura de um oficial que teria nascido em Coventry. Ele morreu em Waterloo. Parece haver um problema com seus registros, e o Major Hall está muito interessado em resolver a questão. Eu esperava poder conferir os registros militares de entrada aqui. O oficial em questão alegou ter ficado estacionado em Coventry por algum tempo, antes de embarcar para a derradeira batalha contra as forças de Napoleão. Todavia, meu entendimento é que regimento algum saiu de Coventry à época. Sabe informar se na verdade houve algum?

As suspeitas dele em relação a Robert Taylor eram bem fundamentadas, ele só precisava que fossem confirmadas.

— Além dos guardas e alguns oficiais administrativos, não há um corpo permanente de soldados aqui. Não desde a época em que o Décimo Sétimo e o Décimo Quarto Regimento de Dragões da Luz ficaram estacionados no quartel, a cerca de oito anos. O Quartel da Rua Smithford é, para todos os efeitos, um ponto de checagem e descanso para regimentos deslocando-se do norte para o sul e vice-versa. Esse oficial que o senhor procura não esteve estacionado aqui. Contudo, se acredita que ele é de Coventry, pode ter uma sorte melhor com os registros paroquiais das igrejas locais. — o Capitão Ward respondeu.

Piers ficou desapontado, mas nada surpreso. Não esperava ter sorte com o quartel, mas devia a tentativa à Maggie, para garantir que cobriria todas as pistas possíveis. Que chegaria à verdade de Robert Taylor.

Às igrejas então. Espero que mantenham os registros em ordem.

— Saberia quais das principais igrejas mantêm os registros de batizados da cidade de Coventry? Se pretendo encontrar o capitão esquivo neles, seria melhor começar pelas maiores.

— Ah, sim, eu sei. Embora a Igreja de São Miguel seja a maior delas, a da Santíssima Trindade é a que mantém a maior parte dos registros. Sugiro que comece por lá. Fica na Rua Nova, no alto do morro. Conhece a rua?

Piers assentiu.

— Sim, meu irmão mais novo, Jonathan, mora na Rua Saint Mary. Ele é um membro sênior da Companhia que administra o Canal de Coventry.

Um sorriso conhecedor apareceu nos lábios do capitão.

— Eu estava me perguntando se era Piers Denford, não apenas um Capitão Denford. Venho de Thrapston; minha mãe trabalhava nas cozinhas de Denford Park.

— Ora, que mundo pequeno. Lembro-me da Senhora Ward. Ela costumava fazer os melhores *scones* do mundo. Ela colocava uma fatia

de queijo dentro, assim que saíam do forno. Queimei minha língua mais de uma vez em uma tentativa gananciosa de enfiar um *scone* quente na boca. Diga-me, sua mãe ainda está viva?

O Capitão Ward fez uma negativa breve com a cabeça.

— Não, perdemos mamãe há alguns anos. Eu estava em serviço nos territórios canadenses na época. Fico feliz em saber que gostava dos dotes culinários dela. Sinto falta daqueles *scones*.

— Falarei da sua mãe à minha da próxima vez que eu visitar Denford Park. Como eu gostaria de ter um *scone* quente agora. — disse Piers.

Após uma breve troca de saudações, Piers dirigiu-se à porta da frente. Em questão de minutos, ele fazia a ligeira subida que levava até a Igreja da Santíssima Trindade. A missão? Encontrar os registros de batismo de Robert Eustace Taylor.

Já no interior da imponente estrutura medieval que remonta ao século XIII, ele encontrou um diácono que o levou até a empoeirada câmara de registros. Havia prateleiras cheias de pergaminhos e papéis. No meio do cômodo, uma grande mesa de carvalho, coberta por inúmeras pilhas de papéis e livros. Pensar que todos continham registros paroquiais de nascimentos, casamentos e mortes fez com que Piers desejasse ter parado para tomar uma xícara de chá à caminho da colina.

Colocando a mão no bolso do casaco, Piers tirou a última carta que Maggie escreveu para ele. Na lateral, ela anotou o nome completo de Robert e a cidade de Coventry como sendo seu local de nascimento, mas nada mais.

Ele entregou-a ao diácono, que torceu o nariz diante da escassez de informações.

— Faz alguma ideia da idade desse Robert Taylor quando faleceu? — ele perguntou.

Piers franziu a testa enquanto tentava se lembrar da data que Maggie escreveu em suas anotações. Ele não fazia muito esforço para se lembrar desse tipo de detalhe. Não queria pensar muito no Capitão Taylor.

Será que ele nasceu em 1790? Creio ter sido algo assim que Maggie escreveu em suas anotações.

Ele não podia afirmar, porém, mais uma vez, Maggie também não sabia o ano de nascimento de Robert. Um palpite teria que bastar.

— Eu suponho que ele teria vinte e poucos anos, trinta no máximo. Ele era um capitão, e a maioria dos homens não chega a esse posto com menos idade.

Ele apenas chutava ser o caso, mas precisavam começar em algum lugar.

O diácono assentiu.

— Isso reduz o número de livros que precisaremos verificar para um número gerenciável. Começamos pelo anuário de mil setecentos e noventa. Calculando que o homem que procura estava com vinte e cinco ao morrer. Se não encontrarmos nada nesse volume, recuaremos um ano, e assim por diante

— Boa ideia. Creio que a noiva dele acredita que o Capitão Taylor nasceu nessa época, mas ela também não tem certeza.

Em uma cidade do tamanho de Coventry, era crível que haveria um bom número de nascimentos todos os anos.

Essa busca pode levar algum tempo.

Piers estava ansioso para encontrar respostas para as muitas perguntas de Maggie. Se levar o dia todo, que assim seja. Poder levar ao menos algumas informações faria o esforço valer a pena.

Fazia tanto tempo que ele não detinha qualquer controle tangível da própria vida que Piers estava animado de verdade com a perspectiva de folhear livros antigos e empoeirados. De ser bem-sucedido na verificação de uma pista.

O diácono pegou um grande livro de couro azul de uma prateleira próxima e, afastando uma pilha de papéis, colocou-o na mesa do meio da sala.

Lembra a minha mesa na Guarda Montada.

Para a surpresa de Piers, o livro não era tão grosso quanto ele imaginou. As esperanças despertavam a perspectiva de que a busca não fosse uma tarefa tão hercúlea.

Se eu conseguir cobrir o livro todo com rapidez, talvez eu consiga comer algo a caminho de casa.

— Agora, vejamos. Batismos do ano de mil setecentos e noventa depois de Cristo. — o diácono disse. Ele folheou várias páginas. — Aqui estamos.

Passou o dedo pelo comprimento da página, depois balançou a cabeça.

— Não. Nenhum Robert Taylor nesse ano. Em verdade, ele pode até ter nascido nesse ano, pois nem todos os pais trazem os filhos para serem batizados logo nas primeiras semanas. Não como se fazia antigamente. Não é incomum vermos crianças de seis meses ou mais sendo trazidas para a fonte.

— Isso significa que ele pode estar nos registros do ano seguinte? — Piers indagou.

O diácono suspirou.

— Ou não. Há um lento afastamento da Igreja Anglicana. O senhor ficaria surpreso com a quantidade de pessoas que não aparecem para a missa de domingo de manhã. As pessoas usam esse tempo para descansar do trabalho.

Piers não queria considerar essa opção incômoda. Se Robert foi um

oficial do exército, havia uma grande chance de ele ter nascido de uma família respeitável. Uma que ia à igreja toda semana e batizava suas crianças logo que vinham ao mundo.

O diácono puxou um segundo livro das prateleiras.

— Este é o registro de mil setecentos e noventa e um. Talvez esteja aqui. — ele folheou as páginas, inclinou-se e examinou uma delas. — Parece promissor. — o diácono disse e bateu o dedo em um ponto dois terços a caminho do fim da página.

Piers se retirou de suas reflexões e olhou para onde o diácono apontava.

Robert Eustace Taylor. Filho de Thomas e Alice.

Rua Little Park, 84 – Coventry

A respiração dele perdeu a passada. Robert existia de verdade.

Maldição.

Em segredo, ele esperava que Robert fosse um nome falso, adotado por um mentiroso e que permaneceria um mistério não resolvido para sempre. Vergonha por essas emoções conflitantes brotou em Piers.

Estou com ciúmes de um homem que nunca conheci. Alguém que morreu em batalha. Que tipo de pessoa esse sentimento me torna?

— A Rua Little Park fica aqui perto. Nunca se sabe, talvez os Taylor ainda vivam nesse endereço. As pessoas não costumam se mudar, a menos que seja necessário. E se Robert Taylor era jovem quando morreu, então, há uma boa chance de que alguém dessa rua conheça a família dele. — o diácono afirmou.

Um Piers relutante assentiu.

— Deve ter razão. Fazer uma visita à casa onde ele nasceu pode valer a pena. Obrigado.

Para descobrir mais sobre ele e se o resto do que disse a Maggie era mentira. Entretanto, se ele foi mesmo um oficial, por que o Exército não tem nenhum registro dele?

Com a missão cumprida, Piers deixou a igreja e voltou para a Rua Saint Mary. Ele estava muito tentado a fazer um desvio até a Little Park, mas resistiu. Por mais que quisesse avançar e descobrir mais, ele sentia-se forçado a reconhecer que essa busca era de Maggie. Deveria ser ela a tomar a decisão em relação a entrar em contato ou não com a família de Robert. Tudo o que ele podia fazer era aceitar e respeitar a escolha dela.

Contudo, havia algo que ele não permitiria que ela fizesse, e seria visitar a família Taylor sozinha. Piers seria firme nesse sentido. Alguém precisaria estar lá com Maggie quando ela enfim confrontasse a verdade do passado do noivo.

Sim, ele existia, mas Robert Taylor ainda devia muitas explicações. Mesmo que fosse do além-túmulo.

Capítulo Dezoito



Maggie olhou para seus vestidos dispostos na cama. Eles foram a base de seu guarda-roupa nos últimos dois anos e meio e, até hoje, ela os usava com um sentimento de orgulho e dignidade. O olhar dela captou o preto, o cinza sem brilho e o lilás desbotado. Era uma paleta de miséria, os sinais visuais da dor.

Ela se viu dominada por uma necessidade avassaladora de deixar todas essas roupas de lado e nunca mais usá-las. Não representavam mais quem ela era e nem seu estado de espírito. Mais cedo, ela tirou o anel de noivado da mão e o colocou na mala de viagem. Era hora de prosseguir.

Sinto um senso de mudança em mim. E é para o melhor.

Coventry era uma cidade grande. Havia lojas onde ela poderia comprar vestidos novos. Um ou dois bastariam pela duração dessa viagem. Maggie conseguia imaginar o sorriso no rosto da mãe quando ela atravessasse a porta do Palácio Fulham usando um vestido com cor.

— Vocês me serviram bem, mas já é hora de nos separarmos. — ela sussurrou para os vestidos.

Com a decisão tomada, ela colocou o vestido lilás pela última vez, e foi em busca de Elizabeth.



A manhã passada vagando pelas lojas de tecidos e vestuário de Coventry rendeu um guarda-roupa completamente novo para Maggie. No fundo do provador da modista favorita de Elizabeth, ela descobriu um vestido pronto para uso de um tom de verde-maçã pálido com listras rosas. Para sua alegria, o vestido serviu bem. Após experimentá-lo, ela decidiu comprá-lo. Um exame mais aprofundado das demais opções daquela sala de trabalho resultou na descoberta de mais dois vestidos, um rosa-pálido e um azul-profundo, que se juntaram à crescente coleção. Entretanto, a grande descoberta do dia foi um vestido vermelho escarlate, com cintura marcada, que se encaixou com tanta perfeição em Maggie que só poderia ter sido o destino que uniu os dois.

Assim que voltaram para casa, Maggie deu todos os seus outros

vestidos para a criada pessoal que Elizabeth designara para ela. A moça ficou mais do que encantada em levar as peças. Qualquer coisa feita por uma modista famosa de Londres renderia um belo centavo no próspero mercado de roupas de segunda mão.

Decidindo manter o vestido vermelho para uma ocasião especial, Maggie trocou-se, optando pelo vestido azul. A transformação foi imediata, de seu eu desbotado para algo que lembrava um pouco a Maggie Radley de antigamente. Havia até um sorriso em seus lábios enquanto ela considerava o reflexo no espelho de corpo inteiro.

Entrando no quarto de Maggie, Elizabeth assentiu.

— Combina muito mais com você do que aqueles outros vestidos. E combina muito bem com seus cabelos.

Ela segurou a mão de Maggie.

— Sei que nos conhecemos há apenas pouco mais de um dia, mas estou orgulhosa de você. É preciso força para sair do luto. Minha mãe ficou viúva jovem, e ainda me lembro do dia, quatro anos após a morte do meu pai, em que ela voltou para casa com um vestido novo de cor creme. Minha alegria não foi ver o vestido, mas a luz que voltara aos olhos dela.

— Creio que sei como ela pode ter se sentido. No momento em que coloquei esse vestido, um peso foi erguido dos meus ombros. Diga-me, sua mãe voltou a se casar?

O olhar de Maggie se deslocou do espelho, e ela encontrou os olhos cheios de lágrimas da anfitriã.

— Sim. Com um homem adorável que, após pedir mamãe em casamento, perguntou se eu consideraria chamá-lo de papai. Ele honrou a memória do meu pai com esse simples pedido. E ele faz minha mãe feliz todos os dias desde então.

Uma maré de emoção brotou em Maggie, um senso de esperança para o futuro. Que um dia ela também poderia encontrar um homem que a trouxesse felicidade. Que o amor voltaria a agraciar seu coração.

O som da porta da frente sendo fechada flutuou pelas escadas. Elizabeth correu para o patamar e gritou:

— Piers, estamos aqui em cima.

— Ah, muito bom. Maggie está com você?

— Sim, estou. — ela respondeu.

O barulho das botas dele ecoava pelas escadas, e ele logo apareceu. Ele deu um breve abraço em Elizabeth e virou-se para Maggie. Rubor correu pelas bochechas dela enquanto o olhar dele se fixava no vestido, um sorriso de aprovação se formou naqueles lábios.

— Você está linda, Maggie. É novo? — ele perguntou.

As orelhas e as bochechas dela queimavam. Piers a afetava de um jeito que ela não conseguia controlar. Foi doce da parte dele ter notado a mudança de traje. O brilho nos olhos dele falava de uma

apreciação mais profunda. Ela engoliu em seco fundo, tentando evitar que o rosto pegasse fogo.

Estou tão feliz que ele gostou do vestido. E ele me achou linda.

— Comprei hoje de manhã. Elizabeth fez a gentileza de me levar às compras, e eu pensei que me faria bem usar um pouco mais de cor.

Ela colocou a mão no rosto, rezando para a pele esfriar. Corar assim era um tanto constrangedor.

Mude de assunto. Pergunte como foi a manhã dele.

— Como foi a visita ao quartel? — ela perguntou.

Piers assentiu.

— Boa. Descobri algumas coisas. Em seguida, fiz uma visita à Igreja da Santíssima Trindade, onde mantêm os registros paroquiais e lá descobri informações interessantes.

Elizabeth passou a mão no braço de Maggie.

— Deixarei os dois conversarem. É melhor eu dar uma olhada nas crianças. Estão muito quietas, e isso nunca é um bom sinal.

Assim que ela saiu, Piers levou Maggie para a sala de visitas e fechou a porta.

— O capitão do quartel confirmou que nenhum regimento fica estacionado aqui há alguns anos, e ele não se lembra de um capitão Taylor. Entretanto, encontrei um Robert Eustace Taylor nos registros de nascimentos e batismos na Igreja da Santíssima Trindade. Embora suspeitemos que ele talvez não tenha sido um capitão do exército, com toda a certeza, existiu.

Maggie não soube dizer como se sentia com essa notícia. Ou se ela a considerava algum tipo de conforto. O homem que capturou seu coração mentiu para ela. Ela nunca o conheceu de verdade.

— Havia também um endereço onde a família dele morava quando ele nasceu. Número 84 da Rua Little Park. Não é muito longe daqui, então pensei que você e eu poderíamos dar uma volta. Para ver se conseguimos encontrar alguém que se lembre dele, ou até mesmo bater na porta da casa em questão e descobrir se a família dele ainda reside lá. Você disse que gostaria de conhecer os parentes de Robert. — Piers disse.

Ela considerou a oferta dele por alguns instantes. Se a Família Taylor ainda morasse no número oitenta e quatro, e ela batesse na porta deles, o que ela diria?

Perdoe-me pela intromissão na casa de vocês, mas fui noiva do seu falecido filho. E por falar nisso, sabiam que ele fingiu ser um oficial do Exército?

Maggie balançou a cabeça. Precisava haver um outro jeito de descobrir mais da família dele.

— Poderíamos andar pela rua, e você vai e bate na porta? Pode dizer que era um velho amigo do exército que, por acaso, está de

passagem por Coventry.

O humor leve da manhã logo começou a se dissipar, sendo substituído pelo medo. Medo do que poderia descobrir. Confrontar a verdade deixava seus nervos à flor da pele.

Era tolice permitir que as próprias emoções oscilassem tanto. Deixá-las se alimentar dessa insegurança.

Quando ela encontrou o olhar de Piers, ele assentiu.

— Tudo bem, façamos isso. Não há nada que diga que não podemos voltar uma segunda vez e visitar a casa se você mudar de ideia quando chegarmos lá. Atenderei as suas necessidades.

— Obrigada. Sei que parece bastante bobo, mas não tenho certeza de como eu reagiria se encontrasse um membro da Família Taylor. Talvez eu precise de um ou dois dias para reunir coragem, caso estejam mesmo naquele endereço. mas sim, não custa dar um passeio e ver a casa.

O olhar dele desviou para a porta.

— O que acha de irmos agora? Quer dizer, aproveitar o momento.

Maggie conseguia entender as razões de Piers para querer aproveitar a energia dos esforços da manhã. Quanto mais cedo soubessem, mais cedo ela poderia começar a lidar com a verdade. E ele poderia voltar para Londres.

— É uma ideia sensata. Buscarei o meu manto. — ela disse.

Enquanto ela se dirigia para o quarto, o coração batia com rapidez. A boca estava seca. Ela ensaiou esse dia por tanto tempo na cabeça, praticando o que poderia dizer à família de Robert, então era uma surpresa descobrir estar mais do que um pouco ansiosa.

Ela parou na entrada do quarto e segurou o batente de madeira em busca de apoio.

— Obrigada, Senhor, por me enviar Piers. Não sei se conseguiria fazer isso sozinha.



Poucos minutos mais tarde, eles deixaram a casa e desceram a ladeira. Virando à direita, entraram na Rua Earl e, em seguida, caminharam até a Little Park. Na esquina, Maggie diminuiu os passos. Ela colocou a mão no peito, rezando para o coração parar de bater tão forte.

Ah, não, por favor, hoje não.

Piers passou a mão na nuca dela. Embora os dedos dele estivessem quentes, o toque a fez se arrepiar.

Ela se virou para ficar de frente para ele.

— Há algo que devo contar. Por um tempo, sofri de estranhos ataques nervosos, onde minha respiração se torna trabalhosa, e eu me sinto tonta. O médico chamou de tormento da viúva, o que supongo se

encaixar com meu estado mental.

— Já ouvi falar de estados semelhantes com soldados que voltaram do campo de batalha. É claro que os militares não discutem tal condição com abertura. Consideram um homem afetado assim como um covarde. — ele disse, colocando a mão no braço dela. — Obrigado por me contar. Suspeito não ter sido fácil de fazer. Estou aqui para você, Maggie. Caso sinta, não importa quando, que toda essa situação é avassaladora, é só me avisar e vamos para casa.

Maggie não queria confessar seu segredo, mas Piers merecia saber, caso um desses ataques ocorresse de repente. Fazia mais de um ano desde o último episódio, provocado por estresse. No momento, ela não conseguia pensar em nada mais estressante do que a possibilidade de conhecer a família do noivo morto.

Por mais que eu não queira fazer isso, sei que devo. Preciso enfrentar o passado.

Se ela não desse esse passo, jamais ficaria pronta para seguir com a vida.

Após respirar fundo, Maggie endireitou os ombros. Abriu um sorriso tenso para Piers.

— Guie-nos.



Era a sorte dele. Não havia nada de pequeno na Rua Little Park. Pela numeração das casas, o 84 seria lá embaixo.

Pobre Maggie. Piers não conseguiria nem começar a imaginar o quão difícil cada passo deve ter sido para ela. Entretanto, para crédito dela, ela manteve a cabeça erguida e seguiu. Após ouvir a confissão acerca dos ataques de nervos, ele manteve um olho nela, pronto para acompanhá-la de volta à Rua Saint Mary, no segundo em que ela comesse a vacilar.

Quando chegaram ao número setenta, Piers avistou um senhor idoso parado no quintal da frente, debruçado na cerca distraído. Ele sentiu uma oportunidade.

— Boa tarde. — Piers disse.

O idoso deu uma olhada no uniforme militar de Piers e ergueu a mão à cabeça, batendo uma continência rígida.

— Senhor.

— O senhor parece ser um sujeito que conhece todos nessa rua. Eu apostaria um xelim que mora aqui há muitos anos.

E vê tudo o que acontece.

O comentário foi recebido com uma risada rouca e resmungada.

— Tente cinquenta e três anos. Esta era a casa da família da minha esposa. Eu me mudei para cá quando nos casamos. Estou aqui desde

então.

Morador de anos. Bem o tipo de homem de que eu preciso.

Piers meneou a cabeça na direção de Maggie.

— Estamos procurando a família de um velho amigo. Robert Taylor. Sabemos que moravam nessa rua, no número oitenta e quatro. Saberá dizer se a Família Taylor ainda vive nesse endereço?

O velho franziu o rosto já cheio de linhas e marcas.

— O restante da Família Taylor se mudou há alguns anos, mas Robert não. A casa dele fica ao virar da esquina. Entretanto, se não se importa de eu dizer isso, não parecem o tipo de pessoa que se misturaria com pessoas como Robert Taylor. Tem caráter, e ele está longe disso.

Pelo olhar no rosto dele, ficou claro que o velho não gostava muito de Robert. Os pelos na nuca de Piers se eriçaram.

O que mais esse vagabundo fez antes de partir para Londres e enganar Maggie para fazê-la se apaixonar por ele?

A preocupação se transformou em profunda suspeita. Será que Maggie entregou o coração a um canalha de mão cheia? Alguém cuja vida na cidade foi uma mentira completa?

Maggie abriu um sorriso apertado.

— Não. Era um tipo diferente de amizade. Eu esperava talvez encomendar uma estátua em homenagem a ele. Reconhecer o sacrifício dele pelo país.

— Por quê? Ele não fez nada de notável. O único sacrifício dele foi aquele jardim da frente decrépito. E a casa precisa de pintura. Eu daria uma medalha para ele se ele levantasse aquela bunda da cadeira e fizesse mais do que beber e jogar.

Ele fala de Robert no tempo presente, como se ainda estivesse vivo, mas por quê?

Fazendo o possível para se livrar desse crescente mal-estar, Piers deu uma olhada em Maggie. Embora os pés dela se mexessem um pouco, os olhos estavam firmes no velho, absorvendo tudo o que ele dizia. Ela era uma mulher inteligente, então havia uma boa chance de a mente dela ter somado dois e dois, e chegado ao resultado mais terrível.

— Diz que Robert Taylor se mudou para a esquina, para onde exatamente? — Piers perguntou.

O velho meneou a cabeça para o lado oposto da rua. O olhar de Piers o seguiu. Naquela parte da rua havia uma transversal estreita, com casas em um dos lados.

— Ele e a esposa se mudaram para a Travessa Cow. Número quinze, creio eu. Com a ninhada crescente, precisavam de mais espaço.

Não... Ele... não!

Nem mesmo Piers pôde prever essa descoberta.

Capítulo Dezenove



A mente de Maggie era um turbilhão de confusão. O velho deve estar errado. Ele só pode ter de confundido com o nome Taylor. Era um sobrenome bastante comum. Talvez houvesse dezenas de homens chamados Robert.

Ele estava enganado. Não poderia ser diferente.

A outra opção era demasiado horrível para ser considerada.

Segurando a manga de Piers, ela a puxou com força, desesperada para chamar a atenção dele. Quando ele se virou, seus olhares se encontraram. Em silêncio, ela implorou que fossem embora. Ela sentia os nervos saindo do controle.

Não quero ter um ataque no meio da rua.

Ele olhou para a mão enluvada dela, segurando-o com força pelo casaco e assentiu de leve.

Mensagem recebida e compreendida.

— Obrigado pelas informações valiosas, gentil senhor. Veremos se há alguém em casa no número quinze. Tenha um bom dia. — Piers disse.

— Não foi nada. E se Robert estiver em casa, avise-o que ele precisa colocar a mão na massa e arrancar algumas ervas daninhas. O jardim dele é uma tremenda vergonha.

Atravessando a rua, Maggie segurou o braço de Piers com firmeza, ela estava com muito medo de soltá-lo.

Por favor. Por favor, que o velho esteja enganado.

Piers parou e virou-se para enfrentá-la.

— Está bem Maggie? Se quiser ir para casa, podemos ir. Compreenderei se for sua decisão.

Maggie ficou tentada, mas veio a Coventry em busca de respostas. Por mais doloroso que fosse, ela estava determinada a descobrir a verdade.

— Preciso fazer isso, Piers. Eu preciso saber.



Graças a Deus, a Travessa Cow era bem curta, havia apenas um punhado de casas ao longo do lado direito da rua. Eles passaram pelos primeiros números, antes de Piers parar de repente, em frente a uma

casa em ruínas. Ele foi célere em passar uma das mãos em torno da cintura dela, segurando Maggie que tropeçou, antes de parar.

— Está tudo bem. Estou aqui. Vou protegê-la. — ele disse.

Ela sentiu que ele se referia a mais do que apenas ataques de ansiedade. Seja lá o que descobrissem na Residência Taylor, ele a apoiaria.

Era estranho, mas no pouco tempo em que ela e Piers passaram na companhia um do outro, uma conexão mental surgiu entre eles com certa facilidade. Ambos pareciam capazes de perceber o que o outro estava pensando sem a necessidade de palavras. Ela nunca compartilhou um vínculo tão estreito com outra pessoa, nem mesmo com Robert.

— Eu poderia voltar sozinho, se quiser. — ele ofereceu.

Seria muito fácil dizer sim, poupar-se do que poderia encontrar, mas Maggie aprendeu o bastante acerca de si nos últimos anos para saber que o medo precisava ser enfrentado. Era a única maneira de conquistá-lo.

Ela se afastou do apoio de Piers. Endireitando os ombros, ela respirou fundo, determinada a não deixar o medo vencê-la.

— Vim até aqui para obter respostas. Não darei um passo atrás tão perto da conclusão. — ela respondeu e amaldiçoou o tremor na voz.

Eles entraram pelo portão, passando pelos nós emaranhados de ervas daninhas que tomaram grande parte do jardim. A fachada da casa estava como o velho descreveu: mal conservada e precisando muito de uma camada de tinta. Um ou dois pregos também pareciam necessários.

Piers bateu na porta com educação.

Não houve resposta.

Ele tentou outra vez, ainda sem resposta.

— Devem ter saído. Poderíamos deixar um recado, mas acredito ser melhor voltarmos em outra oportunidade.

A Travessa Cow não ficava tão longe da casa de Jonathan e Elizabeth. Seria fácil fazer uma segunda visita aos Taylor.

Além disso, se deixassem um bilhete, o que escreveriam?

Perdoem-nos pela intrusão, mas viemos à procura de uma pessoa cuja vida que conhecemos parece ter sido uma mentira. Voltaremos quando for conveniente.

Por dentro, Maggie sentiu-se aliviada que os Taylor não estavam em casa. Voltar para a Rua Saint Mary significava ter tempo para conjurar o restante de coragem que lhe restava. Compor uma resposta caso... não, ela nem consideraria isso uma possibilidade.

Porque se fosse, a vida dela, na maior parte dos últimos três anos teria sido uma farsa trágica.

— Piers, vamos embora. Está claro que ninguém está em casa,

então não devemos perder mais tempo. Eu adoraria uma xícara de chá e um pouco de solidão pacífica. — ela disse.

Eles voltaram pelo mesmo caminho pelo qual vieram. No cruzamento, viraram à esquerda mais uma vez para a Little Park. Logo estariam de volta à casa de Jonathan e Elizabeth.

Graças a Deus.

Uma sensação de alívio foi aos poucos se alastrando pelos pensamentos dela.

— Poderíamos esperar até amanhã para voltar. Talvez vir mais cedo. — Piers sugeriu.

Maggie assentiu, distraída. O olhar dela havia desviado para o outro lado da rua, fixando-se em um jovem casal que subia a ladeira.

Os dois andavam lado a lado. Uma criança pequena nos braços do homem, enquanto duas crianças mais velhas seguiram atrás deles. A mulher, grávida de novo, se inclinou e falou com o companheiro. O homem riu. Havia uma familiaridade reconfortante na troca. Falava de um relacionamento longo e amoroso.

À medida que se aproximavam, Maggie estreitou os olhos. Agora, todo o foco dela estava no homem. Características familiares. O sorriso vencedor e encantador. Ela pôde ouvir o riso dele sendo trazido pelo vento leve.

De supetão, Maggie parou na rua, incapaz de dar outro passo.

— O que foi? Qual é o problema? Maggie? — Piers perguntou, estendendo o braço.

— Aquele é Robert.

Ela sentiu as pernas cedendo debaixo dela.

Capítulo Vinte



Quando voltou a si, Maggie se viu olhando nos olhos castanho-escuros de Piers. Eram duas poças de profunda preocupação.

— Graças a Deus. Por um instante, pensei que havia morrido na hora.

Ela tentou sentar-se, mas a cabeça dela girou, cancelando tais planos, e ela voltou a recostar-se na calçada.

— Calma. Apenas descanse por mais um minuto. Deixe-se despertar totalmente.

Piscando, ela tentou se lembrar do que passou pela mente dela, instantes antes de tudo ficar preto.

— O que aconteceu?

— Você desmaiou, Maggie, mas consegui pegá-la quando caiu.

Eu desmaiei.

Ela nunca desmaiou na vida. Os ataques de ansiedade sempre a deixaram tonta e nauseada, mas nunca a ponto de perder a consciência.

— Não entendo. — ela murmurou.

Foi então que tudo o que viu veio à tona.

O casal. O bando de crianças felizes. Ele.

Piers estava sentado na calçada de pedra ao lado dela e a embalava nos braços. Uma pequena multidão se reuniu em torno deles, estranhos olhando para Maggie. Sem dúvida, estavam se perguntando por que a jovem bem-vestida estava deitada no meio da rua.

— Por favor, faça-os ir embora. É muito embaraçoso. — ela sussurrou, segurando a lapela do casaco dele. Ela precisava de algo, alguém firme para se segurar.

Ele levantou a cabeça e assentiu para os espectadores.

— Obrigado pela gentileza de se preocupar, mas, por favor, deem um momento para que eu e minha esposa possamos tratar deste assunto em particular. Ela logo estará bem para continuarmos o caminho até em casa.

Maggie escondeu o rosto na frente do casaco de Piers, esperando até que o último transeunte dispersasse. A única misericórdia desse constrangimento público era estar em Coventry, e ninguém além de Piers e da família dele a conhecia, ou quem a família dela era.

Isso não é verdade. Robert sabe quem você é.

Ele deve tê-la visto cair. Deve ter ouvido o pequeno grito que ela soltou ao desmaiar.

Piers mudou o peso de lado e se levantou com um pouco de dificuldade. Ele puxou Maggie para ficar de pé, cambaleando um pouco ao apoiar seu peso. Ela caiu contra ele. As pernas dela pareciam feitas de geleia.

— Você o viu, não o viu? Quer dizer, não era um fantasma. — ela disse.

— Eu a ouvi falar o nome de Robert, pouco antes de cair. Contudo, fiquei ocupado impedindo-a de bater com a cabeça na pedra para ter tempo de olhar ao redor.

A multidão seguiu com a vida, aos negócios. Sem dúvidas, todos falavam da senhora de vestido azul que desmaiou na rua, dando suas próprias opiniões acerca do que poderia ter sido a causa de tanta angústia.

Robert e a família não estavam em nenhum lugar para serem vistos.

Uma rajada de vento gelado atravessou a rua, e uma trêmula Maggie pressionou-se a Piers.

— Não consigo acreditar que ele ainda está vivo. Que ele fingiria a própria morte. Como um homem pode fazer uma coisa tão desonrosa?

— Não sei, mas juro que chegarei ao fundo disso. O canalha pagará pelo que fez com você. Não há nada que ele possa dizer ou fazer que desfaça o mal feito. Você sofreu a pior das torturas nas mãos desse vagabundo egoísta.

— Podemos, por favor, continuar? Minha cabeça está melhor agora. — ela disse.

Ela estava dividida entre marchar até a porta da frente da casa dos Taylor e colocar uma bala no cérebro do ex-noivo e correr para casa e se refugiar no quarto. O desejo de se enterrar debaixo dos lençóis era, felizmente para Robert, o mais forte.

— Tudo bem. Entretanto, caso volte a sentir qualquer indício de que voltará a desmaiar, por favor, me avise. Posso carregá-la pelo resto do caminho, se necessário. Deus sabe que coches de aluguel são raros em Coventry. — Piers respondeu.

Com o braço de Piers na cintura, Maggie encostou-se nele em busca de apoio, e eles partiram para casa. Eles seguiram devagar, mas enfim conseguiram chegar ao cruzamento na Rua Earl. O som de botas se aproximando em ritmo acelerado fez com que ambos olhassem para trás, para ver quem acabava de chegar.

Maggie suspirou.

— É ele. Robert.

O porco deveria agradecer à própria sorte. Se ele não precisasse segurar Maggie com firmeza, Piers teria acertado Robert Taylor ali mesmo. Em vez disso, ele continuou a fazer dela sua maior prioridade. Garantir que faria tudo ao seu alcance para protegê-la. Até que voltassem para a casa do irmão, Maggie era a única preocupação de Piers.

No entanto, ele se reservaria o direito de voltar mais tarde e dar um trato em Robert Taylor. Piers não queria nada mais do que acabar com o demônio mentiroso com os próprios punhos e infligir uma dose sólida de justiça bruta.

Quando Robert parou um pouco perto demais de Maggie para o gosto dele, Piers rosnou.

— Se sabe o que é bom para você, manterá distância.

Seus dedos coçavam para se enrolar na garganta do desgraçado. Seria um grande prazer ver o homem que havia machucado Maggie, sofrer a própria dor.

Robert ergueu as mãos com casualidade, um sorriso irônico surgindo naqueles lábios.

— Devemos conversar. Resolver esse pequeno mal-entendido entre Maggie e eu. Contudo, aqui não, nem agora.

A audácia do homem. Ele mentiu para Maggie, arruinou a vida dela, e agora ousava tentar ditar termos.

Aposto que sua esposa não sabe que está aqui. Ou quem Maggie é.

Para a surpresa de Piers, Maggie se afastou do abraço protetor dele e enfrentou seu antigo *paramour*.

— Quando?

O sorriso no rosto de Robert se alargou.

— Sempre foi um pouco ousada, Maggie, meu amor. Sempre afoita para me dar o que eu queria. Seu soldadinho sabe o tipo de garota que você é? Creio que, pelo olhar hesitante no rosto dele, ele não sabe.

Eu adoraria limpar esse sorriso presunçoso entre suas costeletas com meus punhos.

Maggie estreitou os olhos.

— Posso ser muitas coisas, Robert, mas decerto não sou seu amor. Você é um vigarista enganador. Será que aquela pobre mulher sabe que tipo de homem você é?

Essa é a minha garota. Não deixe que ele tente convencê-la com doçura. Tenho certeza de que esse sorriso pode ter funcionado antes, mas não mais.

Robert olhou por cima do ombro. Pela primeira vez desde a chegada dele, ele parecia menos seguro de si. Era óbvio que não queria ser visto conversando com eles.

— Amanhã de manhã, às nove horas. Minha esposa, Catherine, irá ao mercado com a mãe. Podemos nos encontrar no Hotel King's Head,

na esquina das ruas High e Smithfield. É um pouco mais gracioso do que um pub. Tenho certeza de que Maggie prefere assim. Ela sempre gostou das coisas boas da vida.

Canalha condescendente. Está mais para um lugar longe o suficiente de casa para que sua esposa não descubra.

Maggie concordou, mas Piers ainda não havia terminado.

— Estou avisando, se não aparecer amanhã de manhã, farei uma tarefa pessoal a de contar a todos na sua rua que tentou arruinar uma jovem. Duvido que alguém queira ter algo a ver com você se descobrirem que você a pediu em casamento mesmo já tendo uma esposa. E feito isso, irei procurar um magistrado e mandar prendê-lo. Fazer-se passar por um oficial do Exército Britânico de Sua Majestade acarreta severas penas criminais.

O Robert bajulador vacilou ante as palavras de Piers. Estava claro se tratar de um homem não habituado a ser desafiado. Ele voltou a atenção para Maggie, dando um passo à frente. Uma expressão suave surgindo no rosto. O encantador.

— Seu soldadinho aqui se considera importante e poderoso. No entanto, eu sei que você, Maggie, e sua família são muito adeptos do perdão. Peço que, por favor, pense nos meus filhos, inclusive no por nascer. Do alto preço que essas crianças pagariam pela minha pequena indiscrição. Eles não deveriam ser separados do papai só porque eu me permiti ter um caso insignificante. Tenho certeza de que sabia ser uma brincadeira.

Com isso, ele girou nos calcanhares e correu de volta pela Little Park.

— Brincadeira? Eu odiaria ver o que ele considera um assunto sério. — Piers resmungou.

Bastava Maggie dizer uma palavra, e ele iria atrás de Robert, acabaria com ele. Ele não conseguia lembrar de nenhum outro homem em toda a cristandade que precisasse ser golpeado ao ponto de submissão tanto quanto Robert Taylor.

Maggie enfiou a mão na dele e, em um tom pouco acima de um sussurro, disse:

— Piers, por favor, podemos ir para casa? Preciso estar longe daqui.

Capítulo Vinte e Um



Elizabeth e Jonathan os esperavam no saguão de casa quando Maggie e Piers retornaram. Maggie rangeu os dentes, preparando-se para as inevitáveis perguntas. Ela não sabia se conseguiria dar algum tipo de resposta sensata, já que ela mesma não as tinha.

— Como foram as coisas? Descobriram algo? — Jonathan perguntou.

— Foi terrível. E sim, descobrimos muito mais do que qualquer um de nós esperava. — Piers respondeu. Ele foi em direção à porta de uma sala de estar próxima. — Poderíamos, por favor, conversar lá dentro? Não creio que o saguão seja o lugar apropriado para essa conversa.

Os quatro se reuniram na sala. Maggie recusou a oferta de sentar-se no sofá ao lado de Elizabeth. Ela queria terminar logo com isso, ao fim da conversa ela planejava subir as escadas e ir direto para a cama. Esconder-se do mundo. Só então ela poderia começar a absorver o choque.

— Robert Taylor está vivo. Ele tem esposa e uma quantidade crescente de filhos. — Piers anunciou.

Elizabeth ofegou.

— Meu Deus, que horrível. Quer dizer, ele está vivo, creio ser uma boa notícia, mas o restante, ó, Maggie, pobre menina.

Ela se levantou da cadeira, mas Maggie a afastou com a mão. Conforto e condolências eram desnecessárias nesse momento. Ela estava determinada a ser tão fria quanto pedra, a não ceder às emoções e, com toda a certeza, a não chorar. A ternura amigável que Elizabeth decerto ofereceria poderia acabar quebrando a determinação de Maggie.

Jonathan balançou a cabeça devagar.

— Vagabundo sem vergonha. Por que ele faria algo tão hediondo?

Maggie suspeitava saber a resposta. Dinheiro. Se ela e Robert tivessem se casado, então ele teria acesso ao dote dela. A mais riqueza do que ele jamais teria visto na vida.

Não posso acreditar que ele foi tão ousado a ponto de pensar que o passado não o alcançaria.

Colocando a mão na boca, ela engoliu um pouco de bile. Se o casamento tivesse ocorrido, ela seria a esposa ilegal de um bígamo.

Em algum momento, a verdade decerto teria vindo à tona e, uma vez exposta, o casamento teria sido despojado de toda dignidade e legitimidade jurídica.

Ela estaria arruinada para sempre aos olhos da Alta Sociedade. Quaisquer filhos com que fossem abençoados seriam condenados como filhos ilegítimos de uma união pecaminosa.

O evento escandaloso e chocante acabaria forçando o pai dela a renunciar ao cargo de Bispo de Londres. A Igreja da Inglaterra não poderia permitir que o terceiro homem mais poderoso do reino fosse pai de uma pecadora.

E pobre Claire. Nenhum homem respeitável iria querer entrar para uma família com a mácula da desgraça tão marcante.

As perspectivas da irmã de conseguir um bom casamento teriam evaporado em um piscar de olhos. O escândalo teria destruído Maggie e a família dela.

Teria Robert se acovardado? Por isso criou esse elaborado ardid de ir para a guerra e morrer? A carta recebida deve ter sido escrita por ele mesmo.

— Imagino que Robert Taylor estava de olho no dinheiro e no poder que estar ligado à Família Radley traria. Ele teve o gostinho de uma vida melhor, mas não conseguiu obtê-la. — Piers disse.

A náusea subiu rápido pelo estômago e garganta de Maggie.

— Talvez amanhã tenhamos uma visão melhor de quem é Robert e quais foram as sórdidas motivações dele. Ele concordou em nos encontrar no *King's Head*. Agora, se me derem licença, preciso me deitar. — ela disse.

A caminho da porta, Maggie parou ao lado de Piers. Ela estendeu a mão e pegou a dele, apertando-a de leve.

— Obrigada. Não sei o que eu teria feito sem você. — ela sussurrou.

Ela queria dizer mais, mas a presença de parentes a fez segurar as palavras. Contanto que Piers soubesse da gratidão dela, o restante da conversa poderia esperar até que estivessem sozinhos e pudessem conversar em particular.

Ele se inclinou um pouco.

— Se estiver de acordo, eu gostaria de ir vê-la mais tarde. Estou preocupado com você, Maggie.

O coração dela deu um pequeno salto quando ela assimilou a expressão sincera de preocupação no rosto de Piers. Havia uma ternura nele que sugeria mais do que uma pequena preocupação com a saúde dela. E ela decerto não desconhecia a mudança no semblante de um homem quando a mente dele virava a chave do interesse social por uma mulher para os estágios iniciais da atração.

— Ficarei bem, mas sim, por favor, venha me ver em uma hora ou

mais. Espero me sentir melhor após uma pequena soneca.

O Capitão Piers Denford se tornava o herói dela a passos rápidos. Ele se importava com ela, era óbvio. Eles passaram do ponto de serem apenas conhecidos e companheiros de viagem. A ligação era forte.

Em Piers, Maggie encontrou a única pessoa que de fato entendia a situação dela. Alguém em quem ela poderia depositar confiança.

No entanto, no que ela não podia confiar era em seus sentimentos crescentes por ele.



Piers encontrou o irmão pouco tempo depois, no escritório de Jonathan. As agulhadas de culpa por não incluir Elizabeth eram temperadas, pois ele sabia que ela entenderia que o tom da conversa talvez não fosse educado.

Jonathan fechou a porta.

— Maldição infernal. Como se impediu de estrangular o maldito? Se fosse eu, imagino que agora ele não teria uma das mãos.

— Maggie desmaiou quando o reviu pela primeira vez. Tudo o que eu queria era trazê-la em segurança para cá. Estávamos a meio caminho de casa quando ele nos alcançou. Dizer que ele foi corajoso e condescendente seria um eufemismo. — Piers respondeu.

— Eu teria dado um soco nele ali mesmo. — Jonathan disse.

Se Maggie não estivesse em um estado tão precário, Piers decerto teria atingido Robert.

— Ainda cogito ir até a casa dele e lidar com ele. Ele precisa de uma boa surra. Contudo, não posso fazer isso, quanto mais na frente da esposa e dos filhos. — Piers explicou.

Havia grandes chances de Catherine Taylor não fazer ideia do tipo de homem que o marido era, e se ela estava alheia à duplicidade do homem, com toda a certeza, não merecia descobrir a verdade por um estranho furioso. Os filhos e a condição delicada precisavam ser considerados. Havia outros inocentes além de Maggie em toda essa saga.

— Quais são as chances de Taylor mostrar a fuça amanhã? Quem pode nos garantir que ele não fugirá da cidade. — Jonathan disse.

Essa mesma possibilidade passou pela cabeça de Piers. No entanto, ele passara desse ponto, sua mente foi de pensamentos vingativos à preocupação com Maggie, em como ela está se sentindo. Ele queria que ela soubesse que faria tudo o que pudesse para ajudá-la a passar pelo resto do dia, além de garantir que estaria ao lado dela amanhã, quando ela se encontrasse com o antigo amor.

O sorriso viscoso de Robert Taylor veio à mente. Era o olhar de um homem sem medo da repercussão. Um homem capaz de ferir sem

culpa, e sem necessidade, uma mulher inocente não estaria disposta a renunciar aos confortos do lar.

— Pelo estado da casa e do jardim deles, Taylor não parece ser um sujeito com fundos extras. Ele não vai a lugar nenhum. Além disso, tenho a nítida impressão de que ele acredita ter grandes chances de sair ileso dessa confusão. Ele acredita que ainda domina Maggie.

Robert rotulou a conexão entre ele e Maggie como insignificante, uma brincadeira. As palavras foram bem escolhidas em uma tentativa deliberada de convencê-la de que ela estava sendo muito emocional. Que ela deu mais peso ao suposto relacionamento do que o que de fato ocorreu.

Se contar algo para os outros com frequência, as pessoas acabam começando a acreditar.

Entretanto, o noivado foi real. Ele viu o anel no dedo de Maggie.

Embora não estivesse lá quando eu peguei a mão dela mais cedo.

Maggie desistiu das roupas de luto e do anel de noivado.

Minha menina corajosa.

Ela enfrentou Robert. Mesmo após o choque de vê-lo e do constrangimento de desmaiar na rua, ela se defendeu.

Foi de partir o coração ver o entendimento surgindo nos olhos dela. Ela viu o suposto herói de guerra ser desmascarado, a verdade era uma fraude mentirosa.

— O que pretende fazer se Taylor aparecer amanhã? — Jonathan perguntou.

— Não tenho certeza. Por mais que eu queira ser o cavaleiro de armadura brilhante de Maggie, essa luta não é minha. Vou com ela se ela quiser minha presença, mas não forçarei minhas opiniões.

Jonathan assentiu.

— Bom. É exatamente o que eu esperava que você dissesse. Proteger, mas não ditar. Na minha opinião, é o melhor que pode fazer por ela. Elizabeth e eu só a conhecemos há um dia ou mais, mas é óbvio que Maggie é uma moça inteligente. Ela não deixará Taylor levar a melhor uma segunda vez.

— Não.

E se Robert Taylor tentasse vir com voz melosa ao falar do assunto, Piers estaria pronto para colocá-lo no lugar.

Ele odiava ver Maggie sofrendo, porém, também podia admitir, para si, ter uma estranha sensação de alívio após ver a reação dela a Robert. Qualquer amor que ela ainda tivesse por ele morreu nas ruas de Coventry esta tarde.

Que bom que foi assim.

Todavia, o alívio que sentia não o tornava um homem melhor do que Robert.

Que tipo de canalha sente prazer ao ver uma mulher ter o coração

partido?

Não havia como evitar a resposta óbvia. Ele queria que Robert Taylor perdesse os afetos de Maggie, cada grama de afeto que ela já sentiu por ele obliterado de seu coração.

Porque somente quando ela tivesse expurgado Robert de sua alma, ele poderia ter alguma chance de reivindicar o amor de Maggie. Era errado querê-la, mas seu coração seguia a própria canção feroz.

— Creio que posso dar uma pequena caminhada por essas colinas, para queimar um pouco da minha raiva. Então, quando eu voltar, vou verificar Maggie, ver como ela está.

Jonathan encontrou o olhar dele. O rosto do irmão trazia um semblante de profunda preocupação.

— Só tome cuidado, por favor. Maggie já teve que lidar com um homem que a magoou profundamente; não seja outro.

— Ou seja, eu não deveria me permitir me apaixonar por Maggie quando ainda há a chance de eu não poder pedi-la em casamento? Obrigado, meu irmão. Respeito suas palavras de cautela.

Piers deixou a casa logo em seguida, o temperamento ainda não estava de todo sob controle. Robert Taylor impediu que Maggie encontrasse um futuro brilhante. Enquanto isso, ele precisava enfrentar o exército britânico para ter o dele.

Capítulo Vinte e Dois



Já era tarde quando Piers enfim chegou ao quarto de Maggie. Com a mente conflituosa, ele fez uma longa caminhada até a colina que levava à igreja, ao sair de lá, foi ao quartel, deu a volta no quarteirão até chegar à Rua Warwick, e só então seguiu para casa. Ele passou perto da residência dos Taylor, mas conseguiu resistir à tentação de confrontar o homem que causou tanta dor e sofrimento a Maggie.

Ele guardaria a raiva para a manhã seguinte, estava preparado para ir à guerra em nome dela.

Após bater de leve na porta do quarto dela, ele ouviu um tênue “Entre” lá dentro. Ao abrir a porta, ele foi recebido por uma cena de partir o coração.

Maggie estava sentada na cama, os joelhos rentes ao tronco. A cabeça apoiava-se nos braços cruzados. Ela o cumprimentou com um sorriso triste.

Piers poderia ter chorado ao assimilar aqueles olhos tristes e vermelhos, a evidência clara de mágoa.

Aquele desgraçado a fez sofrer, e ele ainda a machucava.

Ele deu dois passos hesitantes e oscilantes pelo quarto. Entrar ali foi o mesmo que cruzar um dos limites imutáveis das regras rígidas e severas da sociedade. Um casal não passava tempo junto em quartos privados sem uma aliança no dedo anelar de cada um, a menos que os dois estivessem preparados para aceitar as consequências.

Se o Bispo de Londres fizesse alguma ideia de que a filha estava viajando há dias com Piers na carruagem particular dele, o homem mais velho estaria na porta da Residência Denford, assim que Piers retornasse à Londres, exigindo que ele pedisse a mão de Maggie em casamento. Ele, em tese, ter uma noiva o esperando não importaria.

Maggie Denford... Ora, eis um nome de apelo.

Foi preciso muito esforço para afastar esse pensamento sedutor. Se o dia em que ele pudesse considerar um casamento com liberdade chegasse, Maggie estaria no topo da lista de noivas em potencial.

No entanto, agora que sabe a verdade, Maggie não permanecerá mais em luto. O que significa que ela voltará à sociedade. E uma mulher bonita como ela seria um par valorizado por qualquer homem.

Ela se mexeu na cama, tirando-o do devaneio. Antes que ele pudesse registrar o que estava acontecendo, ela atravessou o cômodo e

se jogou nos braços dele. Piers a envolveu em um abraço, não se importando se alguém os visse, ou o que pudessem pensar.

— Maggie.

Ele passou a mão por aquelas longas mechas escuras, ajeitando os fios rebeldes. Por cima da cabeça dela, ele espiou as cobertas. Ela deve ter chorado até dormir em algum momento.

— Obrigada por estar aqui. Eu não sabia se viria ou não. — ela disse.

— Fui dar uma volta e acabou sendo mais longa do que o planejado. Eu precisava limpar um pouco a cabeça. Foi um dia e tanto.

Ela saiu do abraço dele e foi até a porta. Para surpresa de Piers, Maggie a fechou e trancou.

— A criada que Elizabeth designou para mim é uma menina adorável, mas tem o hábito irritante de não bater, antes de entrar no quarto. Eu odiaria precisar explicar isso para ela ou para a patroa dela.

Piers fez uma careta, sem saber o que ela queria dizer. Ele deixara a porta aberta de propósito, por uma questão de respeitabilidade; mas foi Maggie quem a fechou.

— Não entendo.

Ela voltou para onde ele estava, parando a centímetros de distância. Erguendo a cabeça, ela encontrou o olhar dele.

— Eu poderia explicar com palavras, mas prefiro que você me abrace.

Não era sábio, pode me trazer um mundo de problemas.

Maggie segurou a frente da jaqueta dele e se empurrou com força contra ele, afastando a dúvida e a hesitação de Piers por alguns instantes:

— Por favor, me abrace. — ela sussurrou.

Um homem mais honrado protestaria. Citaria a noiva como motivo suficiente para não tocar em outra mulher.

Quem está enganando? Quer fazer isso desde o instante que a conheceu.

Em silêncio, Piers agradeceu por Lady Dinah Gibney ter tomado a iniciativa e encontrado outra pessoa. Ele não poderia se sentir culpado por estar sozinho com Maggie se a ex-noiva estava apaixonada por outro homem.

Entretanto, ele não queria apenas abraçá-la. E pela maneira que os dedos dela se apoiavam no peito dele, ele suspeitava não ser o único a passar por essa sensação hesitante.

Quando ele encontrou os deslumbrantes olhos azuis de Maggie, Piers soube que a energia entre eles havia mudado.

— Piers. — ela sussurrou.

Um homem só detinha certa quantidade de autocontrole. Um valor finito de poder. O dele estava muito desgastado, prestes a ceder.

Após dias perto de Maggie, de tentação constante, Piers sentiu esse controle sumir ao colocar a mão sob a nuca dela e baixar a cabeça. Os lábios dos dois roçaram por um mero segundo, então ele recuou. Hoje foi tribulação suficiente para ambos. A última coisa que ele queria era que ela saísse do abraço de repente e dissesse que tudo não passou de um erro terrível. Que ela só buscava conforto.

Para seu profundo alívio, Maggie o beijou de volta.

Aqueles lábios macios e flexíveis roçaram nos dele repetidas vezes. Ele gemeu quando ela abriu a boca, convidando-o a aprofundar o enlace.

Essa resposta o deixou ciente de que Maggie já fora beijada com fervor por outra pessoa. Piers lutou contra a onda de ciúmes que surgiu com a percepção de que não era o primeiro beijo dela. Mesmo enquanto as línguas dos dois dançavam com elegância, ele lutou contra o ódio por Robert.

E por ele mesmo.

Ele estava sozinho no quarto de uma jovem vulnerável, aproveitando-se dela. Beijava-a sem ter esse direito. Estava tomando o que ela oferecia quando, para o resto do mundo, e em especial para ela, ele ainda tinha uma noiva.

Você é pouco melhor do que ele. Um mentiroso e um canalha. Roubando beijos sob falsos pretextos.

Esse pensamento fez com que ele interrompesse o beijo. Afastando-se.

— Desculpe-me. Eu não deveria ter feito isso. Peço perdão. — ele disse.

Maggie balançou a cabeça.

— Piers, eu...

— Não. — ele recuou. — Passei dos limites da nossa amizade e da missão a que fui incumbido. Perdoe-me. Você merece um tratamento melhor.

Os dedos dele estavam na maçaneta da porta, e a chave virou, antes que ela o alcançasse. Por um breve instante, os dois ficaram em silêncio, olhando-se nos olhos um do outro com intensidade.

Se você pudesse ser minha. O destino pode ser tão cruel.

— Piers, deve saber que somos mais do que amigos. Não acredito que esse beijo tenha sido um erro. Meu único lamento é saber que não tenho direito a fazer isso. Você, como Robert, pertence a outra pessoa. — ela colocou a mão na dele, e abriu a porta. — Pareço fadada a me apaixonar por homens que não posso ter. Boa noite, Piers.

Ele seguiu para o corredor. Ele ainda debatia se deveria jogar toda a cautela ao vento, voltar e beijar Maggie uma segunda vez quando a

porta se fechou atrás dele. O clique da trava foi a resposta de que ele precisava.

Foi um erro. E ele era um tolo egoísta.

Capítulo Vinte e Três



Maggie ficou aliviada por ter doado seus vestidos lilases, pretos e cinzas para a criada no dia anterior. Tê-los fora de alcance, removia a tentação de usá-los para se encontrar com Robert. De mostrar com mais do que palavras o que ele fez com ela.

No entanto, ela entendia muito bem que, embora ela tenha investido coração e alma no relacionamento deles, ele estava brincando com ela. Ela não permitiria que ele tivesse a satisfação de saber que ela deixou a vida em pausa por mais de dois anos, devido à morte dele.

Não. Você não tem mais esse poder sobre mim.

O sorriso que ele abriu com tanta tranquilidade no dia anterior foi uma faca em seu coração, matando toda e qualquer ternura que ainda pudesse guardar por ele.

Robert poderia não estar em um tumulto, mas hoje, Maggie estava determinada a enterrá-lo nas profundezas do passado. Ela continuaria jogando terra nele até que enfim seu coração e mente não mais o ouvissem.

Confiante, ela escolheu o vestido verde-maçã com listras rosas que comprou da modista de Elizabeth e, em seguida, considerou seu reflexo no espelho. Ela viu uma jovem sem medo do passado encarando-a, uma mulher que agora ansiava por um futuro melhor. Esta era a Maggie Radley que ela tanto queria que Robert visse.

Não a Maggie que desabou na rua. Nem a Maggie que chorara ao ponto de exaustão na cama na tarde de ontem. E decerto não a Maggie que foi feita de tola, a que desperdiçou tantos dias sofrendo por um canalha. Ela fechou os olhos e respirou fundo para se acalmar. Estava determinada, apesar do que quer que ainda pudesse sentir, ela projetaria essa versão feliz de si para o mundo.

Ao menos por esta manhã. Até eu ter certeza de que ele saiu de vez da minha vida.

— Adorei esse vestido na senhora, Senhorita Radley. — a criada disse.

Abrindo os olhos, Maggie olhou para seu reflexo no espelho mais uma vez e sorriu. Ela quase se esqueceu da maravilha das cores alegres e o que faziam com sua tez. A mudança na paleta de cores era bem-vinda. Um horário com a modista seria uma das prioridades

assim que ela voltasse a Londres.

Livrar-se do resto dos vestidos de luto, e de qualquer correspondência relacionada a Robert figuravam o topo dessa lista.

— É uma pena que eu não tenha botas para combinar com o vestido, mas essas pretas bastarão. Não imagino que ficaremos muito mais tempo em Coventry. O Capitão Denford já concluiu o trabalho que veio fazer. — ela disse.

Em outras circunstâncias, ela adoraria ficar e ver mais da cidade e do verde dos arredores, mas ela duvidava que Piers fosse querer ficar. Havia muitos outros compromissos urgentes em Londres, e não seria justo pedir por mais indulgências.

Seus dedos encontraram os lábios, e ela tocou onde Piers a beijara na noite anterior. A lembrança daqueles braços ao redor dela, o perfume inebriante da colônia de cavalheiro. O longo e demorado beijo... Ela tremeu, lembrando-se de como desejava que ele fizesse de novo.

Sabe que isso é impossível. Ele tem uma noiva, e você não deve ser a causadora de desgosto para outra mulher. Não após o que você mesma passou.

O que ela fez foi errado.

A criada terminou de amarrar a parte de trás do vestido e, em seguida, entregou o manto para Maggie.

— Obrigada. Por favor, poderia avisar ao Capitão Denford que eu o encontrarei no andar de baixo em breve?

Maggie precisava de um tempo sozinha para vestir a armadura emocional. Para se preparar para encontrar Robert.

E para passar mais tempo com Piers.



Uma Maggie calma e composta encontrou Piers no saguão cerca de quinze minutos mais tarde. Ela não conseguiu segurar o sorriso quando o viu. Ele usava o longo casaco do exército, o traje vermelho oficial espreitando entre as lapelas abertas. Um retrato bonito. Seu protetor alto e sombrio estava determinado a acompanhá-la mesmo hoje.

Obrigada, Piers.

Ela sentia-se grata que o beijo apaixonado da noite anterior e a conclusão constrangedora fossem deixados de lado enquanto lidassem com a questão Robert. Piers estaria com ela. A força dele seria a dela.

O herói que toda mulher precisa.

Ele abriu um sorriso tímido, mergulhando em uma reverência baixa em seguida. Estava claro que ele ainda se sentia desconfortável com o ocorrido na noite anterior, portanto, cada movimento ainda era

muito bem pensado. Ela esperava que tivessem tempo mais tarde para conversarem e chegar a algum tipo de resolução. Uma que, assim ela desejava, permitisse que permanecessem amigos.

Piers se aproximou dela, mas manteve uma distância social. Era decepcionante, mas não inesperado.

— Ainda quer ir ao encontro dele? Quer dizer, não precisa fazer isso. Robert não está morto e, talvez, essa seja a informação que importa. — ele disse.

Maggie endireitou a coluna. Ela era uma Radley, o que significava que não se esconderia da verdade da situação. Robert Taylor lhe devia respostas, e ela estava determinada a sentar-se no King's Head e conversar até obtê-las.

E se ele for estúpido o bastante para tentar me contar mentiras, eu sempre posso fazer da morte dele uma realidade.

— Obrigada, Piers. Preciso ver Robert hoje. Não temo o encontro, na verdade, acredito que o encontrar será bom. Encarar esse canalha é algo que anseio fazer.

Piers fez uma careta. Ela conseguia entender a reação dele. Ela conhecia várias mulheres que não o fariam. Que não conseguiriam conjurar a coragem de encontrar Robert, de olhá-lo nos olhos. Em vez disso, teriam saído de Coventry à primeira luz e estariam quase em Londres, para nunca mais se aventurarem fora dos limites dos condados de origem.

— Certo, mas já pensou em como abordará esse encontro? Ontem, você desmaiou na rua. E ontem à noite, estava... bem...

Era bastante doce ver Piers menos do que seguro de si. Era um ponto óbvio de diferença entre ele e o ex-noivo. Uma vulnerabilidade que Robert jamais exibiu.

— Estou bem, Piers. E quanto à noite passada, podemos falar disso mais tarde? Embora eu tenha certeza de que nenhum de nós quer que o ocorrido paire sobre nós, agora não é o momento.

— Claro. — ele estendeu a mão, e Maggie passou o manto para ele. Piers parou atrás dela, passando a peça de lã fina pelos ombros dela. Enquanto Maggie amarrava as fitas frontais, ele se inclinou. — Você é uma dama muito corajosa. Contudo, lembre-se, estarei com você o tempo todo.

Seu cavaleiro de armadura a acompanharia por toda a luta com o dragão. Robert deveria agradecer aos Céus por Piers não ter uma espada. Considerando a postura dele, se tivesse uma arma afiada em mãos, ele teria ficado mais do que feliz em matar a besta.

Capítulo Vinte e Quatro



Embora o King's Head se autodenominasse um hotel, não era muito mais do que uma estalagem abastada. Contava com um salão decente e uma área pública para refeições, o que o colocava um degrau acima do habitual.

Havia também uma sala de reuniões. Maggie observou uma placa na porta principal anunciando a próxima apresentação musical de um menino de sete anos e de uma menina de cinco. Os ingressos custavam dois xelins, crianças meia-entrada.

— Alguém deve ter pais orgulhosos — Piers disse.

Assim que entraram no salão de refeições público, Maggie perscrutou o cômodo em busca de Robert. O coração dela bombeava em um ritmo furioso. Ela entrelaçou as mãos com força. Era tudo o que podia fazer para impedi-las de tremer.

— Lá está ele. — Piers apontou para a mesa no canto mais distante.

Robert se levantou quando eles se aproximaram.

Ele estendeu a mão para Piers, que olhou com desaprovação e disse:

— Deve estar de brincadeira.

Maggie também ignorou o arco inclinado de Robert.

Ela e Piers sentaram-se no lado oposto da mesa.

Robert limpou a garganta.

— Obrigado por virem. E fico feliz em ver que está recuperada de ontem, Maggie. Corre muita fofoca pelo bairro acerca da senhora chique que desmaiou ontem na rua.

Ouvir uma voz que ela acreditava que jamais voltaria a ouvir era muito peculiar. Ele foi a ela em sonhos muitas vezes durante aqueles primeiros meses após a suposta morte, mas foram breves arrebatamentos no tempo, memórias misturadas. O homem sentado à frente dela estava muito vivo.

— Como qualquer um pode imaginar, vê-lo andando pela rua, um homem de carne e osso, foi um choque. E embora eu já tivesse me reconciliado com a realidade de que você não foi um oficial do exército, ter fingido a própria morte, deixando-me chafurdar em tristeza todo esse tempo, foi um baque para minha mente, um pouco incompreensível. Daí, a reação física do meu corpo. Prometo que não

voltará a acontecer.

— Acreditaria que tudo começou como uma aposta? Ganhei o uniforme de um oficial em um jogo de cartas. Ele deveria ter um reserva, pois não pareceu se importar em entregá-lo. Meus amigos e eu fizemos uma aposta para ver quem conseguiria garantir um convite para um grande baile. — Robert disse.

Sob a mesa, Maggie pousou as mãos no colo.

Ele não pode mais me machucar. O estrago já está feito.

— Continue. — ela respondeu, agradecida por Piers estar segurando a língua.

Robert balançou a cabeça devagar.

— A princípio, eu não pretendia ir tão longe, mas você me ofereceu uma saída para esta vida. E eu me vi dilacerado. Você é uma mulher encantadora, Maggie.

Contudo, você jamais me amou.

Todos os pequenos truques e gestos carinhosos foram mentiras. Ele nunca se importou nem um pouco com ela. Um homem capaz de tamanha vilania não saberia nada acerca de gostar e cuidar de alguém.

Que tipo de homem aposta pelo amor de uma mulher?

Um atendente apareceu no ombro de Piers.

— Os senhores estão prontos para os pedidos de refrescos? Temos um bolo de limão recém-saído do forno.

Maggie logo assentiu. Tudo para fazer o atendente ir embora. Ela virou-se para Piers, o olhar implorando para que ele lidasse com a questão urgente de bolo e chá.

— Eu e a senhora queremos um bule de chá. E uma fatia de bolo para cada um, obrigado. O senhor do outro lado da mesa pagará a conta. — ele disse.

Assim que o atendente desapareceu, Maggie voltou-se para Robert.

— Prossiga, e se atenha aos fatos relevantes. Não estou interessada em mais nada do que queira dizer.

— Claro. Eu já estava com Catherine, minha esposa, antes de ir para Londres. Ela estava apaixonada por mim há muitos anos e ficou com o coração partido quando deixei a cidade. Eu a tratei mal. Creio que ainda o faço.

Essa declaração soava como verdade.

— Ao contrário de Maggie? — Piers perguntou.

Ela estendeu a mão e deu um aperto na dele.

— Eu estava pronto para me afastar da minha antiga vida para ficar com você, mas recebi uma carta de Coventry. Catherine estava grávida de novo. Foi um chacoalhão. Fez-me perceber o canalha que me tornei. Eu menti para duas mulheres e estava prestes a arruinar a vida de ambas.

— Então, decidi voltar para cá e fazer a coisa certa? — ela o questionou.

Robert piscou.

— Para ser honesto, eu ainda não sabia ao certo, mas foi seu pai quem me convenceu do que eu deveria fazer. Ele selou o assunto.

— Meu pai? Você contou a ele?

— Não. Contudo, na última missa que fomos juntos na Igreja de São Paulo, no sermão de Sua Graça, ele falou de lealdade. Responsabilidade. Das atitudes de um homem de verdade. Da necessidade de se fazer as escolhas certas. Após ouvi-lo, eu soube que precisava voltar para Catherine. Tentar ser um bom marido.

Essa revelação esclareceu algo que sempre intrigou Maggie. Na noite anterior à partida de Robert, ela se ofereceu a ele. Eles compartilharam beijos e toques o bastante para que ela soubesse que ele a desejava, mas ele a recusou.

Na ocasião, ela ficou magoada. Encarou a negativa como rejeição. Agora, ela entendia o porquê. A última coisa que ele queria era que ela gerasse um filho dele. Ela deveria ser grata por tamanha sorte.

— Entretanto, por que mentir? Por que não apenas cancelar tudo? Não precisava fingir ir para a guerra e forjar sua morte. Uma simples carta me avisando que não haveria casamento bastaria.

Robert assentiu.

— Eu entrei em pânico. Eu menti ser um oficial. Seu pai perguntava para que clubes ele deveria me indicar; Eu sabia que me pediriam para provar minha patente para ser admitido. Eu também estava preocupado com sua família.

— Minha família?

— Quando eu a conheci, não percebi o quão bem conectada era, como seus parentes são poderosos. Ao voltar para Coventry, imaginei que se eu terminasse o noivado e você ficasse mal, sua família viria me procurar, porém, se eu estivesse morto, todos os meus problemas seriam resolvidos.

O atendente chegou, carregando uma bandeja. Ele colocou o bule de chá, duas xícaras e alguns pratos na mesa. Quando ninguém olhou para ele, o rapaz teve o bom-senso de não se demorar. O ar na mesa era denso de tensão.

— Contudo, você não contava com a lealdade de Maggie. Nem parece se importar por ela ter perdido mais de dois anos sofrendo por uma fraude suja, impensada e sem coração.

Com toda a certeza, pode-se confiar em Piers para compilar toda a dor e descrevê-la de um jeito tão sucinto. Era exatamente o que ela viveu, o que esse mentiroso fez com ela.

Ela deu uma risada cansada.

— Eu ia erguer uma estátua para você. Seria revelada em uma

missa com a presença de dignitários locais. Cheguei a esboçar um jardim memorial que a circundaria. Você não faz ideia do que seu pequeno truque, seu caso trivial, fez comigo. E mesmo agora, acredito que não se importa.

Robert enfim encontrou o olhar dela.

— Ora, Maggie, não seja dura. Eu me importo.

— Só se importou se tais atos voltariam para assombrá-lo. — ela respondeu.

O rosto dele endureceu. Os olhos perderam toda a suavidade. Era como se, de repente, uma máscara tivesse sido retirada, e ela agora visse o verdadeiro Robert.

— Tudo bem. Verdade, não pensei em você por mais de uma ou duas vezes nos últimos dois anos, mas tem toda a minha atenção agora. O que fará?

Essas eram as palavras de um homem que percebeu que todo o seu mundo estava em perigo. Não seria preciso muito para Maggie destruir a vida de Robert.

Ela ficou até tarde da noite pensando no que diria a Robert esta manhã. Era irônico que, embora o sermão do pai dela o tivesse influenciado, ajudando Robert a decidir retornar para Coventry e para a esposa, também foram os ensinamentos de Hugh que guiaram Maggie a decidir como ela reagiria à traição do ex-noivo.

O que eu vou fazer?

Na noite anterior, ela cogitou se vestir e ir até a igreja próxima para rezar. Buscar orientação espiritual. No final, não precisou. Pensar na jovem família de Robert, na esposa e nos filhos dele, foi suficiente.

A decisão de agarrar-se com unhas e dentes a alguma noção de vingança ou apenas se afastar-se foi fácil para ela, por mais estranho que tal facilidade pareça. Maggie levantou-se e colocou a mão no ombro de Piers quando ele fez menção de levantar-se também. Esse momento era dela.

— Perdi mais de dois anos da minha vida chorando por você. Talvez eu tenha jogado fora inúmeras oportunidades de ser feliz. Vai saber? O amor da minha vida pode ter passado por mim enquanto eu mergulhava no luto. E tudo porque é um covarde egoísta. Eu deveria denunciá-lo às autoridades, mas como sua esposa e seus filhos ficariam?

Por mais que ela desejasse que fosse diferente, dois erros não fazem um acerto. Ela não seria a causadora da ruptura dessa família. Pela gravidade dos crimes, havia grandes chances de ele ser açoitado e transportado para a distante colônia de Nova Gales do Sul, para nunca mais retornar à Inglaterra.

— Meu pai pode não concordar com o que sinto, mas jamais o perdooarei pelo que fez. Por me obrigar a viver essa mentira. Além de

ser desprezível por tentar manchar o nome da minha família. Jamais teríamos procurado prejudicá-lo. Tudo o que você precisava fazer era ser honesto comigo. Ser homem.

Ela empurrou a cadeira para trás e se afastou. Após recolocá-la na mesa, Maggie se apoiou no encosto alto e olhou para Robert.

— Pronto. Você não merece mais nem um minuto do meu tempo. Ah sim, e isso é seu.

Ela tirou o anel de noivado do bolso da saia e o jogou na mesa. Robert logo o pegou.

Maggie virou-se e seguiu para a porta. Piers se levantou e a seguiu, rente aos calcanhares dela. Ele enfim a alcançou quando ela colocou os pés na calçada e passou um braço em sua cintura.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Estou bem. Pode me soltar. Prometo que não vou desmaiar.

Ela era tão leve que, com certeza, quicou no lugar. Piers a soltou.

— Podemos ir a algum lugar? Quer dizer, qualquer lugar, menos aqui. Para ser honesta, estou chateada por ter que deixar aquele bolo delicioso para trás. Não tenho dúvidas de que ele vai se esbaldar. Espero que ele se engasgue. — ela disse. Ela precisava, e para ontem, de um bule de chá quente e forte, além de algo cremoso e doce. Ou, melhor ainda, uma torta quente. — Por acaso conhece algum lugar por aqui com boas tortas de carne? — ela perguntou.

Piers assentiu.

— Na verdade, conheço. A padaria perfeita fica aqui perto. Está certa de que é isso que quer fazer?

— Com certeza, e quanto antes, melhor.

Parecia estranho, mas em vez de ficar triste, Maggie queria comemorar. Ver Robert vivo enfim a libertou. Ele seguiu com a vida, colocando-a no passado. Hoje, ela faria o mesmo.

— É uma tradição da Família Radley parar na cidade de Falkirk, na Escócia, quando estamos a caminho do Castelo Strathmore e nos deliciamos com os doces locais. E, embora eu não espere que as variedades de Coventry se igualem às de Falkirk, quero experimentá-las.

Ela sorriu quando um Piers risonho lhe ofereceu o braço.

— Ouço um desafio nessas palavras, Senhorita Radley. Como um nobre nascido nesta parte da Inglaterra, sinto ser meu dever defender a honra da região. Há quatro excelentes padeiros na cidade, e caso esteja disposta, vamos visitar todos.

Deslizando o braço no dele, Maggie riu.

— Quatro. Minha nossa.

Capítulo Vinte e Cinco



— Rende-se?

Piers fechou a porta ao entrar, seguindo Maggie até o saguão da casa do irmão dele. Ele ergueu as mãos em rendição.

— Sim. Eu me rendo. Não consigo acreditar que comeu quatro tortas e uma fatia de bolo de limão.

Ele nunca conheceu uma mulher que conseguisse comer tanto. Os próprios esforços incluíram apenas duas tortas cheias e uma mordida de outra. O bolo seria demais para ele.

Se o preço de perder a batalha de tortas de carne era o sorriso feliz no rosto de Maggie, valia a pena. Era maravilhoso vê-la relaxada e desfrutando de prazeres simples da vida. Talvez ela tivesse de fato deixado tudo no passado.

— Vou subir um pouco para me refrescar. — Maggie disse.

Piers esperou até ela ter saído de vista e foi em busca de Elizabeth. Jonathan ainda ficaria no escritório da empresa até o final do dia.

A cunhada estava na sala de visitas do segundo andar. Quando Piers entrou no cômodo, Elizabeth colocou a camisa que estava costurando na mesa lateral e se levantou.

— Como foi o dia com Maggie? E, mais importante, o canalha apareceu? Eu imaginei que os veria de volta horas atrás. Não terminei de pregar nem dois botões nessa camisa de tanta preocupação com o que poderia ter acontecido.

Piers teria se chutado se pudesse. É claro que Elizabeth ficaria preocupada. Eles deveriam ter parado em casa, antes da saga para satisfazer seus estômagos. Ele só pensou em Maggie e em como ela reagira aos acontecimentos da manhã.

— Peço desculpas por mantê-la em suspense, Elizabeth, não foi de propósito. Robert Taylor apareceu. Contou uma miríade de mentiras para explicar por que senti a necessidade de fingir a própria morte, e Maggie concedeu um pequeno perdão. Ao sairmos do King's Head, ela disse querer comer. Passamos as últimas horas pela Rua Much Park, visitando estabelecimentos com iguarias famosas. Comemos tanto que mal consigo respirar.

A expressão rígida no rosto de Elizabeth não amenizou. Ela ainda estava preocupada.

— Então, foi ideia da Maggie ir comer meia centena de massas? Ai,

meu Deus, isso não é bom.

— Por que diria isso? Foram horas adoráveis.

Elizabeth revirou os olhos. Piers reconhecia esse olhar, era o de “não acredito”. Um que ela usava com frequência com o marido e os filhos.

— Porque está claro que Maggie ainda está na fase da negação. Ela está compensando. E quando uma mulher o faz, posso garantir que nunca é bom. Ela passou o dia serena e tranquila? Rindo das suas brincadeiras?

Ele ponderou a resposta da cunhada por alguns segundos. Maggie estava iluminada e alegre, mas ele encarou a reação com algo positivo, de que ela superou Robert. Ela foi corajosa e forte no hotel.

— Ela fez um passeio divertido. E sim, ela riu das minhas patéticas tentativas de humor. — ele respondeu.

A bondosa Elizabeth teve a graciosidade de não falar em voz alta tudo o que pensava dele. Não precisava, os sinais do comportamento estranho de Maggie estavam lá o tempo todo. Ele optou por não os ver.

Maggie foi efusiva em todos os lugares que visitaram, muito simpática com a equipe. E comprou comida demais.

Denford, seu parvo. Apenas crianças pequenas e senhoras educadas riem de suas brincadeiras.

Maggie ainda estava em um mundo de dor.

Como não estaria? Faz pouco mais de um dia que ela descobriu que o noivo, dado como morto há muito tempo, na verdade, está vivo, e casado, pai de inúmeros filhos.

— O que devo fazer? Não faço ideia de como ajudá-la. — ele disse.

Elizabeth encontrou o olhar dele. Ele ficou aliviado ao ver um ligeiro sorriso no rosto dela.

— Gosta de Maggie, não gosta? Na verdade, eu diria que tem um ponto fraco por ela. Ficou evidente desde que chegaram. Se quiser aceitar meu conselho, sugiro ser um bom momento de dar um passo atrás. Seja um amigo. É isso que ela precisa de você. Quanto a qualquer outra conexão entre vocês dois, deixe as rédeas nas mãos de Maggie.

Palavras sábias mesmo. Se ele forçasse algo com Maggie, ela poderia acabar se fechando ainda mais. Havia sofrimento o bastante para ela lidar sem que ele fosse egoísta e pedisse algo mais.

E o que, com toda a honestidade, eu posso oferecer?

O breve beijo que compartilharam não passou de uma loucura. Conduta imprudente e pouco cavalheiresca de sua parte.

— Obrigado por seu conselho, querida irmã. Como sempre, é muito bem-vindo. Farei o que você sugere.

— Uma breve batida na porta anunciou a chegada de Maggie. Piers

e Elizabeth trocaram um olhar silencioso de concordância. Ele só podia torcer para ela não ter ouvido a recente conversa.

Elizabeth recebeu Maggie com braços abertos quando ela entrou na sala. Estavam prestes a se abraçar quando ela parou, o olhar caindo no estômago de Maggie.

— Talvez eu não devesse abraçá-la. Piers me contou que vocês dois provocaram uma escassez temporária de tortas na cidade de Coventry.

Maggie deu uma risada.

— Sim, bem provável. Sinto vergonha em dizer que também consegui finalizar uma fatia de bolo de limão na última padaria. — ela disparou um sorriso na direção de Piers. — Creio que nenhum de nós dois estará ansioso para a ceia esta noite. Na verdade, não pretendo ir a lugar nenhum.

— Por falar em planos, já teve tempo de pensar no que fará agora? Quero dizer, ficará em Coventry ou voltará direto para casa? — Elizabeth perguntou.

Maggie deu de ombros.

— Não tenho certeza. Para ser honesta, considero que meus planos de viagem estão nas mãos de seu cunhado. Piers é quem precisa voltar para Londres. Não tenho compromissos prementes. E minha família viaja para a Escócia na semana anterior ao Natal.

Esperança incendiou-se no coração de Piers. Maggie não exigiria que ele tomasse providências imediatas para viajarem. Será que ela estaria aberta a outras opções?

Como passar um tempo comigo?

O filho mais velho de Elizabeth e Jonathan apareceu na porta. Ele segurava uma folha de papel, onde se via muitas tentativas de escrever as letras do alfabeto.

— Mamãe, preciso de mais papel. — ele disse.

— Desculpe-me. É melhor eu ir ajudar na sala de aula. Deixarei os dois para fazerem seus planos de viagem. Contudo, seja qual for a decisão, quero que saibam que são mais do que bem-vindos a ficarem aqui com Jonathan e eu. É bom ter a família por perto. — ela virou-se para Maggie. — E eu a incluo nisso. Qualquer amigo de Piers é família.

Piers sempre teve um ponto fraco pela cunhada, mas jamais ficou mais agradecido do que neste segundo. Elizabeth acabara de eliminar um dos maiores obstáculos que poderiam ter impedido Maggie de aceitar permanecer em Coventry.

— Obrigada. — Maggie disse.

Elizabeth seguiu o filho e saiu da sala, deixando Piers e Maggie sozinhos. Podem ter passado o dia juntos, mas esta era a primeira vez em que ficavam em um lugar de fato privado. Um lugar em que eles poderiam conversar. Ele precisava saber como Maggie se sentia de

verdade. Que ela baixasse a guarda e confiasse nele. E assim, ele pudesse compartilhar o que guardava dela.

No entanto, estar dentro de casa não parecia o melhor lugar para essa conversa.

— Gostaria de dar um passeio no jardim? Gostaria que nos sentássemos e conversássemos. — ele ofereceu.

Ela balançou a cabeça.

— Ainda estou tão desconfortável após toda aquela comida. Talvez pudéssemos dar um passeio e subir até a igreja? Encontrei um lugar lindo e ensolarado quando passamos por lá ontem.

Essa era uma sugestão ainda melhor, ao menos para ele, pois os tirava de casa e do alcance de ouvidos e olhares indiscretos.

Era uma caminhada curta pela paralela Travessa Bayley até a Rua St. Michael. Quando chegaram à igreja, Maggie apontou para um banco de madeira de jardim que ficava no meio de uma área gramada. De um lado, o cemitério aberto com suas lápides envelhecidas e inclinadas. Não era um espaço para um bate-papo romântico, mas serviria.

Ela se sentou em uma extremidade do banco, e Piers, com toda a educação, sentou-se na outra.

— Estamos em um lugar público, então creio que não precisamos de um metro entre nós. — ela disse e deu um tapinha no espaço ao lado dela. — Venha e sente-se aqui.

— Tem certeza?

Ele estava sendo cuidadoso, preocupando-se que qualquer passo em falso da parte dele pudesse fazê-la debulhar-se em lágrimas. Maggie estava agindo muito autoconfiante e calma, e isso deixava os nervos de Piers no limite. Deslizando no banco, ele sentou-se ao lado dela, pronto para oferecer assistência ao primeiro sinal de que a fachada borbulhante de Maggie enfim começava a rachar.

— Obrigada por hoje. Aprecio muito o seu apoio. Sei que poderia ter ido enfrentá-lo sozinha, mas foi bom ter um amigo comigo.

Piers notou o uso deliberado da terceira pessoa em vez do nome Robert. Maggie já tentava deixar o canalha para trás.

Bom.

Entretanto, também deixava o comportamento dele, na noite anterior, em foco. Ele também não se comportou de forma honrada. A culpa pesava no coração de Piers. Maggie precisava de outro pedido de desculpas e de uma explicação.

— Não acredito que sou digno do termo amigo. Ontem à noite, eu me aproveitei de você em um estado vulnerável. Tal comportamento não me faz melhor do que ele. E eu a levei nessa expedição por tortas quando, talvez, deveria tê-la levado para casa.

Ela ficou em silêncio, e Piers sentiu que ela pensava na resposta.

Procurava as palavras certas. Ele conseguia entender o porquê. Seria estranho repreendê-lo pelo beijo, especialmente sabendo que precisariam viajar de volta para Londres juntos em algum momento.

Maggie olhou para o chão. Apesar de os dedos curvarem-se bem de leve na borda do banco de madeira, havia uma rigidez na postura.

Ela soltou um suspiro pesado e, erguendo a cabeça, virou-se para encontrar o olhar dele.

— Se estamos sendo honestos um com o outro, Piers, eu fui tão culpada por aquele beijo quanto você. Eu não só quis, mas desejei mais do que uma mulher respeitável deveria cogitar. E considerando que você está noivo, isso me torna um ser humano terrível, bem como uma hipócrita. — ela disse.

— Isso não é verdade.

— Não? Robert me usou em benefício próprio, e eu fiz o mesmo com você.

Conte. Jogue a verdade na mesa.

— Eu não tenho uma noiva, Maggie. Lady Dinah Gibney e eu não somos mais noivos.

Capítulo Vinte e Seis



Será que ela o ouviu direito? Ele não estava noivo. Maggie intensificou tanto o aperto na borda do banco que os nós dos dedos ficaram brancos.

— O que disse?

Piers assentiu devagar.

— Eu disse que não estou noivo. Lady Dinah e eu terminamos nosso noivado no início do verão. Concordamos em manter discrição até o momento certo de anunciar o rompimento. No dia em que chegamos a Coventry, eu fui avisado de que Lady Dinah encontrou outra pessoa. Eu estava planejando escrever para ela e pedir que ela espere o Natal passar para oficializar o nosso rompimento. Evitaria que nós dois tivéssemos que responder a perguntas incômodas durante as festividades.

Então, ele não foi um cachorro traidor quando a beijou, mas ainda não explicou por que ele e a ex-noiva mantinham o final do noivado em segredo.

A cabeça dela ainda estava girando após a manhã que teve. Maggie não estava certa se poderia lidar com outro evento dramático.

Levaria algum tempo até ela conseguir compreender a profundidade da indiferença de Robert para com ela. As palavras doces e sussurradas não o impediram de condená-la à miséria abjeta.

Ele. Nunca mais fale esse nome. Deve pensar nesse sujeito como ele.

— Poderia me fazer um favor, Piers?

— Claro. Qualquer coisa. Nomeie-o.

— Concordemos em não fazer menção alguma a amores antigos pelo resto do dia. Sei que quer explicar o que aconteceu entre vocês, mas eu... — ela suspirou.

Os esforços para ser leve e alegre cobravam o preço. Maggie estava sem energia.

O calor da mão dele cobrindo a dela fez com que ela revidasse as lágrimas. Havia situações em que Piers parecia ter instintos fortes em relação ao que ela estava sentindo, mas em outras, ele parecia ter dificuldades.

No entanto, ele estava tentando. Pelo menos, ele se importava.

Eles sentaram-se em silêncio, olhando a cidade se estendendo diante deles colina abaixo. Se, ao menos, sempre pudesse ser assim

entre eles. Amigos que conseguiam compartilhar momentos tranquilos.

Ela deitou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos.

Mas e se ele pudesse ser mais? Você ousaria arriscar seu coração outra vez?

Só havia um jeito de descobrir a resposta dessa pergunta. Ela precisaria se abrir mais uma vez para a possibilidade de outra mágoa esmagadora.

Não sei se eu sobreviveria a uma segunda vez.

Capítulo Vinte e Sete



O fogo já queimava baixo quando Maggie acordou no escuro da noite. Piers estava dormindo na cadeira oposta a dela, as mãos cruzadas na barriga. Ela sorriu quando ele se contorceu no sono, ele decerto estava perdido em um sonho. Uma olhada no relógio da cornija mostrou ser pouco depois da meia-noite. A cama acenou, mas ela resistiu ao chamado.

Após voltarem para casa e, com toda a educação, recusarem qualquer ceia, eles se acomodaram na pequena sala de estar no final do corredor do segundo andar. A lareira acesa criou um recanto aconchegante para os dois.

Enquanto Piers analisava papelada militar, arquivava relatórios e escrevia cartas, Maggie lidou com a própria correspondência. Ela escreveu cartas para a família, inclusive uma para a nova cunhada, Leah, na Cornualha. As missivas incluíam os destaques da jornada para o norte. Ela mencionou a comida maravilhosa e os pontos turísticos interessantes, mas não incluiu nada de substância real.

Informar a família do resultado da viagem não seria fácil. Ela não mencionou a descoberta de que Robert ainda estava vivo com a justificativa de que certas coisas eram melhor ditas pessoalmente. Ou talvez, nem assim. Ela ainda não decidiu o que diria para a família.

Ah, mencionei que o homem por quem sofri durante todos esses anos não está morto? E que ele já tinha uma esposa e família quando me conheceu. Contudo, tudo bem porque ele disse que meu amor por ele não passava de uma banalidade.

Vergonha e constrangimento ardiam desde cedo em sua cabeça. Embora os pais e Piers pudessem ser confiáveis para manter tudo em segredo, ela não sabia se viver uma mentira era o certo a fazer.

Entretanto, se protege os inocentes, talvez seja melhor.

A mente dela continuou a vagar, virando-se para o homem que dormia a apenas um metro de distância. Maggie estava certa de que aquelas madeixas escuras sussurravam por um toque dela. Em repouso, Piers era ainda mais bonito do que quando estava acordado. Ela não imaginava que isso fosse possível, mas o sono suavizou as linhas de preocupação que muitas vezes fincavam a testa dele.

Estava claro que Piers lidava com os próprios problemas, no entanto, aqui estava ele, fazendo o máximo para ajudá-la.

Por que você e sua noiva não se casaram? E por que Lady Dinah adiou o anúncio de que você é um homem livre? Estaria mantendo a opção em aberto?

Piers se mexeu em meio ao sono. Maggie cogitou acordá-lo e insistir para que ele fosse para a cama. No entanto, a longa experiência com o pai e o irmão a ensinou a deixar os homens adormecidos sozinhos. Eles tendiam a ser criaturas mal-humoradas ao serem acordados.

Ela o deixou dormindo na cadeira e voltou para o quarto. Lá, ela recolheu o pesado manto de lã e desceu para o jardim noturno. Piers estava certo em relação ao ar fresco e o efeito curativo dele em nossas mentes.

Era uma noite clara de novembro. O céu estava limpo, mas trazia a promessa de uma manhã gelada. Maggie adorava essa época do ano.

Este ano, ela teria grandes expectativas para o Natal no Castelo Strathmore: por guerras de bolas de neve com os primos e pela gigantesca fogueira que tio Ewan sempre encomendava aos trabalhadores da propriedade para a véspera de Hogmanay. A marcha anual dos moradores até o castelo, onde a cerimônia do Primeiro Pé aconteceria logo após a primeira badalada do ano novo, era a parte favorita dela de toda a festividade.

Faltava pouco menos de um mês para que a família se reunisse na propriedade ancestral, período em que ela poderia colocar os pensamentos em ordem e planejar o novo ano que estava por vir.

Um ano de recomeços.

O olhar dela se ergueu para a torre alta da igreja de São Miguel que ficava nas proximidades. Um redemoinho de neve dançava ao redor da cruz no topo. O vento estava forte lá em cima, e os flocos brancos não chegaram ao chão. Em vez disso, desapareciam no céu noturno.

A cena acima parecia espelhar as próprias emoções. A raiva havia se dissipado, e agora restava apenas uma dor leve e constante. Com o tempo, também desapareceria.

Por um tempo, Maggie se contentou em ficar de pé e olhar para o alto muro de pedra da igreja de São Miguel. Ela passou a vida toda em torno da Igreja da Inglaterra, e a familiaridade dessa construção lhe trouxe conforto.

Nos fundos do jardim havia um pequeno portão, que ela presumiu levar para a via atrás da casa. Ela ainda não o notara. Do outro lado da via, ficaria o terreno da igreja e o cemitério.

Ela sentiu-se tentada a ir até a igreja por esse atalho e buscar consolo em oração, ou até mesmo falar com alguém. No entanto, Maggie não arriscaria a própria segurança apenas para procurar conselhos.

— É tarde, e você está em uma cidade estranha. — ela sussurrou para o céu noturno.

O dia já produzira bastantes eventos em que pensar. Piers e o que ela faria em relação aos afetos crescentes por ele poderiam esperar até a manhã.

Ao menos, eu enfim obtive respostas em relação a Robert, por mais horríveis que sejam.

Todas essas preocupações e as cartas intermináveis, ela poderia enfim interromper tudo.

Uma das primeiras tarefas quando retornasse ao Palácio Fulham seria queimar cada folha de papel com cartas, anotações e planejamento do jardim memorial que pudesse encontrar. Ela apagaria cada lembrança física de Robert em sua vida.

Botas pesadas soaram pelo chão, esfarelando o gelo. Ela se virou. Piers se aproximava, carregando uma grande caneca. Ela viu o vapor subindo.

— Temo ser apenas uma caneca. Precisaremos compartilhar. Não creio ser justo acordar criados apenas para conseguir mais chá.

Ele ofereceu a caneca, e Maggie a aceitou.

— Obrigada. — após um gole hesitante, ela a devolveu. — Está quente, é o que importa. Embora da próxima vez, poderia encontrar o pote de açúcar e acrescentar uns dois cubos.

Piers estremeceu.

— Argh. Odeio açúcar no meu chá. Fica doce demais.

Maggie não conseguiu segurar o sorriso.

— Pois bem, precisamos encontrar um meio-termo. Que tal se, da próxima vez que você nos fizer chá, você colocar um único cubo de açúcar?

Ele abriu um sorriso perverso, e o coração dela perdeu uma batida.

— Tudo bem, mas tem que ser o menor deles.

— Se o chá tiver gosto de água morna, você volta para a cozinha. — ela respondeu.

As feições dele suavizaram. Um olhar gentil apareceu no rosto. Sob a luz opaca, ela não via muito mais do que o brilho daqueles olhos.

— Como está se sentindo? — ele perguntou.

— Estou muito melhor do que quando chegamos em casa. Confesso que me sentia bem esgotada. Uma hora ou mais de sono na cadeira junto ao fogo me fez bem. Eu não o acordei porque estava dormindo tão profundamente.

E porque ela queria tempo para ficar sozinha, para colocar essas estranhas novas emoções despertadas por Piers em certa ordem. Era um trabalho em andamento.

— Piers? — ela perguntou.

— Sim.

— Lembra-se de quando nos sentamos no banco do lado de fora da igreja de São Miguel e conversamos, e eu disse que não queria discutir velhos amores pelo resto do dia?

— Sim, claro.

— Bem, já passou da meia-noite. É um novo dia.

Ele bebericou o chá, e assentiu devagar.

— Quer saber de Lady Dinah, por que o noivado foi rompido?

— Só se não for muito doloroso. Assim, eu sou a última pessoa que deveria estar tentando forçar alguém a falar de um coração partido.

Piers estaria mesmo com o coração despedaçado? Ou o fim do noivado teria sido um alívio abençoado para ele? A única certeza dela era a emoção que ele despejou naquele beijo. Houve paixão naquele enlace. Ele pode ter tentado se segurar, mas esteve perto de perder o controle.

Ela daria tudo para vivenciar um momento com um Piers sem freio. E se houvesse a menor das chances de poderem aprofundar esse vínculo, antes de voltarem para Londres, ela seria uma tola de não a agarrar.

Capítulo Vinte e Oito



Ele ficou desapontado ao acordar sozinho na sala e encontrar Maggie desaparecida. À princípio, Piers presumiu que ela havia se retirado para a cama, mas ao passar pelo quarto, viu a porta aberta, e ela não estava em nenhum lugar à vista. Preocupado, ele revistou a casa, procurando-a.

Somente quando ele enfim a espiou de uma janela do térreo, de pé no jardim e olhando para a igreja próxima, o coração acelerado dele se acalmou.

Piers havia pensado em compartilhar uma xícara de chá tarde da noite e um bate-papo ameno, mas ficou claro que Maggie estava com vontade de falar de assuntos mais pessoais. Quando fez a pergunta acerca de Lady Dinah, houve uma centelha de vida certa nela.

No entanto, explicar a verdade acerca de seu noivado rompido, não seria fácil.

Ela foi honesta com você. Talvez agora seja hora de contar um pouco da sua verdade. Deixe-a decidir o que fará com a informação.

Ele limpou a garganta e começou.

— Lady Dinah e eu nos conhecemos desde que éramos crianças. Nossos pais arranjaram nosso noivado há muitos anos. Cresci acreditando que me casaria com ela.

Eles se encontraram poucas vezes ao longo dos anos e eram amigáveis o bastante. Nenhum dos dois considerava o outro repulsivo a ponto de cancelar o compromisso. Embora uniões de amor estivessem ficando mais comuns, casamentos arranjados ainda eram a norma entre a nobreza inglesa.

— Quando voltei da Europa, e a guerra acabou, a família de Lady Dinah pressionou pela realização do casamento. O anúncio oficial do nosso noivado ocorreu no ano passado, mas vários acontecimentos nos forçaram a continuar adiando.

Maggie encontrou o olhar dele.

— Que tipo de acontecimentos?

Minha nossa, como explico?

— Bem, para começar, eu ainda estava no exército. Lady Dinah não gostava disso e exigiu que eu renunciasse à minha comissão, antes de nos casarmos.

Esse foi o primeiro sinal real de problemas entre ele e a ex-noiva.

Dinah ficou o pé quanto a não se casar com Piers enquanto ele pertencesse ao exército. Ela deixou claro que se casaria com um futuro visconde, não com um capitão.

— A família dela foi à Denford Park no início deste ano para uma estada de uma semana. A ideia era que os contratos fossem terminados e uma data para o casamento marcada. — ele engoliu um grande gole do chá, que esfriava depressa, e estremeceu ao sentir o líquido descer.

Maggie permaneceu em silêncio.

Não havia mais nada a fazer a não ser continuar:

— Durante essa semana, Lady Dinah e eu passamos algum tempo juntos. Caminhamos pelos jardins em Denford Park.

As esperanças dele eram que Dinah comesçasse a vislumbrar um futuro feliz na propriedade da Família Denford. Que se imaginasse vivendo ali, criando uma penca de filhos com ele.

Ele não poderia estar mais errado.

Ela recusou a proposta dele de ir passear na floresta para colher campânulas. Ela também não demonstrou nem mesmo o mínimo interesse em conhecer o riacho, onde ele havia planejado um piquenique. Era nesse passeio, que Piers imaginava que compartilhariam seu primeiro beijo de verdade.

Em seguida, ele perguntou se ela gostaria de ir ao campo, para observarem as estrelas tarde da noite. As noites de verão estavam quentes o bastante para que um casaco leve fosse o bastante. Mais uma vez, seria o lugar perfeito para um casal jovem e noivo passar algum tempo sozinho.

Lady Dinah o recusara sem rodeios ante essa sugestão. Ela não queria ir a lugar nenhum com ele.

— Basta dizer que Lady Dinah e eu logo concluímos que há grandes divergências de opinião entre nós. Concordamos que não nos adequávamos.

Piers não mencionaria que Lady Dinah deixara claro que a união deles seria ditada pela família dela, que era muito mais rica do que a dele já que o pai dela é um conde. Ela considerava o futuro marido abaixo dela.

A única graça salvadora foi ver que tanto a mãe dele quanto a de Lady Dinah chegaram à mesma conclusão. As duas expressaram suas opiniões com clareza, e o noivado enfim foi encerrado.

— Lamento que não tenha dado certo entre vocês, mas isso não explica por que mantiveram a pretensão de ainda estarem noivos. — Maggie respondeu.

Ele conhecia todos os segredos mais sombrios dela, sua dor. Era justo que ele compartilhasse algum dos próprios problemas. Se ele queria que fossem amigos, ele precisava aprender a confiar em

Maggie.

Por onde começar?

— Em primeiro lugar, permita-me abordar a razão para eu ainda estar no exército. Não permaneci porque gosto de lidar com montanhas de papelada. Acredite em mim, odeio. O máximo que posso dizer é que há assuntos inacabados em decorrência do tempo que passei à serviço do Príncipe de Orange. Enquanto tal situação não for esclarecida, não posso vender minha comissão.

Ele puxou as abotoaduras do casaco, sentindo-se inquieto por precisar dar voz aos seus problemas. Além de Jonathan e dos pais, poucas pessoas tiveram compreensão real da difícil situação. Maggie era a última pessoa a quem ele queria arrastar para esse pesadelo.

— Lady Dinah está ciente de que há um problema e de que pouco progresso foi feito no último ano para resolvê-lo. Concordamos em manter o fim do nosso noivado em segredo para que outras pessoas não acreditassem que ela me julgava uma pessoa ruim.

Piers não mencionaria mais nada da situação para Maggie. Ela não precisava ouvir a verdadeira profundidade de seus problemas, ou o que ele poderia enfrentar se não pudesse resolvê-los.

Eu só gostaria que o príncipe respondesse às minhas cartas. Que contasse ao Comandante-em-Chefe que eu tentei salvar a vida dele naquele dia, que eu estava cumprindo meu dever.

— O que fez para que pensassem que Lady Dinah o julgaria? — ela perguntou.

Piers estava irritado consigo mesmo por ter usado as palavras tão mal.

— Nada. Não fiz nada. Poderíamos, por favor, deixar esse tópico onde está por ora? Eu não vim aqui para sobrecarregá-la com meus problemas. Quis ver como estava e se, talvez, já teve tempo para considerar o que fará a seguir. — ele disse.

Ele devolveu a xícara de chá para ela, e Maggie tomou um gole.

Ela fez uma careta.

— Ainda precisa de açúcar.

Maggie se afastou. Agora, estava de costas para ele. Ela apontou para o grande edifício de pedra, a igreja de São Miguel. Piers sempre gostou de como a construção pairava acima do jardim, uma parede de proteção gigante contra os ventos do mundo.

— Só pensei em arrumar um tempo para falar com o pastor dessa igreja. Compartilhar algo dos meus problemas. Na verdade, não quero falar quem sou. Sei que seria um pouco desonesto da minha parte, mas se eu for confiar em alguém para obter conselhos, não posso fazê-lo se souberem que sou filha do Bispo de Londres. — ela disse.

Foi um soco emocional repentino e inesperado para Piers. Maggie não confiava nele o suficiente para pedir conselhos. Será que ele

imaginou a amizade deles?

Fazendo o possível para esconder o orgulho ferido, ele seguiu e parou ao lado dela.

— Sempre pode falar comigo. Eu ficaria mais do que feliz em ouvir.

Ela abriu um sorriso tão triste que ele precisou se afastar um pouco.

— Sinto muito, Piers. Não quis ofendê-lo. Eu não cogitei pedir sua opinião, pois algumas questões o envolvem diretamente.

Pela segunda vez em questão de minutos, as palavras de Maggie pegaram Piers de surpresa.

— Como assim?

A mão dela tocou a dele, e seus dedos se entrelaçaram.

— Eu gostaria de saber a opinião de outra pessoa acerca do que devo fazer se eu perceber estar apaixonada por um homem que está comprometido com outra pessoa. Mesmo que esse noivado esteja terminando, ele pode não estar aberto à ideia de reencontrar o amor tão cedo. Eu imagino que a resposta seria arrumar minhas coisas e embarcar na primeira diligência disponível rumo a Londres.

Ó, Maggie.

Graças a Deus, ela não foi em frente com esse plano. Ele teria sido forçado a pular no primeiro cavalo que encontrasse para perseguir essa diligência, abordando-a como se fosse um assaltante de estrada. Qualquer coisa para impedi-la de ir embora.

Com gentileza, Piers a puxou para um abraço.

— Fico feliz que não tenha procurado esse conselho. Espero que agora que esclarecemos um pouco das coisas, você possa reconsiderar seus planos.

Ela levantou o rosto e encontrou o olhar dele.

— Se está se referindo a planos de viagem, devo esclarecer não ter nenhum. Vou para onde for, desde que seja com você.

Essas palavras eram o que Piers desejava ouvir de Maggie. Enquanto estivessem juntos, nada mais importava.

Eu nunca vou deixá-la. Preciso encontrar um jeito de mantê-la ao meu lado, para sempre.

— Bem, esse parece ser o melhor plano de todos, então sugiro que o sigamos. — Piers disse.

Ele baixou os lábios para os dela, e selou o acordo com um beijo, longo e demorado.

Capítulo Vinte e Nove



A revelação de que Piers não estava noivo e nem prestes a se casar mudou a natureza do relacionamento deles. O beijo que compartilharam à noite no jardim marcou uma nova direção para Maggie e Piers.

Pela lógica, eles deveriam voltar para Londres no final da manhã seguinte. Em vez disso, a carruagem Denford seguiu para oeste de Coventry, para a cidade de Kenilworth a nove quilômetros e meio de distância, para as belas ruínas de arenito vermelho do Castelo de Kenilworth.

E, em vez da bagagem dela, havia uma cesta de piquenique, preparada pela cozinha da família, no assento oposto ao que Piers e Maggie compartilhavam, de mãos dadas.

Após a noite desperta, Maggie levantou-se antes do amanhecer. Ela escolheu o vestido rosa-pálido para o passeio de hoje. A criada pessoal se ofereceu para arrumar os cabelos de Maggie em uma trança francesa, e cobri-lo com o chapéu que Elizabeth foi gentil em emprestar, mas ela recusou a oferta, preferindo um coque frouxo.

Se ela usasse o chapéu baixo o suficiente, talvez ajudasse a esconder as olheiras. Não havia nada que ela pudesse fazer acerca da própria aparência cansada, mas ela esperava que Piers não tivesse notado.

— Você está linda, Maggie. Esse tom de rosa combina com sua tez.
— Piers disse.

O olhar dela caiu para o chapéu de abas largas em seu colo. As palavras encantadoras de Piers deixaram-na com o coração em polvorosa. Ela sorriu. O coração se encheu mais uma vez com a alegria dos primeiros dias inebriantes de romance.

— Como está hoje de manhã, Maggie? Um pouco cansada talvez? Admito que levantar da cama foi um pouco difícil para mim.

— Não, estou bem, obrigada, aproveitaremos o dia.

A perspectiva de passar um tempo a sós com Piers era motivação mais do que suficiente para tirar Maggie da cama. Ela adorou como ele enfiou os dedos nos cabelos dela enquanto a segurava nos braços e a beijava às primeiras horas da madrugada. As esperanças para o dia incluíam a retirada do chapéu dela, com ele escorregando os dedos pelos fios mais uma vez.

E se ele me beijar, não notará o tamanho real do meu cansaço.

— Obrigada. Espero que este vestido e capa sejam quentes o suficiente para um dia no interior. — ela respondeu.

— Se o tempo ficar ruim, sempre podemos parar para uma refeição na Pousada *Sign of the Two Virgins*. É um velho pub perto do castelo.

— Conhece todas as tavernas, pousadas e pubs da Inglaterra? — ela perguntou. Piers parecia ter um mapa mental detalhando lugares onde boa comida e bebida poderiam ser encontradas com facilidade.

Ele deu de ombros.

— Gosto de comida. E gosto de encontrar as melhores opções. Restaurantes e clubes privados de Londres podem pensar servir as melhores iguarias, mas é por aqui, nas pequenas cidades inglesas, que os verdadeiros sabores deste país estão.

Maggie apontou para a cesta de piquenique.

— Teve participação na seleção das nossas provisões para o dia?

— Sim.

Uma gargalhada estourou dos lábios dela. Elizabeth se esforçou muito para explicar quanto tempo Piers passou na cozinha esta manhã, supervisionando os preparativos para a viagem de apenas um dia. A cozinheira da Família Denford chegou a murmurar palavras sujas o tempo todo.

— Peço desculpas. Soube que deu instruções detalhadas aos criados da cozinha acerca de como deveriam fatiar o pão para nossos sanduíches. Conte-me, Piers, de que lado está na importante discussão do corte de um sanduíche? Deve-se cortar o sanduiche na diagonal ou reto?

Ela fingiu não ver o ligeiro estreitar de olhos e nem ouvir o óbvio *tsc, tsc* de desaprovação.

— Na diagonal se o pão for retangular e, se for uma forma arredondada, deve-se cortar bem no meio. E se for uma baguete francesa...

Com os lábios bem juntos, Maggie desviou o olhar. Ela estava fazendo o possível para parar de rir, mas o tremular de tronco traiu sua alegria.

Uma mão forte pegou-a pelo queixo, virando-a de leve para enfrentá-lo. Ela se viu olhando para os olhos castanhos e ternos do homem que mudou a vida dela.

— Você é muito provocadora, Senhorita Radley. Creio que será um dia divertido.

Beije-me.

Quando ele fez menção de recuar, ela se inclinou, colocando a mão em cima da dele.

— Não precisa ser uma provocação, Capitão Denford. Estou disposta a cumprir o que prometo.

Ele a estudou por um instante, e Maggie se perguntou o que ele pensava.

— Não apressemos nada. Devemos deixar que tudo vá devagar. Você passou por muita coisa nos últimos dois dias. Apesar do que me disse, posso ver os anéis escuros sob seus olhos. Ficarei mais feliz quando souber que você dormiu um pouco. — ele disse.

As palavras de cautela dele foram incômodas, mas ela conseguia entender o raciocínio. Ela passou por muito nos últimos dias. Muito do que ela acreditava ser uma verdade absoluta provou-se uma mentira. Somando-se a isso havia a revelação de Piers de que ele não estava mais noivo.

— Só me prometa uma coisa, sim? Não quero segredos entre nós. Posso aceitar muitas coisas, mas creio que jamais consiga estar com alguém que não seja honesto comigo. Não após ele. — ela disse.

Houve outro longo minuto de silêncio de Piers.

— Então, admitirá que não está dormindo? — ele perguntou, por fim.

O justo era o justo. Se ela exigiria honestidade dele, ela também precisava ser.

— Sim. Não estou descansando muito. Meus nervos ainda estão exaltados. Como tudo o que é bom, o sono virá com o tempo. Há algo mais que gostaria de me contar acerca da sua própria situação?

O que era justo, com certeza, era justo. Uma confissão merecia outra. Ela o pegara em seu próprio jogo. Piers suspirou.

— Eu compartilhei o que posso compartilhar em relação à minha situação com o Exército. É complicado, não tenho muito controle da situação. Até que se resolva, estou preso ao posto de Capitão do Exército.

— O que aconteceria se tentasse renunciar à comissão? Eles não podem forçá-lo a permanecer no exército, podem?

Pelo que ela ouviu do primo, Will Saunders, o exército dispensou a maior parte das tropas e abandonou o resto. Além de lidar com papéis, ela não conseguia entender que uso teriam para Piers.

— Deixaram-me claro que, se eu tentar deixar o Exército, eu o farei com uma dispensa desonrosa. Meu nome de família ficará manchado para sempre. Não farei isso com meu pai, com Jonathan, ou com meus filhos que nem nasceram.

Maggie soltou a mão dele, que caiu. Estava claro que ele não contaria toda a verdade, mas saber que o exército o mantinha no cabresto bastaria por ora. Ela conseguia entender por que Piers queria deixar o relacionamento deles seguir com tranquilidade.

— Entendo. Uma dispensa desonrosa seria um fardo pesado para nossos filhos. — ela respondeu.

Piers virou a cabeça e olhou pela janela. Se ele ouviu o comentário

deliberado dela acerca de filhos dos dois, ele fazia um esforço óbvio para não o mostrar.

Maggie era inteligente o bastante para deixá-lo em paz. Ela seguiu o exemplo e virou-se para olhar para o campo que passava, assentindo sempre que Piers apontava algo de interesse. Não havia muito para ver, apenas campos verdes e uma fazenda ocasional.

No fim, a carruagem diminuiu a velocidade, e eles saíram da estrada principal de Coventry rumo a Warwick, na direção de Kenilworth. Quando chegaram à Rua High, eles viraram à esquerda. Piers inclinou-se e apontou para a janela. Maggie avistou um prédio antigo, caído de branco, uma placa pendurada na frente. Uma imagem em preto e branco de duas mulheres vestidas com roupas medievais foi pintada nela.

— Esse é o *Sign of the Two Virgins*? A taberna que mencionou mais cedo? — ela perguntou.

— Isso mesmo. E, sim, atende patronos desde o ano de mil quinhentos e sessenta e três. Consegue imaginar quantas e que pessoas passaram por essa entrada? Quero dizer, Lorde Robert Dudley, vivia a menos de um quilômetro estrada acima, então este deve ter sido um ponto de encontro para muitos dos mais poderosos e ricos da Inglaterra em seu apogeu.

Um historiador, além de amante da boa comida. Piers Denford era um homem de muitos talentos. De certa forma, ele a lembrava do irmão, James.

Pensar na própria família a fez sentir uma pontada no coração. Ela estava fora de casa há menos de uma semana, mas era o maior tempo que Maggie já esteve longe da família.

Mais alguns metros acima da estrada, e Maggie teve o primeiro vislumbre do Castelo de Kenilworth. Atrás dele, o sol do meio da manhã emoldurava belamente a silhueta da construção. Torres de arenito vermelho alcançavam o céu.

O que restava do castelo principal era virado para um prado e era cercado por campos verdes. Havia muitas ovelhas gordas e cheias de lã pastando no interior e ao redor do que parece ter sido um fosso. Não era a fortaleza que ela esperava encontrar, arruinada e abandonada.

— Pode entender por que tantos artistas pintaram essa cena ao longo dos anos. — Piers disse.

Maggie assentiu. Ela conseguia imaginar James sentado em um banquinho, o caderno em mãos, os movimentos frenéticos na tentativa de capturar um esboço no papel.

— Eu adoraria vê-lo ao pôr do sol. O vermelho ardente do sol moribundo deve ser espetacular nas paredes.

A carruagem começou com sua parada no lado de fora da entrada

principal frontal do castelo. Piers apontou um prédio próximo.

— Esse é o Edifício Leicester. A autarquia continua a utilizá-lo para reuniões municipais. Trata-se da única parte do castelo que os parlamentares não tocaram durante a guerra civil.

— Sempre considere a escolha de verbo peculiar. Tocar, como se fosse um pequeno raspão ou acidente. Pegar um canhão ou explosivos e reduzir algo quase a escombros deveria ser descrito de um jeito diferente, como derrubar. — ela respondeu.

— É um ponto válido. Derrubar ou destruir descreve o que aconteceu, dizer que não tocaram leva alguém a pensar que no máximo apreciaram a vista de passagem. — ele disse.

Tal pensamento deveria ser cômico, mas a visão era triste. O que um dia foi um magnífico palácio, agora reduzida a uma casca vazia em ruínas. A Guerra Civil Inglesa levou grande parte do patrimônio do país às ruínas.

O cocheiro abriu a porta, e Piers saiu. Ele ajudou Maggie a descer e, em seguida, estendeu a mão e recolheu a cesta de piquenique. Com um cobertor dobrado no braço, Piers curvou-se a ela. Pareceria ao mundo inteiro que um lorde acolhia uma dama em seu humilde palácio.

— Bem-vinda a Kenilworth, Senhorita Radley.

— Obrigada, gentil senhor.

Maggie olhou para as botas, parabenizando-se em silêncio por trazer um calçado tão sensato. Os terrenos não estavam bem conservados e, se pretendessem fazer um piquenique entre as ruínas, precisariam atravessar a relva molhada.

Espero que a criada de Elizabeth me perdoe se eu ficar com uma ou duas manchas nessas saias rosa-pálido. Exigirão uma boa esfregada caso isso ocorra.

Eles seguiram o caminho estreito que entrava pelo lado esquerdo do castelo, indo para longe da entrada principal. Piers apontou para a extensão baixa e larga que circundava o local.

— Quando este ainda era um palácio de prazeres, havia um grande fosso no sudoeste do terreno. Era profundo o suficiente para barcos à vela. Já foi abandonado há muito tempo, mas na primavera, a área ainda inunda. Por isso que a grama é exuberante e verde, e as ovelhas ficam tão contentes em pastar aqui.

O olhar de Maggie traçou a linha do muro de tijolos vermelhos que circundava a parte inferior dos terrenos do castelo. Na imaginação, ela conseguia ver as águas batendo nele

— Pelo que me lembro, este já foi um dos principais castelos da Inglaterra. A rainha Elizabeth o visitou em várias ocasiões.

— Sim, ela o fez. O proprietário do castelo, Lorde Robert Dudley, foi um dos favoritos da rainha Elizabeth por muito tempo. Entretanto,

quando a esposa dele morreu em circunstâncias suspeitas, houve todo tipo de rumores de que foi um crime. Dudley talvez tenha cogitado se casar com a rainha, mas já ter uma esposa era um inconveniente. Nada foi provado, mas a ideia de ele se tornar consorte real quase que selou o rumor.

Eles chegaram a uma área mais alta, na direção ao grande salão que se elevava acima da paisagem. Educada, Maggie esperou que Piers desse prosseguimento à visita guiada.

— John de Gaunt fez extensões em grande parte do castelo e do pátio da muralha durante um período de oito anos, de mil trezentos e setenta e dois a mil trezentos e oitenta. Ele também construiu o grande salão, que é onde estamos. — ele anunciou.

Havia um brilho de orgulho nos olhos dele enquanto ele falava. Piers amava mesmo este lugar. Kenilworth poderia muito bem ser uma ruína, mas ainda era deslumbrante. Talvez ainda mais adorável nesse estado arruinado do que quando era um castelo em pleno funcionamento.

Maggie ergueu o olhar, contemplando a enorme estrutura. As molduras de pedra das janelas elevadas permaneciam intactas em muitos lugares.

— O grande salão tem quase cem metros de altura. — Piers acrescentou.

Ela apontou para as paredes externas, contando as linhas nos tijolos que marcavam onde estariam os andares originais.

— São pelo menos quatro andares. Centenas de pessoas viveram aqui na época de Dudley.

Piers assentiu.

— Se tivermos tempo, eu a levarei para o outro lado do castelo para mostrar onde ficavam os jardins elizabetanos formais. Agora não passa de uma mancha de ervas daninhas, mas ainda se pode ter uma boa ideia do que o Conde de Leicester fez com o lugar e quanto isso deve ter custado.

Tudo isso para cortejar uma rainha que decidiu que, por mais que o amasse, Dudley era um risco muito grande para ser marido.

Entretanto, se você não se arriscar no amor, pode nunca saber o quão maravilhoso ele pode ser.

Ou quão desolador.

Maggie afastou esse pensamento. Ela passou muito tempo no escuro. Hoje seria um dia de sol e luz. Para passar um tempo precioso com um arrojado capitão do exército.

— Para alguém que não é desta parte da Inglaterra, sabe muito sobre Kenilworth. — ela observou.

Piers limpou a garganta.

— Quando fui para a Universidade de Oxford, não conseguia

decidir o que queria estudar. Teologia me aborrecia. — ele deu um sorriso nervoso.

Ela acenou para longe.

— Papai sabe que a igreja não é para todos. Como segundo filho, ele contemplou as opções habituais. Forças armadas, igreja, ou passar os dias na Escócia tentando ficar fora do caminho do pai. Ele sentiu ter vocação para a igreja.

— Minhas desculpas. Não quis parecer menosprezar a ilustre carreira de seu pai. Como herdeiro do título de Visconde Denford, a igreja não era de fato algo que eu teria considerado com seriedade. Além disso, não tive interesse real no Exército. Só acabei entrando porque seria um período curto.

Ela captou a amargura nas palavras. Talvez alguém tenha convencido Piers a assumir o papel de oficial, diante da promessa de que ele estaria fazendo a coisa certa pelo país, e que a guerra na Europa logo acabaria.

Contudo, não acabou para ele.

— Quando cheguei a Oxford, decidi estudar algo que me interessasse, no caso, a Guerra Civil Inglesa. Tive uma boa educação, bem como a esplêndida oportunidade de viajar pelo campo e visitar muitos dos locais das grandes batalhas. O fato de vários deles ficarem perto de casa foi um bônus.

— Não visitei muitos lugares fora de Londres. Papai está sempre tão ocupado com os assuntos da igreja. Quando viajamos, costumamos ir direto de Londres para o Castelo Strathmore, e vice-versa. Fico feliz em admitir ter inveja de você. — ela disse.

Ele baixou a cesta e foi parar ao lado dela. Quando ele passou a mão pela cintura dela, ela se acomodou no abraço, aliviada porque o constrangimento na carruagem parecia ter passado. Piers se inclinou sob o chapéu dela e a beijou na bochecha. Ele sussurrou:

— Não se preocupe com a parte da inveja, apenas seja feliz. É tudo o que todos nós devemos fazer.

Ela levantou a cabeça e sorriu para ele.

— Sempre diz as coisas mais bonitas. Talvez seja por isso que eu o considere o homem mais simpático que já conheci.

Quando as sobranceiras de Piers se franziram, Maggie pôde adivinhar o que ele estava pensando. Ele queria que ela pensasse nele como mais do que apenas uma companhia agradável.

— Bonito e bastante arrojado. Soa melhor? — ela propôs.

O rosnado baixo de necessidade que saiu dele enviou um frisson de calor por toda a espinha dela. Com um hábil estalar de dedos, o chapéu de Maggie desapareceu da cabeça. Caiu cobrindo os dedos dos pés.

— Ou prefere que tenha um quê de simpático e um quê de

atrevido?

O beijo profundo que a fez curvar os dedos dos pés foi toda a resposta de que ela precisava.

Capítulo Trinta



Piers e Maggie encontraram um pequeno espaço protegido do vento na base da Torre Forte. Um aglomerado de arbustos baixos acrescentava mais proteção contra os elementos.

Ele pegou duas garrafas de ginger ale da cesta que até parecia não ter fundo, e entregou uma para Maggie. Para surpresa dele, ela puxou a rolha com os dentes assim que a pegou.

— Eu ia abrir para você. — ele disse.

— Velho costume escocês. Nunca faça cerimônia quando se trata de comida e bebida. É melhor ter todos bem hidratados e alimentados antes da dança. — ela respondeu.

Ele não conhecia o ditado, mas não conseguia encontrar falhas na lógica. Piers estava sempre pensando na próxima refeição.

Maggie esticou a manta em um pedaço de terra seca. Em seguida, começou a vasculhar a cesta de piquenique.

— Ah, bolo! E esses sanduíches são deliciosos.

Piers debruçou-se na cesta, perscrutando o conteúdo. Embalaram as fatias de carne de porco e as de maçã em conserva?

É melhor que sim. Jonathan comerá tudo se ficaram na cozinha.

Ele respirou aliviado quando Maggie retirou um prato quadrado enrolado em uma toalha de chá azul do fundo da cesta. Ela ergueu uma das pontas do pano e espiou dentro.

— Parece interessante.

— Tirando o prato das mãos dela, Piers removeu o pano. Ele não conseguiria evitar. Com as mãos mesmo, ele pegou um pedaço da carne e um de maçã e logo os enfiou na boca.

— Piers Denford, que modos são esses! — Maggie guinchou em meio a uma risada.

Ela estendeu um garfo, e um Piers claramente incomodado levou-o ao prato. Ele terminou o petisco, e os dois esvaziaram o cesto, colocando dois pratos de jantar na manta.

— As fatias de porco e as de maçã temperadas são uma especialidade da cozinheira de Jonathan e Elizabeth. Ela os prepara sempre que eu os visito. — ele explicou.

— Parece um verdadeiro banquete. Não sei se conseguiremos comer tudo. — Maggie respondeu. Ela ergueu a mão e apontou o dedo para ele. — Então, repito, podemos ter sucesso. Meu primo Alex falou

de você no jantar da noite anterior à nossa saída de Londres. Ele disse que na época da escola você era famoso quando se tratava de comida. Conseguia terminar um prato inteiro e continuar buscando um complemento.

Ele deu uma gargalhada. Uma figuraça, esse Marquês de Brooke. Claro que ele contaria a Maggie todas as fofocas do tempo deles em Eton.

Acomodando-se ao lado dela na manta, ele aceitou o prato que Maggie passou. Logo, sanduíches e frios foram empilhados.

— Coma. Prometo não contar a ninguém o quanto comeu. É bom ter um apetite saudável. E esse piquenique é o melhor que já vi em bastante tempo. — ela disse.

Eles sentaram-se em um silêncio amigável por um tempo. Comeram, observando as ovelhas próximas pastarem no velho fosso abaixo do castelo. Aqui e ali, um par do reino turistando ou fazendeiro local acenava desde o outro lado do Grande Salão, mas no restante do tempo eram apenas os dois.

Com a barriga cheia, eles arrumaram a cesta e a colocaram em um dos lados da manta. Piers bocejou. Ele precisava muito de uma soneca pós-banquete.

— Eu ficaria aqui por mais um tempinho se estiver tudo bem com você.

Maggie assentiu.

— Eu sinto o mesmo. Por dois dias seguidos, comi uma enorme refeição ao meio-dia. Precisarei caminhar até Coventry para digerir bem essa comida ou minhas roupas novas não caberão.

— Ficaria linda em qualquer tamanho, Maggie. Eu, por outro lado, talvez precise começar a cortar a ceia. Os uniformes militares não têm muita folga, especialmente na área dos botões. — Piers respondeu. Os olhos dele, que já estavam pesados, se fecharam. Ele queria descansar, mas não dormir. Esses momentos a sós com Maggie eram preciosos. — Já conseguiu pensar mais no futuro? Refiro-me ao que fará quando voltar para Londres? — ele perguntou.

Ele não queria pressionar Maggie, mas Piers estava ansioso para que ela refletisse acerca de como seria a vida após essa viagem. Ela poderia ficar longe pelo tempo que quisesse, mas, em algum momento, precisaria voltar para a família.

— Pensei um pouco essa noite. Não conseguia dormir. Minha mente está muito acelerada. Suponho ser óbvio que eu tente reconstruir minha vida. Deixar estes acontecimentos horríveis para trás.

Está certa. Foram acontecimentos terríveis. E o canalha a fez sofrer sem necessidade.

— Mais fácil dizer do que fazer. — ele respondeu.

— Sim. Será complicado contar para a minha família, mas é o que é. Também cheguei a algumas decisões em relação a ele. Creio ser melhor deixar tudo no passado. Ele tem esposa e filhos. Não devem sofrer em decorrência da estupidez egoísta dele.

Piers abriu os olhos.

— É muito magnânimo da sua parte, Maggie. Muitas pessoas não veriam a situação dessa forma. Iriam querer que ele fosse punido.

O que ele mais queria fazer era envolver Maggie nos braços e oferecer conforto, mas assim que ele se mexeu em direção a ela, ela ergueu a mão trêmula.

— Por favor, não. Preciso conseguir lidar com essas emoções sem que outras pessoas precisem me confortar a todo o instante.

— Odeio vê-la chateada.

O sorriso gentil que ela abriu chegou ao coração dele.

— Eu sei, mas sou muito boa em aceitar más notícias. Precisarei de pouco de tempo para conseguir colocar tudo em ordem na minha cabeça. E parte disso temo talvez nunca consiga entender.

A ideia de ela ir para casa, tentar explicar tudo para a família o encheu de uma tristeza vazia. Maggie já não sofreu o suficiente? Devia haver algo que ele pudesse fazer. Um jeito de aliviar esse fardo.

E se ela não voltar logo para a cidade? Tempo e distância podem ser o que ela precisa. Tire-a de Coventry. Leve-a para longe da preocupação de esbarrar com o vagabundo.

Entretanto, ela aceitaria a sugestão de ir com ele? E ele estaria sendo honesto consigo mesmo quanto aos próprios motivos? Aos planos que evoluíam na cabeça dele?

Quem não arrisca, não petisca.

— Maggie, comentou que não teve muitas oportunidades de ver a Inglaterra. Que todos os anos, a sua família sempre vai e volta da Escócia sem parar em lugar algum.

— Uhum. Sim, é o que fazemos.

— Bem, eu estava pensando que poderíamos optar pelo caminho mais longo na volta a Londres. Poderíamos fazer da viagem um passeio. Meus pais estão em Denford Park, e fica a um par de dias a leste de Coventry, em uma estrada de fácil avanço. Não recebo permissão para voltar para casa desde o verão, e eu adoraria ver meus pais.

E apresentá-la aos dois.

Primeiro como amiga, mas com o tempo, ele esperava que como algo mais. A mãe dele e a de Maggie eram conhecidas. Pessoas com origens semelhantes, de boas famílias. Eram o tipo de pessoa com quem ele poderia contar para não julgarem Maggie por tal infortúnio.

— Podemos passar por Naseby a caminho de Denford Park. Continuar nosso tour de cenas de batalha das guerras civis inglesas.

Naseby foi onde a primeira Guerra Civil Inglesa teve seu ponto decisivo. A destruição de Kenilworth veio ao final da segunda.

— E a invasão da Escócia ocorreu na terceira guerra. — ela respondeu, assentindo uma vez. Piers não era o único a conhecer bem a história britânica. Estava claro que Maggie Radley era uma mulher inteligente e estudada. Perfeita para ser a futura viscondessa dele.

E a mãe de seus filhos.

Maggie terminou o ginger ale e colocou a garrafa vazia de volta na cesta. Piers segurou a língua, não querendo pressioná-la a dar uma resposta. Ninguém precisava dizer que ele chegar na propriedade da família com a filha solteira do Bispo de Londres levantaria uma ou duas perguntas.

Sem dúvidas, expectativas também surgiriam. E neste instante, Piers não sabia dizer se teria firmeza em nada. Não havia respostas.

É uma ideia imprudente.

— Desculpe-me, Maggie. Não foi justo da minha parte pedir que vá a Denford Park. Podemos viajar direto para Londres quando estiver pronta para deixar Coventry.

— Prefiro que viajemos para Denford Park. Seria bom conhecer sua família e ver sua casa. E, se estou sendo honesta, a ideia de voltar para minha própria casa me enche de apreensão. É claro que precisarei lidar com meus pais, mas não estou pronta para fazê-lo agora. Ainda não.

Ela ficou de pé, tirando as migalhas de pão do manto e do vestido. Encostando-se à parede de arenito, ela fechou os olhos. Um suspiro suave escapou daqueles lábios.

Maggie Radley era uma mulher requintada, dotada de beleza e mente brilhantes. Qualquer homem capaz de conquistar seu coração deveria se considerar muito afortunado.

— Se você e eu continuarmos a viajar juntos, então, tecnicamente, você ainda estará de serviço, certo Piers? — ela perguntou.

— Creio que sim. Minha tarefa era vir a Coventry e investigar seu caso. Até que eu volte a pisar na sede da Guarda Montada, ainda estou a serviço.

— Pois bem, creio que isso responde sua própria pergunta. Ficarei muito feliz de ir a qualquer lugar, desde que você e eu estejamos juntos, Capitão Denford. — ela disse, e se empurrou da parede.

Curvando-se, Maggie começou a pegar os vários pratos que trouxeram ao piquenique, devolvendo-os à cesta. Uma decisão foi tomada, e ela deixou claro que não falaria mais nada.

Denford Park, aí vamos nós.

Capítulo Trinta e Um



Maggie notou os sinais familiares de um ataque de ansiedade muito antes de chegarem aos arredores do terreno do castelo. A respiração tornou-se laboriosa e superficial, a cabeça parecia leve. Ela diminuiu os passos, lutando com desespero contra a maré crescente de medo.

Nos primeiros dias após o recebimento da carta informando-a da suposta morte de Robert, ela foi tragada pelo turbilhão do luto. Ela passou longas horas de choro, lamentando o futuro que lhes fora roubado com tanta crueldade.

Ela foi ingênua ao pensar que, quando as lágrimas enfim secaram, a reação física ao choque de perder seu amor havia passado, mas conforme a tristeza se tornou sua companheira constante, encontrar o sono tornou-se complicado.

Um ciclo vicioso de noites agitadas e dias cheios de fadiga a levava à beira de um colapso. Em seguida, quando ela acreditava que não poderia piorar, começaram os ataques. Às vezes, ela hiperventilava tanto que chegava perto de desmaiar mesmo.

Piers, com a cesta de piquenique pendurada no braço, caminhava à frente dela pela trilha. Alheio à angústia crescente dela.

Ela estava com dificuldades em controlar a respiração. Acalmar a acelerada entrada de ar. Não fazia sentido. Por que isso estava acontecendo?

Achei que isso tudo havia ficado para trás.

Maggie parou de repente. A mão subindo ao peito. O coração batia forte. Forçando-se a respirar fundo e devagar, ela conseguiu sussurrar uma única palavra:

— Piers.

Ele girou, e o semblante dele foi tomado de preocupação. Piers largou a cesta e correu para o lado dela.

— O que houve? Está pálida como um fantasma.

Como explico isso? Ele vai pensar que enlouqueci.

— Não consigo controlar a respiração. Meu coração está a galope.

— Maggie caiu contra Piers quando ele passou um braço ao redor dela, assumindo o peso.

— Vai desmaiar? — ele perguntou.

— Espero que não, mas, por favor, não me largue.

— Nunca.

Era tão frustrante pensar que Robert ainda a dominava desse jeito. Será que ela se livraria dele algum dia?

— Quer que eu a carregue? A carruagem está perto. Posso pedir ao condutor que venha pegar a cesta. — Piers disse.

Maggie balançou a cabeça.

— Não. Creio ser melhor tentar andar, obrigar-me a respirar fundo. Pensei ter superado tudo isso, mas minha mente e meu corpo ainda estão brigando.

Tudo o que ela queria era deitar-se encolhida e dormir. Voltar a se esconder do mundo.

— Já passou por muita coisa e não tem dormido. Não me surpreende que esteja tendo dificuldades com os nervos.

— Sim, eu sei. — ela respondeu, sem esconder a decepção na voz.

Ela ficou parada por um tempo, o olhar vagando pelos campos e fazendas próximas enquanto tentava se acalmar. Após um tempo, a respiração estabilizou um pouco.

— Se estiver tudo bem com você, podemos deixar os jardins elizabetanos para outra oportunidade e voltarmos para a carruagem?

— Claro. Creio que o melhor lugar para você estar agora é na segurança da casa do meu irmão, onde poderá descansar. — ele respondeu.

Com Piers apoiando-a com um braço gentil em torno da cintura dela e a cesta na outra mão, eles voltaram devagar para a entrada do castelo.

— Vamos direto para Coventry, para a casa do meu irmão. — Piers instruiu o condutor.

Ele a ajudou a entrar, e Maggie afundou no assento.

— Desculpe-me por não estar bem para o restante da visita. Eu estava com tanta expectativa para visitar a cidade e a taverna. E sei que você deve ter várias notas históricas interessantes para compartilhar. Talvez em outro momento.

Com o manto enrolado no corpo e o cobertor cobrindo as pernas, Maggie se acomodou no canto da carruagem. Piers tirou outro cobertor dobrado da caixa sob o outro assento e o deu a Maggie para usar como travesseiro.

— Levaremos mais ou menos uma hora para voltar para a casa de Jonathan e Elizabeth. Talvez fosse bom fechar os olhos e tentar tirar uma soneca.

— Qualquer sono seria bom. — ela respondeu.

Ela fechou os olhos, e o movimento suave e oscilante da carruagem logo a fez adormecer.

Quando acordou minutos depois, ela viu-se envolta pelos braços de Piers. Ele plantou um beijo carinhoso na testa dela.

— Durma. Está segura comigo.

Capítulo Trinta e Dois



Piers acordou no meio da noite ao som de vozes no corredor do lado de fora do quarto. Ele reconheceu Elizabeth e Jonathan, mas havia uma terceira voz, uma desconhecida.

Saindo da cama, ele pegou a jaqueta e logo puxou um par de calças. Ao abrir a porta, foi recebido pela visão do irmão e da cunhada. Os dois estavam tendo uma conversa acalorada com um senhor que carregava uma maleta de médico.

— Ela precisa estar em algum lugar apto para abrigar os mentalmente instáveis, ou pelo menos, precisa estar sedada. Se não, temo que possa se machucar. — o desconhecido disse.

— Não creio que devamos mandá-la para lugar nenhum. Maggie está segura aqui. — Elizabeth disse.

Piers saiu para o corredor.

— O que está acontecendo?

Elizabeth cumprimentou-o com olhos avermelhados.

— É Maggie. Ela teve algum tipo de colapso nervoso. Eu não sabia o que fazer, então chamei o Doutor Hewson.

Piers não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Maggie estava com problemas, mas em vez de acordá-lo, eles chamaram um médico.

— Onde ela está?

— Eu a sedei, e conseguimos colocá-la de volta na cama. A moça estava muito aflita. — o médico respondeu. O olhar fulminando a jaqueta militar de Piers. — E você?

Jonathan limpou a garganta.

— Doutor Hewson, este é meu irmão mais velho, o Honorável Piers Denford.

O comportamento do médico mudou em um piscar de olhos. Ele se curvou a Piers.

— Meu senhor.

Piers estava mais preocupado com o bem-estar de Maggie do que em corrigir o cavalheiro acerca da forma de tratamento adequada para com o herdeiro de um visconde.

— Que medicamento ministrou?

— Uma boa dose de láudano e deixei uma receita médica para que seja ministrado duas vezes por dia. Se ela estiver calma, não pode se

machucar.

Nem conseguirá pensar direito. Charlatães sanguinários, por que manter um paciente em silêncio é sempre a primeira opção?

Ele mal se conteve. Enquanto estava dormindo, outros tomavam decisões em nome de Maggie. Isso não poderia continuar. Ele era o protetor dela, autônomo ou não.

Ele virou-se para Jonathan.

— Poderia, por favor, escoltar o Doutor Hewson até a porta da frente?

Não importava que aquela não fosse a casa dele. O tom de Piers não deixava espaço para argumentos. O irmão mais novo sabia que ele estava muito mais do que apenas chateado.

Jonathan assentiu.

— Claro. Doutor Hewson, poderia me acompanhar?

— Devo dar mais uma olhada na paciente antes de sair. — o médico protestou. Piers deu um passo à frente e se aproximou do homem mais baixo. — Posso esperar até de manhã. — ele se corrigiu.

— Compreendo que seu tempo é precioso. E o agradeço por sair de casa nesta hora ímpia, mas não o manteremos fora da cama nem um minuto a mais. Minha família e eu verificaremos a jovem em intervalos regulares pelo resto da noite. Pela manhã podemos decidir, caso haja necessidade, por uma intervenção médica adicional. — Piers respondeu.

Jonathan levou o médico até a porta, antes de voltar para onde Piers e uma Elizabeth exausta o esperavam.

— Agora, contem-me o que aconteceu e por que não me acordaram? — Piers exigiu.

— Encontrei Maggie no jardim, com nada mais do que a camisola. Ela andava de um lado para o outro, descalça e murmurando. Pensei que poderia ter enlouquecido. Sinto muito, Piers. Entrei em pânico e mandei chamar o médico. Agora percebo que deveríamos tê-lo acordado. — Jonathan disse.

Piers suspirou.

— Maggie tem tido ataques de pânico. Eles se apresentaram de forma bastante severa há dois anos, quando descobriu que Robert Taylor estava morto. Quando estávamos saindo do Castelo de Kenilworth, ela começou a ter dificuldades para respirar e o coração estava acelerado. Ela me contou que não tem dormido. Peço desculpas por ter sido brusco agora pouco. Esta casa é sua, então foi um descuido meu não os ter chamado para uma conversa particular para falar da saúde de Maggie assim que retornamos aqui esta tarde.

Elizabeth secou os olhos com um lenço.

— Entendo que não concorda com o tratamento sugerido pelo Doutor Hewson para Maggie, mas não podemos deixá-la sofrer.

Não, não podem, mas ele estaria condenado se permitisse que ela fosse sedada, ou pior, enviada para algum lugar.

— Ela estava em péssimo estado e demorou um bom tempo para que enfim a convencêssemos a entrar. — Jonathan acrescentou.

Piers tomara uma decisão. Elizabeth estava com a razão. Ele não concordava com os planos do médico, mas não seria justo impor a presença de uma jovem angustiada ao irmão e à cunhada. Eles precisavam considerar a própria família.

Ele pretendia ficar em Coventry por mais alguns dias e mostrar a Maggie os pontos turísticos, mas os desenvolvimentos desta noite atrapalhavam esses planos. Quando Maggie acordasse, ele conversaria com ela. Buscaria a opinião dela para decidirem que caminho seguir.

— Lamento ter trazido esse problema até a sua porta. Deixaremos Coventry assim que pudermos pela manhã. — Piers disse.

— Voltará para Londres? Maggie pode se sentir melhor quando estiver em casa com a própria família. — Jonathan disse.

— Falarei com Maggie quando ela estiver bem acordada.

Já era tarde, e Piers não queria começar uma discussão. Ele se sentaria com Maggie e esperaria o efeito do láudano acabar.

A oferta para que viajassem para Denford Park ainda estava na mesa, mas cuidar da saúde de Maggie era de suma importância.

Para onde seguiriam seria uma decisão dela. Desde que estivessem juntos, Piers não se importava. Se ela quisesse estar com a família dela, partiriam para Londres à primeira luz. Se quisesse estar com ele, ele daria um jeito de fazer funcionar.

Eu só quero que ela esteja onde se sinta segura.

Capítulo Trinta e Três



As drogas derrubaram Maggie com força. Metade da manhã já havia passado, antes de ela enfim abrir os olhos. A primeira coisa que viu foi Piers sentado em uma cadeira próxima, o queixo encostado no peito. Ele roncava baixinho e só se mexeu quando ela se movimentou para se sentar.

— Como está se sentindo hoje de manhã? — ele perguntou.

Ela puxou os lençóis e cobertores para cobrir o torso. Não era socialmente aceitável que um homem estivesse no quarto de uma mulher solteira enquanto ela estivesse acordada, muito menos, enquanto estivesse dormindo.

Lembranças vagas da noite anterior serpentearam pela mente. Havia fragmentos de um estranho a encarando, e ela logo sendo forçada a beber algo amargo. Depois, nada.

— Estou me sentindo letárgica e bastante esgotada. O que aconteceu?

Ele mordeu o lábio inferior, e ela esperou pela resposta.

— Você teve um pequeno episódio. Encontraram-na descalça e vagando pelo jardim. Lembra-se de algo que aconteceu após você vir se deitar?

A boca de Maggie se abriu.

Ai, meu Senhor, não. Eu não me tornei sonâmbula, ou sim?

— Não. Retirei-me logo após o jantar. Eu estava cansada da viagem para Kenilworth, mesmo dormindo no caminho para casa.

Em algum momento durante a noite, ela deve ter se levantado nesse estupor de sono e descido as escadas, os atrativos do jardim capturando a mente inconsciente.

Maggie cobriu o rosto com as mãos. Como enfrentaria Elizabeth e Jonathan?

— Chamaram um médico. Quando ele veio, ele aplicou uma dose de láudano em você.

Ele? Onde estava Piers?

Ele levantou-se da cadeira e começou a dar passos vagarosos, de um lado a outro. A camisa dele estava vincada, não havia sinal de lenço de pescoço ou colete.

— Eu estava dormindo enquanto tudo isso aconteceu. Se eu soubesse que o médico forçaria algo pela sua garganta, eu o teria

impedido. Por todos os relatos, você estava em um estado de angústia, mas eu não gosto da ideia de drogar as pessoas. — Piers voltou a se sentar e inclinou-se, as mãos entrelaçadas. Havia um desconforto certo na postura dele, era rígida. — Creio que devemos sair de Coventry hoje. Esta cidade não é boa para você.

— Acredita que estar aqui faça minha mente ficar revivendo o instante em que o revi? O choque emocional é demasiado recente? Isso ajudaria a explicar por que meus nervos estão em um estado tão delicado.

— Talvez. Também há o risco contínuo de, sem querer, se deparar com ele sempre que estiver passeando pela cidade. Eu não ficaria nem um pouco surpreso se ainda estiver no limite, sabendo dessa possibilidade.

Maggie nem cogitara poder encontrar Robert ou a família dele de novo. Na cabeça dela, ele estava morto assim que ela saiu do *King's Head*.

Entretanto, Robert ainda vivia a poucas ruas de distância da Residência dos Denford. Ele devia passar pela entrada da rua todos os dias.

Por que esse cenário não passou pela minha cabeça antes?

— Pode estar certo nos dois quesitos. Sendo assim, fugir de Coventry é o melhor a fazer. Só não sei para onde devo ir. — ela respondeu.

Ela não queria continuar nesta casa, ainda mais se um médico apoiador do láudano tivesse decidido acreditar saber o que era melhor para ela. Estava preparada para confiar em um médico quando o mal fosse físico, mas não em casos de bem-estar mental. A sedação não resolvia esses problemas; apenas os mascarava.

— A oferta para ir para Denford Park ainda vale. Pode passar algum tempo lá para deixar as coisas se resolverem. Coma boa comida, passeie por campos largos. Seria como estar na Escócia, exceto pela ausência de um castelo e montes de neve. — Piers respondeu.

Maggie abriu um sorriso breve. Não havia nenhum lugar em toda a Inglaterra que fosse parecido com o Castelo Strathmore.

Você é uma das poucas pessoas que parecem me entender.

— O que seus pais dirão quando chegar em casa comigo a tiracolo? Assim, não será um pouco estranho? E meu comportamento errático pode continuar.

Pensar em constranger Piers ainda mais a encheu de preocupação. O sensato seria pedir que ele a levasse para casa. Voltar a esconder-se no Palácio Fulham até esta nova crise de instabilidade passar.

— Se eu levar a filha do Bispo de Londres para a casa da minha família, muitas questões serão levantadas, mas prometo consultá-la,

antes de responder seja o que for. Não tem obrigações para comigo, Maggie. Sou seu amigo em primeiro lugar e...

Que mal pode haver em uma pequena aventura em Northamptonshire? Poderia trazer o alívio sugerido por Piers.

E se ele estivesse com ela em Denford Park, eles teriam a oportunidade de aprofundar a conexão deles. De explorar os sentimentos recíprocos com mais plenitude.

Passar a mais do que apenas beijar.

Bastaria jogar os cobertores para o lado, sair da cama e ir até ele. Ela podia passar os dedos por aquelas madeixas escuras e grossas. Plantar beijos de borboleta naquela testa franzida. Abrir a parte de cima da camisola e dizer “*Piers, quero que sejamos mais do que amigos.*”.

O que estou fazendo? O láudano deve ter afetado meu cérebro.

Afastando todos os pensamentos em torno de sedução, Maggie tomou uma decisão. Ela iria com Piers para Denford Park, e o que acontecesse após a chegada deles, seria deixado para o destino decidir. Se estivessem fadados a ficar juntos, o amor decerto floresceria.

Havia, é claro, um certo grau de perigo em partir para o interior da Inglaterra com ele. E se ela tivesse outro episódio na estrada? Se em um estado de atordoamento ela vagasse pelas ruas de alguma cidade distante, ela poderia se machucar feio.

— Quantos dias levaríamos para chegar a Denford Park? Digo, se sairmos cedo amanhã de manhã. — ela perguntou.

Maggie precisava de um dia na cama para se recuperar da pesada dose de láudano. Ela queria que a cabeça e estômago estivessem no lugar quando deixassem Coventry.

— Fica a pouco mais de oitenta quilômetros daqui. Então, se sairmos logo à primeira luz e pernoitarmos na taverna Fitzgerald Arms em Naseby, deixando-a logo cedo, chegaríamos à propriedade da minha família no final da tarde. Podemos chegar em Denford Park depois de amanhã.

Pelo jeito que ele descreveu o itinerário, ficou claro que Piers fizera essa mesma viagem em várias ocasiões.

Quando chegassem a Denford Park, ela poderia relaxar. Haveria parentes dele, criados e funcionários no local, ela estaria segura.

— Eu gostaria de ir com você, mas minha única preocupação é esse surgimento repentino de andanças noturnas. Se ficarmos no *Fitzgerald Arms* amanhã à noite, tomarei um chá calmante para dormir. Deve bastar para me manter em um estado profundo de sono, para que eu não saia da cama. — ela disse.

As linhas do rosto dele suavizaram.

— Bom. Fico feliz por ter feito essa escolha. Podemos sair de manhã, assim que já estiver vestida e de café da manhã tomado.

Falarei com meu irmão.

Assim que Piers deixou o quarto, Maggie saiu da cama e pegou o vestido. Ela ainda estava um pouco atordoada e com o equilíbrio instável, mas havia uma tarefa urgente exigindo sua atenção. Só após ter lidado com essa questão, ela poderia voltar e dormir.

Enquanto Piers ia falar com o irmão, ela, por sua vez, estava ansiosa para falar com Elizabeth. Para agradecê-la por ser uma anfitriã tão generosa, mas o mais importante era pedir desculpas.

Capítulo Trinta e Quatro



O Doutor Hewson estava no saguão conversando com Jonathan quando Piers desceu. O irmão ostentava uma expressão preocupada no rosto.

— O médico gostaria de examinar a Senhorita Radley esta manhã. — ele disse.

Desta vez, ao menos pediam, em vez de presumir. No entanto, ainda a situação deixava Piers no limite. Para ele, e a julgar pela recente conversa, Maggie pensava como ele, ela não precisava de um médico. O que precisava, na verdade, era de ar fresco e tempo para colocar os pensamentos em ordem.

— Maggie não quer e nem precisa de visitas médicas esta manhã. Em breve eu sairei para obter algumas provisões de viagem, pois ela e eu iremos para Denford Park amanhã. Coventry não mais nos apraz. — Piers respondeu.

Ele ignorou as respectivas caretas que surgiram no irmão e no médico quando ele se referiu a ela pelo primeiro nome. Sim, implicava uma familiaridade pessoal, mas ele não dava a mínima para o que os outros pensavam disso.

— Lorde Denford, digo, Capitão Denford, preciso protestar. A Senhorita Radley deve ser mantida sedada e confinada à cama. Em seu estado mental atual, ela não deve empreender nenhum tipo de jornada. — o médico disse.

Piers lançou um olhar severo ao Doutor Hewson.

— Falei com a senhorita esta manhã, e ela deixou clara sua posição. Ela virá comigo. Agradeço por sua preocupação e quero tranquilizá-lo de que farei tudo para garantir que ela continue progredindo até a total recuperação.

Não. Não a tratariam como uma inválida. Maggie não estava sofrendo de nenhuma terrível aflição. Ela precisava de privacidade e de um lugar para se curar. A casa da família dele poderia proporcionar exatamente isso.

O médico limpou a garganta de novo.

— Devo protestar.

Piers ergueu a mão.

— Protesto ouvido, anotado e julgado improcedente. — ele virou-se para o irmão. — Após o bom médico sair, poderia me poupar

alguns minutos em seu escritório?

Após alguns instantes de hesitação, Jonathan assentiu.

— Sim, claro.

Piers voltou para o andar de cima para esperar Jonathan no escritório dele. Ele não estava interessado em conduzir uma longa discussão com o Doutor Hewson. Se Maggie sentia estar bem o bastante para fazer a viagem até Denford Park, ele não precisava saber de mais nada.

Poucos minutos depois, Jonathan apareceu. Ele fechou a porta com um pouco mais de firmeza do que o necessário. Piers se preparou para um confronto.

— Foi mesmo necessário ser tão rude com ele? O homem foi gentil em fazer uma visita domiciliar no meio da noite para ajudar Maggie, e esta manhã, você o trata como se fosse um mendigo na porta. — Jonathan disse.

— Acabei de falar com Maggie. Ela não está débil de espírito. Aquela pobre moça sofreu um choque recente. Não admira que esteja tendo dificuldades para lidar com certas coisas, mas a última coisa de que ela precisa é ser drogada.

Jonathan fixou-o com um olhar que falava de profunda preocupação além de suspeita. Mais do que provável, ele e Elizabeth conversaram e compartilharam opiniões acerca do que de fato está acontecendo entre Maggie e Piers.

— Você está sendo muito protetor. Mais do que acredito que perceba.

Não, na verdade, tenho plena consciência do quão protetor estou sendo.

Piers tinha todos os motivos para ter o bem-estar de Maggie como principal prioridade. Ela significava muito para ele. Vê-la sofrer por causa daquele desgraçado egoísta e ex-noivo o fazia ferver.

— Posso compartilhar algo com você? E eu agradeceria se esperasse até eu terminar, antes de responder. — Piers disse.

Jonathan cruzou os braços.

— Se acredita que me dizer que pode estar se apaixonando pela Senhorita Radley será uma surpresa para mim, está muito enganado. E não, não vou apenas sentar e ouvi-lo me dar um sermão na minha própria casa. Piers, você se arrisca com ela. Se seus sentimentos são românticos, então deve ter muito cuidado com seu próximo movimento com Maggie.

Piers não esperava esse tipo de resposta. As palavras de Jonathan o desconcertaram.

— Como assim?

— O que digo é, se gosta dela, deve ser honesto sobre sua própria situação. Levar Maggie para casa para conhecer Mamãe e Papai,

quando você não está em posição de poder pedir a mão dela em casamento coloca a reputação dela em grande risco.

Claro que Jonathan seria o homem certo para lançar tudo sob uma perspectiva nítida. E que ele teria razão.

A própria situação ainda era instável. Até conseguir o apoio do Rei dos Países Baixos ou do Príncipe de Orange, ele estava em uma encruzilhada.

Ele estava entre a cruz e a espada.

Era egoísta da parte dele, mas ele não estava preparado para desistir dela.

— Maggie sabe o suficiente. Eu contei a ela que se eu tentar renunciar à minha comissão, receberei uma dispensa desonrosa. Também mencionei ter assuntos inacabados com o Exército.

— Contudo, não o restante? Então disse algumas palavras vagas, mas nada de substancial.

— Não creio que seria justo contar o resto. Pelo menos, não ainda.

Jonathan balançou a cabeça devagar.

— E acredita que mentir para ela é justo?

Piers não teve resposta para isso. Mentir por omissão também era mentir. Ele não queria contar tudo a Maggie porque, para ser honesto, ele não sabia o que dizer.

Contudo, se ele conseguisse levá-la a Denford Park, se pudessem dar profundidade a esse romance incipiente, talvez, apenas talvez, ele pudesse encontrar um jeito de explicar as coisas.

— Não quero perdê-la. Maggie Radley é a melhor coisa que entrou na minha vida em muito tempo.

O irmão suspirou.

— Se você a levar para casa, precisa entender que criará expectativas. Não só da parte dela, mas dos nossos pais. Sei que está preocupado com o coração dela, e com encontrar um jeito de manter a mulher por quem está claramente apaixonado ao seu lado, mas não deixe que isso seja às custas da Família Denford.

— Eles não vão tentar me arrastar diante de uma corte marcial sem luta. Decidi que, quando eu voltar a Londres, vou visitar todas as pessoas em posições de poder que possam me ajudar. Não vou escrever mais cartas. Para mim, chega. Vou bater em portas. E se isso falhar, estou preparado para entrar em um navio e navegar até Ostend e, em seguida, para Amsterdã. Já esgotei todo o tempo de espera por uma resposta daquele Príncipe de Orange mimado.

Jonathan descruzou os braços e bateu palmas devagar.

— Já não era sem tempo. E se o Exército Britânico vier atrás de você e tentar acusá-lo de deserção, Elizabeth e eu iremos acampar na frente do Palácio de Westminster, todos os dias, com grandes cartazes protestando por sua inocência.

Piers sorriu.

Ele conseguia imaginar o irmão e a cunhada fazendo algo do gênero, os dois não eram do tipo que recuava de uma luta por justiça. Ele só poderia rezar para que, se chegasse a isso, Maggie estivesse ao lado deles.

Capítulo Trinta e Cinco



— Não sei nem como agradecer o bastante por me permitir ficar. E sinto muito por todos os problemas que causei. — Maggie disse.

Elizabeth a beijou no rosto.

— Foi um prazer conhecê-la. Só fico triste que sua viagem até aqui tenha terminado com mais mágoa e decepção.

Maggie encontrou os olhos da outra mulher. Como esperado, estavam cheios de profunda preocupação. Em vez de voltar para Londres, para os braços amorosos da própria família, Maggie se aventuraria pelos confins de Northamptonshire com Piers.

— Quero que saiba que a decisão de ir com Piers para Denford Park foi minha. Ele não fez nada para me obrigar a concordar. — ela disse.

— Eu sei. Apenas cuide-se. Ambos estão em um estado vulnerável agora. Odiaria que um dos dois cometesse um erro. — Elizabeth respondeu.

Elizabeth se afastou quando Piers parou ao lado de Maggie.

— Está pronta para irmos embora? — ele perguntou.

— Sim.

Após mais uma rodada de abraços, despedidas e da promessa solene de que Maggie um dia voltaria, ela subiu na carruagem. Assim que Maggie tomou seu lugar, Piers enrolou um cobertor em seus ombros e ajeitou outro em seu colo.

— Não posso permitir que se resfrie. Minha mãe jamais me perdoaria.

Quando Maggie e Jonathan trocaram um olhar, Jonathan apenas balançou a cabeça. Piers estava agitado, e apenas um tolo ficaria no caminho dele.

Enquanto Piers se despedia das crianças Denford, Jonathan se inclinou para perto da carruagem.

— Cuide-se, Maggie. Sou sincero quando digo que espero revê-la. E um pequeno conselho: não deixe meu irmão continuar sendo o pior inimigo dele mesmo. Ele é um bom sujeito, mas às vezes se esquece de pedir ajuda.

— Obrigada. E sim, já percebi que ele tende a ignorar os problemas em vez de confrontá-los. Esse assunto do exército... Piers não me contou muito, mas eu estava me perguntando se talvez meu

primo Will possa ajudar. Ele é benquisto e tem conexões poderosas no Gabinete de Guerra. Será que pode valer a pena eu levar o caso de Piers até ele?

Jonathan olhou para o irmão.

— Talvez. Mas primeiro, precisa fazer com que Piers conte a história inteira do que houve antes e durante a batalha de Waterloo. Há pessoas no exército que ficariam felizes de se afastar e o deixar levar o baque. Seu primo pode ter amigos, mas meu irmão tem inimigos. Alguns deles são invisíveis.

Ele se afastou quando Piers chegou à porta.

— Faça uma viagem segura, meu irmão. Espero vê-lo em Londres e sem esse uniforme muito em breve.

Eles se abraçaram uma última vez, e Piers subiu na carruagem. Ele e Maggie acenaram para as crianças Denford quando a carruagem saiu para a Rua St. Mary, em direção à Rua Gosford. Em pouco tempo, chegaram ao fim da Gosford, antes de enfim deixar a cidade de Coventry para trás. Aos poucos, amplos campos verdes substituíram as casas, e as ruas de pedra viraram estradas de cascalho.

— Bem, Coventry se foi. Creio que conseguimos sobreviver à estada. — Piers disse.

— Obrigada. Não sei o que teria acontecido se eu tivesse chegado sozinha e descoberto que Robert ainda estava vivo.

A mera ideia de viajar sozinha para Londres em um estado de angústia e choque fez Maggie estremecer. Mesmo ao lado de Piers, ela passou por alguns dos piores dias de sua vida.

E agora, ele me levará para a propriedade da família dele.

Essa verdade levantava um novo conjunto de questões. O que Lorde e Lady Denford diriam ao ver o filho trazer a filha do Bispo de Londres para casa com ele? Considerariam estranho? Ou aceitariam, mas exigiriam que ele a pedisse em casamento?

Maggie conseguia pensar em um milhão de coisas piores do que ser obrigada a se casar com Piers. Tomara que ele sentisse o mesmo.

Pelo menos, eu sei que ele não vai fingir a própria morte para evitar se casar comigo.

Capítulo Trinta e Seis



O restante do dia de viagem foi praticamente sem intercorrências. A carruagem Denford chegou ao *Fitzgerald Arms* no início da noite. Infelizmente para Piers, as esperanças de que ele e Maggie compartilhassem uma ceia rústica terminaram logo após chegarem.

Assim que terminaram de subir as escadas que levavam aos quartos de hóspedes da taberna, ela o afastou:

— Vou me retirar para tentar dormir. Estou exausta e suspeito que meu nariz esteja começando a entupir.

Ela estava pálida e desgrenhada.

— Imagino que ficar no jardim de camisola possa ter algo a ver com seu mal estar. Que tal ir para a cama, e eu providencio para que tragam uma tigela de sopa até você? Uma boa noite de sono deve ser o que precisa. — ele respondeu.

— Parece um plano perfeito. Sinto muito por não ser muito sociável esta noite, mas estou desgastada. Engolir dói, e isso nunca é um bom sinal.

Enquanto Maggie pegava a bolsa de viagem e se acomodava no quarto, Piers desceu e teve uma conversa com o estalajadeiro. Em pouco tempo, ele bateu na porta de Maggie. Quando ela a abriu, o orgulho contente de trazer-lhe uma bandeja de sopa quente e pão desapareceu.

Ela estava enrolada em um cobertor, abraçando-se trêmula.

— Com toda a certeza, peguei alguma coisa.

Após fechar a porta, Piers colocou a bandeja em uma pequena mesa próxima. Ele trouxe Maggie para o calor de um abraço, esfregando as mãos para cima e para baixo nas costas dela.

— Você precisa ficar na cama.

O olhar dela recaiu na tigela fumegante de sopa.

— Mas você fez todo esse esforço para ir me buscar sopa.

— E você tomará sopa. Vamos, para baixo dos cobertores. Vou levar a sopa para você.

Ela lançou um olhar curioso para ele, mas fez como instruída. Assim que Maggie subiu na cama, os cobertores foram enfiados ao seu redor. Piers pegou a mesa e a trouxe, colocando-a ao lado da cama. Assim que se sentiu confortável na beirada do colchão, ele pegou a colher e mergulhou na sopa. Maggie se aproximou um pouco mais

quando Piers se virou e moveu a colher em direção à boca.

— Vai mesmo me alimentar como uma criança pequena? — ela perguntou.

Ele sorriu.

— Sim, vou. Você está se sentindo mal e deve receber os cuidados adequados.

Ela tomou a sopa, assentindo com aprovação.

— Está muito boa. Preciso de algo quente para afastar os calafrios. Outra colherada, por favor, Piers.

Eu gosto quando diz meu nome desse jeito.

Pelos minutos seguintes, eles se acomodaram em um ritual tranquilo: Piers pegando colheradas da canja de galinha, e Maggie tomando. Quando ele raspou a última colherada do fundo da tigela, ela se recostou na cama e suspirou.

— Estava uma delícia.

— Quer mais? Posso descer e buscar outra tigela. — ele respondeu.

Ela dispensou a oferta dele com a mão.

— Obrigada, mas não. Minha barriga está bem cheia, e eu quero tentar dormir um pouco. Além disso, você também deve comer.

Piers balançou a cabeça.

— Talvez mais tarde. Neste instante, estou mais preocupado com você. Se estiver tudo bem, posso apenas sentar-me ao lado do fogo por um tempo.

Ele estava preocupado. Maggie não estava bem, mas o espectro da caminhada onírica também espreitava o fundo de sua mente, apesar do calmante que ela havia decidido tomar. O *Fitzgerald Arms* não estava com muitos clientes na taverna, e ele e Maggie eram os únicos viajantes hospedados por esta noite, mas Piers ainda se sentia ansioso acerca do que poderia acontecer se Maggie saísse do quarto.

— Não quero que passe fome. — ela disse.

Se ela ficar preocupada comigo, não vai dormir.

— Que tal um meio termo? Levarei a bandeja e a tigela vazia de volta para a cozinha. Enquanto eu estiver lá, vou pedir que me façam um prato com sobras. Eu trarei a bandeja para cá e comerei junto ao fogo. Poderá dormir sabendo que fui alimentado e hidratado.

O sorriso tímido dela foi toda a resposta de que ele precisava. Piers se inclinou e plantou um beijo suave na testa de Maggie. A pobre garota estava ardendo em febre.

— Vou providenciar para que uma criada traga um jarro de água fresca e alguns panos limpos para você poder resfriar o rosto.

— Obrigada. Seria adorável. Está me mimando, Piers Denford.

Seus olhares se encontraram. Os olhos azuis claros de Maggie não mostravam o brilho habitual. Ele passou a mão na bochecha quente dela.

— Uma mulher como você, Maggie, merece ser mimada. Na verdade, deve ser adorada.

Ele pegou a bandeja e foi até a porta.

— Voltarei em breve.

Ao descer a escada estreita, uma vizinha sussurrava na mente de Piers.

Precisa encontrar um jeito de poder mantê-la ao seu lado. De ser livre para pedir que Maggie passe a vida com você.

Primeiro, ele precisava levar Maggie para Denford Park e garantir que ela voltasse a ficar bem. Assim que a mente dele estivesse livre de preocupações para com a saúde dela, ele poderia começar a planejar a campanha para enfim enfrentar seus inimigos no Exército Britânico. Era hora de lutar, e vencer.

Só então, ele enfim seria livre para fazer de Maggie a esposa dele.

Capítulo Trinta e Sete



Assim que chegaram a Denford Park no final do dia seguinte, Piers puxou Maggie nos braços e a carregou para o andar de cima, até o antigo quarto de sua irmã Annabel. Os protestos dela para não ser tratada como uma paciente débil não foram ouvidos. Ele estava determinado a fazê-la aguentar toda a agitação dele.

Ele queria restaurá-la à saúde plena. Ver a luz dançar de novo naqueles olhos. Vê-la tão doente o deixava com os nervos à flor da pele.

A mãe dele, surpresa, o seguiu até as escadas, distribuindo ordens à esquerda e à direita para qualquer membro da equipe da casa que estivesse com os ouvidos ao alcance dela. Os criados corriam de um lado para o outro, fazendo arranjos apressados para os convidados inesperados.

Refeições deveriam ser preparadas. Mais cobertores precisavam ser encontrados. E era melhor alguém correr até a aldeia para buscar o médico.

Essa última ordem fez Piers parar no topo do primeiro lance de escadas. Ele olhou para a mãe, por cima do ombro.

— Não chame o médico por enquanto, por favor. Maggie está com um resfriado forte. Nada mais. Ela precisa de descanso e canja de galinha.

Se a febre dela piorasse, ele mandaria alguém procurar um médico.

Após deixar sua mãe e algumas criadas ajudando Maggie a vestir a camisola e se acomodar na cama, Piers foi atrás do pai.

Lorde Denford estava em seu lugar habitual, o escritório.

— Piers. Graças a Deus. Faz uma eternidade que não aparece em casa.

Não fazia mais de três meses, mas parecia uma eternidade.

Em pouco tempo, Piers e o pai estavam sentados no conforto dos assentos à lareira. Um copo de conhaque francês na mão de Piers. Seu abstêmio pai estava aproveitando uma xícara forte de chá preto.

— Então, Lady Dinah Gibney encontrou outra pessoa? Não estou surpreso, ela é um belo partido. É uma pena que vocês dois não conseguiram encontrar um jeito de chegarem ao altar, mas é o que é.

— Lorde Denford observou.

Piers bebeu e considerou a resposta que daria.

— Sei que está decepcionado por ela e eu concordarmos em romper nosso noivado, mas foi para o melhor. Não fazia sentido nos casarmos para passarmos o resto dos dias nos arrependendo.

— E a Senhorita Margaret Radley? Não quer que sua mãe e eu acreditemos que ela está aqui apenas em decorrência de sua natureza altruísta, quer? Você é um homem de bom coração, Piers, porém, mesmo isso não serve para explicar direito o que está fazendo. Por favor, diga-me que não fez nada por impulso.

Piers balançou a cabeça.

— Não, não fiz. Na verdade, fiz tudo após muita consideração. Encaro minhas intenções em relação a Maggie com seriedade. A principal razão para eu trazê-la até aqui foi garantir um lugar em que ela pudesse reorganizar os próprios pensamentos.

Ele não queria continuar a discutir Lady Dinah. Esse assunto era uma página virada e, no que diz respeito a Piers, um livro bem fechado.

— E esses assuntos inacabados com o Exército? O que fará com relação a isso? — o pai o pressionou.

Na última conversa em que ele e Lorde Denford discutiram o assunto, Piers não havia traçado um plano sólido. Ele ainda esperava, com muita paciência, as cartas de apoio da família real holandesa, cartas que ele agora aceitava que talvez nunca viriam.

— O que farei é parar de esperar a roda da justiça girar. Já comecei a preparar uma lista de pessoas que visitarei quando voltar a Londres. O tempo para cartas educadas acabou.

Se ele tivesse que envergonhar toda a hierarquia do Exército Britânico para obter uma audiência justa, ou melhor ainda, esquecer de vez o assunto, então era isso que ele faria.

— Vou exigir que todos os relatórios da batalha de Waterloo me sejam disponibilizados. Deve haver outros documentos que apoiem a minha versão dos acontecimentos daquele dia., e se não os entregarem, farei uma petição ao parlamento.

— Graças a Deus. — Lorde Denford sussurrou.

O Piers Denford que saiu dos escritórios da Guarda Montada não era o mesmo Piers que voltaria a passar pela entrada daquele edifício.

Que seus inimigos se mostrem. Ele prefere enfrentá-los a céu aberto do que continuar lutando nas sombras.

No entanto, o plano não era isento de riscos. Se ele mexeria no ninho de vespas, o exército poderia muito bem decidir querer a cabeça dele, mas a perspectiva de enfrentar a corte marcial já não carregava o peso de outrora.

— Falei com Jonathan quando estivemos em Coventry. Ele se ofereceu para fazer um protesto em frente às Casas do Parlamento. Espero que não chegue a tanto.

O pai colocou a xícara em uma mesa lateral.

— O que a Senhorita Radley sabe dessa situação? Quanto contou a ela?

— Ela sabe que tenho algumas questões para lidar antes de poder deixar o Exército. Eu não contei o resto. — Piers respondeu.

— Precisa fazê-lo, Piers. Se tem um pinga de seriedade acerca de torná-la sua futura viscondessa, ela precisa saber de tudo.

— O relatório diz que eu fui incompetente. Descumprimento de dever é um crime grave. Não sei como ela assimilaria essa notícia. Quanto ao resto dos rumores mais densos, não faço a mínima noção de como discuti-los com Maggie. — ele respondeu.

Lorde Denford fixou-o com um olhar severo. Piers não conseguiu sustentar o olhar do pai por mais que alguns segundos. Ele olhou para a bebida.

— Piers, sei que será difícil, mas precisa falar do Príncipe de Orange com ela. A última coisa que quer é que a mulher com quem pretende se casar descubra esses rumores através de terceiros.

Após drenar a última gota de conhaque, Piers manteve o olhar fixo no copo vazio. Ele poderia ter um plano para lidar com o exército, mas em se tratando de discutir abertamente o que viu enquanto servia ao príncipe, ele sentia-se perdido.

O pai inclinou-se e colocou a mão firme em seu ombro.

— Tudo o que está fazendo ao não desafiar esses rumores é dar mais poder aos seus inimigos. Sua lealdade ao príncipe não foi recompensada com o apoio dele. Ele tem o rei dos Países Baixos na retaguarda. É hora de colocar você e sua própria família em primeiro lugar.

Não era nada que Piers já não tivesse pensado.

— O senhor tem razão, e é o que estou tentando fazer.

No entanto, cortejar Maggie, convencê-la a se tornar esposa dele, ao mesmo tempo em que precisaria falar dos rumores sombrios de que ele e o príncipe foram amantes não seria fácil. Não importava que não houvesse um pinga de verdade nisso. Piers aprendeu que, embora a verdade fosse a primeira vítima da guerra, a mentira parecia nunca morrer.

Capítulo Trinta e Oito



Maggie acordou tarde na manhã seguinte, sentindo-se descansada e um pouco recuperada. O frio estava mais ameno, vencido com sucesso por pomposas tigelas de canja de galinha e repouso na cama. Após se vestir bem agasalhada, e com um café da manhã farto na barriga, ela estava ansiosa para explorar Denford Park.

Ao sair pela entrada da frente da mansão, ela foi recebida por uma vista de puro deleite bucólico. Campos verdes se estendiam por quilômetros em todas as direções. Ovelhas e vacas pastavam nos prados. Tudo parecia bem no bom país de Deus.

— Ah, ela se levantou!

Maggie virou-se na direção da saudação alegre, e sorriu quando Piers se aproximou. O olhar dela logo se fixou na indumentária dele, ele não usava o uniforme militar. Era a primeira vez que ela o via em trajes civis. O traje tradicional composto pela jaqueta preta, casaco e calças beges a fez olhar duas vezes e piscar forte.

E eu pensando que você era lindo com sua casaca vermelha. Ficou ainda mais arrojado em trajes civis.

— Como está hoje de manhã? — ele perguntou.

— Melhor, obrigada. Creio que meu mal estar pode ter sido apenas um resfriado desagradável. Embora a sopa que sua cozinheira fez estava tão deliciosa que devo confessar, considereei fingir uma tosse apenas para conseguir um pouco mais.

Ela não quis mencionar que sentiu falta dele ao lado dela em sua convalescença. A sopa foi muito bem-vinda, mas não era tão gostosa sem Piers sentado ao lado dela como ele fez na pousada, alimentando-a colher a colher.

Ele riu.

— Maggie, pode tomar sopa em todas as refeições, se desejar. Só precisa pedir.

Alguns segundos de silêncio constrangedor pairaram entre eles. Eles não se viram muito desde que chegaram no dia anterior. Ela suspeitava que Piers, assim como ela, não sabia bem como deveriam se comportar quando estivessem juntos. Esta era a casa dele. Os pais dele estavam aqui.

Lady Denford conhece a mamãe. As notícias do que quer que aconteça em Denford Park decerto chegarão à Londres.

Mudando de assunto, ela apontou para os terrenos da propriedade.

— Tem uma casa linda, Piers. Todo o cenário é tão exuberante e verde. Compreendo porque fez questão de me trazer aqui.

— Obrigado, e sim, é um lugar lindo. Londres pode ser emocionante e cheia de vida, mas nada é melhor do que estar aqui. Se eu pudesse deixar o exército, voltaria para casa o máximo possível.

Muito ficou de fora nessa última observação. Maggie não conseguia entender bem por que Piers ainda estava no exército. Um homem como ele, um futuro visconde, não deveria ter problemas em renunciar à comissão. Ela nunca soube de um capitão sendo forçado a permanecer nas Forças Armadas. Os assuntos inacabados não poderiam ser tão importantes, não é mesmo?

Há algo que ele tem medo de me contar.

Esta estada em Denford Park poderia muito bem ser a oportunidade de se aprofundar nos problemas de Piers, para chegar ao fundo da questão.

— Gostaria de um passeio pelos jardins? Só se você se sentir confortável, claro. — ele ofereceu.

Ela já estava com o manto e as luvas para protegê-la do frio de uma manhã de final de novembro. A ideia de esticar as pernas e tomar um pouco de ar fresco era bem atraente.

— Eu adoraria. Sua mãe mencionou ser uma jardineira de mão cheia. No entanto, não posso dizer o mesmo de mim.

— Sério? Os jardins do Palácio Fulham são lendários. Presumi que teria talento para tal.

Maggie balançou a cabeça devagar.

— Os jardins lá de casa são magníficos, mas temos toda uma comitiva de jardineiros para mantê-los tão maravilhosos. Minha irmã, Claire, me deu um pequeno vaso de planta em meu aniversário no ano passado, esperando que eu cuidasse dele. Tenho vergonha de dizer que a planta não sobreviveu muito tempo.

— Vou me lembrar de não comprar plantas como presentes. Falando em aniversários, quando é o seu?

Calor correu para as bochechas de Maggie. Ela não estava pedindo presentes, apenas puxando assunto.

— Dois de dezembro. — ela respondeu.

— Está chegando.

— Sim. À princípio, eu pretendia já estar em casa nessa época, mas parece que eu talvez o passe aqui. Precisarei escrever aos meus pais e avisá-los.

Piers apertou as mãos.

— E teremos bolo.

Um bolo?

— Por que um bolo?

— Minha avó era alemã, e é uma tradição nesse país que crianças pequenas tenham um bolo no aniversário delas. Os bolos de aniversário eram tão populares quando Jonathan, Annabel e eu éramos crianças que exigimos que a tradição fosse mantida mesmo depois de crescidos. — ele respondeu.

— Ah. Parece adorável. — ela não protestaria se alguém tivesse a gentileza de fazer um bolo para parabenizá-la. — E Annabel é sua irmã, a antiga dona do quarto em que estou hospedada?

— Sim. Ela casou-se com um cavalheiro local, Edward Monk. — Piers apontou para uma grande mansão ao longe. — Aquela monstruosidade cinzenta é o lar deles. Casal adorável. Edward é um pouco turrão, mas Annabel sempre foi boa com os números, então quando se trata de dinheiro, ele a deixa tomar a maioria das principais decisões.

Ele inclinou-se e sussurrou:

— Verdade seja dita, ele está loucamente apaixonado por ela, então Annabel sempre consegue o que quer, não importa o que aconteça. Ela também é doida por ele, então deve ser por isso que eles conseguiram ter quatro filhos em míseros cinco anos.

Maggie sorriu.

Ela amava crianças. Seu maior desejo era ter vários filhos. Em segredo, ela invejou a irmã de Piers. Pensar em estar com alguém que a amasse tanto quanto Edward parecia amar Annabel fez com que ela piscasse para segurar as lágrimas.

Eu me pergunto que tipo de marido você será, Piers.

Uma imagem de Piers brincando com uma criança pequena no joelho surgiu em sua mente. Ele era um homem caloroso por natureza, lembrava o pai dela. E se o tipo de pai amoroso que Hugh Radley sempre foi, fosse alguma indicação, então Piers seria um pai maravilhoso.

Acredito que você também seria um amante magnífico. É generoso por natureza.

— Um *farthing* por seus pensamentos, Senhorita Radley.

Maggie engoliu em seco. Sempre que Piers estava perto assim, ela mal conseguia pensar direito. E os pensamentos que conseguiram ganhar vida em sua mente não costumavam ser do tipo que uma mulher solteira deveria compartilhar com um homem.

Pensamentos pecaminosos e deliciosos.

Ela não era de todo ingênua quando se tratava de desejo. Ao que Piers fazia com ela. Do que ela desejava, em segredo, que acontecesse entre eles.

— Que tipo de bolo de aniversário você recomenda? — foi a resposta dela.

O sorriso travesso no rosto de Piers dizia que ele não acreditava na

tentativa pífia dela de dar uma resposta inocente. Quando ele deu um gemido baixo, ela sentiu um arrepio subindo pela espinha.

— Gosto de tudo que é doce. Embora seja sempre bom misturar um pouco de tempero.

Maggie estava certa de que estava derretendo na frente dele. Ela latejava em todos os lugares certos. Lugares que ela já tocou quando estava sozinha na cama.

— Poderíamos pedir à cozinheira para fazer um bolo de limão e creme. — ele ronronou.

Ela engoliu em seco, mais uma vez, ao ouvir o tom sensual na voz dele. Quando comida se tornou tão excitante?

— Seria... — ela lambeu os lábios. — delicioso.

Piers deu um gemido baixo quando se afastou. Ele mexeu nos botões da frente de seu casaco comprido.

— Falarei com a cozinheira esta tarde. — ele disse.

A febre de Maggie havia cessado, e a testa estava fria, mas se o vermelho ardente das bochechas de Piers era alguma indicação, era o corpo dele que estava em chamas agora.

Capítulo Trinta e Nove



A conversa em torno do bolo começou com toda a inocência, mas quando Maggie mencionou a palavra delicioso e lambeu os lábios, Piers sentiu estar em sérios problemas. A mente dele foi preenchida em instantes com uma Maggie nua deitada sob ele. Gemidos de prazer dela, enquanto ele mergulhava fundo em seu calor úmido, ecoavam pela mente dele. Ele ardia de vontade de fazer amor com ela, de torná-la dele.

Não. Não é hora de pensar nesse tipo de coisa com Maggie. Guarde tal pensamento para quando estiver sozinho na cama. Aí, poderá ceder.

Graças aos céus por casacos compridos, capazes de esconder uma ereção crescente.

Ele soltou a respiração com lentidão e calma.

Mude o maldito assunto. Falem de qualquer outra coisa. E não olhe para os lábios dela.

Se ele não controlasse a luxúria, ele se arrastaria por todo o terreno da propriedade em grande desconforto. Não era nada com que um homem quisesse lidar durante uma conversa.

— Você já se imaginou morando no interior, Maggie? Longe da agitação de Londres?

Este era um tópico seguro, com aspectos suficientes de discussão para ocupar a maior parte do tempo da caminhada.

— Nunca pensei muito nisso. Quando fiquei noiva de Robert, ele disse que ficaríamos em Londres — ela soltou uma risada zombeteira. —, mas é claro que ele diria isso. Seria bem complicado levar a nova esposa para a casa dele em Coventry se ele já mantinha uma família lá.

Atento, Piers a observou, procurando sinais de aflição. No entanto, Maggie parecia relaxada e calma. O nome do ex-noivo escorregou fácil da língua.

— Está tudo bem, Piers. Decidi que posso dizer o nome dele. Se eu continuar dançando em torno do assunto, só dará poder a ele. Robert Taylor foi, e sempre será, um grande passo em falso na minha vida. Contudo, não vou chafurdar em tristeza ou arrependimento. O que está feito está feito.

Ele tocou o braço dela com os dedos.

— Estou orgulhoso de você.

Ela deu de ombros.

— Obrigada, mas em resposta à sua pergunta, sim, eu consideraria uma vida no interior. Se eu tivesse um marido como o da sua irmã, que me amasse, e quiséssemos criar nossa família juntos fora de Londres, então eu não hesitaria em abraçar essa mudança de vida.

As palavras de advertência de Jonathan soaram alto na mente de Piers. Ele não estava em posição de fazer quaisquer planos com uma mulher, ainda mais com alguém como Maggie. Ela já sofreu bastante. Trazê-la para a vida complicada dele seria muito injusto.

Todavia, o pensamento de perdê-la, o medo dele, era muito mais poderoso.

Diga algo. Faça-a entender que ao menos há uma possibilidade.

— Claro, caso você se case com um par do reino, pode ter o melhor dos dois mundos. Uma vida no campo e uma na cidade quando o parlamento abre.

Ele queria dizer mais, mas Piers se conteve. Se tivesse conseguido plantar a semente de uma ideia na mente de Maggie, isso teria que bastar por ora. Ela merecia tempo para se acomodar em Denford Park e se recuperar das tribulações recentes. Só um canalha procuraria pressionar por mais tão cedo assim. Maggie Radley já tivera sua cota de miséria nas mãos daquele vagabundo.

— Sua mãe vai a Londres com seu pai para cada sessão da Câmara dos Lordes, ou permanece aqui? — Maggie perguntou.

Era uma pergunta um tanto razoável. Nem todas as famílias nobres acampavam na cidade para as várias longas sessões. Algumas esposas e filhos permaneciam no interior.

— Minha mãe vai a todos os lugares com meu pai. Ele não sonharia em deixá-la em casa, e sou da mesma opinião. Quando eu me casar, espero que minha esposa viaje comigo.

Muitas vezes, as sessões parlamentares duravam meses a cada vez. No início deste ano, os pais foram obrigados a ficar em Londres por quase seis meses, e o Parlamento se arrastava.

— Não consigo imaginar ficar longe da minha esposa por muito tempo. — ele acrescentou.

Maggie sorriu para ele.

— Ora, ora, Piers, parece um homem decidido a se casar por amor.

Eu não me casaria por outra razão.

Piers assentiu.

— E sou. Percebi o grave erro que teria cometido se tivesse me casado com Lady Dinah. A moça que farei minha esposa será alguém com quem eu vou querer estar perto e que quer estar comigo.

Ele lançou um olhar rápido ao redor, verificando se não havia ninguém à vista. Então, em um movimento hábil, ele deslizou a mão pela cintura dela, puxando Maggie para si. Ele se inclinou e deu um

beijo célere em sua bochecha.

— Não está quente. Fico feliz que esteja melhor. — Um segundo beijo tocou-a na testa. — Sim, com toda a certeza, está recuperada.

Maggie pôs as mãos de leve no peito dele.

— Piers. Por que me trouxe aqui? Sei que disse que queria que eu tivesse um lugar onde eu pudesse me recuperar de tudo em particular, e sou grata por sua generosidade. No entanto, eu poderia ter ido para outro lugar. Meu primo David e a esposa moram em Sharnbrook, a menos de meio dia daqui.

Ele forçou-se a ignorar a decepção.

— É isso que quer? Ir ficar com sua família? Eu esperava que quisesse ficar por aqui, mas é claro que não vou forçá-la.

— Não. Eu quero ficar aqui com vocês. Desculpe. Eu estava apenas tentando provocá-lo, e está claro que falhei. Não sou muito experiente ou habilidosa com flertes.

— Não precisa fazer rodeios comigo, Maggie. Apenas seja honesta.

— Tudo bem. Então, sim, eu quero ficar aqui. Creio que algo começou entre nós. Uma faísca, talvez. Pode se tornar mais. E sei que você está lidando com uma situação difícil com o exército, mas... Ah, não importa.

Ela fez menção de se afastar, mas ele segurou-a pela mão e a ergueu aos lábios. A culpa era dele por ela não ter certeza de si. Ele só dividiu parte da história com ela. O pai dele estava com razão. Se ele queria que Maggie fosse honesta com ele, ele também precisava ser honesto com ela

Não posso só ter mais um pouco de tempo com ela sem me preocupar se ela acredita em mim?

— Quero ser sincero com você em relação aos problemas que estou enfrentando, quero mesmo, mas acredito que devemos esperar. Enquanto isso, posso mostrar a propriedade, e você pode desfrutar da beleza desta parte do país. Se descobrir que este lugar ressoa com seu coração, e puder ver um futuro aqui, então, Maggie, conversaremos.

— E nós, Piers? Meus sentimentos por você entram nisso?

Ele não esperava essa resposta. Eles se beijaram e compartilharam momentos ternos, mas Piers pensou que os afetos de Maggie levariam tempo para serem conquistados.

— Seus sentimentos foram muito conturbados. Eu só não queria pressioná-la. Já passou por muita coisa. Além disso, esteve doente.

Maggie se aproximou, pressionando-se nele.

— Não sou um passarinho fraco. Sim, passei por alguns dias difíceis, e essa febre decerto não me ajudou, mas sou muito mais forte do que pensa. — ela deu um puxão leve na frente do casaco dele, forçando-o a se curvar. — E tão determinada quanto.

Piers sorriu.

— Só um tolo atrapalha uma mulher de mente forte. — ele segurou-a pela mão e a guiou em direção ao portão que dava para o campo superior da propriedade Denford. — Vamos lá. Vou mostrá-la minha casa.

E se Deus quisesse, Maggie se apaixonaria pelo lugar com tanta força quanto ele se apaixonou por ela.

Capítulo Quarenta



Naquela noite, Maggie escolheu seu vestido mais quente e, em seguida, vestiu manto e luvas. O mês de novembro na Inglaterra poderia ser um tanto frio durante o dia, mas à noite era, sem dúvidas, congelante. Fechando a porta do quarto bem devagar para que mal desse um clique, ela desceu as escadas em silêncio.

Ao chegar ao térreo, uma figura saiu das sombras. Piers acenou para ela. Nos braços, ele trazia um casaco pesado e um cachecol.

— Seu manto não vai mantê-la aquecida o suficiente para onde estamos indo, coloque-os.

Ele entregou o casaco. Era um casaco masculino de lã fina. Maggie se livrou do manto, deixando-o cair em uma cadeira próxima. Ela enfiou os braços no casaco e o abotoou, deixando a parte de cima aberta.

Piers enrolou o cachecol no pescoço dela e o ajustou para dentro das lapelas. Maggie fechou o último dos botões.

O casaco era longo, pesado, chegando aos tornozelos dela. Ela estendeu os braços enquanto Piers enrolava as mangas. Era como se ela fosse uma criança pequena e uma aia estivesse ajustando suas roupas, exceto que as aias da família não eram nada parecidas com o belo homem cuidando de seu traje hoje.

Este é o tipo de caminhada noturna de que gosto, bem agasalhada e desperta.

— Pronto. Que tal? — ele questionou.

Ela se mexeu dentro do enorme casaco. Havia muito espaço. Quando o nariz roçou na lapela, ela sentiu o traço do cheiro viril dele. Ela respirou fundo. Era, com toda a certeza, de Piers.

— Esse casaco é seu? O que tem usado durante a nossa viagem? — ela perguntou.

— Sim, é. — ele apontou para o casaco que Maggie vestia e para o que ele estava usando. — Comprei dois destes quando entrei no Exército. Não faz parte do uniforme oficial, mas são muito mais quentes do que o casaco que esperavam que usássemos.

Ela não pôde deixar de notar o quê de aborrecimento na voz dele. Piers não foi feito para o exército, para receber ordens. Isso estava claro. Ele era um homem com opiniões próprias, e Maggie conseguia imaginar como estar sob o comando de outra pessoa o irritaria.

A pergunta certa de por que ele ainda estava no exército era uma que ele não havia respondido em toda a plenitude. Havia mais do que meros assuntos inacabados. Ele estava infeliz. Frustrado com a vida.

— Imagino que tenha tido problemas com alguns dos outros oficiais superiores por se recusar a usar o uniforme do Exército. — ela disse.

Ele bufou.

— Não foi nada. É esperado que os oficiais comprem suas próprias roupas. A lógica é, se um homem tem a coragem de comprar uma comissão do Exército Britânico, ele decerto pode pagar pelo próprio casaco de lã.

E Piers, sendo Piers, decidiu comprar algo que não era bem o padrão de um capitão.

Muito bem. Não deixe que ninguém tente impedi-lo de ser você mesmo.

— Está pronta? — ele perguntou.

Ela assentiu e o seguiu até a porta da frente, um rebuliço de empolgação a tomando por dentro. Sair às escondidas de casa enquanto os pais dele dormiam profundamente no andar de cima era algo que os irmãos e primos da Família Radley fizeram diversas vezes no Natal do Castelo Strathmore.

Piers parou na porta. Havia uma mochila, uma lanterna acesa e um cobertor no chão. Ele se inclinou e pegou a mochila e a lanterna. Maggie reconheceu o cobertor. Era o mesmo que levaram em sua excursão ao Castelo Kenilworth.

Ela o pegou, determinada a não permitir que Piers carregasse tudo.

Do lado de fora, ele ergueu a mochila ao ombro e olhou para o céu. Estava quase todo claro, apenas uma meia-lua iluminando o jardim formal que ficava na frente da casa. Maggie apreciava os arbustos coloridos e as trilhas bem cuidadas. Lembrava-a de casa.

Ela sentia falta da família, mas esses momentos a sós com Piers traziam um significado especial. Estavam cheios de promessas. O coração dela sussurrava todo tipo de conjurações doces sempre que estavam próximos.

Eu não gostaria de estar em nenhum outro lugar neste instante.

Um bloco de nuvens cinza-escuras pairava no céu um pouco distantes. Com sorte, estaria longe o suficiente para não estragar a expedição noturna deles.

— Aquelas nuvens vão nos causar algum problema? — ela o indagou, apontando as nuvens.

— Não se sairmos agora. Embora eu deva avisá-la de que o clima nesta parte do país pode mudar bem depressa. E não precisamos ser pegos em uma tempestade. Há um celeiro a meio caminho da clareira, por isso, se começar a chover, podemos nos abrigar lá.

Um celeiro isolado. Que conveniente.

Maggie começou a rezar em silêncio pela chuva.

Piers deu um tapinha na mochila em seu ombro. Um sorriso animado nos lábios. Ele parecia uma criança pequena na manhã de Natal. O entusiasmo era encantador.

— Trago um telescópio e o último exemplar do Almanaque Náutico aqui. O guia tem todos os calendários e mapas estelares que vamos precisar. Passei parte desta tarde estudando-o.

Perspicaz e inteligente.

Maggie não conseguiria pensar em uma combinação melhor para ter em um companheiro de observação de estrelas.

— Meu tio Ewan é membro da *Royal Society*, e ele sempre leva uma cópia do almanaque para a Escócia com ele. Nas noites claras na Montanha Strathmore, você pode ver milhares de estrelas. — ela contou.

Deitar-se no chão e olhar para a deslumbrante exibição era sempre uma delícia especial. As seis camadas de roupa necessárias nessas noites geladas eram um pouco menos agradáveis, mas necessárias.

— Estou me candidatando, embora eles não deem tanta atenção à astronomia quanto eu gostaria. Não é tão emocionante quanto enviar expedições para lugares desconhecidos do mundo. Para ser honesto, eu não ficaria surpreso se alguém acabasse decidindo começar sua própria sociedade astronômica. Se o fizerem, serei um dos primeiros a levantar a mão para participar. — Piers disse.

— Você seria um candidato perfeito, Piers. Por outro lado, qualquer sociedade ficaria honrada em tê-lo como membro. — ela respondeu.

O olhar que surgiu no rosto de Piers era um que Maggie não conseguia encontrar a palavra certa para descrever. Havia surpresa misturada com feliz gratidão, era a melhor combinação que ela conseguiu pensar.

— Nunca conheci uma mulher como você, Maggie Radley. Tantas outras integrantes da alta sociedade só pensam em si e na impressão que deixam, e você está aberta a novas experiências, além de ter uma honestidade refrescante. São duas características raras. Prometa-me que nunca vai mudar.

Era a vez dela lutar para aceitar elogios. Ela olhou para as botas, para o ponto em que espiavam por debaixo da bainha do casaco.

A respiração de Piers aqueceu-a na bochecha.

— Você é como uma pedra preciosa e colorida. Os diamantes podem ser os mais brilhantes, mas só você captura e sustenta um olhar com tanta intensidade, Maggie.

As doces palavras. A proximidade. A combinação fez algo com ela, a fizeram querer e precisar de tudo o que ele poderia dar.

Ela levantou a cabeça, e seus olhares se encontraram. Quando Piers

passou o polegar nos lábios dela, Maggie estremeceu.

Por favor, me beije. Que esta noite seja a noite em que enfim compartilharemos nossos corações.

No entanto, em vez de tomar os lábios dela com os dele, ele baixou a mão e se afastou.

— É melhor irmos. São cerca de oitocentos metros até os campos com um bom local de observação. E, embora a noite possa estar clara agora, nós não queremos mesmo ser pegos ao ar livre se chover. Minha mãe jogará meus órgãos aos porcos se você pegar um segundo resfriado.

— Sim, e eu não gostaria de molhar ou estragar seu casaco. Vai precisar dele quando voltar para Londres, e para a Guarda Montada. — ela respondeu.

— É possível. Embora eu prefira deixá-lo aqui.

Antes que ela pudesse se interromper, os dedos de Maggie estavam na manga do casaco de Piers.

— Por que não renuncia à comissão? Com toda a certeza, o exército pode encontrar alguém para responder a todas aquelas cartas.

Ele deu a ela um olhar que dizia que ambos sabiam que seus problemas iam muito além de algum senso equivocado de honra.

— É verdade, Maggie, mas pense bem: se eu tivesse saído do exército, ninguém teria acompanhado o seu caso. Você teria passado o resto da vida sofrendo por um homem que não merecia.

Maggie soltou o casaco de Piers. Tal possibilidade não havia passado pela cabeça dela. Se outra pessoa tivesse recebido a carta, talvez nunca tivessem se dado ao trabalho de acompanhar o caso. Piers foi minucioso em seus esforços para rastrear Robert. Outro oficial poderia não ter se dado ao trabalho de fazer a viagem para Coventry.

— Desculpe-me. Não quis me intrometer. Não me deve satisfações.

Um sorriso tímido muito familiar surgiu no rosto dele.

— Vamos observar o céu noturno. Passei o dia ansioso por isso.

Ela afastou a decepção e seguiu Piers em direção ao portão, que dava para o campo norte. Eles visitaram o local de observação no início do dia durante a caminhada pelo terreno. O convite de Piers para sair à noite e observar as estrelas foi uma surpresa deliciosa.

Ele a queria. Disso ao menos, ela estava certa. Entretanto, por que ele continuava a recuar sempre que chegavam a um ponto em que a relação poderia avançar, ela não conseguia entender. A única certeza dela era que Piers era um membro relutante das forças armadas. Que, dada meia chance, ele renunciaria.

Eu queria tanto que confiasse o bastante em mim para compartilhar seus problemas comigo.

A necessidade de conversarem, de Piers enfim revelar seus

segredos, trazê-los à luz, era o único jeito de seguir. Até então, ela estaria palpitando às sombras.

Maggie havia prometido deixar as coisas acontecerem, mas era difícil. Paciência não era um traço da Família Radley. Com um suspiro suave, Maggie enfiou as mãos nos bolsos e seguiu Piers.

Ela jamais imaginou que o amor pudesse ser tamanha provação.

Capítulo Quarenta e Um



Foi um erro. Ele nunca deveria ter convidado Maggie para vir observar as estrelas. Piers culpava sua própria natureza impetuosa, só lhe restava rezar para não lamentar ter feito o convite.

Atrás dele, Maggie atravessava a grama. O silêncio dela corroía Piers. Ele conseguia imaginá-la tentando encontrar formas de abordar a permanência dele no exército. De descobrir a verdade em torno da manutenção dele nas forças armadas.

Maggie não era alheia ao desconforto dele, e ele não acreditava que ela deixaria o assunto quieto por muito tempo. Ele não a conhecia há tanto tempo assim, mas paciência decerto não era um de seus pontos fortes. No entanto, nessa situação ele não poderia culpá-la. Ambos pagavam o preço por Piers ter esperado demasiado tempo por uma mensagem do Príncipe de Orange.

Eu só não sei o quanto da história eu devo contar a ela. Ou se, de fato, devo contar algo.

Ele desacelerou os passos, permitindo que Maggie o alcançasse. Se ela ficasse muito para trás, ficaria fora do alcance da luz da lanterna e não conseguiria ver onde pisava.

— Disse que o céu da Escócia é impressionante quando se trata de observação de estrelas. — ele disse.

— São sim. — ela respondeu.

Por favor, podemos falar apenas das estrelas?

— Às vezes, subimos até o antigo pavilhão de caça do meu tio. É um lugar maravilhoso. É preciso atravessar uma trilha que corta uma lacuna estreita da Montanha Strathmore. Há paredes rochosas e altas em ambos os lados. No final, acaba por se abrir em um anfiteatro natural, rodeado por muros de pedras. Há um lago no meio. Chamamos de Chave porque, caso você fosse uma águia sobrevoando, pareceria um buraco de fechadura.

— Parece fascinante.

— É um lugar excelente para se observar o céu. As paredes rochosas nos protegem dos ventos da montanha e, nas noites de verão, é possível passar horas observando os céus.

Uma ponta de culpa esfaqueou Piers. Ele evitava a conversa difícil e, em vez disso, investia suas energias em algo que talvez evitasse que Maggie fizesse mais perguntas.

Os dois atravessaram o campo e subiram até à clareira que visitaram no início do dia. Piers colocou a lanterna no chão, e Maggie espalhou o cobertor na grama. Ele pegou o telescópio Dollond de latão e o tripé da mochila e os colocou em uma porção mais plana do chão.

— Que constelações consegue se avistar daqui? — ela perguntou.

— Várias. Esta noite, espero que encontremos o Hexágono de Inverno. Pode ser um pouco cedo para avistá-lo, mas nunca se sabe.

— Ah, sim. Então, precisamos do Cinturão de Órion para nos guiar.

— ela respondeu. Maggie ergueu o olhar para os céus e se virou devagar. — Lá está Órion. — ela apontou para cima, à sudeste.

Ele seguiu a mão dela, assentindo quando espiou a forma de ampulheta de Órion.

— Venha dar uma olhada pelo telescópio. Deve conseguir ver as três estrelas do Cinturão de Órion. Elas apontam para Sirius, que é a primeira estrela do hexágono.

— Além de uma ponta no Triângulo de Inverno. — ela complementou.

Ele girou o telescópio para olhar para o céu do sudeste e começou a procurar por Sirius. Maggie veio ficar ao lado dele. Piers se afastou e a deixou olhar pela lente.

Ela girou o telescópio uns míseros dois centímetros e exclamou:

— Achei você!

Ela ter conseguido encontrar a estrela em questão de segundos não deveria ser uma surpresa para ele. Maggie chamou Piers para perto com a mão.

— Ali está Sirius. E se olhar ao redor dela, verá todas as outras estrelas mais fracas que compõem esta parte da Via Láctea.

Ela recuou, permitindo que Piers assumisse o telescópio. Pela lente, ele pôde ver a estrela brilhante.

— É fascinante pensar que estamos olhando para as mesmas constelações que os antigos olharam. — ele observou.

— Sim, e eles acreditavam mesmo que os deuses viviam nas estrelas. Embora eu goste muito da mitologia grega, é preciso muito esforço para vencer os deuses nórdicos. Eram criaturas ferozes.

— Sou bastante parcial aos nove reinos. Consigo me imaginar vivendo muito feliz em Asgard. — Piers respondeu.

Ao lado dele, Maggie riu baixinho.

— Sim, toda aquela festança e bebida combinam com você. Consigo vê-lo como sendo Odin, o deus do álcool.

Piers a olhou de esguelha.

— Alguém já disse que você é uma jovem impertinente, Senhorita Margaret Radley?

Ela bateu palmas uma vez e continuou a rir.

— Mais pessoas do que eu me daria ao trabalho de contar. Talvez

até mais do que todas as estrelas no céu.

Você é mesmo uma companhia adorável. Amo estar aqui com você.

Eu te amo.

Essas três palavras fizeram Piers se erguer. Estava claro que seu coração havia decidido não permanecer mais em silêncio. Ele exigia ser ouvido.

Esses momentos a sós com Maggie eram maravilhosos, quando uma brincadeira boba entre eles o fazia esquecer de todas as preocupações. Se ao menos pudesse ser sempre assim: compartilhar as coisas simples e divertidas da vida. Estar com essa mulher, era o maior desejo do seu coração.

Ela estaria em casa aqui em Denford Park. Comigo.

Contudo, não enquanto o futuro dele fosse tão incerto.

— Deveríamos ter trazido comida. — Maggie disse.

Esse era um problema que ele poderia resolver. Piers foi rápido em tirar um saco de pano da mochila.

— Arrá! — ele gritou, segurando o saco no alto com ares de triunfo.

Esta não era a primeira vez dele olhando as estrelas. Estar no frio deixava um homem com fome. Ele foi às cozinhas de Denford Park no início da noite e implorou por um pouco de misericórdia. É claro que os criados de lá foram bondosos com ele.

— Creio que encontrará o que procura aqui dentro. — ele disse.

Ela pegou o saco, balançando a cabeça com deboche.

— Claro que trouxe comida. No que eu estava pensando? Também espero que haja um cantil escondido em algum lugar desse seu casaco.

O tom de sua última observação manteve um certo nível de expectativa misturado com ameaça velada. Ter trazido um cantil seria bom para ele.

Piers acariciou as laterais de seu casaco, aliviado quando as mãos tocaram a forma sólida do objeto escondido. Ele pôs a mão no bolso e, com um floreio, tirou o cantil. Enquanto Maggie revirava o saco em busca de comida, Piers se serviu de um bom gole de uísque.

Ela desembulhou uma pequena trouxa e cheirou o conteúdo.

— Sanduíches de bacon e ovo frito. Piers Denford, você é um gênio. É o meu favorito.

Assim que tirou as luvas, Maggie segurou um dos sanduíches e o mordeu. Cantarolou em aprovação enquanto mastigava com alegria. Quando terminou de mastigar essa primeira mordida, ela acenou com o sanduíche para ele.

— Precisava de picles de mostarda para dar um toque mais forte.

— Picles de mostarda? Estou tentado a experimentar, embora eu deva dizer, eu gosto muito de chutney no sanduíche de bacon e ovo. Como eu não sabia se você gostava, pedi para a nossa cozinheira que

não colocasse. — ele explicou.

Piers tirou as luvas, antes de aceitar o sanduíche que Maggie lhe ofereceu de muito bom grado. Em troca, ele entregou o cantil.

A comida os manteve mastigando em silêncio por pouco tempo. Quando Piers engoliu o último resquício de seu sanduíche, ele olhou a sacola e tirou dois guardanapos. Enquanto esperava Maggie terminar, ele limpou as mãos e o rosto.

Sanduíches de bacon e ovo. Tão delicioso.

Ela se aproximou dele e tirou o guardanapo limpo da mão dele. Quando os dedos dela roçaram nos dele, Piers sentiu uma mudança de clima. O olhar de Maggie foi para o queixo dele.

— Faltou um pedaço. — ela disse.

A respiração dele descompassou quando Maggie começou a limpar o rosto dele com o guardanapo.

— Deixou um pouco aqui também. — ela disse.

O guardanapo se aproximou de seus lábios, e o coração de Piers começou a disparar. Fazia algum tempo que eles não ficavam tão próximos. Esse instante estava pesado de promessas.

Ele se inclinou, seus rostos agora a apenas um centímetro de distância.

— Algum outro lugar? — ele perguntou.

Ela assentiu e tocou a ponta do dedo nos lábios dele.

— Aqui. Bem aqui.

As mãos dele estavam nos cabelos dela em um instante, segurando-a enquanto ele reclamava aquela boca com um beijo profundo e apaixonado. A tentação o deixara faminto, ansiando por ela, por ter um gosto de Maggie. Suas línguas se encontraram em um emaranhado febril e carente. Não havia nada de educado ou gracioso nesse enlace. Era bagunçado, desesperador, e ele queria que continuassem assim para sempre.

Maggie agarrou-se a Piers como se ele fosse uma tábua de salvação. As mãos apertadas enquanto agarrava as lapelas do casaco dele. Repetidas vezes, eles movimentaram os lábios juntos em um beijo glorioso e de tirar o fôlego.

Quando enfim se separaram, ambos puxavam o ar. Uma breve troca de olhares, e voltaram a se beijar.

Piers não conseguia estar menos interessado nas estrelas ou na glória dos céus que brilhavam acima, ele só queria Maggie. Cada centímetro dela.



A primeira gota de chuva caiu bem no meio da testa de Maggie. Perdida no beijo, ela ignorou. Logo chegou a segunda, seguido por um

relâmpago que iluminou o céu. Um estrondo baixo ao longe anunciava trovões se aproximando. Ela e Piers se separaram, assim que os céus se abriram.

— Pegue o cobertor. Eu pego o telescópio. — ele gritou.

Maggie correu, logo pegando o cobertor e jogando-o no braço. Enquanto Piers desmontava o telescópio e o tripé, Maggie segurou a mochila. Ela a segurou aberta, e ele enfiou o precioso instrumento ali. Ela adicionou o cobertor à mochila e, enquanto ele a içava nas costas, ela pegou a lanterna.

A chuva agora era torrencial.

— Ficaremos encharcados se tentarmos voltar para a casa. Será melhor irmos para o celeiro. — ele disse.

As noções românticas de Maggie de ser pega pela chuva evaporaram enquanto corriam pela tempestade selvagem. Quando chegaram ao celeiro, ambos estavam encharcados até os ossos. Piers ergueu o tronco com ímpeto e abriu a porta. Maggie correu para dentro, Piers logo atrás.

— Ah, que alívio. — ela disse com um suspiro.

A porta se fechou, e Piers colocou a barra interna para mantê-la fechada. Ele deu uma olhada no estado molhado e desgrehado de Maggie e piscou.

— Minha mãe vai me matar por deixar você se encharcar.

Era surpreendente como o interior do celeiro estava quente. Maggie foi rápida com os botões do casaco e chacoalhou os ombros para sair dele. Ela o sacudiu para tirar as gotas de água na superfície dele. Piers fez o mesmo com o sobretudo dele.

Manter-se com roupas molhadas nunca era uma boa ideia. A chuva batia alto contra as telhas de madeira do celeiro e fez com que ela soubesse que não iriam a lugar algum tão cedo.

Com cuidado, Piers puxou o cobertor da mochila e o entregou a ela.

— Aqui, envolva-se nele. Vai prevenir que tenha arrepios. Seu vestido está molhado. — ele disse e meneou a cabeça para uma pilha de feno limpo. — Vamos nos sentar ali, enquanto esperamos a tempestade passar.

Eles encontraram um cantinho aconchegante para se abrigar. Piers envolveu os braços em torno dela, mantendo Maggie perto.

— Está bem? — ele perguntou.

Ela se aconchegou.

— Sim. Apenas com um pouco de frio. Ficarei aquecida logo, apenas me abrace.

Piers deslizou um fio de cabelo úmido e rebelde para trás da orelha dela. Maggie tremeu. Fosse pelo frio ou pelo toque de Piers, ela não sabia.

A vela da lanterna embora acesa, deu um sinal de alerta. Se apagasse, eles ficariam totalmente no escuro.

Lá fora, a chuva continuava a cair implacável. Ela deveria se preocupar em pegar um resfriado, mas a mente de Maggie estava focada naquele beijo.

Eles estavam presos no celeiro. Sozinhos. Juntos. Era uma oportunidade que ela não deveria desperdiçar. Reunindo coragem, ela decidiu ser hora de agir.

Carpe diem, e tudo mais.

Maggie se puxou dos braços de Piers. Afastou as pernas dele devagar e se ajoelhou entre elas. O cobertor caiu dos ombros. Quando os olhares dos dois se encontraram, ela deu um sorriso tímido. Era um risco que ela se sentia compelida a correr. Não só por ela, mas pelos dois.

— Eu te amo, Piers.

Pronto, ela disse. Pela segunda vez na vida, Maggie colocou o coração em risco. Ao fazer um movimento tão ousado, ela só podia rezar para não ter lido mal as reações de Piers.

Ele assentiu devagar.

— Eu te amo também, Maggie.

Alívio a dominou. Ela não estava sozinha nesse desejo de que fossem mais do que amigos. De que construíssem um futuro juntos.

Quero que ele seja meu para sempre.

As mãos dele se acomodaram na cintura dela enquanto ela se curvava e colocava um beijo terno e hesitante nos lábios dele. Maggie não queria nada mais do que aprofundar o beijo, voltar para onde estavam antes da chuva, mas ela se conteve. Esse momento exigia passos comedidos.

Enquanto continuavam o beijo fácil e lânguido, ela se aproximou e pegou a saia, puxando-a para cima. Devagar e com deliberação, ela ergueu a bainha. O vestido se amontoou em torno dos quadris. O ar frio beijou a pele das coxas enquanto a parte de baixo do vestido subia mais.

E mais.

Ela tremia, uma mistura inebriante de estar com frio e excitada ao mesmo tempo. Maggie interrompeu o beijo.

A pomo de Adão de Piers subiu e desceu enquanto ele engolia em seco com força.

— Maggie.

— Toque-me.

O olhar dele recaiu para a carne exposta, para seu sexo, e ele gemeu.

Ela conseguia sentir a hesitação dele em cada respiração. Eles oscilavam no limite, este era um momento que poderia pender para

qualquer lado. A única coisa de que ela sabia com certeza era que, após esta noite, o relacionamento deles mudaria. Não importava o resultado, não haveria volta.

As mãos de Piers deslizaram pela cintura dela, apoiando-se nos quadris.

Por favor.

Ele levantou a cabeça e ofereceu a boca. Maggie a tomou, gulosa. As línguas dos dois dançaram juntas em uma troca acalorada, mas quando ela procurou aprofundar o beijo, Piers se separou.

— Mais devagar. Não há necessidade de pressa. — ele disse.

— O que quer que eu faça? — Maggie temia estar forçando-o. Que na pressa de confirmar seu amor, Piers acabaria recuando.

— Apenas me beije. Deixe-me fazer o resto — ele respondeu.

Quando os lábios deles se encontraram mais uma vez, foi em um beijo terno e sem pressa. Entretanto, o coração de Maggie ainda batia forte contra o peito. Seu autocontrole estava por um fio.

As mãos de Piers deslizaram com lentidão pela parte interna das coxas de Maggie. Indo dos joelhos aos cachos escuros na entrada de seu sexo. Ele parou por um instante e sussurrou:

— Tão linda.

— Por favor. — ela murmurou, ajeitando o peso nos joelhos e abrindo mais as pernas. As mãos apoiavam-se nos ombros dele.

Piers assentiu.

— Por você? Sempre. — ele separou as dobras macias com dedos gentis e, em seguida, deslizou um deles devagar em seu calor liso e molhado.

Maggie choramingou.

— Ai, Piers.

Enquanto ele a acariciava, o polegar traçava círculos requintados ao redor daquele botão sensível. Piers conseguia ler tão bem o corpo dela. Mudando o ângulo e a profundidade de penetração, ele lançou a necessidade de liberação de Maggie a um ritmo cada vez mais frenético. Ele enfiou um segundo dedo, e ela se agarrou a ele. Era melhor do que qualquer coisa que ela pudesse imaginar. Cada carícia a deixava ofegante. Querendo mais.

Ele entrou mais, mais rápido, e ela se despedaçou em um soluço, atingindo o clímax em um momento de êxtase desenfreado.

— Piers.

Ele a acariciou durante o rescaldo, trazendo-a de volta aos poucos, mas quando ela alcançou as calças dele, com a intenção de abrir os botões, ele colocou a mão firme em seu pulso.

— Não.

— Estou pronta. Faça-me sua. Tome o que eu quero dar. Piers, eu te amo.

As saias dela foram puxadas para baixo, e ele a tirou do colo.

— Piers? — ela implorou, confusa.

— Maggie. Não peça isso de mim, eu não posso.

Não pode, ou não vai, dava na mesma. Ele não a queria. Lembranças daquela noite com Robert passaram pela cabeça dela. A dor lancinante da rejeição.

Outro homem a quem ela deu o coração, outro que não sentia o mesmo que ela. A declaração de amor de Piers era vazia de sentido. As palavras eram ocas.

— Desculpe-me. Pensei que queríamos mais um ao outro. Está claro que estou enganada. Da próxima vez que oferecer palavras de amor a uma mulher, eu sugiro que segure a língua. — Maggie pôs-se de pé, as lágrimas amargas da decepção pinicaram os olhos. Por que ela continuava se apaixonando por homens que só queriam brincar com ela, ela não conseguia entender. Piers era mais um em uma lista decepcionante de homens que disseram que se importavam com ela, mas, na verdade, não se importavam.

Apressada, ela ajeitou as saias e pegou o casaco. Estava encharcado, colocá-lo não serviria para nada, mas ela não estava preocupada com o casaco. Tudo o que queria fazer era fugir. O momento de êxtase se foi, sendo substituído por desgosto e humilhação.

Piers veio e parou atrás dela. Tocando Maggie de leve nos ombros, ele a virou para encará-lo. Ele colocou a mão grande e quente na dela.

— Maggie, por favor, não me entenda errado. Eu me importo muitíssimo com você. Só que minha vida é complicada. Arruiná-la seria a pior coisa que eu poderia fazer. É um risco muito grande.

Ela balançou a cabeça.

— Nunca pensei que dois adultos fazendo amor consentido significasse a ruína de algo. Sinto muito que veja dessa forma. Eu apenas não entendo por que me trouxe até Denford Park se não nos vê com seriedade. Ou foi apenas mais um encontro trivial, algo em que vocês machos parecem ser excelentes em conseguir?

Ela puxou o casaco da mão dele e se dirigiu para a porta.

— Ainda está chovendo. Vai ficar encharcada. — ele gritou.

A barra deslizou com um baque. Maggie ignorou a chuva e correu para a tempestade. Ela só precisava fugir.

Capítulo Quarenta e Dois



Abatida soou na porta do quarto dela logo após a primeira luz. Uma Maggie meio adormecida abriu-a para encontrar Piers parado no corredor. A aparência dela ecoava o que ela sentia. As bolsas e olheiras sob os olhos eram evidências de que ele também não dormiu muito.

— Vista-se. Precisamos conversar. — ele disse.

Após deixar o celeiro ontem à noite, ela tropeçou na escuridão e voltou para a casa em meio à chuva. Piers a seguiu, mas ela ignorou os apelos para que ela parasse.

— Não sei se ainda há algo a dizer após ontem. Planejo falar com sua mãe esta manhã para pedir uma carruagem que me leve à propriedade de meu primo David em Sharnbrook. Voltarei a Londres. A partir de hoje, você não precisa mais se preocupar comigo.

A mão dele bateu alto na porta, impedindo-a de fechá-la.

— Por favor, Maggie. Não façamos isso. Precisamos conversar. Devo-lhe uma explicação. Não é justo da minha parte mantê-la no escuro por mais tempo.

Por mais que ela quisesse mandá-lo ao inferno, ela também sabia não ter sentido em ser teimosa e recusar a oferta. Ele estava oferecendo dar algumas respostas. O que ela queria o tempo todo.

— Me dê um minuto para encontrar roupas quentes. — ela disse.

Piers deixou a mão cair ao lado do corpo e afastou-se da porta.

— Espero aqui.

Enquanto ele permanecia no corredor, Maggie logo calçou as botas e vestiu o manto.

Em pouco tempo, ela abriu a porta.

— Para onde vamos? — ela perguntou, saindo do quarto.

Piers, encostado na parede, empurrou-se e endireitou a postura.

— De volta ao celeiro onde fomos ontem à noite. Quero refazer nossa conversa, mas desta vez, faremos do jeito correto.

Uma Maggie perplexa, mas resignada, seguiu-o escada abaixo, pelo portão do jardim e pelo campo superior ainda encharcado pela chuva. O chão sob as botas mostrava resistência a cada passo, e Maggie teve dificuldades para acompanhar o ritmo acelerado de Piers.

No celeiro, ele puxou a barra da trava e abriu a porta pesada. Como na noite anterior, Piers voltou a trancar a porta assim que os

dois entraram. Desta vez, ele não trouxe nenhuma lanterna, e a luz pálida da manhã mal passava pelas ripas das paredes. O celeiro entrou em um estado sinistro de semiescuridão.

— Por favor, sente-se. — Piers disse.

Maggie se deixou cair no feno seco. Ela estava fazendo o possível para não chafurdar na humilhação da noite anterior. Não era fácil. Raiva fervia em sua mente.

Enquanto isso, Piers andava de um lado para o outro, as mãos apertadas nas costas. Os ombros rígidos e a coluna bem reta. Ela continuou sentada, paciente e ele continuou marchando de um lado a outro.

Por fim, uma Maggie enfurecida se levantou e gritou:

— Piers. Pare!

Ele parou no mesmo instante. Os ombros caíram enquanto ele se curvava e apoiava as mãos nos joelhos. Maggie deu passos tímidos em direção a ele, mas parou antes de chegar muito perto. Piers estava em conflito, isso era óbvio. Era terrível vê-lo tão aflito.

— Você confia em mim? — ela perguntou.

De pé tão perto dele, sob essa luz fraca, ela conseguia perceber as linhas profundas de preocupação no rosto de Piers. Tal percepção a deixou ansiosa. Ela temia o que poderia vir a seguir. O que seria tão terrível que ele precisava tirá-la da casa e ir a um celeiro isolado apenas para contar?

— Sim, Maggie, confio em você. É de mim mesmo que não tenho certeza. Tenho medo do que acontecerá se você me considerar falho.

Ela deu mais um passo à frente, mas parou quando Piers encolheu-se. Ele se endireitou a toda altura e encarou-a.

— Responda-me o seguinte: o que sabe quanto ao que acontece entre um homem e uma mulher no leito conjugal?

Quê?

Ela era inocente de tais acontecimentos no sentido físico, mas fazia uma boa ideia da mecânica das coisas. Do que ia aonde. Se não soubesse de nada, não teria se oferecido para ele daquele jeito tão aberto. Não fazia sentido.

— É com isso que está preocupado? Que eu tenha medo de sexo? Eu diria que o que aconteceu aqui há poucas horas mostraria que não tenho. E sim, estou ciente do ato conjugal. Minha mãe sentou e me deu a palestra assim que minhas regras vieram. Posso nunca ter me engajado em tal atividade, mas entendo a fisiologia envolvida.

Ela também flagrou, em mais de uma ocasião, seus primos homens caminhando nus ao sair do lago da Chave, na Escócia. Ela viu os apêndices viris balançando de um lado para o outro antes que eles corresse depressa para a cabana para se vestirem.

No entanto, algo dizia que Piers não estava com vontade de ouvir

mais uma história acerca das férias da Família Radley.

Ele passou os dedos pelos cabelos, agarrando-os com força nas pontas. Frustração escorria dele.

— Não, eu... — ele bufou.

Maggie esperou, de repente, ela sentiu se tratar de algo muito maior que a falta de experiência dela.

Por fim, ele respirou fundo e falou bem devagar.

— Entende o que é possível entre um homem e uma mulher. Bem, há coisas que também podem acontecer entre dois homens.

O cérebro dela demorou alguns minutos para absorver tal fato, para chegar a uma resposta acerca de como seria possível. Ela nunca considerou tal possibilidade.

— Entendo... acho. — ela disse.

— Na verdade, é um crime neste país, punível com a morte. Por isso, nenhum homem deseja ter seu nome mencionado se tal assunto é levantado.

Um pavor frio e horrendo a dominou. Seria esta a verdadeira razão para o Exército Britânico manter Piers? Será que ele fez algo ilegal?

— Servi sob o comando do Príncipe de Orange como ajudante de ordens dele. O que não é de conhecimento geral entre a Sociedade Educada é que o príncipe mantém casos ilícitos regulares com homens e mulheres. Era um segredo bem guardado entre aqueles de nós que serviram com ele; que alguns dos outros ajudantes de ordens do príncipe eram o que só poderia ser descrito como amigos próximos especiais.

Maggie sentiu-se perto das lágrimas.

— E você e ele... — ela não conseguiu terminar a frase. Pensar que Piers nunca seria dela era de partir o coração. Não após tudo o que passou com Robert.

Era por isso que ele não quis consumir o relacionamento deles? O amor por ela talvez fosse diferente do dela por ele?

Piers balançou a cabeça.

— Não. Eu era um ajudante de ordens tradicional, nada mais. Fui nomeado para servir o príncipe em um âmbito militar, e nos poucos meses em que fiz parte da comitiva, ele nunca me tratou como nada além de um colega oficial.

Ele e o príncipe não eram amantes. Então qual é o problema?

Só quando Maggie deu uma puxada desesperada de ar é que ela percebeu estar prendendo a respiração.

— Continue.

Piers relaxou a olhos vistos, soltando os cabelos. Ela conseguia imaginar o quão temeroso ele deveria estar. Se ele deixasse de explicar algo corretamente, ela talvez nunca mais olhasse para a cara dele.

— No entanto, o fato de a minha relação com o Príncipe de Orange

não ter nenhum aspecto ilegal, não impediu que alguns militares tentassem inventar rumores e divulgá-los. Mencionei o Major Hall, a quem sirvo atualmente.

— Sim, o oficioso.

— Ele mencionou o meu nome em despachos da batalha de Waterloo como sendo incompetente, o que em termos de exército significa que sou um covarde. Eu estava lutando ao lado dos homens dele, quando o Príncipe de Orange decidiu, sem aviso, que queria sair e enfrentar o inimigo em outro lugar. Eu o segui. O Major Hall ficou furioso. Quando o príncipe levou uma bala de mosquete no ombro, precisei levá-lo de lá para receber atendimento médico urgente. Quando voltei, a batalha já estava praticamente encerrada.

— E ganhou um inimigo.

— Sim. Na opinião do Major Hall, eu só segui o príncipe porque estávamos envolvidos. A verdadeira razão, claro, é que meu trabalho *era* ajudar o príncipe.

— Já tentou falar com o Major Hall?

Piers suspirou.

— Não é tão simples assim. Há preconceitos profundos em alguns homens, e o Major Hall parece pensar que, se o príncipe não pode ser punido pelo que o major considera um ato antinatural, então ele fará de tudo para encontrar alguém para ser responsabilizado. Quando voltei para a Inglaterra, fiquei chocado ao descobrir que fui colocado sob o comando dele na Guarda Montada.

— E, desde então, este Major Hall se encarregou de fazer da sua vida uma miséria.

A explicação de Piers ajudava muito a preencher as lacunas na mente de Maggie.

— Posso presumir que essa é uma das razões para Lady Dinah manter a pretensão de vocês ainda estarem noivos? — ela respondeu.

Se Piers tivesse uma noiva o esperando, dificultaria a manutenção de quaisquer acusações de impropriedade sexual.

— Em parte. Embora ela não saiba nada acerca das atividades particulares do príncipe. Lady Dinah concordou em manter o assunto privado porque nós dois estávamos preocupados com as repercussões de um noivado fracassado. O relatório de batalha do Major Hall nunca foi um segredo, nem minha permanência no exército. Se Lady Dinah me rechaçasse, a sociedade decerto pensaria que ela acredita que fui um covarde. Que os relatos eram verdadeiros.

Agora Maggie entendia o dilema assustador de Piers. A dúvida dela em relação a ele e por que ele não ousou deitar-se com ela na noite anterior, estava mais do que clara. Não era um caso de não querer, mas um de não ousar.

— E acredita que, como o Exército ainda o ameaça de punição,

você não está em condições de assumir uma esposa. É isso?

Ele a mantinha à distância por medo do que os militares poderiam fazer com ele.

— Você merece ter alguém capaz de ser seu marido em todos os sentidos da palavra. Minha situação me impede de ser esse homem. Maggie, se houvesse uma saída para essa bagunça, eu a aceitaria de bom grado. Perdi dois anos da minha vida pensando que conseguiria justiça.

Era tentador oferecer simpatia, mas abraços e beijos suaves não fariam nada para remediar a situação. Esse problema exigia ação. Precisavam traçar um plano.

Ele já deveria saber que ela era uma mulher sempre pronta a ajudar a resolver um problema. A mente de Maggie se movia em ritmo acelerado, descobrindo o próximo passo. De como os dois dariam um jeito de tirar Piers dessa confusão.

Piers não merecia ficar preso ao exército, sendo deixado no limbo enquanto poderes invisíveis decidiam seu destino. Era hora de ela deixar as próprias necessidades e desejos de lado e pensar no que poderia fazer para ajudá-lo.

— Esqueçamos a noite passada. Tudo o que foi dito e feito não importa. O importante agora é encontrar um jeito de impedir que o Exército continue punindo um homem inocente. — ela disse.

Piers agarrou Maggie e a puxou para os braços.

— Nunca me esquecerei de ontem à noite. Também não vou tirar minha declaração de amor. Não faz ideia de como foi difícil para mim não a tornar minha. Você é tudo o que quero. Estava bem ali, toda calorosa e disposta. Uma beldade. Foi preciso cada grama de força para não ceder e tomá-la. Apenas o medo me impediu, de que ao fazê-lo, eu talvez arruinasse a sua vida. Se eu enfrentar uma corte marcial e for considerado culpado, posso ser mandado para as colônias, ou ainda pior.

Maggie fisgou as mãos e as colocou em seu peito.

— Jonathan tem razão, você é seu pior inimigo. Piers, você precisa de amigos. Pessoas poderosas ao seu lado.

Erguendo a cabeça, ela encontrou o olhar dele em sua plenitude. Ela precisava fazê-lo entender o quão determinada ela estava, o quão teimosa era.

— Meu tio é o Duque de Strathmore. Meu pai é o Bispo de Londres. Deve compreender o tipo de influência que minha família pode exercer. Acredite, é mais do que apenas me deixar passar da porta da frente da Guarda Montada. E se isso não bastar, tem meu primo Will, a quem posso pedir que o ajude nesta causa.

— Will?

— Sim, Will, ou Sir William Saunders, como ele será conhecido em

breve.

— O espião?

Maggie assentiu.

— Na próxima semana, o príncipe regente sairá do luto oficial pela princesa Charlotte, e comparecerá a um compromisso público especial. Ele fará do meu primo um cavaleiro por serviços ao rei e ao país. Se alguém pode tirá-lo dessa lama, é Will.

Além da família, poucas pessoas sabiam o quão poderoso Will Saunders de fato era. Até Maggie duvidava ter total conhecimento da extensão do poder dele, sabendo que sua visão era uma versão leve e bem pensada da verdade. Will não só conhecia pessoas poderosas, mas era extremamente hábil em fazê-las ceder a ele.



Piers balançou a cabeça devagar. O que havia para dizer? Claro que ela teria um parente com relação próxima ao futuro rei. Por que ele ficou surpreso? Quando pensou que sabia tudo acerca de Maggie, ela jogava outra joia preciosa de conhecimento à mistura.

Ele sabia quem William Saunders era, ouviu falar do homem que agiu como espião para a Coroa Britânica, operando sob um disfarce na França por vários anos antes da queda de Napoleão. Houve rumores de que ele forneceu informações vitais ao comandante das forças aliadas, o Duque de Wellington, pouco antes e durante a Batalha de Waterloo.

O primo de Maggie também devia ser o responsável pela entrega milagrosa das mensagens que o Príncipe de Orange enviava com frequência do campo de batalha em *Quatre Bras* para Wellington, à época ainda em Bruxelas. Esses despachos codificados imploravam ao comandante britânico pelo envio urgente de mais tropas. Antes que os reforços dele chegassem para lutar ao lado de seu regimento, Piers temeu estarem prestes a ser invadidos pelo comandante de Napoleão, o Marechal Ney.

Will Saunders era um homem que conseguia fazer o impossível. Se ele conseguisse ter Will em seu caso, Piers poderia ter uma chance real de ter uma audiência justa. De recuperar a as rédeas da própria vida.

Contudo, antes disso, havia mais um assunto importante que precisavam discutir.

— Como assim Jonathan disse que eu era meu pior inimigo?

— Eu falo do meu primo, um homem mais poderoso do que meu tio e meu pai juntos, e você se concentra no que seu irmão falou? Que Deus nos ajude. — ela alfinetou.

Piers bufou.

— Ah, Maggie. Creio que Deus já me ouviu e respondeu aos meus

apelos. Porque, com toda a certeza, só Deus poderia tê-la enviado até mim.

Capítulo Quarenta e Três



Era uma pena que precisassem deixar Denford Park tão cedo após chegarem, mas Maggie e Piers concordaram ser de vital importância que retornassem a Londres o mais rápido possível. Se havia uma chance de Will Saunders ajudar Piers, eles não deveriam se demorar. Lorde e Lady Denford ficaram desapontados, é claro, mas com decidida concordância.

— Fico muito feliz por ele a ter conhecido, minha querida. — Lady Denford disse. Ela abraçou Maggie e, em seguida, sussurrou em seu ouvido: — Meu filho é um homem bom. Ele só precisa acreditar que merece ter felicidade. Acredito que ele pode encontrá-la com você.

Maggie olhou para onde Piers e o pai estavam conversando.

— Ele é adorável, mas não quero colocá-lo sob mais pressão do que já está. Há o bastante em jogo sem que Piers precise se preocupar comigo.

Lady Denford assentiu e sorriu.

— No entanto, ele se preocupa com você, é da natureza de Piers, sempre pensando nos outros.

Em detrimento dele mesmo.

— Bem, prometo à senhora, ele tem amigos que se importam com o que acontece com ele. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que se livre do exército.

— E assim, ele estará livre para tomar outras decisões. Como enfim poder propor casamento à mulher que ama e, com sorte, começar uma família. Quero que meu filho consiga voltar a viver a própria vida.

Uma luz de esperança brilhou nos olhos da mãe de Piers. Maggie esperava que Lady Denford realizasse seus desejos. Que o filho de fato voltasse a tomar as rédeas da própria vida. Só assim, ele seria livre de verdade para escolher o amor.

Ela o estaria esperando quando ele o fizesse.



Pouco mais de uma semana longe da cidade não foi suficiente. Piers gostava de Londres, mas detestava estar de volta à Guarda Montada e sob a contínua bota esmagadora do Major Hall.

— Então, não encontrou nada acerca desse capitão desaparecido?

Que desperdício de recursos do exército. — o major o alfinetou.

Piers respirou fundo e com calma, soltando o ar em seguida.

— Não, não foi isso que coloquei em meu relatório, senhor. Encontrei os registros de batismo de Robert Eustace Taylor, mas não consegui encontrar mais nada acerca de uma carreira no exército. Eu disse à Senhorita Radley que acredito que o falecido noivo dela pode não ter sido de todo honesto com ela.

Na viagem de volta a Londres, ele e Maggie tomaram uma decisão. No que diz respeito ao mundo, o Robert Taylor que Maggie conheceu de fato teve uma morte trágica e heroica em Waterloo. O Robert Taylor que ainda vivia em Coventry com uma esposa e filhos era apenas um homônimo.

Era uma mentira, mas uma que estavam determinados a manter. Jonathan e Elizabeth eram confiáveis o bastante para manter-se em silêncio. Lorde e Lady Denford nunca precisariam saber a verdade. Quando chegasse a hora certa, Maggie confiaria a verdade aos pais, mas ninguém mais.

Quanto ao resto da poderosa Família Radley, todos ficariam felizes por ela estar pronta para seguir com sua vida. Embora não fosse justo que os culpados escapassem ilesos, proteger os inocentes era mais importante do que a vingança.

Piers não ficou contente com toda a história, mas, no final, a escolha era de Maggie. Ela é quem teria que explicar as coisas à família. Pensar no que Maggie passaria se a notícia viesse à tona é que selou o destino para ele.

Ele a amava, e ele não suportaria que fofocas na alta sociedade infligissem dor a ela. A filha do Bispo de Londres ter sido feita de tola por um homem casado, que não apenas forjou a própria morte, mas que a deixou de luto por mais de dois anos era um escândalo chocante que alguns membros da sociedade londrina sonhavam em descobrir.

Maggie já sofreu o suficiente.

Agora, era Piers quem suportaria as consequências da viagem até Coventry. O Major Hall não fez nenhum esforço para esconder o prazer que sentia em fazer Piers se contorcer.

— Não me lembro de a Senhorita Radley acompanhá-lo nessa viagem ser parte do plano, Denford. Viajou a serviço do Exército. — o major disse.

Piers assentiu.

— Tem razão, senhor, não era. A Senhorita Radley e eu nos cruzamos após eu deixar Londres. Como ela viajava desacompanhada, senti-me na obrigação de oferecer-lhe proteção.

— Bem, ao menos a virtude dela não estaria em risco com você.

A provocação feia ficou sem resposta.

— Está longe há duas semanas; não me diga que levou todo esse

tempo para descobrir que a Senhorita Radley havia sido enganada. O que diabos andou fazendo?

Piers odiava ouvir o Major Hall pronunciar o nome de Maggie, o deixava arrepiado.

— A Senhorita Radley adoeceu em Coventry. Precisamos ficar até que ela se recuperasse. Como ela é filha de Lorde Hugh Radley, tive que me certificar de que ela estaria bem quando a devolvesse em segurança para a família. Sua Graça, o Bispo de Londres, ficou muito grato por meus esforços. — ele respondeu.

Também tenho amigos poderosos.

— Apenas certifique-se de que o relatório final esteja em minha mesa até o final do dia. — o major retrucou.

A porta do escritório de Piers tremeu no batente quando o comandante saiu batendo-a.

— Porco presunçoso. — ele murmurou.

Ele terminou o relatório, com todas as mentiras e tal, e entregou a um soldado que o entregou ao Major Hall.

Quando Piers deixou a Guarda Montada, já era final da tarde. Um mísero dia de volta a Londres, e ele já sentia falta de Maggie com certa ferocidade.

Quando voltou para a Residência Denford na noite anterior, foi com o coração pesado e um desejo profundo de abraçá-la. A noite em que chegou bem perto de reivindicar Maggie ainda queimava com intensidade em sua memória.

Ele se tomou na mão assim que se retirou para o quarto. Deitar-se em sua cama, acariciando-se enquanto pensava nela, foi o único jeito de encontrar um mínimo de paz. Foi preciso a lembrança de observá-la enquanto ele a levava ao ápice no celeiro que fez Piers enfim chegar ao clímax. Por misericórdia, o sono logo se seguiu.

Eu a quero. Preciso dela.

Tanto passara a depender desse encontro com Will Saunders, e deles encontrarem uma saída bem-sucedida para essa situação. Pela primeira vez em muito tempo, ele se viu pleno de determinação e propósito.

Ele faria de Maggie a esposa dele e protegeria seu amor para sempre, e ninguém, nem mesmo o Major Hall, iria detê-lo.

— Alguém precisa saber de algo que prove a minha inocência.

Capítulo Quarenta e Quatro



A Rua Newport em Londres, não era um lugar que Piers frequentava com regularidade. Não trazia o mesmo brilho da área ao redor de St. James, mas não era muito longe da Residência Denford, em Park Place. Uma caminhada de apenas quinze minutos.

Ao chegar em casa após um dia na Guarda Montada, Piers largou o uniforme de Granadeiro e o substituiu por suas roupas civis. Fazia dois dias que ele e Maggie não se viam, mas a sensação era de uma eternidade. Não era bom um oficial ser visto em trajes civis, mas ele atingira o ponto de não se importar mais com isso.

Eles acreditam já ter o bastante contra mim. Que adicionem a acusação de usar trajes civis no pacote.

De Park Place, Piers fez uma curta caminhada pela Rua Jermyn, passou pela Praça Leicester e, em seguida, virou à direita para a Rua Newport. Do bolso do casaco, ele recuperou o bilhete que recebeu de Will Saunders e verificou o endereço.

O número quarenta e três ficava perto do fim da rua. A casa ficava atrás de um muro de tijolos alto. Piers abriu o portão de ferro e foi até a porta da frente.

Ele conferiu o casaco, retirando um fiapo da manga esquerda e fez uma pausa. O coração dele retumbava. Este não seria apenas um bate-papo amigável com o primo de Maggie. O futuro inteiro de Piers poderia muito bem depender do resultado desta reunião

— Vamos, Denford. Você consegue. Peça ajuda ao homem.

Segurando o batente de latão, Piers o bateu forte. Ele deu um passo educado para trás e esperou.

O som de passos rápidos veio de dentro, e a porta preta brilhante se abriu devagar. Do outro lado estava um mordomo idoso, analisando Piers por cima da haste dos óculos.

— Capitão Denford?

— Sim. Tenho um encontro marcado com o Senhor William Saunders.

O mordomo o guiou para entrar e subir até uma elegante sala de estar. Quando Piers entrou na sala, seu olhar recaiu em dois homens de pé, aquecendo-se junto à lareira. Um deles, um homem alto de cabelos escuros, avançou e logo estendeu a mão.

— Will Saunders.

O segundo homem, de semelhança impressionante com Will, deu um único aceno de cabeça.

— Bartholomew Shale.

Piers troou um aperto de mãos com Will e curvou-se ao outro homem.

— Lorde Shale.

Ele esperava se encontrar com Will, mas não com o Conde Shale. Ele chafurdou um pouco a memória e lembrou-se de que o Conde Shale era mais um dos muitos primos de Maggie.

Will seguiu para um conjunto de cadeiras antigas ornamentadas.

— Por favor, sentem-se.

Enquanto Piers e o conde se acomodavam, Will dirigiu-se a um aparador próximo e serviu três doses generosas de conhaque.

Lorde Shale se inclinou e estendeu a mão para Piers.

— É ótimo enfim conhecê-lo. Maggie nos contou tudo sobre você esta tarde. Ela parece ter se afeiçoado bastante ao senhor, Capitão Denford. Ouviremos os sinos da igreja em breve?

Piers fez cara feia.

Ele veio aqui esperando discutir os problemas dele, não para ouvir a Família Radley metendo o bedelho no relacionamento privado dele e de Maggie.

Contudo, se esses homens puderem me ajudar, eles serão família muito em breve.

— Lorde Shale, Maggie e eu nos tornamos amigos há pouco tempo. Quanto ao resto, um cavalheiro nunca conta.

O conde sorriu.

— Excelente resposta e, por favor, meus amigos me chamam de Bat.

Will entregou um copo a cada homem e sentou-se.

— Bat e eu fomos agentes da coroa em certo ponto. Vivemos disfarçados como escriturários em Paris por vários anos.

Era uma surpresa. Ele sabia que Will trabalhou como espião, mas jamais soube do conde.

Bat deu uma risada conhedora.

— Meu trabalho na França foi bastante limitado. Voltei para a Inglaterra antes de Napoleão ser derrotado pela primeira vez, pois meu pai havia morrido e a linhagem Shale ainda não estava assegurada. Precisei deixar as maquinações da guerra para trás e encontrar uma esposa.

Will bebericou o conhaque.

— Demorou bastante para convencer Rosemary a se casar com você. Pobre menina.

Piers percebeu que Bat fulminou o primo com um olhar que foi seguido por um murmúrio:

— Diabo atrevido.

Os dois homens riram.

— Entretanto, tenho certeza de que o Capitão Denford não está aqui para ouvir nossas histórias de guerra. É a dele que está em xeque.

— Will disse.

— Querem um resumo do que aconteceu naquele dia em Waterloo? — Piers perguntou.

Will dispensou a sugestão com um aceno de mão.

— Não precisa. Li os despachos que o Major Hall enviou, além dos enviados por vários outros oficiais de alta patente. É um tanto curioso que o dele é o único que faz menção a um mau trabalho seu. O resto dos relatos ou são silenciosos, ou apenas afirmam os fatos: que você ajudou o Príncipe de Orange após ele ser ferido por uma bala de mosquete.

Piers estreitou os olhos.

— Como um civil como você conseguiu os registros militares? Deviam ser confidenciais.

— Eu e Will não somos militares, mas temos nossas conexões. O exército pode não reconhecer nosso trabalho como espiões, por ser considerado menos honroso, mas fique tranquilo, ele é valorizado. Há poucas portas fechadas para homens como nós. — Bat disse.

— E para aquelas que permanecem bem fechadas, temos um conjunto de chaves-mestras. — Will adicionou.

Piers não sabia mais para onde essa conversa estava indo. Ele esperava que Will pudesse fornecer uma lista de pessoas influentes a quem contatar para ajudá-lo. Até agora, ele não tinha nada.

Will colocou o copo de conhaque no chão.

— Vamos ao que interessa. A primeira questão a tratar é que você estava esperando cartas da família real holandesa. Cartas para apoiar o seu caso. Se as tiver, ajudariam muito a convencer o exército de que você apenas fez seu trabalho como ajudante de campo.

— Sim.

— E, até onde sabe, essas cartas nunca chegaram a Inglaterra.

A mandíbula de Piers pareceu ficar mais tensa, os dentes rangendo enquanto uma horrível sensação de pressentimento o dominava. Como assim “até onde sabe”? Ele encontrou o olhar de Will.

— Prossiga.

— Maggie veio me ver e explicou toda a situação em detalhes. Devo dizer que parte do que ela me disse, eu jamais esperaria ouvir de uma mulher solteira. No entanto, compreendo a necessidade de ela entender o que está em jogo. Após a saída dela, fui ver o príncipe regente.

— Ah sim, queria perguntar, como está Prinny? — Bat disse.

— Nada bem. Apesar de todos os defeitos dele, nenhum homem

merece o que ele está passando. Eu não o teria incomodado se pensasse que adiar tal conversa por algumas semanas não mudaria suas circunstâncias, Denford. Entretanto, minhas fontes dizem que o Exército enfim apresentará as acusações contra você. Enfrentará uma corte marcial por abandono de dever. Não se surpreenda se adicionarem mais algumas acusações à lista, antes do julgamento.

Piers agarrou os braços da cadeira, os dedos ficando brancos. Um grande martelo estava prestes a cair em sua cabeça. Seu futuro seria despedaçado. Ele e Maggie não teriam um felizes para sempre.

Meu amor, sinto muito. Maggie, você merece melhor do que isso.

Will inclinou-se na cadeira e apontou um dedo para Piers.

— É é aí que as coisas ficam interessantes. Falei com o príncipe, e ele foi categórico em dizer que as cartas do Rei Guilherme e do Príncipe de Orange chegaram no início deste ano. Em correspondência, ambos fizeram menção aos seus esforços para salvar o herdeiro do trono holandês. O secretário particular do príncipe regente confirmou. Infelizmente, as cartas foram encaminhadas ao seu comandante, o Major Hall.

Era como se alguém tivesse dado um soco forte no intestino de Piers. O ar deixou seus pulmões. Por um instante, ele temeu passar mal.

Como pode ser? O major nunca mencionou... Ó, não. Ele não ousaria, ousaria?

Bat colocou a mão reconfortante no ombro dele.

— Parece ter levado um susto, meu amigo. Entendo que este é o mesmo Major Hall que o caluniou nos despachos e sob quem você serve agora.

Piers assentiu.

— Sim. Posso imaginar o que ele pensou quando as cartas chegaram. Se contivessem palavras de apoio a mim, minariam os esforços dele. Odeio pensar no que ele fez com elas.

Não admira que Piers nunca tenha sabido das cartas, muito menos as visto. Devem estar escondidas à sete chaves no escritório do major. Ou pior, já foram destruídos.

— Bem, então precisa corrigir essa situação, e para ontem. — Will disse.

Era mais fácil falar do que fazer, porém, o que ele poderia fazer? Marchar até um oficial superior e acusá-lo abertamente de sonegar informações e mentir para o exército? Não seria provável. Ele seria algemado e jogado em uma cela em poucos minutos.

Piers considerou as palavras de Will, e uma pequena centelha de esperança se acendeu no coração dele. A expressão no rosto do espião era a de um homem que já encontrara uma solução.

— Apenas me diga o que quer que eu faça. — Piers disse.

— Vá para casa e tente descansar um pouco. Sei que não será fácil. Enviarei uma mensagem à Residência Denford mais tarde esta noite para informá-lo das possíveis ocorrências de amanhã. Há algumas pessoas a quem ainda espero retorno, mas sugiro que se prepare para uma manhã interessante. — Will respondeu.

Os três levantaram-se das cadeiras. Todo esse desastre pairara acima da cabeça dele por dois anos, mas saber que o caso se encaminhava para um ponto decisivo encheu Piers de um certo grau de apreensão. Ele não era ingênuo. Will Saunders pode muito bem ter planos traçados, mas não significa que algo não poderia dar errado.

— Obrigado, senhores. Agradeço a ajuda. É um alívio saber que alguém está preparado para ajudar.

Bat assentiu.

— Apenas esteja pronto para lidar com o que vier amanhã. Se esse Major Hall quer sua cabeça, ele não vai ficar quieto.

— Não, ele não ficará. Ele fez tudo o que pode para fazer da minha vida uma miséria. Perdi a conta das vezes que tentei falar com ele, mas ele tomou uma decisão naquele dia, no campo de batalha. Se ele puder me destruir, ele o fará. — Piers respondeu.

Piers deixou Will e Bat com suas bebidas. Ele resistiu à tentação de perguntar a Will quem eram as pessoas a quem ele esperava contato ainda, decidindo ser mais sensato confiar no primo de Maggie do que parecer questionar seus esforços. Ele conseguiu um amigo poderoso, um que estendia não só a mão, mas o braço a Piers. Quando Will o contatasse, Piers faria exatamente o que ele instrísse.

Todo o seu futuro dependia das próximas vinte e quatro horas. Ele só esperava que Maggie estivesse aqui, que ele pudesse dizer que a amava e que lutaria por eles.

Capítulo Quarenta e Cinco



Guarda Montada Londres

Piers ergueu a mão para ajustar o lenço de pescoço, mas se impediu. Se apertasse ainda mais o nó, ele se estrangularia. No entanto, pela fúria com que a adrenalina corria em suas veias, uma morte rápida e dolorosa poderia ser o menor de dois males.

Sob o braço estava a maleta com documentos que ele pretendia apresentar ao Comandante-em-Chefe do Exército Britânico, o Príncipe Frederick, Duque de York e Albany. Aceitando a dica recebida na reunião com Will Saunders e com o Conde Shale, Piers estava se certificando de que não chegaria desarmado à batalha.

Maggie, meu amor, vou lutar pelo nosso futuro.

O secretário particular do duque apareceu no corredor, do lado de fora da sala do duque. Ele deu um pequeno aceno a Piers.

— Pode entrar agora, Capitão Denford.

Ele mal deu dois passos em direção à porta quando o pesado baque de botas militares ecoou pelo corredor estreito. Piers se virou. Seu olhar encontrou o Major Hall em vestes imaculadas de limpas. Ele não trazia nada mais que a bengala embaixo do braço.

Piers saudou seu comandante.

— Senhor.

O sorriso desdenhoso do major fez Piers sentir um pouco de medo se apoderar do âmagio. Por que o diabo estava aqui?

— Não pensou que teria uma audiência privada com o Chefe do Exército, né? Garoto tolo. — ele ironizou.

Piers se controlou para não responder à óbvia provocação. Se deixasse o major levar a melhor agora, poderia muito bem desistir, ir para casa e abandonar qualquer esperança de deixar o exército ou de ter um futuro com Maggie.

— Imaginei que o senhor estaria aqui, senhor. O senhor é o autor do despacho, e esse é o tema da reunião convocada às pressas para hoje.

Não que eu jamais tenha podido não lembrar que foi você quem me colocou nessa situação.

O Major Hall deu um bufo zombeteiro, e Piers logo se afastou

quando o oficial superior passou por ele. Ele se manteve atrás do major.

O bilhete de próprio punho de Will informando-o de que uma reunião com o duque de York e Albany estava marcada para as oito da manhã seguinte chegou à Residência Denford pouco antes da meia-noite. Na Guarda Montada, o aviso oficial só chegou a Piers às dez para as oito. Estava claro que alguém estava determinado a emboscá-lo.

Contudo, hoje, a voz dele seria ouvida. Se o exército tentasse derrubá-lo, Piers Denford não cairia em silêncio.

Já dentro do escritório do Duque de York, Piers recebeu a indicação de parar atrás de uma cadeira posicionada em frente a uma grande mesa de carvalho. O Major Hall foi até uma cadeira do lado oposto. Ambos ficaram de pé, à espera do Chefe do Exército Britânico.

A porta no extremo do escritório se abriu, e o duque apareceu. Um secretário civil ficou atrás dele. O Duque de York e Albany caminhava com a autoconfiança e o propósito de um homem que nasceu para o alto posto de príncipe.

— Bom dia, senhores. — o duque disse.

Piers e o Major Hall o saudaram, e se mantiveram firmes em sentido.

O duque parou no final da mesa, olhou para a cadeira do Major Hall e franziu a testa. Ele virou-se para o secretário:

— Isso não está certo.

O secretário se aproximou, deu um pedido de desculpas apressado e pegou a cadeira do Major Hall. Ele a moveu para o lado da mesa onde Piers estava. Poderia ser uma mísera mudança no arranjo dos móveis, mas falava muito da visão de Sua Alteza acerca da própria posição. Todos ali podiam ser oficiais do exército, mas só ele era de sangue real.

— Senhores, sentem-se. — o duque disse.

O Major Hall limpou a garganta.

— Vossa Alteza, devo protestar. Não pode esperar que eu me sente ao lado do acusado.

O duque lançou um olhar de desinteresse na direção dele.

— Não se trata de uma corte marcial militar, Major Hall. O Capitão Denford não foi acusado de nenhum delito. Estamos aqui hoje com o único intuito de chegar ao fundo da questão. O único protesto que eu quero ouvir é o meu, pelo fato de terem deixado este assunto arrastar-se por tanto tempo. Algo que deveria estar resolvido a pelo menos um ano. — ele gesticulou para as cadeiras.

Piers sentou-se, colocando a maleta no chão, ao lado da cadeira. Ele manteve os olhos à frente. Ao mesmo tempo, fez uma oração silenciosa, esperando que Will Saunders tivesse conseguido interceder

por ele.

— Os assuntos do Exército não param mesmo quando as armas são silenciadas. — o Major Hall resmungou.

Pode querer segurar a língua, ouvi dizer que o duque tem gênio forte.

Era óbvio que o major foi afetado pela repentina convocação matinal para se encontrar com o duque, porque um homem calmo e racional não ousaria falar com o comandante do Exército Britânico de um jeito tão desrespeitoso.

O secretário se adiantou e colocou uma pasta, grande e volumosa, na mesa em frente ao duque, que assentiu e, em seguida, gesticulou para o homem.

— Sente-se fora do caminho, mas certifique-se de registrar atas precisas desta reunião.

— Sim, Vossa Alteza.

Piers arrancou o olhar de um ponto na parede e olhou para a volumosa quantidade de papelada. De onde veio tudo isso? Ele não conseguia entender como um pequeno mal-entendido no campo de batalha poderia virar algo tão grande.

— Major Hall, sente-se. Não vou pedir de novo. — o duque disse.

O Major Hall encontrou a sensatez de sentar-se na cadeira já indicada.

O duque bateu a mão no topo da enorme pilha de papéis.

— Eu tinha planos de aproveitar a noite com uma senhora minha conhecida ontem à noite, mas em vez disso, passei muitas horas revendo cada folha desta pilha. E o que descobri me perturbou muito.

O Major Hall se mexeu no assento.

— Com todo o respeito, Vossa Alteza...

A mão erguida do duque o silenciou.

— Não acredito que entenda o que significa a palavra respeito, Major Hall, porque os documentos originais que enfim recebi da sua pessoa na semana passada não incluíam todos os documentos relevantes. Um homem que respeita seus superiores não comete esse erro.

Seu cachorro maltrapilho. Esperou até que eu estivesse fora de Londres para enfim entrar com as acusações e o pedido de corte marcial.

A fácil aceitação do major quando Piers fez o pedido para acompanhar o caso de Maggie em Coventry enfim encontrou sentido. Com Piers longe, o major poderia fazer o que queria.

Entretanto, no último dia, as coisas mudaram. O vento estava mudando.

Esperança explodiu no coração de Piers, mas ele a manteve sob a superfície, em um canto da mente. Ele pensou, em mais de uma ocasião, que o fim desse pesadelo estava à vista, apenas para ter suas expectativas frustradas.

O duque pegou a folha no ato da pilha e brandiu-a na direção do major.

— Este documento, Major Hall, não estava entre os que me foram apresentados.

Ele passou por outro bom centímetro da pilha, antes de erguê-la e, em seguida, deixá-la cair com grande vigor na mesa. Os papéis se espalharam para todas as direções.

— Só posso presumir que toda esta correspondência, inclusive uma série de relatos em primeira mão da batalha, não foi enviada ao meu gabinete por puro descuido da sua parte. Porque não há outra razão, fora malícia pura e simples, para que o senhor, major, tenha deixado tais documentos de fora. Surpreende-me que um oficial do exército britânico se comporte assim.

Por um instante, Piers temeu que o coração tivesse parado. Ele virou-se para o major, incapaz de segurar a língua por mais tempo.

— O senhor me odeia tanto assim? A ponto de ter todo esse trabalho apenas para garantir que eu enfrentasse uma corte marcial e fosse para a prisão? O que fiz para querer me destruir, ou para me negar a justiça a que tenho direito?

— Justiça? Você não a merece. — o major se levantou e apontou para Piers. — Abandonou suas responsabilidades no calor da batalha para correr atrás daquele almofadinha de um príncipe. O secretário é bem-vindo para me citar em suas anotações. O que fez, Capitão Denford, não foi apenas demonstração de incompetência, mas o ato de um covarde. Foram essas palavras que escrevi no despacho. O Duque de York e Albany pode ter todos os documentos do mundo, mas nada muda o que você fez.

Eles enfim chegavam ao cerne da questão. Levou mais de dois anos, e incontáveis horas de desgraça, mas o major enfim deu voz ao ódio que sentia.

Piers repassou a resposta que daria na cabeça. Ele esperou muito tempo para poder fazer sua defesa. Ele se levantou e curvou-se ao duque.

— Vossa Alteza, posso ter a palavra por alguns instantes?

— Sim, à vontade, Capitão Denford. — o duque atirou outro olhar sombrio ao Major Hall. — Major Hall, retome seu assento ou renuncie à sua comissão. Estou perdendo a paciência.

Piers esperou até que o major se sentasse e limpou a garganta.

— Os detalhes do que aconteceu naquele dia no campo de batalha em Waterloo são bem conhecidos. Estávamos no calor do conflito. O Major Hall e seus homens lutavam próximos ao local onde o Príncipe de Orange e o destacamento dele estavam estacionados. Eu estava com o príncipe, atuando como um ajudante de ordens extra.

— É assim que chama? — o major o alfinetou.

Piers ignorou o comentário. Não daria munição para o inimigo. Até as vésperas da batalha, houve muitos rumores acerca do príncipe e de suas inclinações sexuais, mas nenhum envolveu o nome de Piers.

— Fui incumbido de garantir que o futuro rei dos Países Baixos sobrevivesse. Essa era a tarefa que jurei cumprir. E enquanto eu lutasse nas tropas dele, sempre que o príncipe se afastasse ou se aprofundasse no campo de batalha, eu tinha o dever de segui-lo. — Piers disse.

— Você e o príncipe eram próximos? — o duque perguntou. Não era preciso dizer que a questão trazia um viés duplo. O Major Hall murmurou um “*Molly House*¹” nada sutil.

— Só porque um homem não frequenta um bordel não significa que ele se envolva em atos de sodomia ou se vista de mulher. Alguns homens apenas têm mais talento para a descrição. — o duque retrucou.

Piers captou a raiva na voz do duque. O Major Hall estava perdendo essa batalha em grande velocidade.

Ainda assim, Piers parou um instante, escolhendo as palavras seguintes com cuidado. Os próximos minutos poderiam determinar o resultado desta audiência e todo o futuro dele.

— Eu estava sob o comando do Príncipe de Orange, assim como outros estavam. Eu o respeitava como soldado. O príncipe é um guerreiro feroz. Foi preciso uma bala de mosquete francês para derrubá-lo, e seu cavalo, Vexey. Mesmo assim, ele não queria se retirar da batalha. Sua Alteza Real já havia perdido muito sangue quando cheguei até ele. Ele estava pálido e com o equilíbrio comprometido, encostado no cavalo de outro oficial. Eu estava prestes a oferecer-lhe minha própria montaria quando ele desmaiou de repente.

Aqueles segundos ficariam para sempre gravados na memória dele. O medo de que o príncipe estivesse prestes a morrer em seus braços fez Piers ter pesadelos no último ano.

— Então o que aconteceu? — o duque perguntou.

Piers deu de ombros.

— Exatamente o que foi escrito nos despachos. Colocamos o príncipe em meu cavalo, e vários dos ajudantes pessoais dele ajudaram a levá-lo para a aldeia vizinha, *Mont Saint Jean*, onde um cirurgião cuidou dos ferimentos dele.

Esta era a verdade. Nada embelezado. Os fatos como aconteceram naquele dia. Como ele passou de fazer seu trabalho como ajudante de ordens a ser descrito nos despachos como incompetente, Piers nunca entendeu de verdade. Entretanto, quanto mais ouvia o discurso, as conotações obscuras utilizadas, mais clara a imagem se tornava.

Não posso acreditar que fui tão ingênuo a ponto de pensar que

julgariam um homem por sua contribuição à batalha, por sua bravura e não por seus apetites sexuais.

O Príncipe de Orange foi um comandante firme, confiável e foi promovido pelo comandante britânico, o Duque de Wellington, mas isso não bastava para homens como o Major Hall. Piers temia que também não fosse suficiente para o Comandante-em-Chefe do Exército Britânico.

O major limpou a garganta.

— O que aconteceu com sua noiva, Denford? Por que ainda não se casou?

— Não vejo como meu noivado pode ser relevante a esse encontro.

— Piers respondeu.

O duque olhou para os documentos.

— Responda à pergunta.

Eles nem se dariam mais ao trabalho de dançar em torno do assunto. Se não tratasse disso aqui e agora, o próximo passo seria uma acusação direta.

Piers não morderia a isca. Ele estava determinado a manter-se sereno. Se não controlasse a situação, corria sério risco de precisar se defender de acusações de sodomia. Ele não ignoraria a possibilidade de o Major Hall já não ter pensado nessa opção.

Era hora de finalmente deixar o mundo saber a verdade das mulheres em sua vida.

Perdão, Dinah. Preciso fazer isso ou não vão parar até que eu seja enforcado.

— Lady Dinah Gibney e eu concluímos que não nos adequamos. Portanto, em vez de nos casarmos e sermos miseráveis, escolhemos permanecer amigos. A razão para não anunciarmos tal não é assunto de mais ninguém. Além disso, há outra dama na minha vida. Ela é a mulher que pretendo tornar minha esposa.

O duque ergueu a cabeça e encontrou o olhar de Piers. Havia uma ameaça tácita naqueles olhos, que advertiu Piers a não ser imprudente e tentar mentir para ele.

— Quem?

— Lady Margaret Radley. Filha de Lorde Hugh Radley, o Bispo de Londres. O tio dela...

— Sim, conheço a família. — o duque o interrompeu.

— Muito conveniente. — o major murmurou.

— Mas convincente. Assim como isso... — o duque tirou uma carta da pilha e a segurou.

Uma estranha mistura de medo e esperança atravessou as veias de Piers. Poderia ser sua salvação?

— Esta carta foi recebida pelo meu irmão, secretário pessoal do Príncipe Regente, há cerca de dez meses, e houve duas outras missivas

subsequentes. Todas, sou levado a crer, foram levadas à Guarda Montada. Para ser mais específico, levadas para você, Major Hall. Embora por que não foram encaminhadas para mim, eu ainda preciso entender. — o duque espalhou a carta em questão e várias outras na mesa e apontou uma a uma. — Cartas do Rei dos Países Baixos e do Príncipe de Orange. Esta do Rei Guilherme menciona o nome do Capitão Denford e oferece profunda gratidão pelo empenho dele em ajudar a salvar a vida do filho.

Piers engoliu em seco e fundo. De alguma forma, as cartas enfim chegaram ao Comandante-em-Chefe.

— Como as obteve? — o Major Hall perguntou com a voz gelada de raiva.

O duque olhou para ele.

— Fala desses documentos, entregues sob anonimato em minha casa ontem à noite? Quem sabe como saíram da gaveta trancada da sua mesa de trabalho e foram parar nas minhas mãos? No entanto, para ser franco, não me importa. O que importa é que enfim chegaram ao seu destino. E não graças ao senhor, Major Hall.

Piers só poderia imaginar o que aconteceu ontem à noite. Enquanto o major estava em casa, alguém invadiu o escritório dele e recuperou as cartas. Em seguida, alguém fez uma visita noturna ao Duque de York e Albany.

A tensão na sala era palpável, mas ele pouco se importava. A verdade das ações dele em batalha por fim viam a luz do dia. Orgulhosos e teimosos podiam se danar.

— Major Hall, eu diria que estamos prestando um grave desserviço ao Capitão Denford ao mantê-lo no exército. Mantendo-o longe da noiva em potencial e do futuro papel como Visconde Denford. Não concorda? — o duque disse.

O major fechou os olhos e balançou a cabeça devagar. Os ombros caíram em derrota.

Não era bem o resultado que esperava, seu verme. Onde está sua honra agora?

— Perdão. Não entendi o que disse. — o duque acrescentou.

— Sim, Vossa Alteza. Creio ser melhor que o Capitão Denford seja dispensado de suas funções.

Temendo que os joelhos cedessem debaixo dele, Piers sentou-se de volta na cadeira.

— Decidi que o único jeito de fazer justiça ao Capitão é dar-lhe uma dispensa honrosa e conceder a carta de comenda que o Rei dos Países Baixos pediu em carta de próprio punho. — o duque disse.

O quê?

— O Príncipe de Gales e eu concordamos quanto à necessidade de dispensa e de comenda. Meu irmão foi bem insistente nessa questão

quando falei com ele ontem à noite. O seu relatório de despacho da Batalha de Waterloo também foi discutido. Recomendo com veemência que o senhor, Major Hall, considere corrigir seu relatório, pois estou certo de que foi um descuido da sua parte escrever incompetente ao lado do nome do Capitão Denford.

O duque enfiou a mão no bolso da jaqueta e retirou uma folha de papel dobrada, e logo a balançou para o major.

— Isto aqui deve bastar. Só precisa alterar algumas palavras e rubricar o documento. Espero ver o relatório alterado nas mãos do meu secretário antes do dia terminar.

Não consigo acreditar que isso está acontecendo.

Piers esperou com paciência, rezando para que o Major Hall não fizesse, ou dissesse, nada de tolo. Para seu alívio, seu inimigo apenas se levantou da cadeira e aceitou o papel com a mensagem sugerida. Ele examinou-a, bufou com evidente desgosto, mas assentiu.

— Entendo, Vossa Alteza. O relatório alterado será entregue ao seu secretário particular nesta tarde.

Pena que sua demissão não será entregue junto.

O Comandante-em-Chefe não pediu ao major que desistisse de sua comissão, e Piers até suspeitava do motivo. O exército britânico precisava de homens severos como o Major Hall. O que não precisavam era de Piers Denford.

Graças a Deus.

Ele conseguiu o que queria. Sair do Exército. Qualquer pensamento em torno de vingança ou confronto com o major foi logo deixado de lado. Assim como Maggie, ele também precisava deixar o passado para trás e seguir com sua vida.

O Duque de York e Albany fechou o arquivo e se levantou. Piers logo se pôs em sentido.

— Essa reunião terminou, porém, Major Hall, devo mencionar algo antes de ir. No futuro, espero receber quaisquer documentos militares relevantes seus de forma mais oportuna. Está dispensando. Capitão Denford, uma palavra, se não se importar.

O Major Hall fulminou Piers com um olhar e bateu continência ao duque antes de caminhar até a porta. A expressão pétrea naquele rosto dizia tudo. Suas esperanças de arruinar a vida de Piers foram frustradas.

A porta foi fechada com firmeza.

— Homem horrível. — o duque murmurou. Ele assentiu para o secretário. — Esse é o fim da reunião. Reúna todos esses papéis e pode sair. Assinarei as minutas mais tarde. — Assim que o secretário saiu o duque meneou a cabeça para Piers. — Uma bebida?

— Seria muito bem-vinda, Vossa Alteza. — Piers respondeu.

O duque pegou um decantador de conhaque de um aparador

próximo e serviu uma dose generosa para ambos. Ele entregou um dos copos a Piers, que o aceitou com gratidão. Ele precisava muito de uma bebida fortalecedora.

— A você, Denford. Até que essas cartas viessem à tona ontem à noite, eu estava preocupado que talvez precisasse pedir perdão real. Foi uma situação bem feia. E, embora eu não concorde com o comportamento privado do Príncipe de Orange, tenho ainda menos consideração por aqueles que mentem. O Major Hall não detinha o direito de reter uma correspondência tão importante.

Piers bebeu, o álcool queimando a garganta enquanto descia.

— Não vou perguntar como as cartas chegaram às suas mãos. — Piers disse.

— Pois bem. Tudo o que posso dizer é que é um homem afortunado. Poucos conseguiriam realizar o que seu amigo fez e se safariam. Duvido que alguém tenha notado que o escritório do Major Hall foi arrombado ontem à noite. O major decerto não notou.

Piers tossiu, o conhaque descendo pelo caminho errado. Will Saunders conseguiu, de alguma forma, arrombar a Guarda Montada, um dos lugares mais protegidos de toda Londres. Ele invadiu uma sala, destrancou uma mesa, roubou papéis e saiu sem que ninguém percebesse.

Como o diabo conseguiu isso?

Decerto valia a pena ter amigos em lugares altos e baixos.

— Agora você conseguirá entender por que meu irmão fará do seu amigo um cavaleiro.

— O que vai acontecer ao major? Quer dizer, após ele ter retificado o relatório e eu ser dispensado.

O duque drenou o resto da bebida em um gole só e, em seguida, colocou o copo no aparador. Ele balançou a cabeça.

— Nada. O major voltará a chefiar os registros, supervisionando cartas para viúvas e famílias. À espera da próxima guerra. Ele pode não ser o tipo de homem que pensa duas vezes antes de manchar a reputação de alguém, mas é exatamente o tipo de homem que o Exército Britânico precisa quando se trata de liderar tropas. O Major Hall faz o trabalho. E é isso que ganha guerras.

Embora não gostasse de ouvir tais palavras, Piers não ficou nem um pouco surpreso. De pouco adiantaria o exército fazer um herói de guerra condecorado um exemplo. Ele não queria vingança, só queria liberdade.

— Permite-me desocupar minha sala hoje mesmo, Vossa Alteza? Se não fizer diferença para o senhor, prefiro não passar mais nem um minuto na Guarda enquanto espero a dispensa oficial. Se essas cartas do Rei dos Países Baixos e do Príncipe de Orange fossem entregues corretamente, eu deveria ter sido dispensado do serviço há muitos

meses.

Era um pedido, mas com o peso de uma exigência.

— Creio que verá como a papelada oficial é processada com velocidade pelo meu gabinete. Como sou o Comandante-em-Chefe, não vejo ninguém que o impeça de limpar sua mesa hoje.

Um suspiro de alívio escapou dos lábios de Piers.

— Obrigado. Vou fazê-lo. Se nosso assunto acabou aqui, gostaria muito de deixar a Guarda Montada em até uma hora. Este último ano foi difícil, meu futuro incerto o tempo todo. Agora, só quero ir embora, visitar a mulher que amo e pedi-la em casamento.

O duque assentiu.

— Boa sorte, Denford, estou satisfeito por tudo ter terminado, mas suponho que sabe a que cavalheiro deveria estar agradecendo com veemência, e não sou eu.

Após uma última continência, Piers não perdeu tempo em deixar o gabinete do Comandante-em-Chefe. Segundos depois, ele estava correndo pelo corredor o mais rápido que suas pernas podiam carregá-lo. Chegando ao escritório, ele retirou a jaqueta e a jogou na mesa. A pistola e a gorjeira foram as seguintes. Se ele não soubesse que decerto desencadearia um enorme escândalo, ele teria tirado o uniforme inteiro e voltaria para casa nu. Até a casaca foi abandonada.

Quando enfim chegassem, ele aceitaria as cartas de comenda e dispensa militar com graça e, em seguida as enfiaria em uma gaveta para nunca mais verem a luz do dia. Ele não queria lembranças da carreira militar, nem dos anos miseráveis que perdeu servindo sob o comando de um tirano.

Nem uma hora mais tarde, com despedidas feitas, o Honorável Piers Denford marchou para fora da porta da frente da Guarda Montada pela última vez, não mais um capitão, mas um civil.

Estava muito frio sem a jaqueta e a casaca, mas ele não se importava. Apressando os passos, ele seguiu para Park Place para se trocar.

A próxima parada? Palácio Fulham para uma audiência com o Bispo de Londres. Então, ele enfim seria capaz de pedir a mão de Maggie em casamento.

Piers mal podia esperar para começar sua vida com ela.

1 N/T = “molly house” era o nome dado aos bares e clubes dos séculos 18 e 19 frequentados por homossexuais e não conformes de gênero.

Capítulo Quarenta e Seis



Já era fim de tarde quando Piers conseguiu localizar Hugh Radley. A ida impulsiva ao Palácio Fulham foi em vão. Nenhum membro da Família Radley estava em casa, mas ele não se importou. Não havia necessidade premente de ele correr de volta para a cidade. O exército já não ditava seus destinos e horários. A vida dele voltara, enfim, a ser toda dele.

Ele estava tão feliz que praticamente saltitou pelos degraus da Catedral de São Paulo e entrou no culto das cinco horas, ignorando os olhares estranhos que a quase dança recebia dos outros fiéis ali.

No interior da catedral, Piers perscrutou a multidão em busca de Maggie. Segundo o mordomo da casa da Família Radley, ela estaria ali junto da mãe e da irmã. Erguendo-se nos dedos dos pés, ele olhou por cima das cabeças reunidas próximo à porta da frente.

Onde você está?

Pela primeira vez em muito tempo, ele estava pleno de emoção, tonto pelos mil planos para o futuro. Ele só precisava encontrar a mulher com quem pretendia compartilhá-los: a mulher que ele amava.

Ele enfim teve um vislumbre de Maggie quando ela se dirigiu para a frente da nave. Estava acompanhada por outras duas mulheres de cabelos escuros que apareceram, de repente, de fora da multidão. Ver sua futura esposa e seus parentes o fez sorrir de orelha a orelha.

Maggie.

Ele não conseguia imaginar um dia em que seu coração não pularia uma batida ao vê-la. Ela era tudo para ele. Ele fez a caminhada mais apressada permitida em uma igreja e avançou para se juntar aos paroquianos na frente.

— Desculpe-me. Com licença. Perdão.

Ele se aproximou de um casal que ainda se decidia quanto aonde se sentar, bem quando os acordes iniciais de um hino preencheram o grande espaço abobadado. Hugh Radley apareceu por trás do coro e subiu os degraus ao púlpito. Ao vê-lo, Piers se recostou no banco e tentou chamar a atenção de Maggie. No entanto, ela estava sendo uma filha obediente, com o olhar fixo na frente.

Passaram-se mais quarenta minutos angustiantes até que Piers enfim pudesse procurá-la. Ele foi até Maggie e os outros membros da família, no final de um dos bancos.

— Olá. Eu não o esperava aqui esta noite.

Os olhos dela se estreitaram, mas um sorriso dançou naqueles lábios. Ela sabia lê-lo muito bem, sabia que algo bom havia acontecido.

— Tenho novidades. Novidades maravilhosas. — ele disse.

Os olhos dela se arregalaram.

— Piers! Você está sem uniforme. Por favor, diga-me que significa o que acho que significa.

Ele sorriu.

— Significa. Uma dispensa honrosa. Sou um homem livre a partir desta tarde. — ele meneou a cabeça na direção de Lorde Hugh Radley. — Esperemos que não por muito tempo. Eu planejei falar com seu pai esta noite.

Maggie deu um passo para trás, quando Mary Radley apareceu ao seu lado. Piers mergulhou em uma reverência respeitosa.

— Lady Hugh.

— Capitão Denford, que prazer vê-lo na igreja. Por favor, pode me chamar de Mary, eu quase não uso meu título formal com amigos e familiares. — ela respondeu.

Colocando o braço no dele, Maggie sorriu.

— Piers não é mais Capitão Denford. É apenas Piers.

— Piers, é? Não Lorde Woodford?

Ele captou o indício de uma provocação nas palavras de Mary. Sem dúvidas, Maggie já havia falado em particular com a mãe e a informado dos planos deles para o futuro.

Piers não usava o título de Lorde Woodford desde que se juntou ao exército, mas agora que estava prestes a se casar, fazia sentido voltar a ser chamado de Barão Woodford, um dos títulos menores de seu pai.

— Eu esperava falar com Sua Graça esta noite, mas ele parece estar bem ocupado. — Piers explicou. Houve decepção no tom, mas ele conseguia entender que Lorde Hugh precisava dar atenção à diversos paroquianos. A missa da noite na Catedral de São Paulo era bem frequentada, e centenas de pessoas reuniam-se sob a cúpula.

— Meu marido estará no escritório particular dele em breve. Falarei com um dos diáconos e providenciarei que o encontre lá. — Mary respondeu.

— Enquanto isso, você e eu precisamos conversar. — Maggie disse. Ela segurou a mão de Piers e começou a levá-lo para longe. — Vou trazê-lo de volta já, já. — ela disse por cima do ombro para a mãe.

Piers não protestou enquanto ela o arrastava em direção a uma porta lateral. Ficou claro que Maggie conhecia os caminhos da catedral, todas as entradas e saídas secretas.

Eles saíram da nave principal e entraram em uma passagem escura. Um muro alto os separava da rua principal. O ar fresco da noite gelou

as bochechas dele, mas Piers deu de ombros. Ele estava com Maggie, era tudo o que importava.

Ele mal teve tempo de registrar o que estava acontecendo, antes que Maggie o puxasse para uma porta isolada e jogasse os braços em torno do pescoço dele. Os lábios deles se encontraram em um enlace caloroso e desesperado. Ela estava faminta por ele, essa necessidade alimentando a dele.

Eles estavam se beijando quase que no pátio da principal catedral pública de Londres, onde o pai dela acabara de dar um pequeno sermão acerca de regras sociais e de como elas ajudavam as pessoas a serem unidas. O que ele e Maggie estavam fazendo decerto violava ao menos meia dúzia delas.

Isso é maravilhoso. Senti sua falta.

Ele a envolveu em um abraço, não se importando se fossem pegos. Após tudo o que ambos passaram, eles mereciam felicidade, e hoje, ele aproveitaria o momento e o tornaria só deles.

A tentação de aprofundar o beijo e oferecer para encontrar um lugar onde pudessem repetir a experiência inebriante dos estábulos foi forte. O soar alto dos sinos da catedral, no entanto, afastou tais pensamentos lascivos. Hugh Radley logo terminaria de falar com os paroquianos, e Piers fazia questão de falar com ele.

Maggie recuou.

— Devemos ir. O mestre do campanário logo descerá da torre. Ele o faz assim que o toque de quarto de hora termina.

— E eu preciso ir falar com seu pai. — ele respondeu.

— Não está se esquecendo de nada?

Na penumbra, Piers não conseguia discernir a expressão no rosto de Maggie, mas as palavras foram proferidas cheias de alegria, e o coração dele também se preencheu.

— Creio que já disse sim para o que pretendo perguntar. Assim que me deixou tocá-la no celeiro naquela noite, concordou com um futuro comigo. Em se tornar Lady Woodford. — ele respondeu.

Ela resmungou com fingida decepção.

Piers a puxou com força para si.

— Seja minha para sempre, Maggie. Minha amante. Minha vida. Minha esposa.

Maggie ficou em silêncio por alguns instantes. Para alívio absoluto de Piers, os sinos da catedral também. Ele prendeu a respiração esperando a resposta dela.

Então, da escuridão sem movimento, veio a palavra que ele desejava ouvi-la dizendo.

— *Sim.*

Piers baixou a cabeça e beijou sua noiva mais uma vez.

— Venha. Vamos encontrar seu pai. Quero poder anunciar nosso

noivado esta noite.

Ele também pretendia definir a data do casamento. Quanto antes, melhor.

— Se pudermos providenciar os arranjos, como se sente em relação a um casamento antecipado em dezembro? Pode ser logo após o seu aniversário. Sei que precisaria ser organizado às pressas e com uma licença comum garantida, mas quero que seja Lady Woodford o mais rápido possível.

Maggie suspirou feliz.

— Sim, não esperamos. E se a conversa com meu pai for bem, ele pode até concordar em renunciar aos valores pré-nupciais.

Piers riu baixinho e segurou-a pela mão.

— Creio que meus próprios bolsos são profundos o suficiente para pagar pelo título, se necessário, mas como pedirei a Sua Graça que nos case, talvez fique tudo bem.

Quanto mais cedo ele e Maggie puderem começar uma nova vida juntos, melhor. Quando caminharam de braços dados para dentro da catedral, havia uma leveza no coração dele. O calor da esperança e a promessa de felicidade empurraram com firmeza seus dias sombrios para o passado.

Maggie olhou para ele e sorriu.

— Não se esqueça de que me prometeu um bolo de aniversário. Vou cobrá-lo, Piers Denford. Quer dizer, Lorde Woodford.

— Espero que sim. Futura Lady Woodford.



— É lindo. E estou muito feliz pelos dois. Ainda não consigo acreditar que vai se casar. — Claire disse.

Maggie continuou a olhar para o rubi em seu dedo. Assim que Piers falou com o pai dela e recebeu a bênção para o futuro casamento, o agora noivo tirou um anel deslumbrante das profundezas do bolso do casaco e o colocou no dedo dela.

Piers era um homem recheado de surpresas maravilhosas. Mesmo agora, toda vez que ela olhava para ele, lágrimas ameaçavam cair. Vê-lo com uma jaqueta cinza-escura e calças bege-claro em vez do uniforme oficial era uma visão estranha. Demoraria um pouco para ela se acostumar, mas ela aprovava o novo visual dele. Ela viu uniformes do exército o suficiente para não querer vê-los pelo resto da vida.

A mudança mais significativa de todas era o sorriso constante no rosto de Piers.

— Papai diz que pode nos encaixar na agenda de casamentos na semana que vem. Meu noivo está ansioso para que nos casemos o mais rápido possível. — Maggie disse.

A irmã pegou-a pela mão.

— Estou muito feliz por ter conhecido Piers. Após tudo o que passou, você merecia reencontrar a felicidade.

Pouco tempo antes, Maggie havia compartilhado a verdade acerca de Robert com Claire. Era um segredo demasiado pesado para guardar da melhor amiga e, embora Claire tivesse se mostrado a favor de ir direto até Coventry para falar algumas verdades para o mentiroso, ela também concordou ser algo que jamais deveria voltar a ser mencionado.

— Agora só precisamos encontrar um marido adequado para você.
— Maggie disse.

Claire balançou a cabeça.

— Todos os solteiros ditos elegíveis são chatos. Não alcançaram nada em suas vidas. Vou esperar até encontrar um cavalheiro com algo interessante para dizer. — ela se inclinou para perto. — Estou pensando seriamente em embarcar no navio que nosso primo Gideon tomará após o Natal, rumo à Itália.

— Não se atreva. Ele está indo buscar a mãe e a irmã, para devolvê-las à Inglaterra. Ele não apreciaria que você aparecesse de repente e de mala e cuia.

Maggie teria uma conversa breve com o tio, o Duque de Mowbray, e o advertiria a não convidar Claire para visitá-los tão cedo. A irmã era talentosa em convencer os demais a fazer ou concordar com coisas que nem sempre eram do melhor interesse dela ou deles.

— É só uma ideia, uma fantasiosa, nada mais. — Claire respondeu.

Graças a Deus. Esta família já teve bastante drama nos últimos tempos. Mais e precisaremos subir ao palco.

Maggie se virou, sorrindo quando teve um vislumbre do pai levando Piers para o escritório e fechando a porta. Um bate-papo privado. Ela esperava que houvesse muitos outros momentos que os dois homens mais importantes da vida dela pudessem compartilhar.

— Vou me casar e, desta vez, é para valer. Para sempre.

Capítulo Quarenta e Sete



Lorde Hugh Radley murmurou um “obrigado” silenciosos à Maggie quando ela se afastou dele para voltar pelo longo corredor da Catedral de São Paulo. O pai não precisava explicar o agradecimento. Ela se casou com Piers em uma cerimônia tradicional da Igreja da Inglaterra na igreja certa, na hora certa do dia e na frente de grande parte da elite de Londres, tudo sem um indício de escândalo.

Com sorte, acabaria com os rumores em torno dos filhos do Bispo de Londres. Não desejando que o próprio escândalo ofuscassem o grande dia de Maggie e Piers, James e Leah Radley tomaram a sábia decisão de não participar da cerimônia. Em um lindo embrulho de presente, uma das paisagens deslumbrantes pintadas por James chegou no início da semana. Maggie mal podia esperar para pendurá-la no saguão do andar de baixo da Residência Denford.

Piers olhou para ela e sorriu:

— Feliz, Lady Woodford?

Maggie engoliu em seco pela emoção e sussurrou:

— Parece um delírio de felicidade, Lorde Woodford. Não consigo acreditar que esse dia chegou, e somos marido e mulher.

Com o casamento, Piers retomou um dos títulos de cortesia do pai em âmbito oficial e voltou a ser chamado de Barão Woodford. Entretanto, para Maggie, ele sempre seria apenas Piers. O Piers dela.

E embora soubesse que ficaria bastante satisfeita com um casamento pequeno, a família a convenceu do contrário. Uma grande cerimônia nupcial era uma declaração tanto da inocência de Piers quanto da reentrada dela na Sociedade, não uma simples celebração nupcial.

A única concessão ao desejo de uma celebração simples foi o café da manhã do casamento. Ele seria realizado na Residência Denford em vez de em um dos grandes salões de baile da Residência Strathmore. Os pais teriam que depositar suas esperanças em Claire e na noção de que ela se casaria com alguém que ficaria feliz em vivenciar um baile para mil pessoas.

Desde que ela não saísse navegando na direção do pôr do sol.

Enquanto Maggie e Piers se dirigiam para as escadas oeste da entrada da catedral, Maggie perscrutou a reunião. Os olhos dela procuravam uma pessoa em particular.

A tradição ditava que Sir William Saunders se sentasse com a família da noiva na frente da catedral, mas Maggie já havia aceitado há muito tempo que, para o primo, as regras não se aplicavam.

No final do corredor, pouco antes das portas, ela o avistou. Will estava ao lado da esposa, Hattie. Era mais uma mulher do clã Radley arredondando com uma criança. Hattie sorriu para o marido, e deu-lhe um empurrão suave. Ele deu um passo na frente dos noivos.

— Minha esposa sugeriu que eu viesse dar os parabéns. Não creio que vamos ao café da manhã do casamento. Hattie precisa de descanso.

Piers escorregou os dedos de Maggie e apertou a mão dele.

— Sir William, como podemos retribuir o favor que nos fez? O dia de hoje é, em grande parte, resultado de seus esforços.

— Enquanto vocês estiverem felizes, é tudo de que vou precisar. A justiça foi feita. E minha linda prima enfim está casada com o homem dos sonhos dela. Bem, algo assim.

Uma Maggie emocionada murmurou o próprio “obrigada” quando Piers pegou em sua mão mais uma vez. Eles continuaram para a fria manhã de Londres, enquanto os sinos da catedral tocavam.

Capítulo Quarenta e Oito



Brindes e discursos ocuparam grande parte do café da manhã do casamento. O primeiro a falar foi Lorde Denford recebendo Maggie na família. Ela chorou por todo o discurso. Em seguida, veio o pai dela, regalando a todos com histórias da infância da filha, incluindo peripécias que há muito tempo julgava esquecidas. Um Piers bem entretido enxugou lágrimas pelas gargalhadas no final.

Assim que o noivo se levantou para fazer um discurso, Maggie esperava que o agora marido fosse breve. Piers limpou a garganta, e os reunidos se calaram.

— Amigos, família e nova família. Maggie e eu gostaríamos de agradecer por se juntarem a nós neste dia tão alegre. Quando ela invadiu meu escritório há pouco mais de um mês... Quer dizer, quando ela entrou com propósito em meu escritório...

Quando a onda de risadas desvaneceu, ele continuou:

— Quem diria que, pouco tempo depois, ela seria minha esposa. Contudo, com toda a seriedade, Maggie e eu fomos abençoados. Sem cada um de vocês, não estaríamos aqui hoje. — Piers ergueu o copo em saudação. — A todos vocês. — ele se virou e encarou uma Maggie agora sem graça. — E principalmente à minha querida esposa. Eu te amo.



Passou mais uma hora até que enfim conseguissem sair de perto dos convidados. Maggie presumiu que iriam para o andar de cima, mas quando Piers a guiou para fora do salão de festas, eles saíram direto pela porta da frente, para uma carruagem à espera.

— Para onde vamos? — ela questionou.

— É uma surpresa. Um lugar especial que acredito que você vai adorar.

Na carruagem, eles se encolheram sob o mesmo cobertor quente em que Piers enrolou Maggie após a visita ao Castelo de Kenilworth. Também era o mesmo que usaram no celeiro. Ele deveria estar apenas sendo prático, mas para ela, era extremamente romântico.

— Lembra-se de quando cuidou de mim quando tive aquele ataque de ansiedade na volta de Kenilworth para Coventry? Você foi tão

atencioso. Eu não sabia se minha tontura era porque eu estava muito cansada, ou porque percebi que você passou a significar mais para mim do que apenas um amigo, que você se importava de verdade. — ela disse.

Piers deu um beijo em seus cabelos.

— Fiquei preocupado, mas sabia que você era forte. Tudo o que precisava era de alguém que acreditasse em você. Que a ouvisse.

Maggie deitou a cabeça no peito dele e fechou os olhos. Sem os muitos botões do colete militar e o bordado pesado da casaca, abraçar Piers era mais confortável nos dias de hoje. Se ela nunca mais o visse de uniforme, ficaria feliz.

As ruas do centro de Londres desapareceram aos poucos, enquanto a carruagem continuava seu caminho. Eles passaram pelo Palácio Fulham, seu antigo lar de família, e ela se inclinou para a janela. A noite passada foi a última dela sob o teto do pai.

Era uma mulher casada. Lady Woodford. Piers acreditava nela. Seu amor e força eram tudo de que ela precisava.

— Para onde vamos exatamente? — ela perguntou, recostando-se e aconchegando-se nele mais uma vez.

— Richmond. Temos uma pequena mansão lá. É um refúgio modesto mais ao interior. Meus pais não gostam de passar muito tempo na cidade e em meio a multidões. É onde costumam ficar, mas é completamente nosso pelos próximos dias.

Agora, Maggie entendia por que os baús dela não foram enviados para a Residência Denford. Piers providenciou para que fossem levados ao refúgio de lua de mel.

A carruagem virou à esquerda na estrada principal da vila de Richmond. Maggie conhecia essa parte dos arredores de Londres, mas não se lembrava de ter passado por essa via específica. Eles atravessaram um grande portão, mas era tão grande que poderia muito bem ser a entrada de um Solar.

Mal posso esperar para vê-la por dentro.

Maggie saiu do abraço de Piers, pensando que a carruagem pararia, mas o veículo continuou. Piers riu de leve.

— O Chefe da criadagem e a *chatelaine* moram lá. Continue observando o caminho, meu amor.

Ela fez o que ele sugeriu e ficou boquiaberta pela visão que se formou enquanto seguiam por uma pequena subida. Era uma enorme mansão jacobea de tijolos vermelhos. Maggie pressionou o rosto no vidro da janela. Quando a carruagem deslizou pelo pátio que atravessava a frente da casa, ela fez uma breve contagem das janelas. Nove, mais duas de três vidros com recuo. A casa contava com quatro andares.

— Agora entendo por que não se espantou com o tamanho do

Castelo Kenilworth. É um palacete. — ela disse.

— Nem tanto, mas antes que pergunte, não, eu não faço ideia de quantos cômodos existem sob o telhado. Houve uma vez em que todas as crianças Denford tentaram contá-los, mas continuamos perdendo a conta. Há mais cômodos do que poderíamos precisar, mesmo que sejamos tão abençoados quanto o Rei e a Rainha em se tratando de filhos. — Piers disse.

Maggie virou de supetão para ele.

— Não se atreva a me dar quinze filhos. Mandarei trancarem minha porta a pregos se a contagem passar de oito.

Ele a puxou de volta para os braços, dando um beijo terno e convidativo naqueles lábios.

— Não faço promessas, a não ser uma, você e eu nunca teremos quartos separados. Onde eu durmo, você também dorme.

Que ideia maravilhosa. Ela mal podia esperar para passar o resto da vida compartilhando as noites com esse homem, terminando cada dia enfiando-se na cama com Piers, sabendo que ele era dela para sempre.

Ela ainda estava considerando a perspectiva assustadora de uma penca de filhos quando a carruagem enfim parou na frente da grande mansão. O pequeno exército formado pela criadagem reunindo-se nos degraus, logo chamou a atenção dela.

Refúgio modesto, sei...

— Presumi, quando vi a Residência Denford, que a sua família estava acostumada a elegância discreta. Agora, percebo ser um mito. Deixam as pessoas na cidade pensarem que são quase camponeses, mas possuem esse esplendor bem nos arredores de Londres.

— A Grange chegou à nossa família, sua família agora, como parte dos contratos matrimoniais da minha mãe. Agora pertence a mim, mas sempre o compartilharei com quem quiser ficar. É onde podemos ter o melhor dos dois mundos: um belo jardim para nossos filhos brincarem, mas ficamos perto da cidade.

— E é perto dos meus pais. O Palácio Fulham fica a uma curta distância daqui. Ó, Piers, este lugar é perfeito.

Piers puxou o cobertor. Assim que o lacaio abriu a porta, Piers saiu. Maggie o seguiu, sorrindo enquanto o marido estendia os braços e a erguia. Ela ainda sorria enquanto ele a carregava pelos degraus, seguia até a porta e atravessava. Os criados seguiram a uma distância respeitável.

Foi maravilhoso notar que Piers estivesse determinado a seguir todas as tradições de casamento, mesmo para a entrada da noiva em casa.

Ele pensa em tudo.

— Agora é oficial, você é Lady Woodford de Grange. — ele

anunciou, pondo Maggie no chão.

As sapatilhas de casamento tocaram o piso de mármore, e ela olhou para baixo. Elegantes linhas de ouro e âmbar se estendiam pelo saguão de entrada. As paredes que se erguiam ao fim dessas linhas foram pintadas de um tom rico de bordô.

Maggie ergueu o olhar pela longa tapeçaria retratando uma cena de caça até o teto repleto de decorações. Agora ela entendia por que Piers não ficou nada impressionado ao ver o grande salão de baile da Residência Strathmore, quando ela o levou lá da primeira vez. Embora não fosse tão impressionante, a Residência Grange decerto fazia frente.

— É maravilhoso. — Maggie desabafou. Ela se afastou e, levantando as saias, deu um giro improvisado. A felicidade a deixava leve e ansiosa para dançar.

Faz tempo que não me sinto tão feliz.

— Venha, deixe-me mostrar o resto da casa. — Piers disse.

Maggie balançou a cabeça devagar.

— Agora não, mais tarde, talvez. — ela apontou para a escada de mármore branco que levava até o próximo andar. Aproximando-se para que só ele pudesse ouvir, ela sussurrou: — O único lugar que estou ansiosa para ver é o nosso quarto. Quero que fiquemos sozinhos. Você ainda não reivindicou o que eu estava disposta a lhe dar naquela noite no celeiro.

Um Piers corado limpou a garganta.

— Certo. A visita guiada pode esperar, mas está claro que você não pode.

Ele a pegou nos braços e se dirigiu para as escadas.

Capítulo Quarenta e Nove



Já no andar de cima, ele a carregou por um longo corredor também decorado com várias pinturas e tapeçarias. Maggie não se preocupou em olhar muito para nenhum deles. Em vez disso, o foco todo era apenas tentar evitar que o nervosismo levasse a melhor.

No meio do corredor, Piers parou e pôs Maggie de pé em frente a uma porta marrom simples. Ele colocou a mão no bolo e pegou uma chave. Após inseri-la na fechadura, ele abriu a porta e puxou Maggie para dentro.

A visão dela foi recebida por um quarto simples e sem adornos. Uma cama grande com uma colcha azul e branca no meio, mas não havia uma única pintura nem nada na parede.

Ele flagrou o olhar questionador.

— Eu não passo muito tempo aqui, então decorar meus aposentos particulares nunca foi uma prioridade. Agora que você é a Senhora da Residência Grange, estou certo de que você providenciará o que sentir estar em falta em nosso quarto e no resto da casa.

— Para ser honesta, não notei quase nada desde que chegamos. — ela respondeu.

A expressão de preocupação no rosto dela era mais do que cativante, era linda. Sabendo que o homem que agora era seu marido a entendia tão bem, Maggie piscou para afastar uma lágrima.

Piers a puxou para um abraço e deu um beijo terno naqueles lábios. Ela tremeu quando os lábios dele se distanciaram, atravessando as bochechas, até chegar à orelha.

— Assim como eu disse naquela noite, faremos tudo devagar. — ele sussurrou.

— Não quero soar uma noiva tímida, só que já ouvi tantas possibilidades para uma primeira vez, mas tenho certeza de que desde que estivermos juntos, as coisas vão ficar bem. — ela disse.

Piers recuou.

— Tenho uma confissão a fazer. Também estou nervoso. — ele lambeu os lábios e riu baixinho. — É a minha primeira vez também.

Seria possível derrubar Maggie com uma pena. Pensar que Piers: um homem alto, moreno e imponente, ainda era virgem nunca lhe passou pela cabeça. Claro, ela presumiu que ele seria como tantos outros homens da sociedade londrina, experiente no quarto.

Contudo, ela não ficou decepcionada ao descobrir que seria a primeira dele. Era emocionante saber que nenhuma outra mulher conhecia ou conheceria Piers. Que ele seria só dela para sempre.

Você é meu, e nenhuma outra o terá.

— Pois bem. Creio que iremos devagar. — ela respondeu.

Eles continuaram abraçados por mais algum tempo, um abraço simples, oferecendo tranquilidade. Centenas de outros casais enfrentavam essa mesma situação todos os dias. Não havia razão para não conseguirem navegar com sucesso nessa nova jornada.

Com o tempo, eles aprenderiam os segredos dos corpos um do outro, descobririam o prazer juntos. Tal percepção foi suficiente para que Maggie relaxasse no abraço de Piers. Ela adorava que ele tivesse se guardado para o casamento. Era tocante. Respeitoso.

— Posso desamarrar seu vestido? — ele perguntou.

— Sim.

Ele a virou nos braços e começou a trabalhar os laços na parte de trás do vestido. Maggie escorregou os braços para fora das mangas, e o vestido caiu, pousando aos seus pés. Ela pisou no tecido e deixou o vestido. Só restavam o corpete e as anáguas. Piers se livrou da jaqueta e do colete.

Quando ele buscou o lenço de pescoço, Maggie colocou a mão em cima da dele.

— Quero fazer isso. Sempre quis desfazer os nós de um lenço masculino.

Ela pode ser inocente, mas entendia a tentação... e a luxúria.

As mãos dele caíram de lado enquanto Maggie soltava o nó. Ela cantarolou baixo, retirando o lenço do pescoço dele e, em seguida, soltando-o no chão, onde se juntou ao resto das roupas já descartadas.

Piers afundou de joelhos diante dela. As mãos repousaram em ambos os lados dos quadris dela, atraindo-a para ele. Para um homem sem experiência em sexo, ele foi um tanto célere com as roupas íntimas dela. Ele a olhou:

— Há algumas livrarias em Londres que vendem o que os homens da Sociedade Educada chamam de Tomos do Deslumbramento. Alguns são repletos de descrições minuciosas, enquanto outros têm desenhos bastante detalhados.

Maggie arfou. Ela conseguia imaginar Piers lendo e absorvendo cada palavra e ilustração. Reclinando-se na cama, o livro em uma das mãos e...

Ela se curvou e bateu o dedo de leve no nariz dele.

— Diga-me, Lorde Woodford, esses livros, você se divertiu enquanto os lia?

A última peça de roupa dela desprendeceu-se do corpo, deixando Maggie nua. Era uma surpresa. Ela estava tão presa a imaginar Piers e

seus livros, que se esqueceu que o marido estava a despidendo vagorosamente.

— Sim. E naquela noite, quando voltamos para a casa após olharmos para as estrelas, quando eu quase cedi e a fiz minha, eu sabia que estava com raiva de mim, e não conseguia dormir. Então, li um capítulo inteiro de um desses livros e me toquei enquanto pensava em você.

Uma lufada de ar escapou dos lábios dela. Ele pensou nela. Enquanto o olhar dele deslizava apreciando o corpo dela, Piers respirou fundo e sussurrou:

— Bela. Sou tão afortunado, feliz além das palavras por saber que é minha. Eu te amo, Maggie.

Ela piscou para segurar uma lágrima.

— Eu te amo, Piers. Ser sua esposa é um sonho realizado.

Ele colocou as mãos nas nádegas de Maggie, puxando-a para frente.

— Apoie as mãos nos meus ombros. Vou mostrar exatamente o que li no livro aquela noite.

Ela fez o que ele pediu, mordendo o lábio enquanto o joelho dele afastava as pernas dela. No instante em que a língua dele tocou a entrada de seu sexo, ela fechou os olhos.

Deus do Céu. Ele pode nunca ter feito isso, mas com certeza tomou boas notas.

A língua dele mergulhou fundo em seu núcleo aquecido. Maggie choramou enquanto Piers arrastava os lábios por todo o comprimento, para logo chupar com força aquele botão de prazer. Seus gemidos e soluços o instigaram. O aperto dela nos ombros dele aumentava a cada chicotada de êxtase com que ele lhe presenteava. Quando ele enfim retirou a boca e a língua e se sentou nos calcanhares, ela era uma bagunça trêmula e desejosa.

— Nossa, foi incrível. — ela desabafou.

— Ainda não terminei com você.

Piers se levantou e no processo ergueu Maggie e a jogou no ombro. Ele a carregou até a cama e a deitou.

Ela estava deitada em uma névoa quente e cheia de luxúria enquanto Piers se livrava dos sapatos e abria os botões das calças. Quando ele soltou o segundo fecho, o pênis endurecido dele se soltou.

Boquiaberta, Maggie o olhou maravilhada. Ela nunca viu uma ereção até então. Era grande. Bastante coisa.

— Por favor, me diga que o livro explicou como vai caber em mim? — ela perguntou.

Piers subiu na cama e sentou-se entre as coxas abertas dela.

— Acredite, eu ouvi bastante acerca dessa parte enquanto estava na escola. Também sei que as mulheres costumam gostar de um

homem com certa espessura.

O polegar dele se esfregou no botão, indo para frente e para trás. Em seguida, ele enfiou um dedo no calor dela e começou a acariciar.

— Você está tão molhada, Maggie. Gosta que eu a toque assim?

— Sim, me sinto bem.

— Que bom. Quero que desfrute do prazer entre nós. Anseie o meu toque. — ele retirou o dedo e posicionou a cabeça larga da ereção na entrada dela. Devagar, ele se empurrou.

Maggie se preparou. Houve uma leve picada e alguma pressão. Ela se encolheu, e Piers se retirou.

— Está bem?

— Sim. Tente novamente.

Quando ele entrou nela pela segunda vez, houve um pouco de pressão ainda, mas nenhuma dor. Piers capturou os lábios de Maggie em um beijo profundo e amoroso. Ela se entregou a ele enquanto ele mexia os quadris, entrando e saindo. O comprimento duro se arrastava nos lugares mais sensíveis dela, e ela gemeu na boca dele.

— Ó, Piers, é tão bom.

Aquele desejo latejante e profundo de liberação era construído a cada golpe. Ela conhecia o próprio corpo o bastante para sentir onde estavam indo, e pelos gemidos profundos do marido, ficou claro que Piers também estava gostando da experiência.

— Mais forte, mais profundo, por favor. — ela implorou, incitando-o.

— Não quero machucá-la.

— Não vai. É maravilhoso, mas preciso que seja mais rápido. — Maggie fechou os olhos, concentrando-se no prazer que percorria o corpo. Piers aumentou o ritmo da cópula, os golpes tornando-se frenéticos. Ele atingiu o botão de prazer dela exatamente na hora certa, e ela gritou: — Piers!

O orgasmo a dominou, onda após onda a atravessando. Ela estava certa de que podia ver estrelas. Maggie ainda estava cavalgando a crista do próprio clímax quando Piers de repente ficou rígido e soltou um xingamento.

Ela abriu os olhos. Piers, de cabeça baixa, puxava a respiração como se tivesse acabado de atravessar o parque correndo. Gotas de suor brilhavam na testa dele.

Ele levantou a cabeça, e os olhos dos dois se encontraram. Uma risada profunda e ruidosa surgiu do peito agitado dele.

— Creio que podemos dizer que fomos além do mínimo, se o volume em que você gritou meu nome é alguma indicação.

— Diz o homem que xingou ao chegar ao ápice.

Piers rolou de cima dela, caindo na cama com um baque.

— Vem cá, esposa. — ela ordenou.

Maggie virou-se de lado e aconchegou-se nele. Piers enrolou o braço em torno dela. Os dedos apoiados nos fios escuros do peito dele, que ainda subia e descia enquanto ele recuperava o fôlego. Aos poucos.

— Foi soberbo, marido. Estou pronta para repetirmos, antes que o dia acabe.

Eles compartilharam um beijo carinhoso, e se deitaram na cama e apenas sorriram um para o outro por um tempo. Os dedos tocaram e vagaram. Explorando.

Era assim que Maggie sempre sonhou que seria o dia de seu casamento: uma declaração pública de união seguida de momentos privativos de amor.

— Fico muito feliz por estarmos aqui. Por eu e você termos conseguido. — ela disse.

— Pense, se eu tivesse me recusado a vê-la naquele dia na Guarda Montada, nada disso teria acontecido. Você não seria minha de hoje em diante.

Ele deslizou a mão por baixo da cintura dela, arrastando Maggie para cima dele. Ao ajeitar as pernas sobre as dele, ela se inclinou e o beijou mais uma vez.

Ela bateu o dedo de leve no peito de Piers.

— Isso foi uma lição por ter me enviado uma carta tão concisa. Agora, tem uma vida inteira para se arrepender.

Ele puxou a colcha para cobri-los e, enquanto Maggie se aninhava nele, Piers sussurrou:

— Nunca vou me arrepender de nada com você.

Capítulo Cinquenta



A carta oficial do Chefe do Exército Britânico chegou a Grange uma semana depois. O olhar de Piers ainda estava no selo de cera ao entrar na sala de café da manhã.

— Recebi uma carta. — ele anunciou.

Maggie respondeu à essas palavras com um mísero *uhum*.

— O jornal desta manhã tem uma reportagem de um correspondente especial em Amsterdã. Há rumores de que o rei dos Países Baixos vai encomendar uma grande estátua e monumento para ser erguido no local onde o Príncipe de Orange foi ferido. Dizem que o Rei Guilherme planeja não poupar gastos. — ela disse.

Piers olhou para cima. O nariz da esposa estava firme no jornal do dia. Será que o ouviu? Ela decerto não notou a carta.

— Não consigo imaginar quanto isso vai custar. — ela continuou.

Está claro que não me ouviu.

Ele tentou de novo:

— Recebi uma carta do Exército Britânico esta manhã.

Ela levantou a cabeça, deu uma olhada na carta e suspirou.

— Por que não disse logo? Estávamos esperando.

Piers arqueou uma sobrancelha. Na semana que se seguiu ao casamento, ele aprendeu muito sobre a noiva, entre os aprendizados estava o hábito dela de perscrutar o jornal da manhã todos os dias, de uma ponta a outra, procurando notícias interessantes.

Do bolso da jaqueta, ele retirou uma segunda carta. Esta trazia a marca do serviço postal europeu: o *Thurn-und-Taxis*.

— Há outra carta. Esta, por mais curioso que pareça, parece ter vindo de Bruxelas.

Maggie fechou o jornal e, após jogá-lo na mesa, levantou-se depressa. Ela parou ao lado de Piers em um instante.

Como era maravilhoso ter uma mulher tão entusiasmada agora na vida dele. Do quarto à mesa do café da manhã, Maggie era cheia de vigor. Em especial, no quarto.

Uma das mãos dela escorregou sob o braço dele e arrebatou a segunda carta. Ela a balançou no ar.

— Primeiro, a carta do Exército.

Piers não discutiria. Ele estava tão interessado em ler o conteúdo da carta do Comandante-em-Chefe quanto Maggie.

O selo de cera fez um som alto e satisfatório ao ser quebrado. A única página se abriu para revelar poucas linhas.

*Sua Alteza Real, o Duque de York e Albany
Comandante-em-Chefe
Exército Britânico de Sua Majestade
Guarda Montada, Londres*

Ao Capitão Piers Denford,

Quero agradecer-lhe pelo serviço e sacrifício como membro da Guarda de Granadeiros do Exército Britânico. Seu pedido de renúncia à comissão foi aceito, e o senhor receberá uma dispensa honrosa. Uma carta de comenda separada virá de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente, no devido tempo.

*Sua Alteza Real, o Duque de York e Albany
Comandante-em-Chefe*

Piers olhou fixo para a carta. Após tudo o que passou, enfim um ponto final.

A mão suave em seu braço o tirou das reflexões. Ele encontrou os olhos azuis como safira da esposa. Todas as lembranças do exército e de como o trataram mal se derreteram ao ver Maggie.

— Acabou. Concederam-me uma dispensa honrosa. — ele disse, com a voz emocionada.

— Era isso que queria. Parabéns, meu amor. Você é oficialmente um homem livre.

Piers olhou para a carta mais uma vez. Maggie estava certa, isso era o que ele queria. O que ele temia nunca receber. Ele não era mais um oficial, era apenas Piers Denford.

— Estou achando um pouco difícil de acreditar. Na verdade, minha carreira no exército terminou no dia em que saí da Guarda Montada, mas ver a ordem de dispensa de verdade, segurá-la em minha mão, transforma em realidade.

Maggie levantou-se e deu um beijo no rosto de Piers. Ele se virou e roubou um toque nos lábios. Beijar a esposa estava se tornando um dos passatempos favoritos dele.

— Agora, abra a outra carta e vejamos que notícia é essa de Bruxelas. A propósito, quem conhece em Bruxelas? — Maggie perguntou.

Piers deixou a carta do duque de York cair na mesa. Mais tarde, ele encontraria um lugar seguro para esse documento.

Maggie tentou tirar o selo da segunda carta do mesmo jeito que

Piers fez com a primeira, mas só conseguiu rasgar a página. Com um sopro de descaso, ela a entregou a ele.

— Eles devem ter colocado algum selo especial para garantir que sobrevivesse à longa jornada.

O selo quebrou com tranquilidade nas mãos de Piers, e ele soltou um alegre “Arrá!”.

Nem mesmo o soco brincalhão de Maggie no braço dele conseguiu aplacar essa alegria.

Cada momento com essa mulher era uma delícia.

Ele perscrutou a segunda carta, assimilando os pontos importantes.

— É do Príncipe de Orange. Ele diz que ele e sua boa dama esposa têm se ocupado em continuar a reforma e decoração do Palácio Soestdijk. Imagino que o pai dele deve ter gastado um belo dinheiro.

E agora, o Rei Guilherme continuaria gastando dinheiro no que Piers suspeitava que seria um magnífico monumento ao filho. Algo impressionante que marcaria para sempre seu lugar no campo de batalha em Waterloo.

Ele não sabe ao certo como se sentir em relação a isso. Milhares de pessoas morreram naquele campo de batalha enlameado, mas apenas o príncipe receberia um santuário público por seus atos heroicos.

— O Príncipe de Orange também menciona o quão bem o filho está e que ele e a princesa estão esperando mais um rebento para o ano que se aproxima.

Rumores de que o príncipe estaria tendo mais um caso extraconjugal com um cavalheiro chegaram a Piers, mas ele não faria menção alguma a isso. Nada amorteceria o seu dia. Nem a centelha de felicidade que brilhava nos olhos de Maggie.

Você é tão bonita. Sou mesmo abençoado.

— Ah, e eles estão hospedados em Bruxelas. Ao que parece, a princesa prefere Amsterdã. É mais parecida com seu lar na Rússia.

Isso explicava o carimbo postal de Bruxelas na frente da carta. Piers logo passou o olhar pelo resto da missiva, não se importando em absorver muito dela.

A segunda carta juntou-se à primeira na mesa do café da manhã. Ele poderia ler o resto algum dia. Talvez não.

— Acabou o café da manhã, minha pétala? — ele perguntou.

Maggie bufou.

— Minha pétala? Fala sério?

Na semana desde que se casaram, Piers vinha tentando vários termos carinhosos para a esposa. Pétala era a ideia mais recente.

— Bem, você é uma flor preciosa. Achei bem doce. — ele respondeu.

Ela se aproximou, com a mão deslizando na frente das calças dele.

— Você não gosta de doces. Bem, tenho certeza de que o ouvi

dizendo isso nas primeiras horas desta manhã. — ela esbravejou.

Ele manteve o olhar nela.

— Por favor, diga-me que não há lacaios aqui.

Ela balançou a cabeça devagar, e o alívio dele era palpável.

— Mandeí-os embora enquanto foi buscar a correspondência. Pensei que poderíamos fazer uso de alguma privacidade. Se é que me entende. — ela bateu os longos cílios pretos e ofereceu um sorriso conhecedor. A esposa dele era incorrigível.

Piers ficou extremamente tentado, mas havia documentos a espera dele nesta manhã. Mais tarde, ele se prometeu.

— Tudo bem, pétala vai para a pilha de descarte. Teremos que inventar algo. Não posso só chamá-la de Maggie sempre que olhar em seus olhos.

— Por quê?

Ele passou a mão pelas gloriosas madeixas negras como penas de corvo. Porque Maggie era mais do que apenas seu nome. Essa mulher invadiu a vida dele em fúria, reivindicando o coração dele em um estalar de dedos. Ele foi dela desde o primeiro dia. E isso significava que ela seria sempre mais.

— Não sei como colocar em palavras, talvez possa levar algum tempo para chegar a um termo adequado por isso. Tudo o que sei é que você mudou minha vida. Você a iluminou.

O sorriso de Maggie ficou trêmulo. Lágrimas brilharam naqueles olhos de safira.

— Você não pode imaginar, nem por um minuto, que não foi o mesmo para mim. Eu estava perdida antes de o conhecer. Meu coração estava dilacerado em mil pedaços, mas você juntou tudo, me fez inteira de novo.

— Creio que tenho as palavras certas agora. Nada muito poético, apenas emoção pura e honesta. Do meu coração. Maggie Denford, você é *meu amor*. Meu amor. Será que serve?

Piers deslizou um braço em torno da cintura da esposa e a trouxe para perto. Maggie encontrou o olhar dele e assentiu com leveza.

— Sempre.

Epilogue



O casamento foi adorável, e ele desejou toda a felicidade do mundo à Maggie e Piers, mas Francis Saunders estava de mau humor quando deixou o casamento. Um homem sensato e sóbrio teria ido direto para casa, no entanto, uísque e orgulho ferido falaram mais alto.

Se ao menos minha vida não fosse uma batalha constante com malditos vizinhos teimosos.

Já era ruim o bastante precisar lidar com navios que chegavam atrasados ao porto e capitães sem noção alguma de trâmites, mas agora, ele estava com um novo e preocupante problema em mãos. Alguém assumiu o arrendamento do armazém ao lado da Companhia de Navegação Saunders nas Docas de Londres.

O mesmo armazém que ele pretendia usar quando ganhou um lucrativo contrato de especiarias que em breve seria anunciado. Ele cobiçava o armazém há mais de um ano. Fez de tudo para garantir a locação. Agora, um estranho havia conquistado seu prêmio.

Ele fez sinal para um coche de aluguel e seguiu para leste, em direção às Docas de Londres. Gerar caos estava na vanguarda de sua mente cheia de uísque.

Vou mostrar a esse intruso quem é o mestre do Cais Norte.

Assim que desceu do veículo, na frente do armazém número doze da Companhia de Navegação Saunders, os olhos de Francis viram apenas vermelho. Jogando uma moeda para o condutor, ele bateu a porta da carruagem com força.

— Vou cometer um maldito assassinato.

Ele continuou a xingar e proferir ameaças chulas enquanto marchava com raiva até a pilha de destroços e lixo marítimo despejada bem em frente à porta de seu armazém. Barris e cordas bloqueavam o acesso ao prédio.

Um bilhete, pregado no barril mais próximo a ele, chamava a atenção. Ele passou o dedo no papel, arrancando-o. Segurando a carta bem perto do rosto, Francis se esforçou para ler sob a luz fraca.

Com o papel bem preso no punho, ele marchou em direção à entrada das docas e às luzes à gás que brilhavam do lado de fora do gabinete do superintendente. Ao aproximar-se, abrandou os passos. Havia algumas pessoas no local, as docas nunca estavam vazias. Qualquer que fosse o conteúdo do bilhete, ele não precisava que

outros testemunhassem a raiva dele. Tentando acalmar a fúria sob controle, Francis respirou fundo e, em seguida, segurou a carta na luz.

Saunders,

Esta foi a última gota. Cheguei ao fim da minha paciência. Ao fim do tratamento educado.

Mantenha seus malditos barris longe das portas do meu armazém. Pegue suas cordas infernais. Se esses barris cruzarem o limite entre nossos edifícios mais uma vez, eu os jogarei do cais e na água. Já movi seu lixo duas vezes até agora. Acredite em mim, a terceira não o trará sorte.

Respeitosamente, apesar de com os dentes cerrados...

P. Basden

Companhia de Navegação Basden.

Era bom que Francis fosse um jovem saudável, pois o conteúdo do bilhete fez sua pressão arterial disparar a um nível perigoso. Por alguns instantes, ele balançou nos pés, completamente embasbacado ao perceber que alguém acreditava fazer isso com ele.

Quem raios esse P. Basden pensa que é?

Francis amassou o papel em uma bola e o enfiou no bolso do casaco. Ele não jogaria fora, não, o enfiaria goela abaixo do vizinho.

— Vou mostrar o que é um homem no fim de sua paciência.

Ele voltou para a frente do armazém, pegou um baú de chá vazio, o carregou até a beirada do cais e o jogou na água. A sanidade foi junto.

— Veja, posso jogar meu próprio lixo na água.

O baú de chá acertou a água com um esguicho, mas, por estar vazio, não afundou. Em vez disso, balançava para cima e para baixo na suavidade das ondas, provocando-o.

— Basta. Vou tirar isso a limpo com esse pilantra, e vai ser agora.

Francis parou em frente ao armazém número quatorze e olhou para cima. Os andares superiores estavam todos na escuridão, mas havia uma luz fraca saindo de uma das janelas do térreo. Alguém estava no prédio.

Com a mão pesada, ele bateu na porta.

— Abra, Basden! — ele disparou.

Quando não obteve uma resposta imediata, ele atacou a porta mais uma vez.

Pá! Pá! Pá! A mão começou a doer, mas nessa fúria bêbada Francis já não mais pensava com sensatez.

— Abra, seu traste!

O som do trinco sendo puxado fez com que ele se preparasse para correr armazém adentro e confrontar seu inimigo.

A porta abriu-se por uma fresta. Luz brilhou pelo vão, mas ele não conseguiu distinguir quem estava do outro lado.

— Você pode pensar que pode me enviar bilhetes ameaçadores, mas sou Francis Saunders, e está claro que não faz ideia do poder que posso exercer. — ele disse.

A porta se abriu um pouco mais, e Francis avançou. A visão de uma pistola fez com que ele derrapasse de repente. Estava apontada bem para ele.

Ele pode estar bêbado, mas Francis não era estúpido.

Para surpresa dele, uma jovem saiu do depósito. Uma mulher de cabelos longos e claros que desciam para beijar o topo de seus ombros nus. *Ombros nus*.

Quando o olhar dele fixou-se na pele pálida e creme, todos os pensamentos violentos fugiram da mente dele. Ela o enfeitiçara. Nem mesmo o medo da pistola conseguiu impedir Francis de dar uma espiada na curva do colo. Era generosa, grande. Perfeita.

Foi só quando o cérebro dele enfim registrou o clique da arma sendo engatilhada é que Francis arrancou o olhar da mulher e voltou-se para a arma.

— Você tem até o três para se afastar, antes que eu coloque uma bala na sua cabeça. — ela anunciou com a voz estranhamente calma.

— Eu...

— Um.

— Preciso falar com P. Basden. — ele respondeu.

— Dois.

Um Francis agora frenético remexia no bolso do casaco, procurando às pressas pelo bilhete. Ele ergueu o papel amassado com a mão trêmula.

— Tenho uma carta e estamos em Londres. Não pode apenas sair atirando nas pessoas. — ele gaguejou.

— Três.

O eco alto do tiro soou em seus ouvidos, e ele caiu como uma pedra.



OLion's Mound (*Butte du Lion*) é uma colina artificial com 43 metros de altura, situada no local da Batalha de Waterloo. É uma comemoração ao local onde uma bala de mosquete atingiu o ombro de Guilherme II dos Países Baixos (o Príncipe de Orange) e o derrubou de seu cavalo durante a batalha. Também serve como memorial para a Batalha de *Quatre Bras*, travada dois dias antes de Waterloo, em 16 de junho de 1815.

O Rei Guilherme I dos Países Baixos ordenou sua construção em 1820, sendo concluída em 1826. Sob o pagamento de um pequeno ingresso, é possível subir os 226 degraus até o topo, onde a estátua de um leão foi posicionada com os olhos para o campo de batalha.



O Castelo de Kenilworth tem um lugar particular no meu coração. Minha falecida tia e meu tio moravam nos arredores dos terrenos do castelo e costumavam fazer um passeio noturno pelas ruínas.

Há alguns anos, os jardins elisabetanos foram restaurados pela *English Heritage*, e agora é possível visitá-los. A taberna *Sign of the Two Virgins* agora se chama *Virgins and Castle* e serve um assado bem generoso aos domingos.



A Catedral de São Miguel, junto de grande parte do centro da cidade de Coventry, foi destruída durante a Blitz de Coventry em novembro de 1940. As ruínas ainda permanecem como um jardim memorial, e uma nova catedral foi construída ao lado.

Romances em português

Série

O Duque de Strathmore

Senhores de Londres

Para outros lançamentos e edições internacionais, por favor, visite

www.sashacottman.com

O Duque de Strathmore

[A Carta Escandalosa do Marquês](#)

[Um Amor Proibido para uma Dama](#)

[A Filha do Duque](#)

[Meu Cavalheiro Espião](#)

[A Dama de Coração Indomável](#)

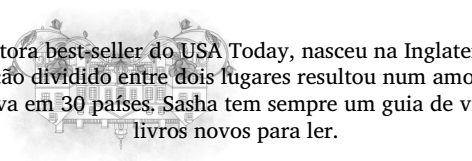
[A Rainha de Gelo](#)

[A Noiva em Fuga](#)

[O Coração Traído de uma Dama](#)

Senhores de Londres

[Apaixonada pelo duque espanhol](#)



Sasha Cottman, autora best-seller do USA Today, nasceu na Inglaterra mas cresceu na Austrália. Ter o coração dividido entre dois lugares resultou num amor por viagens, que na última contagem estava em 30 países. Sasha tem sempre um guia de viagem na sua pilha de livros novos para ler.

Ela escreve romances ambientados no período da Regência na Inglaterra, Escócia e Europa.

www.sashacottman.com

[Instagram](#)

[Facebook](#)

[TikTok](#)

Also by Sasha Cottman

SERIES

The Kembal Family
The Duke of Strathmore
The Noble Lords
Rogues of the Road
London Lords

The Kembal Family
Tempted by the English Marquis
The Vagabond Viscount
The Duke of Spice

The Duke of Strathmore
Letter from a Rake
An Unsuitable Match
The Duke's Daughter
A Scottish Duke for Christmas
My Gentleman Spy
Lord of Mischief
The Ice Queen
Two of a Kind
A Lady's Heart Deceived
All is Fair in Love

Duke of Strathmore Novellas
Mistletoe and Kisses
Christmas with the Duke
A Wild English Rose

The Noble Lords
Love Lessons for the Viscount
A Lord with Wicked Intentions
A Scandalous Rogue for Lady Eliza
Unexpected Duke
The Noble Lords Boxed Set

Rogues of the Road
Rogue for Hire

Stolen by the Rogue
When a Rogue Falls
The Rogue and the Jewel
King of Rogues
The Rogues of the Road Boxed Set

London Lords

Devoted to the Spanish Duke
Promised to the Swedish Prince
Seduced by the Italian Count
Wedded to the Welsh Baron
Bound to the Belgian Count

Writing as Jessica Gregory

Jessica Gregory

SASSY STEAMY ROMANCE

Jessica Gregory writes sassy steamy rom coms. She loves strong heroines and making her heroes grovel.

Royal Resorts

[Room for Improvement](#)

[A Suite Temptation](#)

[The Last Resort](#)

Sign up for Planet Billionaire and receive your FREE BOOK.

[An Italian Villa Escape](#)

Table of contents

1. Cover
2. Title Page
3. Contents
4. 1. Capítulo Um
5. 2. Capítulo Dois
6. 3. Capítulo Três
7. 4. Capítulo Quatro
8. 5. Capítulo Cinco
9. 6. Capítulo Seis
10. 7. Capítulo Sete
11. 8. Capítulo Oito
12. 9. Capítulo Nove
13. 10. Capítulo Dez
14. 11. Capítulo Onze
15. 12. Capítulo Doze
16. 13. Capítulo Treze
17. 14. Capítulo Quatorze
18. 15. Capítulo Quinze
19. 16. Capítulo Dezesseis
20. 17. Capítulo Dezesete
21. 18. Capítulo Dezoito
22. 19. Capítulo Dezenove
23. 20. Capítulo Vinte
24. 21. Capítulo Vinte e Um
25. 22. Capítulo Vinte e Dois
26. 23. Capítulo Vinte e Três
27. 24. Capítulo Vinte e Quatro
28. 25. Capítulo Vinte e Cinco
29. 26. Capítulo Vinte e Seis
30. 27. Capítulo Vinte e Sete
31. 28. Capítulo Vinte e Oito
32. 29. Capítulo Vinte e Nove
33. 30. Capítulo Trinta
34. 31. Capítulo Trinta e Um
35. 32. Capítulo Trinta e Dois
36. 33. Capítulo Trinta e Três
37. 34. Capítulo Trinta e Quatro
38. 35. Capítulo Trinta e Cinco
39. 36. Capítulo Trinta e Seis
40. 37. Capítulo Trinta e Sete

41. [38. Capítulo Trinta e Oito](#)
42. [39. Capítulo Trinta e Nove](#)
43. [40. Capítulo Quarenta](#)
44. [41. Capítulo Quarenta e Um](#)
45. [42. Capítulo Quarenta e Dois](#)
46. [43. Capítulo Quarenta e Três](#)
47. [44. Capítulo Quarenta e Quatro](#)
48. [45. Capítulo Quarenta e Cinco](#)
49. [46. Capítulo Quarenta e Seis](#)
50. [47. Capítulo Quarenta e Sete](#)
51. [48. Capítulo Quarenta e Oito](#)
52. [49. Capítulo Quarenta e Nove](#)
53. [50. Capítulo Cinquenta](#)
54. [Epilogue](#)
55. [Nota da Autora](#)
56. [Romances em português](#)
57. [Sobre o autor](#)
58. [Also by Sasha Cottman](#)
59. [Writing as Jessica Gregory](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)

18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)

- 62. [62](#)
- 63. [63](#)
- 64. [64](#)
- 65. [65](#)
- 66. [66](#)
- 67. [67](#)
- 68. [68](#)
- 69. [69](#)
- 70. [70](#)
- 71. [71](#)
- 72. [72](#)
- 73. [73](#)
- 74. [74](#)
- 75. [75](#)
- 76. [76](#)
- 77. [77](#)
- 78. [78](#)
- 79. [79](#)
- 80. [80](#)
- 81. [81](#)
- 82. [82](#)
- 83. [83](#)
- 84. [84](#)
- 85. [85](#)
- 86. [86](#)
- 87. [87](#)
- 88. [88](#)
- 89. [89](#)
- 90. [90](#)
- 91. [91](#)
- 92. [92](#)
- 93. [93](#)
- 94. [94](#)
- 95. [95](#)
- 96. [96](#)
- 97. [97](#)
- 98. [98](#)
- 99. [99](#)
- 100. [100](#)
- 101. [101](#)
- 102. [102](#)
- 103. [103](#)
- 104. [104](#)
- 105. [105](#)

106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)

150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)

194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)

238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)

282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)
325. [325](#)

- 326. [326](#)
- 327. [327](#)
- 328. [328](#)
- 329. [329](#)
- 330. [330](#)
- 331. [331](#)
- 332. [332](#)
- 333. [333](#)
- 334. [334](#)
- 335. [335](#)